

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23157

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 12 JANEIRO 90 60\$00

Dossier DL sobre os militares

O Inverno do descontentamento

Sondagem DL/Euroteste

Remodelação é sol de pouca dura

A maioria dos portugueses (39,6 por cento) admite a possibilidade de haver uma nova remodelação governamental daqui a seis meses ou um ano, tal como considera (41,1 por cento) que a nova equipa de Cavaco Silva governará melhor do que a anterior - revela mais uma sondagem Euroteste/ DL realizada nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto. Enfim, um raio de sol para o primeiro-ministro... mas previsão de tempo instável.

Pretendeu-se, desta vez, auscultar a opinião pública sobre a justificação da recente remodelação ministerial, sobre a importância da mesma para o futuro do País e o seu alcance no seio do PSD, bem ainda como o significado que ela possa ter, não só para a actuação futura do Governo como também para a permanência de Cavaco Silva à frente do Executivo até 1991.

Assim, regista-se que 47,8 por cento dos inquiridos consideram justificada a remodelação ministerial, 70,7 por cento dizem que ela é importante para o futuro do País e 33,9 por cento entendem que Cavaco procurou contentar os sectores e as personalidades que o apoiam dentro do partido. Curiosamente, os resultados da sondagem revelam, ainda, que 35,9 por cento das respostas não são favoráveis à possibilidade de remodelação até 1991, enquanto 65 por cento não têm dúvidas de que o primeiro-ministro se manterá em funções até às legislativas de 1991.

Pág. 11



Lituânia quer independência Em visita à Lituânia, para refrear os impetus separatistas, o líder soviético disse que está na forja uma lei de secessão. O PC local quer separar-se do PCUS e nas ruas reclama-se a independência. Gorbachev (na foto) embora recebido em festa, quer salvar a integridade da federação.

Pág. 14

Viagem ao interior do PCP

Modelo de Deng Xiaoping inspira reforma de Cunhal

A substituição de Cunhal no cargo de secretário-geral do PCP, acelerada pela perestroika e pela contestação dos críticos, irá processar-se, por ironia da história, segundo o modelo de Deng Xiaoping: uma ausência presente, uma autoridade

exercida discretamente, por detrás da cortina.

É a conclusão que se pode retirar da viagem que fizemos ao interior do Partido Comunista Português.

Págs. 2, 3 e 4

Zulus contra Skins

Violência gera violência

Cerca de trinta jovens negros, de idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e três anos, tomaram a seu cargo a defesa dos da sua raça, ultimamente vítimas frequentes da violência dos "skinheads". O lema é simples: olho por olho. E é assim que este grupo de zulus, em que se incluem operários, estudantes e desempregados, anda pela cidade entregue a ajustes de contas e confiante de que "já não vale a pena" recorrer à polícia, porque "quando um negro está em conflito com um branco, quase sempre o negro é, à partida, o culpado".

Mas a espiral de violência não se confina a marginais ou conflitos racionais:

começa, a maioria das vezes, na própria família, assunto tratado na edição de hoje de A Mosca. E começa bem cedo, ainda que muitas vezes seja travada à nascença: ainda agora, em Coimbra, uma lista fascista foi afastada de eleições numa escola secundária. Os seus membros defendiam o extermínio das raças inferiores em câmaras de gás. Brincadeira, ou não, a intenção foi impedida de prosseguir por gente mais enérgica do que se tem revelado a nossa polícia, só agora atenta à expansão dos Skins e certamente desconhecadora da existência do grupo de Zulus que o DL ouviu.

Pág. 9, 10, 21 e A Mosca

A Mosca volta a picar

Suplemento com 32 páginas

Hoje é dia de festa na Academia Militar: 153 anos. A data não é redonda mas merece comemoração, pelo que, antigos alunos, cerca de dois mil, se sentarão, mais logo, em jantar de confraternização. Mas há festas que são pretextos, e esta é uma delas: os militares andam descontentes porque os salários prometidos não chegaram e, quanto a promoções, há razões de queixa de sobejo. Antigamente, era hábito os oficiais depositarem a espada em cima da mesa em sinal de protesto. Desta feita, eles preferiram manter a espada embainhada e atirarem-se ao prazer da mesa, quem sabe... uma espetada. E lembrar-se-ão, certamente, dos sargentos, que não jantam (na Academia, entenda-se) mas têm descontentamento quanto baste. Para o Governo fica um sinal: os militares estão unidos muito para além dos vetustos salões da Academia.

Págs. 16, 17 e 18



TV privada: o esperado adiamento
Pág. 8

Luís Salgado de Matos ganha prémio literário
Pág. 23

«Bota de ouro» romeno era falso
Pág. 26

Lotaria Nacional
1.º 7273
2.º 39624
3.º 8360
Pág. 19

Bom Dia
o iogurte

BIOLACTA, CRL
Rua Luís Augusto Palmeirim, N.º 15 - A/B • Tels.: 89 83 27/80 50 20
1700 LISBOA

A guerra é pela conquista de posições

Comunistas em equilíbrio instável até ao congresso extraordinário

A tensão que percorre o Partido Comunista e tem aumentado à medida que cresce o volume e a amplitude das vozes críticas parece estar a ser contida, quer pelos críticos quer pela ortodoxia partidária, dentro de limites toleráveis e susceptíveis de evitar o rompimento antes do decisivo Congresso extraordinário deste ano.

Esta ideia, colhida nomeadamente junto do Grupo Parlamentar do PCP, é reforçada pelas duas entrevistas publicadas na edição de hoje do DL e de onde resulta que a discussão e a crítica, não obstante poderem subir de tom nestes meses preparatórios do Congresso, são relativizadas face à guerra de posições em que as duas facções se envolveram pela conquista de espaços na opinião pública, capazes de influenciar a eleição de delegados ao Congresso e de forçar a discussão de alguns tabús partidários.

Mesmo a assembleia constitutiva do Instituto de Estudos Sociais (INES), marcada para amanhã em Lisboa, no Forum Picoas, não está a ser encarada como virtualmente rompedora do equilíbrio tácito por enquanto estabelecido. Esta reunião é a primeira e consistente iniciativa do sector crítico para estruturar o seu discurso; mas há no PCP quem aguarde os resultados na expectativa da

prevalência e acentuação das diferenças existentes, entre as correntes e personalidades convergentes no INES, sobre a estruturação do discurso e definição da sua estratégia.

Zita: uma expulsão estratégica

Luis Sá, ouvido pelo DL (Ver entrevista nesta Grande Angular) vai mais longe ao sublinhar que «essas diferenças são tão fortes que estão à vista de todos». Membros da ala crítica disseram-nos que o momento escolhido para a expulsão de Zita Sebra pretende, exactamente, acentuar essas diferenças e que o Secretário-Geral, ao agir como agiu, a escassos dias da reunião do Forum Picoas, mais não fez que accionar a estratégia de inquirir logo à nascença o entendimento entre os que se continuam enquadrados no partido, emitindo os juízos discordantes no interior da organização, e os que mentalmente já têm um pé de fora e não se coíbem de dizer o que pensam seja onde for.

Do que se sabe, quanto às intenções dos críticos do PCP, resulta que o mor deles ainda acredita na possibilidade de o próximo Congresso vir a ser aberto a todas as correntes de opinião dentro do Partido e não inviabilizará a discussão das questões que estão a levantar nas instâncias partidárias.

O Congresso foi convocado



Muita ginástica teve de fazer Carlos Brito para conter as críticas nos limites aceitáveis pela Direcção do Partido Comunista.

sob pressão da iniciativa dos críticos e particularmente na ressaca da entrevista de Vital Moreira em que se pediu, pela primeira vez às escâncaras, a substituição de Álvaro Cunhal. O tabú foi quebrado e, por enquanto, tal como diz Oswaldo Castro nesta edição do DL, os críticos olham para o congresso como «o grande forum de debate sem barreiras» na suposição de que a ortodoxia da cúpula partidária terá «a coragem de tudo discutir e tudo por em causa».

Essa é a razão porque até os mais convictos da inevitabilidade da ruptura se impuseram a auto-contenção que impeça o rompimento do frágil equilíbrio subsistente neste momento.

Efeitos retardados do 19 de Julho

O que atrás deixámos expresso e se aplica ao conjunto do PCP, os sectores mais «in» e os sectores quase «out», aplica-se por maioria de razões ao Grupo Parlamentar

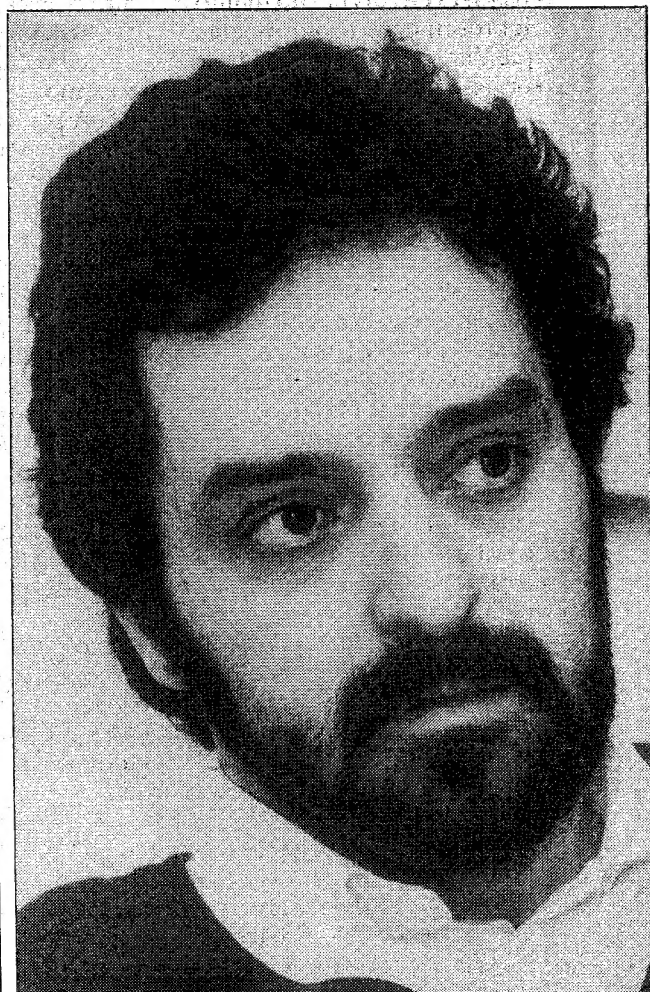
que tem corporizado, na Assembleia da República, a intervenção diária e mais visível dos comunistas na vida política portuguesa.

Por razões de especialização profissional, de preparação teórica e intelectual e pela natureza da intervenção pública exigida aos deputados, é no Grupo Parlamentar que tem sido possível distinguir mais nitidamente as diversas nuances que, também no PCP, atravessam o discurso e as reflexões parti-

dárias. O treino diário da discussão e da argumentação em plenário não deixou também de produzir efeitos no debate travado no interior do grupo, nos bastidores do Parlamento.

Talvez seja por estas peculiaridades do Grupo Parlamentar (e pela influência dos professores de Direito de Coimbra...) que se murmura estarem os críticos, no essencial, confinados ao sector intelectual e expostos à liderança dos juristas

Luís Sá: "Não há delitos de



Luís Sá: «O que está em causa são os erros e as deformações do socialismo e não propriamente o socialismo»

O tempo é de debate no PCP. Os acontecimentos no Leste a isso obrigam. E Luís Sá, da direcção comunista, sossega os militantes. «Não há delitos de opinião no partido». A nossa estranheza e a evidência dos críticos, Sá fala-nos em críticos e... críticos. Mas a tarefa vai para além do debate, pois há a sucessão de Álvaro Cunhal aprazada para o Congresso. Luís Sá corrige: o que vai suceder é a indicação de um sucessor, pois a sucessão não é imediata. Entre críticas, autocriticas, sucessões, Leste e outras coisas, Luís Sá respondeu a tudo. Nalguns casos, como se verá, com evidente argúcia.

DL- Vamos começar pelo Leste, o fim do partido único, a colectivização posta em causa, enfim, o que vai restar do leninismo? E o Partido Comunista Português até que ponto será sensível a estas profundas alterações?

LS- Bem, acho que vai restar tudo. E quanto ao PCP há que dizer que ele é mesmo português, e isso é um dado fundamental. A generalidade dos militantes aderiu ao partido e empenhou-se na luta pela emancipação dos trabalhadores por causa da luta travada em Portugal pelo PCP pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo. Não foi questão dessa adesão o facto de existirem países socialistas no leste europeu e de haver sobre esses países uma determinada imagem.

DL- Quer dizer que não se aderiu por o partido ser comunista mas por causa

da sua capacidade de luta?

LS- De forma nenhuma. A capacidade de luta e o ser-se comunista são coisas indissociáveis. O que me parece é que as características do partido não existem ou deixam de existir por as situações no Leste evoluírem desta ou daquela maneira. E, de resto, penso que são processos em aberto, é extremamente apressado declarar o fim do socialismo. O que está em causa acima de tudo são os erros, as deformações e até os perigos que aconteceram durante o processo extremamente delicado da construção do socialismo e não propriamente o socialismo.

Não assumimos algumas discordâncias

DL- Mas as fases de construção do socialismo foram sendo acompanhadas e, nalguns casos, aplaudidas por dirigentes do PCP...

LS- A situação é complexa... É claro que o partido e a direcção do partido aplaudiram aquilo que julgaram ser - e em muitos casos eram realmente - as conquistas económicas e sociais de países da Europa de Leste. Creio, no entanto, que a leitura atenta de materiais do partido mostra grande preocupação com alguns aspectos que são agora abertamente postos em causa. Sempre foi muito nítida a preocupação com a ausência de privilégios dos dirigentes, a ligação dos dirigentes aos militantes.

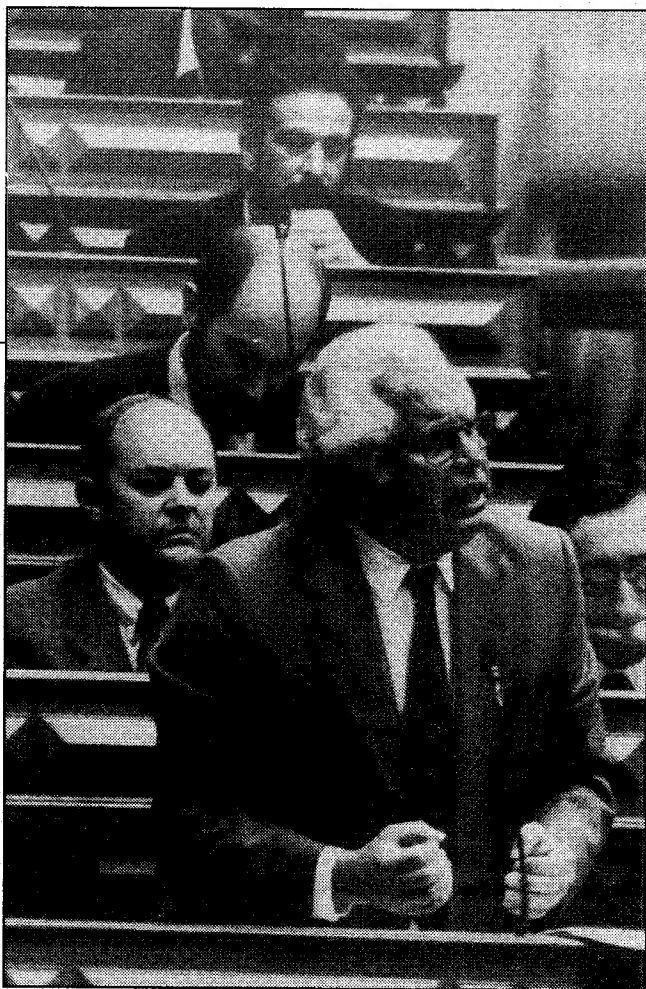
Repare que onde nós exercemos o poder, nas autarquias, há quase que uma obsessão com a intervenção popular. Ora este é precisamente um dos aspectos mais criticado numa série de países.

DL- Seja. Mas não nega que os militantes possam andar desorientados com tudo o que assistem. Diariamente, a televisão mostra o que se está a passar no Leste. Agora não são os dirigentes de "partidos reaccionários" que criticam. Todos os dias há factos novos, uma série de princípios postos em causa...

LS- Sem dúvida que faz pensar os militantes. Faz pensar os dirigentes. Mas o programa do PCP aprovado no 12º Congresso aponta para uma caracterização do socialismo que nós propomos em Portugal, em que as liberdades democráticas e o pluripartidarismo, a democracia económica e social a todos os níveis representam uma grande preocupação.

DL- E como é que os militantes vão participar no próximo Congresso? Já no último essa foi uma das questões fulcrais. Como é que os críticos poderão fazer ouvir a sua voz?

LS- O fundamental já está definido, designadamente foi afirmado que todos os militantes do partido têm o direito e o dever de participar nas várias assembleias em que vão ser discutidas as várias orientações a sair do Congresso. Todos os militantes são iguais e será examinada com atenção a con-



A revisão foi a última batalha em que o Grupo Parlamentar combateu sem fissuras nem reticências. Na foto, o PCP vota em bloco contra a Constituição revista à base do entendimento PS/PSD.

A discussão, sabe-se hoje e são elementos das duas correntes dominantes a confirmá-lo, é já há algum tempo acesa no Grupo Parlamentar. Foi declaradamente aberta no início da V Legislatura e intensificou-se à medida que avançavam as duas sessões legislativas entretanto cumpridas.

A apreciação dos resultados das eleições de 19 de Julho de 87 provocou as primeiras divergências: logo aí o *boomerang* eleitoral, que deu a maioria absoluta a Cavaco Silva, foi objecto de interpretações individuais incompatíveis com a ideia de grupo monocordicamente cinzento que os comunistas da Assembleia transmitiam à opinião pública.

Nomeadamente, já então se divergiu abertamente na resposta a dar à pergunta: que fazer contra esta Maioria?

A fronteira da revisão constitucional

Coincidentemente no tempo e em crescendo foram chegando notícias da *perestroika*. Habitados a discutir, mormente os mais habilitados e combativos, muitos deputados do Partido Comunista insistiram em perguntar sobre as reacções do PCP à mudança que varia a Europa de Leste. Nos últimos tempos essas perguntas deixaram de ser feitas, apenas, nas salas reservadas ao Grupo Parlamentar e

alguns dos seus autores trouxeram-nas à luz do dia, por não encontrarem na Direcção da sua bancada respostas convincentes.

Mesmo assim, boa ginástica teve de fazer durante estes últimos meses Carlos Brito, Presidente do Grupo, impossibilitado de a todos convencer, para manter a contestação em limites aceitáveis pela Direcção do partido. A revisão constitucional foi a última batalha em que as tropas combateram unidas, na prática abrigadas atrás de um carro de combate cha-

mado José Magalhães. E se a divulgação das divergências tinha sido protelada durante e em função do combate pela revisão, foi como resultado retardado da revisão constitucional que elas vieram assumidamente à luz do dia.

Magalhães resumiu o essencial do seu combate contra o entendimento PS/PSD em sede de revisão publicando o Dicionário e a editora organizou uma sessão pública de lançamento que se supunha consensual e eventualmente consagradora dos trabalhos de Hércules do deputado

comunista. Viu-se: o Grupo Parlamentar fez gala de uma ostensiva ausência ficando o constitucionalista totalmente isolado dos seus companheiros de bancada.

Os últimos debates no Parlamento sobre o Leste Europeu esclareceram posições, vincando-se com mais nitidez a certeza de que não há só uma voz crítica na bancada do PCP nem é unívoco o comportamento dos críticos face à evolução dos acontecimentos. Assim como também se instalou a regra de que a exigência de liberdade crítica implica a disponibilidade para ser criticado.

Na recente reunião do Grupo Parlamentar este assunto esteve na ordem do dia e o INES no centro das discussões. E se uma cabeça rolou, não foi a de qualquer deputado, mas sim a do chefe do gabinete de apoio. Um funcionário, portanto, sem tocar nos deputados porque o custos políticos de operações saneadoras nesta área seria muito mais devastadores.

Também resultou um acordo tácito—pelo menos assim no-lo transmitiram—para não forçar ao desequilíbrio até ao Congresso, condicionando as posições públicas do Grupo e dos seus membros a esta directiva.

Logo, não é de esperar que os sinais de ruptura, se os houver, surjam do heterogêneo Grupo Parlamentar comunista. A menos que o precário e instável equilíbrio actual seja entendido por alguém ou alguns como insustentável e leve à ruptura. Mas isso também tem a ver com os resultados práticos da reunião de amanhã no Forum Picoas e do esclarecimento com o tempo sobre a natureza do projecto que ali vai ser corporizado.

Daniel Reis

COMENTÁRIO

O PCP já não pode albanizar-se

O PCP é hoje, entre os seus pares europeus, um partido isolado. Mas o PCP anuncia que, em congresso extraordinário, vai debater as alterações nos países socialistas e o que elas representam como lições. (São palavras de Luís Sá, cuja qualidade de «porta-voz» da direcção partidária nestes momentos é indiscutível). Principalmente, o PCP vai indicar um substituto do secretário-geral. Quer dizer: os dirigentes do PCP, sob pressão dos «críticos», resolveram-se, enfim, a dar a cara ao combate. A que combate, e que cara, o tempo o dirá. As elucidações de Luís Sá, conjugadas com a entrevista de Álvaro Cunhal ao «Avante!», não garantem, porém, o debate «definitivo» - aquele cujo tema seria a própria identidade do partido. O que, obviamente, nada tem a ver com o enterro dos princípios socialistas que a direita, tão afadigada como ingenuamente, proclama.

Na verdade, a «agenda» sugerida por Luís Sá para a magna reunião comunista, tirando a indicação do nome que há-de, um dia, substituir Cunhal, assemelha-se perigosamente às de qualquer outro congresso, e dos ordinários. Afirmar que do leninismo restará tudo não constitui certamente homenagem a Lenine nem exaltação da dialéctica - e, tomado à letra o prognóstico, significaria um retrocesso em relação às conclusões do XII Congresso...; reduzir a *perestroika* e suas sequelas a um movimento rectificador de erros e deformações, passando por alto que há uma substância posta em causa, não satisfaz o apetite da indispensável elaboração teórica que, demitindo-se dela o PCP, o INES se propõe levar a cabo; reivindicar a crítica antiga aos privilégios dos dirigentes e à falta de ligação às massas, como se isto constituísse a essência e não epifenómenos de uma concepção de partido menos derivada de uma teoria do que de constrangimentos práticos - no caso, a luta revolucionária na Rússia czarista - , posteriormente erigida em doutrina intemporal - tudo isto vaticina um congresso onde a ruptura desejada pelos mais críticos dos «críticos» será envolvida no manto de uma transição rigorosamente programada. Ao contrário do que Vital Moreira pretende, Álvaro Cunhal não será substituído - preservará, de algum modo, a iniciativa, designando o seu sucessor. A prazo.

Dizer que, nestas circunstâncias, algo vai mudar para tudo ficar na mesma constituiria manifesto exagero, por impossível; mas estarão reunidas as condições para os dirigentes comunistas incluírem entre os riscos que correm o de patrocinarem um debate humilde e corajoso, cuja dramática conclusão pode vir a ser a de que tudo ruíu? Todavia, os partidos são - deviam ser - como as folhas das plantas delicadas que, em murchando, convém arrancar, de forma a garantir o viço do todo. O todo aqui é a marcha da Humanidade, vinda da aurora dos tempos, em direcção à Liberdade, o permanente apelo que há-de continuar a movê-la acima de todas as coisas, e possui, tal qual se tem visto, força demolidora: arrasa muros, destrói, convulsiona e transforma partidos (o Comité Central do PCI, por proposta do secretário-geral, Ochetto, resolveu substituir o partido por uma «nova formação política», com outro nome). O que desaparece é o que não presta. Os combates finais não podem ser eternamente adiados. Tenham razão aqueles «críticos» que, como Osvaldo Castro, ainda acreditam que os ortodoxos não recusarão «tudo discutir e tudo pôr em causa», ou aqueles outros menos optimistas, o certo é que o PCP já não pode mais albanizar-se.



João Paulo de Oliveira

opinião no PCP"

tribuição de todos. Gostaria de dizer com muita clareza que não há delitos de opinião dentro do Partido Comunista. Pelo contrário, sempre estimulámos o debate franco e aberto.

Não se é fraccionário só por estar no INES

DL- Isso também se aplica aos militantes que integram o INES? A sua participação neste instituto é, ou não, fraccionária?

LS- Não, não. O que sempre temos dito é que não se é fraccionário pelo facto de estar inscrito no INES. Mas também temos dito que há militantes do INES que têm actividades fraccionárias. Seguiremos com atenção a prática deste instituto e, em função disto, serão tiradas conclusões.

DL- Bem, mas o Congresso dará algumas respostas, certamente, além de que, o que não é questão menor, indicará o sucessor de Álvaro Cunhal...

LS- Este Congresso vai ter desde logo uma preocupação central, que é a de responder aquilo que se alterou desde o 12º Congresso. Não está em causa a substituição do actual secretário geral mas sim a sua sucessão quando for necessário.

DL- Mas vai ou não haver substituição do secretário geral?

LS- Substituição não diria. O que deverá acontecer é a indicação de um substituto, e não a sua substituição. Creio

que a diferença é nítida, porque isso significa que a substituição não ocorrerá imediatamente.

DL- Álvaro Cunhal, na semana passada, em entrevista ao «Avante!», já traçava o perfil do seu sucessor, com o cuidado de deixar de fora muita gente...

LS- Felizmente o partido tem muitas pessoas que cabem no perfil que foi traçado. Temos dezenas de milhares de militantes e não têm todos que ser secretários gerais...

O PCP é obrigado a responder por tudo

DL-...Mas o partido tem uma construção doutrinária sólida...

LS- E continua a ter. Do que se trata é de se ter criado a propósito do PCP - e aqui tanto há responsabilidades das direcções do partido como de um conjunto de líderes de opinião - a ideia de que temos de responder por aquilo que se passa em cada país comunista e em cada partido comunista do mundo. E ninguém interroga, por exemplo, Cavaco Silva sobre o que a senhora Thatcher faz na Irlanda, ou Mário Soares e Jorge Sampaio quanto à elevadíssima corrupção dos socialistas gregos no poder. Mas o PCP parece ter de responder rigorosamente por tudo! É uma situação muito especial...

DL- Não se passa nem mais nem menos do que se está a passar em Espanha, em França ou na Itália. Também

aí os comunistas estão a ser postos em causa, os debates estão lançados...

LS- É evidente que o debate é importante e tem de ser travado.

DL- E a direcção comunista não estará desacreditada? Poderá assumir os seus erros e...continuar?

LS- No partido pratica-se a crítica e a autocritica. E isso é tão normal como a renovação dos organismos de direcção. Agora fala-se muito de críticos... Eu creio que a actividade crítica é indispensável... O que tem estado em causa em todo este processo não é isto, mas sim alguma desorientação, impaciência, a procura de impôr opiniões por métodos que não são os característicos do que deve ser o funcionamento de um partido democrático. Até ao Congresso, a direcção estimulará o debate, a crítica, a discussão, sem delitos de opinião.

DL- Está a querer dizer-me que se algumas críticas tivessem ficado no interior do partido, não tivessem sido publicitadas, não teria havido problemas, é isso?

LS- É isso, é, efectivamente não teria havido problemas. E é mais: entre os críticos há diferentes pessoas e formas diferentes de actuar. Não faço uma leitura redutora de tudo aquilo que se tem chamado críticos. As diferenças, aliás, são tão fortes que estão à vista de todos.

José Leite Pereira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruela Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruela Ramos, João Manuel Ruela Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruela Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chéfe de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guilomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias de Brito, Glória Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-11 - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

Oswaldo de Castro atribui papel simbólico a Cunhal

Fuga de militantes para o PS preocupa crítico do PCP

«O secretário-geral do Partido Comunista não poderá aparecer como figura emblemática no processo de renovação do PCP» - defende Oswaldo de Castro, antigo deputado, dinamizador dos críticos na Marinha Grande, razão por que - admite-se - a concelhia do Partido Comunista não o recandidatou à presidência da Assembleia Municipal local.

O resultado viu-se: ao fim de dez anos, o partido perdeu a maioria absoluta naquele órgão e na própria Câmara. Companheiro de Alberto Martins nas lutas académicas de Coimbra (era vice-presidente da Associação Académica, e o actual deputado do PS presidente, quando ocorreu a «crise de 1969»), Oswaldo de Castro marca as distâncias que o PCP deve impor em relação ao Partido Socialista. Na entrevista que concedeu ao DL, este advogado da Marinha Grande, militante do PCP desde 1969 e um dos responsáveis do partido no distrito de Leiria entre 1974 e 1983, admite que, se o partido não se abrir às novas ideias, corre o risco de não obter mais de cinco por cento em próximas eleições.

Adianta que o Instituto de Estudos Sociais não se quer constituir em partido, tipo UEDS ou PRD: pretende ser um espaço de debate de ideias que estão a renovar o mundo, demarcando-se da postura social-democrática.

Em relação ao próximo congresso do PCP, defende a necessidade de tratar das grandes questões sem complexos e com grande abertura, devendo «refletir todas as tendências, de modo a renovar e adequar o PCP ao conjunto de ideias novas cir-

culam pelo mundo».

Diário de Lisboa - Que papel poderão ter os renovadores no futuro do PCP?

Oswaldo de Castro - Os renovadores estão abertos, de forma despretensiosa, ao conjunto de ideias novas que circulam na Europa e estão a aparecer no mundo. Por essa razão, mas há outras, julgamos poder ser importantes para o futuro do Partido Comunista.

DL - Admite que isso seja possível na actual conjuntura?

OC - Admito, sobretudo na conjuntura actual. O PCP tem de ser profundamente remodelado, com urgência. Tem que retomar a esperança, com outra direcção. A situação está a precisar de ser alterada. Se o PCP for globalmente renovado, como os renovadores têm vindo a preconizar, será possível retomar a esperança dos seus militantes e afirmar-se como grande partido.

DL - Isso comporta muitas alterações, uma grande viagem...

OC - Há muitas coisas a corrigir, muitas ideias novas a acolher. É fundamental que isso aconteça, já que a direcção do partido não tem a coragem que se lhe exige para explicar o que se passa, nem para assumir os seus erros.

DL - Nesse quadro, o que considera ser fundamental?

OC - Além de descobrir um acervo de ideias novas, é necessário encontrar um programa que se demarque da social-democracia e do capitalismo mitigado.

DL - Qual o papel que Álvaro Cunhal poderá desempenhar em todo o processo?

OC - Sem lhe retirar o papel histórico que desempenhou



Oswaldo de Castro: «Se não der um salto para a frente, o PCP corre o risco de sofrer os efeitos do abraço de urso que o PS lhe está a dar»

na luta anti-fascista, entendem os renovadores que o secretário-geral do Partido Comunista não pode aparecer como figura emblemática do partido, mesmo no contexto internacional.

DL - Essa afirmação tem a ver com os novos ventos do Leste europeu?

OC - Álvaro Cunhal representa uma época que foi cilindrada nos últimos tempos. Caso se desloque ao estrangeiro, terá dificuldades em ser bem recebido.

PCP não tem as mãos sujas

DL - Isso não terá, no fundo, a ver com a idade?

OC - De modo algum. Não estão em causa os seus 76 anos. Não é uma questão de idade, é uma questão de esquema mental.

DL - Como assim?

OC - Álvaro Cunhal é um líder do pós-guerra, da guerra fria. É muito difícil a uma pessoa dessas acolher ideias novas, ideias profundamente novas.

DL - Porquê posição tão radical?

OC - Não se trata de uma

postura radical. O que acontece é que se alteraram certos parâmetros. Álvaro Cunhal poderá ter um papel simbólico em todo o processo de renovação do Partido Comunista.

DL - Aliás, a posição do PC português é diferente dos partidos comunistas do Leste, não é assim?

OC - É claro: o PCP não tem as mãos sujas de crimes como alguns Partidos Comunistas estrangeiros.

DL - Neste contexto, qual é a posição dos renovadores, face ao próximo congresso extraordinário?

DL - Devia ser um grande fórum de debate, sem barreiras, em que houvesse a coragem de tudo discutir, de tudo pôr em causa.

DL - Se assim não for, como encara o futuro do PCP?

OC - Caso o PCP não dê um grande salto para a frente, correrá o risco de sofrer os efeitos do abraço de urso que o PS lhe está a dar. Sem pôr em causa o exemplo de Lisboa, isso tem os seus efeitos do ponto de vista estratégico.

DL - Mais concretamente, o que é que se torna imperi-

oso fazer?

OC - Manter as distâncias entre os dois partidos. É necessário romper com a social-democracia e activar um socialismo novo.

DL - É nesse quadro que surge o Instituto de Estudos Sociais?

OC - O INES pretende ser um espaço de debate, de reformulação, de discussão das ideias que estão a renovar o mundo. Pretende reafirmar as esperanças no Partido Comunista.

DL - O que em Portugal é uma inovação?

OC - É, sem dúvida. Trata-se, contudo, de uma iniciativa que tem paralelo com os partidos socialistas de Itália e França, que se debruçam sobre ideias para a esquerda.

INES não quer ser partido

DL - Nesse caso, o INES teria um papel mais amplo que aquele que alguns observadores julgam?

OC - Além de reafirmar as esperanças no PCP, o Instituto de Estudos Sociais apresenta-se como um espaço de debate e reformulação também em direcção dos socialistas.

DL - Os socialistas não acatarão facilmente tal ideia...

OC - É um desafio que se coloca fundamentalmente aos comunistas: o de evitar as deserções que se têm verificado em direcção ao PS e, se possível, inflectir a situação.

DL - Nem toda a opinião pública conhece essa vocação dos renovadores...

OC - Talvez não conheça: a esses, posso assegurar que os renovadores são muito mais perigosos para o partido Socialista que a actual direcção do PCP.

Júlio Rodrigues

Quatro décadas de expulsões

As grandes crises do Movimento Comunista Internacional reflectiram-se (de forma mitigada) no interior do PCP. Nos anos 60 os comunistas portugueses sentiram e discutiram o conflito sino-soviético, não ficaram imunes à Primavera de Praga nem à invasão da Checoslováquia, mas não são conhecidas «debandidas maciças» semelhantes às verificadas em outros países. Também não foram frequentes afastamentos por motivos políticos, sobretudo depois de Álvaro Cunhal ter reassumido a direcção do partido, após a fuga de Peniche. Mesmo assim o caso de Zita Seabra não é único, outros se registaram nas últimas quatro décadas e aqui fica a cronologia possível - pois a história interna do PCP, também está por fazer.

Década de 50 - Mário Dionísio, Alves Redol, Júlio Pomar e Lopes Graça, entre outros representantes do movimento neo-realista, são afastados do PCP, em textos publicados no «Avante!»; o mesmo acontece a Diogo de Castro, Mário Soares, Borges de Macedo, Piteira Santos.

1960 - José Miguel, um trabalhador alentejano responsável pela organização do PCP na zona Sul é morto, por alegada colaboração com a polícia.

1963 - Rolando Verdeal é expulso; fora preso e depois acusado de denunciar grande número de quadros e militantes, provocando a «maior razia» de sempre no PCP.

1965 - Nuno Álvares Pereira é afastado, sob a acusação de ter denunciado e entregue a organização estudantil do

PCP; na altura foram presas cerca de 300 pessoas.

1967 - Fernando Rodrigues é expulso em Junho, sob a acusação de ter entregue a organização do PCP no Algarve, Alentejo e margem Sul.

1968 - A invasão da Checoslováquia não provocou demissões de militantes do PCP, semelhantes às verificadas em outros países europeus; sabe-se que Flausino Torres, que na altura vivia em Praga, se afastou; para além disso são conhecidos protestos de dirigentes ainda em funções e de alguns militantes.

1969 - Silva Marques é expulso, depois de uma carta aberta aos militantes comunistas; há a demissão de Alexandre Castanheira, membro do Comité Central e da

Comissão Executiva; Américo de Sousa afasta-se alegando «questões pessoais»; Pedro Ramos de Almeida regressa de Argel, abandona a clandestinidade e integra-se na sociedade portuguesa depois de um processo até agora mal esclarecido.

1970 - António Barreto, Carlos Almeida e Eurico Figueiredo publicam uma carta-aberta, na Suíça, na sequência da qual são expulsos, bem como toda a célula comunista em Génève; Manuel Ruela é afastado na sequência do Golpe de Argel e da constituição da Frente Patriótica de Libertação Nacional (FP-LM); em Novembro são afastados Manuel Alegre e Carlos Antunes, acusados de constituírem «um grupo anti-partido»; o mesmo documento ataca Piteira Santos.

1971 - Augusto Lindolfo, responsável da ARA e membro do Comité Central é preso em Maio e expulso pouco depois, por alegada colaboração com a polícia.

1973 - João Pulido Valente e Francisco Martins Rodrigues (membro do Comité Central e da Comissão Executiva) são expulsos, acusados de pró-chineses; formam a Frente de Acção Popular (FAP).

Depois do 25 de Abril - Militantes e quadros do PCP dos tempos da clandestinidade deixam de participar nas actividades daquele partido; este afastamento é conotado com o facto de, na altura, o conteúdo dos arquivos da PIDE-DGS ter deixado de ser secreto.

MGL

FORUM

POLÍTICA DE A A Z

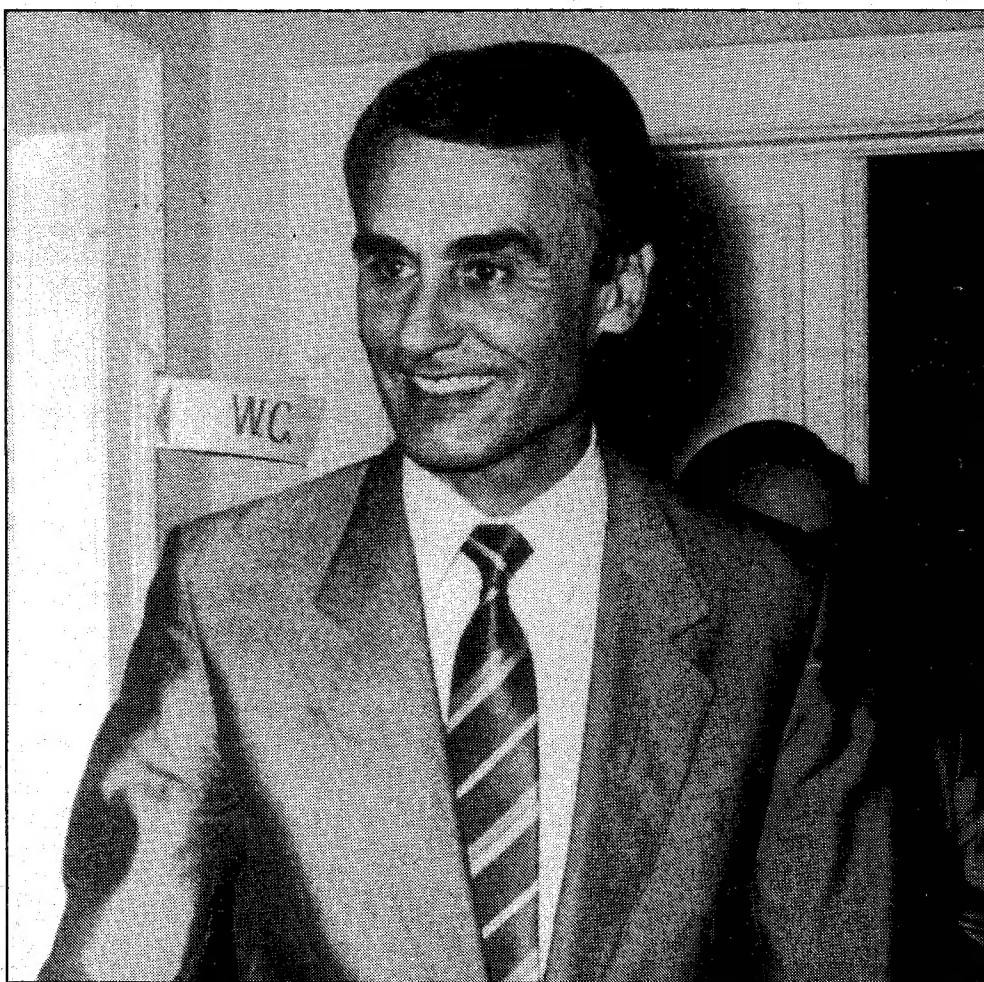
A REMODELAÇÃO DO GOVERNO E A CONTINUIDADE DO CAVAQUISMO

A remodelação do Governo, numa explicação simplificada que foi posta a correr, teria sido imposta ao doutor Cavaco Silva - tão refractário a remodelações, tão orgulhoso dos seus ministros -, devido ao pedido de demissão do engenheiro Eurico de Melo. Esta demissão mal explicada, e a zanga do vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa e vice-presidente do PSD, à qual têm sido dadas diversas justificações, na realidade facilitou a decisão pessoal, ou só com íntimos partilhada, do doutor Cavaco Silva. A remodelação surgiu inesperada, desenhada, cinzenta. Padecendo, na imediata aparência, de graves pecados políticos: a precipitação, o orgulho ferido, a incoerência.

A surpresa Eurico de Melo somou Cavaco Silva os agravos da entrevista de Álvaro Barreto, e aproveitou a oportunidade e a necessidade desta remodelação, para se aliviar, despejando-os do Governo, de dois ministros que defendera, obstinadamente, com uma paixão insensata: Leonor Beza e Miguel Cadilhe. Foi uma cedência tardia e manifestamente incoerente dados os elogios que lhes fizera e a confiança que tinha afirmado.

A remodelação feita em momento político de maré baixa, o PSD enlutado com os resultados eleitorais das «europeias» e das «autárquicas», não parece ter obtido entusiástica aprovação no seio do partido, nem os favores das oposições, nem os aplausos da opinião pública. Onde não passou com indiferença, suscitou reprovação. De um modo geral, o Governo remodelado e alargado - 16 ministros, 61 membros incluindo secretários e subsecretários de Estado -, apresenta um «baixo perfil» político. É um Governo de figuras de segunda e terceira categoria. Desconhecidos do país, ou só conhecidos de uma vida partidária apagada. Nos PSD insulares a remodelação foi, também, recebida friamente. Nos Açores, o líder Mota Amaral traçou um comentário negativo à remodelação. O líder social-democrata da Madeira, na passagem do ano, não deixara dúvidas quanto à sua posição de crítico da direcção continental.

Alberto João Jardim não oculta as suas reservas, os seus ressentimentos, a sua ambição. Para sermos fiéis ao seu pensamento (e intenções) do «Diário de Notícias», da Madeira, edição de 1 de Janeiro de 1990, transcrevemos: «Bom, há 15 anos que não me limito a fazer política na Madeira. Há 15 anos que eu procuro intervir na política nacional. Essa intervenção é positivamente boicotada até com campanhas e calúnias de ordem pessoal na Imprensa do Continente, porque os meus adversários políticos continentais sabem que, com algumas experiências que foram feitas na Madeira, principalmente ao nível da política social e em termos da percepção daquilo que se passa entre a sociedade civil, os meus adversários políticos sabem que essa experiência podia resultar num êxito



Pergunta-se qual é o destino do cavaquismo? Mais precisamente: qual é o destino do cavaquismo no País e no PSD?

dentro de uma determinada linha política. E isso implicaria a derrota de outras linhas políticas». Alberto João Jardim sem definir quais são essas «outras linhas políticas», é peremptório: «Tenho a noção de que muitas vezes, dentro do meu próprio partido, eu sou desgastado como imagem política precisamente para se evitar que as minhas teses possam ter uma grande aceitação.»

Há meses, numa entrevista concedida ao «Europeu» (edição de 27/4/1989), Alberto João Jardim considerava que: «Ao Governo falta competência política estratégica...» e demarcava o Governo Cavaco Silva dos objectivos políticos da «Direita». Citamos: «A direita não gostou quando viu que Cavaco Silva não estava para ser o caudilho para Freitas do Amaral. Depois do Congresso da Figueira da Foz, a direita pensou que tinha encontrado um líder, quando Cavaco Silva impôs a disciplina no partido. Mais tarde sentiram-se defraudados ao verem que a linha política do PSD saiu da direita tradicional, representada por Freitas, e voltou a virar para o estilo Sá Carneiro, tipo moderado, colocada ao centro. Daí que os principais ataques ao Governo venham da direita, tradicionalista e nova rica».

Alberto João Jardim afirmou subscrever: «a cem por cento todas as declarações do ministro Álvaro Barreto» («Diário de Notícias» - Madeira, 1/01/1990). A afirmação mostra que o líder social-democrata da Madeira era, em princípio, favorável à remodelação e reestruturação do Governo. Sabemos, também, que considera Cavaco Silva distante dos objecti-

vos da «direita» tal como eles são protagonizados pelo doutor Freitas do Amaral. Ele, Alberto João Jardim, tem «uma política social», é o realizador de uma «experiência» (que) podia resultar num êxito dentro de uma determinada linha política, para que essa política não tenha repercussão no Continente vem sendo «boicotado», «desgastado como imagem política».

A «Esquerda» nas suas várias componentes, os partidos políticos com e sem representação parlamentar, as organizações sindicais, sectores importantes do movimento socioprofissional têm considerado a política do Governo como «uma política de direita» e no sentido do reforço e continuidade dessa política receberam, e criticaram, a remodelação governamental. Mas não é líquido que, tendo desagradado à «Esquerda», a remodelação do Governo Cavaco Silva tenha dado satisfação à «Direita». O dr. Basílio Horta, dirigente e deputado do CDS abordou o tema da «representação política da direita portuguesa» («Expresso», 6/01/1990) com grande clareza. Na sua opinião esse é um debate que «ganha urgência e um novo sentido com o resultado das últimas eleições autárquicas.»

Vejamos o que nos diz Basílio Horta: «Depois da derrota estrutural sofrida em 17 de Dezembro, a direita portuguesa corre o risco de nas próximas eleições presidenciais e legislativas averbar novas e mais profundas derrotas. Se continuar esfarelada, sem projecto, sem estratégia e

sem uma representação política clara e frontal, torna-se inevitável que assim aconteça.»

As eleições autárquicas evidenciaram as contradições e afastamentos do PSD e do CDS, e a grande coligação de direita - PSD mais CDS mais PPM - foi significativamente derrotada em Lisboa. Não se descortina que nas eleições presidenciais (Janeiro de 1991) ou nas eleições legislativas (Junho ou Julho de 1991), os resultados possam ser favoráveis ao PSD. Presumivelmente combatido à esquerda, o Governo PSD sofrerá um desgaste à direita. A reflexão crítica de Basílio Horta, vem na esteira das severas críticas de Freitas do Amaral. Não se esqueça, igualmente, que, crítico do Governo de Cavaco Silva, o dr. Pedro Ferraz da Costa, desenvolve presidente da CIP (Confederação da Indústria Portuguesa), emitiu a opinião de que o Primeiro-Ministro se posicionava «muito mais à esquerda do que parece» (entrevista ao «Diário de Notícias», 24/06/1989).

Gera-se à direita o sentimento de que o Governo do PSD com Cavaco Silva não dá satisfação a uma estratégia política e económica suficientemente liberal e necessariamente conservadora. Preocupações tornadas públicas indiciam a perspectiva da constituição de um partido da direita. Será o CDS renovado esse partido? Não adiantemos uma resposta a esta interrogação. De Basílio Horta a Nuno Abecasis, de Lucas Pires a João Morais Leitão, de Manuel Monteiro a Gomes de Pinho, pressões positivas e negativas atingem a liderança de Diogo Freitas do Amaral. Este tem alguns meses, apenas alguns meses, para, prevalecendo-se da resistência do partido ao temporal das eleições desencadear um processo de recuperação do movimento de «democracia cristã», ou para optar por a dinamização de uma corrente liberal conservadora alinhada, sem ambiguidades, à direita do PSD. Entra aqui, como condicionante da opção inevitável, a estratégia freitista de aproximação, e de alianças, com o Partido Socialista.

Os desastres eleitorais e a remodelação desastrosa concorreram para o isolamento do PSD, e, no próprio PSD, para o isolamento do doutor Cavaco Silva. Com ironia o dr. Basílio Horta escreveu: «O Governo ainda pode ser remodelado, o cavaquismo já não. É que a fase de governamentalização do PSD acabou e este partido, capaz como nenhum outro de glorificar quem ganha, não perdoa, quando se convence que quem perde não tem possibilidades de voltar a ganhar. Por isso o cavaquismo não vai mudar - vai ser mudado».

Afastada do PSD a «direita». Reforçada, no combate ao PSD, a «esquerda» (as «esquerdas»). Governamentalizado, cada vez mais, o PSD. Pergunta-se - sem o triunfalismo de Basílio Horta - qual é o destino do cavaquismo? Mais precisamente: qual é o destino do cavaquismo no País e no PSD?



F. Pires Santos

FORUM

ONDE SE APRESENTAM OS RELÓGIOS

Há dias, mexendo em papéis velhos, veio-me à mão um maço de folhas amarelecidas escritas à maneira setecentista e atadas por uma fita de nastro cinzenta e esfiapada. Na página de rosto li, entre incrédulo e curioso: «Apontamentos que poderiam ter servido de continuação ao apólogo dialogado do Senhor Dom Francisco Manoel sobre os relógios falantes.» Tirei com cuidado o nó duplo do nastro e folheei as mais de cinquenta folhas que ali se me apresentavam de autor anónimo... A matéria era muito diversa... Quem terá escrito? Não sei. O certo é que o matreiro autor da apocrífa usou géneros e estilos diferentes. Trata-se manifestamente de um entretenimento, sem qualquer interesse histórico ou literário. Pelo conteúdo, pelas considerações, pelos deslizos históricos, depressa me apercebi que estava perante um exercício enigmático baseado na técnica das alegorias e das parábolas. Foi assim que

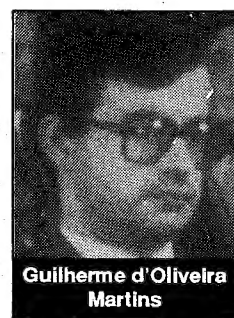
passei dois dias mergulhado nessa leitura tão cansativa quanto apaixonante. Não dei por perdido o meu tempo. Os papéis mereciam mesmo ser bisbilhotados. Por vezes são premonitórios... Outras, são estranhamente próximos... De tudo aí se fala. Tirei muitos apontamentos, enchi uma centena de fichas e dois caderninhos de apontamentos. Resta-me agora partilhar com os meus leitores o conteúdo de tão inusitado palimpsesto...

Como já disse, do autor não existe rasto. Nem umas iniciais, nem um apelido esquecido, nem uma única nota temporal ou de circunstância. Só os anacronismos linguísticos conduzem a afastar a hipótese de ser um amigo ou contemporâneo de Francisco Manuel de Melo. É, pois, um «pastiche». Não vulgar, é certo, mas um evidente «pastiche». Feito com cautelas, com artes de profissional... Diz-me um amigo meu, especialista em paleografia setecentista, que o papel, a letra, a tinta e a pena usada poderiam conduzir a considerar o documento como do período da Restauração. Singular

enigma... De facto, comparei o maço com outro que não tenho dúvidas ser autêntico, vindo do velho Brasil colonial, e o amarelo das folhas, o enrolado das pontas, até o roído dos bichos livreiros são em tudo semelhantes. Não há explicações satisfatórias...

Mas vamos ao assunto. As duas primeiras folhas – é delas que hoje tratarei – situam-nos no diálogo que se vai desenrolando e desfiando. Apresentam-se os dois protagonistas – ou melhor, reapresentam-se, pois aqui o nosso plagiador de D. Francisco Manuel limitou-se a dar-nos informações que estamos fartos de conhecer. Todavia, há curiosas subtilezas. Essas exigiram-me umas boas horas de comparação com o original. De facto, não é exactamente de uma cópia que se trata... Oijamos:

– «Sou, com perdão, o Relógio da Vida de Belas; ou sem perdão, para melhor dizer: porque nunca fiz erro que se me



Guilherme d'Oliveira Martins

perdoasse. Porque esta de errar tem muito que se lhe diga e ninguém pode dizer que d'esta água não beberei. E até parece que só para mim anda o mundo concertado.»

– «Tá, tá – retorque o Relógio da cidade – Vossa Mercê é o Relógio de Belas? Grandes cousas tenho ouvido do seu bom gosto e da sua atenção ao que vai no mundo... Pois eu

sou esse cansado, esse negro, esse maldito Relógio das Chagas de Lisboa. Não faltou aos cerimoniais da Corte, e vou-me habituando à ideia de que insubstituíveis me encham os lajedos e de que mesmo os mais duradouros têm tempos altos e baixos.»

– «Chagado e ferrugento – torna o da aldeia – vejo eu a V.M. para ser tão grande e tão antigo cortesão, de quem a fama publica mil galanterias. Olhe o desvario dos tempos que aí vão. Tudo muda na face terrena – mesmo os mais hirtos. Dizem-me até que os nossos companheiros de meter não param, chamados a dar novas horas...»

– «Ó saloio, por bom modo me deshonrais de mentiroso. E de gasto. Estou bem atento à mudança, olhe V.M. meus ponteiros remodelados e meus números rebrilhando...»

– «V.M. cuida que eu não me ofendo também? – pergunta o de Belas. Não esqueço que me julgais de vilão. Não basta cuidar dos ponteiros. Vejo esse mecanismo um pouco lento. Por este andar, não tarda que a gente perca o hábito de se guiar pelos toques que há muito dá...»

– «Não sabeis que não há alfaiate bem vestido? Olhai o espeto de pau do ferreiro. Nunca vereis menos cortesia que na Corte. anda o mundo desconcertado, e o pior é que nos põe a nós a culpa.»

– «Essa manha sempre ele a teve; e muitas vezes cá pelas minhas mossas de ferro hei notado que de continuo os baixos pagam os encontros dos altos, que é justiça de canhotos, ou justiça às avessas. Opõem-se lá no céu dois planetas, eclipsa-se o sol ou a lua, e nada de tudo aquilo prejudica o céu: pagam os campos, as sementeiras e talvez os homens as paixões que passam as estrelas no seu firmamento e os planetas em suas esferas, como se nós aticássemos, o que me cheira a sem-razão de duas em carga. Na terra é do mesmo modo, e os relógios têm a culpa...»

– «Não vos entendo, colega de Belas. A que vindes? Estais insatisfeito? Porque me importunais?»

– «Julguei que me entenderas. Quero apenas pedir que olheis para vós mesmo e que interrogeis mais o futuro. Não basta luzir por fora...»

– «É isso que acha V.M.? Que impertinência...»

– «Olhai em volta. Atendei aos sinais do mundo. Há fiéis que começam a duvidar. Necessitais de os ouvir... A eles e aos outros...»

Por lapso de que nos penitenciamos, perante o autor e os leitores, saiu indevidamente assinado o artigo que ontem publicamos, intitulado «Genealogia da Actualidade», da autoria de Adriano Duarte Rodrigues, director da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Cartoon de José Bandeira



POLÍTICA

Cavaco pediu a Bush apoio à paz em Angola

O primeiro-ministro considera que Portugal deve manter uma «acção discreta»

Do nosso enviado especial

Um maior envolvimento dos Estados Unidos, embora numa postura mais neutral, no processo de pacificação de Angola - eis a solicitação feita ontem por Cavaco Silva, no encontro com George Bush, em Washington.

O primeiro-ministro, que atribuiu a esta questão especial importância, entre os diversos temas que debateu com o presidente norte-americano, disse aos jornalistas, em conferência de Imprensa realizada na Embaixada portuguesa, que o governo angolano manifesta crescente vontade de dialogar. Esta é também a posição do nosso país. «O diálogo entre as partes em confronto é insubstituível, mas Portugal prefere ter uma acção mais discreta do que no palco», considerou Cavaco Silva.

O Governo português - de acordo com as declarações do primeiro-ministro - quer ser o intérprete das posições das suas antigas colónias. Antes de partir, Cavaco deu a entender dispor de um «mandato» para as transmitir à administração americana. Trata-se, no caso angolano, de interceder junto de Bush e seus pares no sentido de reduzir o apoio que os Estados Unidos prestam à UNITA. É neste sentido que deve ser entendido o envolvimento com maior neutralidade.

Tanto quanto conseguimos apurar, a questão angolana terá sido abordada no encontro de João de Deus Pinheiro com Herman Cohen, secretário-adjunto para os Assuntos Africanos. O ministro dos Negócios Estrangeiros terá pedido maior flexibilidade dos americanos quanto à visita de José Eduardo dos Santos aos Estados Unidos.

Ainda que os americanos venham a empenhar-se mais activamente no processo de paz em Angola, a posição de Mobutu não parece estar em causa. Na declaração aos jornalistas, nos jardins da Casa Branca, após o encontro com Cavaco Silva, Bush considerou que deverá continuar como mediador e disse apreciar o apoio que Portugal tem dado ao líder zaireense nesta condição. Aparentemente, no entanto, os americanos reservam a Portugal um papel, mais na reconstrução das antigas colónias da África Austral, do que na

obtenção da paz.

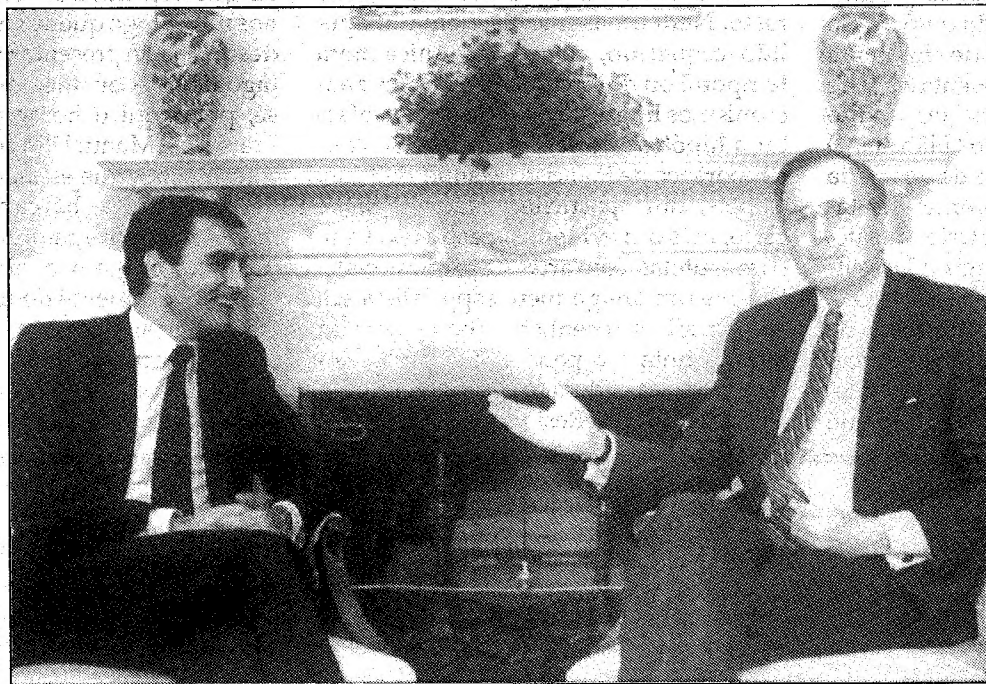
A posição do Governo português nem sequer parece ser muito diferente desta. A «discrição» que Cavaco disse desejar, expressa-o claramente. O chefe do Executivo afirmou que a política naquela zona obedeceu a três fases. Na primeira, assistia-se a um conflito de carácter regional, com intervenção indirecta das superpotências. No segundo, após a retirada dos cubanos de Angola, o confronto ganhou um matiz africano. Ora «o Governo defende uma solução angolana para Angola e uma solução moçambicana para Moçambique», como insistiu Cavaco Silva no encontro com os jornalistas. Isto é: Portugal tem mais aptidão para intervir numa fase posterior, quando a situação política se estabiliza e o desenvolvimento se tornar palavra de ordem.

Dar uma nova dimensão às questões bilaterais

Gerou algum burburinho, entre a comitiva portuguesa aqui presente, o destaque que a generalidade dos enviados especiais aqui presentes, concedeu à questão da compra de helicópteros. Houve quem chegasse a afirmar que «a Imprensa portuguesa engoliu a versão americana», batendo na tecla da soberania nacional, ao abrigo da qual o nosso Governo tem o direito de fazer os negócios entender mais convenientes. Como se a soberania fosse susceptível de ser posta em causa...

Uma fonte do gabinete do primeiro-ministro garantiu que o problema dos helicópteros nem sequer foi abordado no encontro de Cavaco Silva com Dick Cheney. No entanto, a administração norte-americana fez saber que, além da redução de efectivos militares em 40 mil homens, o orçamento da Defesa sofre uma diminuição de cerca de dez por cento - 35 biliões de dólares. Também os Estados Unidos sentem uma necessidade de, agora que o processo de desenvolvimento parece caminhar a passos seguros, canalizar recursos antes afectados às Forças Armadas para a sociedade civil.

É prematuro afirmar que os níveis de ajuda a Portugal se ressintam desta mudança de estratégia. Essa possibilidade foi antontem aventada,



George Bush e Cavaco Silva, durante o encontro na Casa Branca

como escrevemos, mas o Governo terá recebido garantias de que, por iniciativa da Casa Branca, o auxílio ao nosso País não será afectado. A bola passa, assim, para o Congresso.

Preparando a eventualidade de redução da ajuda, o Governo português parece apostar agora na captação de apoios de outra natureza. Não foi por acaso que Cavaco abriu a conferência de Imprensa alinhando a tese de que Portugal quer dar uma «nova dimensão» às relações bilaterais com os Estados Unidos, «excessivamente concentradas em questões de segurança e defesa».

O caminho poderá ser o incremento das relações económicas, como já afirmámos. A AIP assinou, ontem, o protocolo de cooperação com a Associação Internacional para o Desenvolvimento, cujas bases revelámos ontem. E Cavaco expressou, na sua declaração à saída do encontro com Bush, o desejo de «incentivar fórmulas que permitam estender aos domínios económico, cultural e tecnológico o bom entendimento político existente».

Neste quadro, é evidentemente a CEE que se coloca de permeio nas relações entre o nosso país e os Estados Unidos. A CEE que aprovou a Carta Social e que caminha para o Mercado Interno; a CEE que se dispõe a colaborar na recuperação económica dos países de Leste, cuja

organização congénere - o COMECON - começa agora a sofrer os efeitos das transformações políticas. Cavaco Silva, que disse ter dado conhecimento a Bush das decisões tomadas no mais recente Conselho Europeu, manifestou o desejo de que os Estados Unidos participem no Banco Europeu de Reconstrução do Leste. A sua afirmação coincide com objecti-

vos já expressos pela própria Comunidade.

Timor, tema entre muitos

No meio das questões de defesa, das económicas e das relativas à política africana de ambos os países, Timor tornou-se um problema entre muitos, desvalorizado assim no contexto desta visita oficial. Não mereceu uma linha nas declarações na Casa

Branca, quer da parte do presidente norte-americano, quer de Cavaco Silva.

O nosso país continua a defender a autodeterminação do povo Maubere, mas na actual conjuntura, essa tese - aliás indefinida - esvazia-se de sentido. Tudo se fica assim pelo «degrau» inferior. A denúncia das violações dos direitos do homem, no território formalmente sob administração portuguesa. Cavaco disse ter solicitado a Georges Bush que exerça a sua influência junto da Indonésia para pôr fim ao genocídio.

O primeiro-ministro terá, por outro lado, valorizado a carta recentemente enviada por um grupo de congressistas republicanos e democratas à Administração Bush, apelando a uma acção mais consistente da parte dos Estados Unidos na questão de Timor. Hoje, no encontro em Nova Iorque com o secretário-geral das Nações Unidas, é mais provável que este seja o tema central.

Mota Amaral, integrado na comitiva já numa fase posterior, está a fazer um programa à parte. Ontem, encontrou-se em Clayborne Pell, com o presidente da Comissão de Relações Externas do Senado.

Paulo Martins



Piti Club

Telef.: 32 51 40
Rua da Glória, 57
à P. da Alegria

3.ª a Sábado
21.30 h.

2.º MÊS!

TEATRO



Sáb. e Domingos
16 h.
P/Todos
Marque já Mesa!



Piti Club

Telef.: 32 51 40
Rua da Glória, 57



A IMPRENSA ANDA A DIZER
MELHOR DELES,
DO QUE DE NÓS...

- DELICIOSO! — «Expresso»
- DIFERENTE! — «D. Popular»
- SÉRIO! — «O Diário»
- COMOVENTE! — «A Capital»
- LEVE! — «D. Notícias»

É MELHOR IR VER O QUE É!!



«o regresso de BUCHA e ESTICA» !!!

B R E V E S

Um pato mudo na bancada do Governo

Segundo episódio nas reverências em cascata das diversas bancadas à promoção de Carlos Encarnação, de vice-presidente do Grupo do PSD a secretário de Estado. Protagonizou-o Nogueira de Brito, do CDS, que depois de elogios vários disse a Encarnação:

«V. Excia demonstrou que o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares não é, propriamente, um pato mudo. E até fala!».

Resposta do elogiado:

«É que antes nem pato havia. Quanto mais mudo».

Quem entrou primeiro no terreno de jogo?

Troca de mimos entre Nuno Delerue e Jorge Lacão, sobre a oportunidade do debate de ontem, a um mês ou menos do que o Governo vai suscitar sobre a mesma matéria televisiva:

Delerue (deputado do PSD): «Vossas Excelências, o que fizeram, foi serem os primeiros a entrar no rectângulo de jogo. Mas está mais que visto que foi uma falsa partida».

Lacão (deputado do PS): «O que é manifesto é que o Partido Socialista ganhou o debate, quanto mais não fosse, por falta de comparência do adversário».

Mais vale um Telejornal na mão

Ainda Nogueira de Brito, mas agora sobre a ausência de gente importante do Governo no debate e o desinteresse dos seus representantes:

«Por aqui se vê, uma vez mais, que mais vale um Telejornal na mão do que três televisões privadas a voar».

O quarto poder, segundo Balzac

A propósito da televisão que estava a ser discutida no plenário, Mário Raposo, do PSD, trouxe Balzac à colação. Lembrou um texto publicado na *Revue Parisienne*, em Agosto de 1840, e onde a Imprensa surge pela primeira vez designada como quarto poder:

«A Imprensa é, na França, um quarto poder do Estado: ela ataca tudo e todos e ninguém a ataca; ela pretende que os políticos e os intelectuais lhe pertencem e não lhes tolera a reciprocidade: os seus homens devem ser sagrados».

PS ficou a falar sozinho no Parlamento

Governo só quer discutir a TV quando apresentar a sua lei

O debate sobre a televisão privada iniciou-se ontem em S. Bento, por iniciativa do PS, mas mal passou de uma abordagem superficial e ao largo, estilo conversa de surdos: o Governo e os seus representantes parlamentares recusaram-se a discutir a fundo o tema com o Partido Socialista, guardando-se para umas semanas mais tarde quando, também eles, estiverem habilitados a explicar qual a sua ideia sobre a privatização da rede de TV no nosso País.

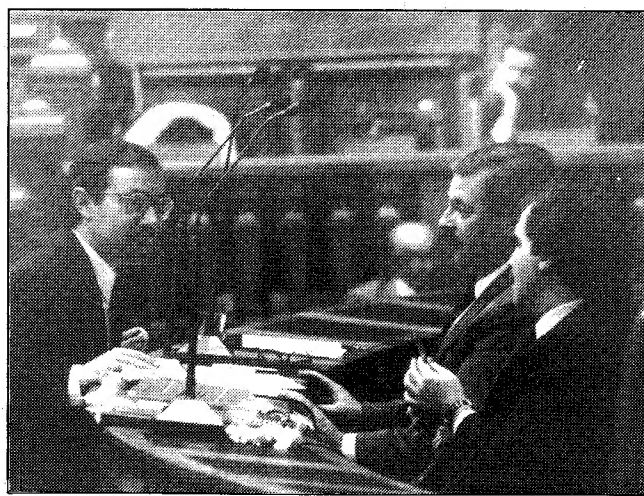
Ficou, no entanto, um saldo referenciável da tarde parlamentar e que constituiu notícia: não é provável que qualquer rede privada de televisão inicie o seu funcionamento em Portugal antes das eleições legislativas de 1991. Isto pelas demoras do Governo em dizer claramente o que quer (demoras essas que o PS tentou romper ao impor a imediata discussão do seu projecto, preparado por Arons de Carvalho) e a morosidade do processo posterior de atribuição e montagem do canal em que devem gastar-se vários meses.

E se o Governo não tem pressa é porque, como dizia ontem um deputado da Oposição, «prefere um subsecretário de Estado chamado Telejornal, a confiar na incerteza da televisão privada». Ou, como gozava Nogueira de Brito, «para o professor Cavaco Silva, mais vale um Telejornal na mão, do que três televisões privadas a voar».

Inglório o trabalho de Arons de Carvalho?

O Partido Socialista forçou a discussão isolada do seu projecto de privatização da televisão, recusando os apelos para aguardar a chegada a S. Bento da proposta de lei do Governo sobre a mesma matéria e, então sim, se proceder ao debate de forma mais útil e produtiva.

Obteve os seus dividendos



Carlos Encarnação com Dias Loureiro, durante o debate

políticos como afirmação de capacidade alternativa e de ser mais expedito que o Governo. Mas como a Maioria e os representantes do Governo na sessão de ontem (passaram por lá, mas não abriram a boca, o ministro Couto dos Santos e o secretário de Estado Albino Soares) se recusaram a entrar na discussão de fundo, os socialistas viram-se na contingência de não enfrentarem o interlocutor que desejariam e passaram o mor do tempo a falar sozinhos.

É certo que todas as bancadas gastaram o tempo de que dispunham no debate, nomeadamente a do PSD que fez avançar Mário Raposo (presidente da Comissão de Direitos, Liberdades e garantias), Nuno Delarue e José Luis Ramos, este o relator da proposta socialista na Comissão especializada. Mas a bancada da Maioria limitou-se, praticamente, a contestar a oportunidade do debate, a menos de um mês da chegada do projecto governamental, e a precocidade da iniciativa socialista.

O próprio Raposo, que não fugiu à questão na ordem do dia, preferiu teorizar sobre a liberdade de Imprensa em democracia, pouco cuidando do fundo e do substracto do

projecto, com abundante recurso a citações de Balzac, Home, Chateaubriand, Jean Daniel e Michel Rocard.

E quanto ao tempo e oportunidade da discussão de ontem, eles proporcionaram a Carlos Encarnação a sua estreia formal como secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, falando por diversas vezes e pelo seu grupo, por Albino Soares e por Couto Santos, sempre na mira a obsessão contra a pressa do PS e o conselho: esperem pela lei do Governo e terão substância, no fundo e na forma, para apreciar e comparar.

A própria Oposição cumpriu o seu papel, ritualmente, no pressuposto implícito de que, se tem cartuchos para gastar, o melhor é guardá-los para a caça grossa da televisão privada, a legítima, a verdadeira, a autêntica, que Encarnação prometeu exibir naquele palco até ao fim do mês.

Foi uma pena ver cair no vazio um projecto que tanto trabalho deu a Arons de Carvalho, deputado do PS, ele próprio professor de Comunicação Social e encarregado pelo seu partido de se antecipar ao Governo com um diploma extremamente rico de potencialidades.

Vale que nem tudo estará

perdido: o PS requereu a baixa da sua lei à Comissão, sem exigir a votação, o que significa ficar no limbo, esperar a proposta do Governo e emparceirar na votação com ela e, quiçá, influenciá-la na sua versão final.

Do conteúdo deste projecto de Arons de Carvalho, apadrinhado pelo seu partido, já ontem se escreveu, desenvolvendo, no *Diário de Lisboa*. Pouco há a acrescentar, na expectativa da apresentação até ao fim do mês da proposta do Governo.

Cumpre-nos, sim, referir um momento enriquecedor do debate contido em curta intervenção de Natália Correia, sobre as responsabilidades culturais da televisão.

Para a deputada do PRD, a televisão privada incorre no risco de se submeter «à tirania dos índices de audiência» e da «mais valia financeira». Foram eles, disse, que uniformizaram os sistemas televisivos por esse mundo fora.

Nem sequer basta, disse ela, exigir X horas de programas culturais, como o faz o projecto do Partido Socialista. «É que os nossos tempos são de cultura inculta, como a cultura do rock, a cultura da droga, a cultura dos bandos de rua, a cultura da futilidade e até a cultura da publicidade».

Natália Correia também fez reparos à proibição da propaganda aos cigarros «em concerto com o anti-tabagismo», não porque não seja uma medida justa e a favor da saúde dos cidadãos, mas sim porque não é completada no projecto socialista, entre as proibições especiais, «a exigível interdição de publicidade aos brinquedos bélicos, nefastos para a formação moral das crianças que ludicamente são atraídas para a violência».

Enfim: por hoje basta de TV privada. Lá para o fim do mês há mais, por ordem do Governo.

Daniel Reis

Departamento de Comunicação Social — UNL
Sindicato dos Jornalistas

CURSO DE CURTA DURAÇÃO

SOCIOLOGIA
DA
COMUNICAÇÃO
SOCIAL

15 de Janeiro a 7 de Fevereiro de 1990
(2.ª e 4.ª feiras)

Inscrições no Sindicato dos Jornalistas
Rua dos Duques de Bragança 7, 2.º — Lisboa

Com o regresso de Beleza

Adensa-se a curiosidade sobre o inquérito à Saúde

Os deputados integrantes da Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério da Saúde andam verdadeiramente intrigados sobre o sentido a dar ao seu trabalho, agora que Leonor Beleza abandonou as responsabilidades ministeriais para se sentar na cadeira de deputada.

Esteve marcada uma reunião da Comissão, na terça-feira passada, para saber o que fazer em face da nova situação e as voltas que o Governo deu, nomeada-

mente, com a estratégia de apaziguamento de conflitos no ministério hoje ocupado por Arlindo Carvalho. Mas Luis Filipe Menezes, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD e deputado destacado para porta-voz da Maioria na Comissão, não apareceu supõe-se por estar retido no Porto em trabalhos eleitorais para a presidência da Comissão Política Distrital do seu partido em que é um dos mais fortes candidatos.

A Comissão não chegou,

assim, a reunir e disseram-nos ontem que talvez seja possível fazê-lo na próxima terça-feira. Só que, agora é mais complicado: como chamar Leonor Beleza a depor, se ela é hoje par dos deputados que a estavam a interrogar sobre o Hospital S. Francisco Xavier? E continuarão o Governo e a Maioria interessados em levar o inquérito para a frente, agora que as guerras da Saúde parecem vir a conhecer uma acalmia e o inquérito é obra para todo o resto da V Legis-

latura, tão vasto é o seu âmbito?

A intriga sobre a matéria passa também pela sucessiva repetição da pergunta, por parte de deputados da Oposição membros da Comissão de Inquérito:

«E se o Governo deixasse cair a ex-ministra, com efeitos directos na orientação dos trabalhos da Comissão, tal como Leonor Beleza deixou cair o seu ex-secretário de Estado, Costa Freire, quando o escândalo se agudizou?

POLÍTICA

Olho por olho...

Grupo organizado? Navalhistas? Antibrancos? Agrediram um «skinhead» e eles chamam-lhes «zulus»



COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

125 ANOS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$00	56\$00
ALEMANHA FED. (marco)	87\$20	88\$40
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	3\$970	4\$220
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127\$25	129\$75
(notas de 5 a 1000)	127\$75	130\$25
DINAMARCA (coroa)	22\$50	22\$90
ESPANHA (peseta)	1\$303	1\$423
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$30	150\$90
(notas de 5 a 1000)	147\$80	151\$30
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	25\$60	26\$30
HOLANDA (florim)	77\$30	78\$40
IRLÂNDIA (libra)	231\$00	235\$00
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$973	\$1028
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	244\$90	249\$40
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUIÇA (franco)	96\$75	98\$25
VENEZUELA (bolívar)	3\$250	4\$050

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Há algum tempo foi notícia a hospitalização de um "skinhead" anavalhado por negros. Os agressores habituais passaram a queixosos. Na altura já tinham causado a morte por espancamento a alguns negros e atacado outros que, por não estarem em estado de falar ou por medo, não apresentaram queixa. Talvez por terem ligações a grupos internacionais de comportamentos idênticos, responsabilizaram pelo sucedido um grupo de negros "zulu", semelhante a outros existentes na Europa para "dar caça" aos neo-nazis.

Procurámos e o que encontramos não foi um grupo organizado, mas sim cerca de trinta jovens, de idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e três anos, de actividades várias: operários especializados, estudantes, desempregados. Residentes em Portugal, em média, há dezasseis anos, são jovens iguais a quaisquer da sua idade. Mas amigos e solidários, não querendo o martírio nem o medo, optaram pelo bívico «olho por olho, dente por dente» para pôr termo às agressões, cada vez em maior número, de que os da sua raça são vítimas.

Por motivos óbvios aqui são identificados por letras sem qualquer relação com os

seus nomes.

A - « Não se trata de um grupo "zulu" português. Tivemos esse recontro na base de uma retaliação, em consequência de um espancamento feito pelos "skinheads" a dois amigos nossos. Vinham os dois calmamente na zona do Bairro Alto, quando os skins os começaram a provocar com insultos racistas. Como somos pessoas pacíficas e achamos que o racismo é uma manifestação de ignorância, perguntaram-lhes qual o motivo do insulto. Como estavam em igualdade, palavra puxa palavra, pegaram-se à pancada, só que nessa altura foram cercados por os outros "skins", e barbaramente espancados. Um dos nossos amigos é "boxeur", e a ele, precisamente, partiram um braço com um ferro. Ao outro abriram-lhe a cabeça com um taco de "baseball". Levou catorze pontos.»

- Nessa altura vocês já tinham conhecimento doutras agressões dos "skins" a negros?

B - « Já. Só que na altura não sabíamos quem eles eram, nem como eram. Como temos amigos que frequentam o BA (Bairro Alto), foram eles que os indicaram. Então resolvemos juntar-nos e virmos à procura deles.

Continua na página seguinte

COMENTÁRIO

Sementes de violência

Exaltada, desde os primeiros tempos do Cristianismo, como a prática exemplar do agredido, o virar da outra face, quando se recebe uma bofetada, não tem tido, ao longo dos séculos, muitos praticantes. Reconheça-se, no entanto, que isso teria evitado muitas guerras, se a doutrina tivesse conseguido vencer, como pretendia, os instintos que mantêm o Homem preso à sua condição animal.

Não é já este comportamento beatífico que se espera de um cidadão integrado nas sociedades organizadas do nosso tempo. A legítima defesa é-lhe moral e legalmente reconhecida, mas exige-se-lhe que confie às instituições dessas sociedades a aplicação de sanções ao seu ofensor. Por outras palavras, é-nos permitida a reacção imediata instintiva, mas imposto o comportamento social reflectido.

É este o mecanismo encontrado para evitar que as sementes de violência encontrem terreno fértil e gerem abundantes colheitas dos seus frutos amargos.

A posição assumida pelo grupo de jovens negros cujas declarações são registadas nesta página afrontam esse mecanismo. Não podemos, por isso, deixar de denunciar o seu carácter anti-social e de reprovar os ímpetus vingativos que a animam.

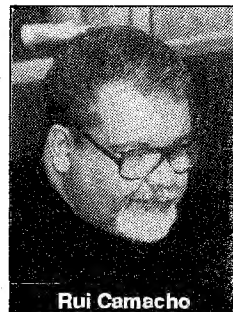
Isso não implica, evidentemente, qualquer espécie de simpatia pelo grupo de marginais de cujas acções criminosas, por razões de amizade com as vítimas ou de solidariedade étnica, pretendem desforra.

Não podemos reconhecer motivos para legitimar vinganças nos argumentos que os jovens africanos apresentam para assumir o papel de justiceiros. A vingança nunca é justa. E se é certo que o racismo existe em Portugal e que serão provavelmente vítimas das suas manifestações no quotidiano das suas vidas, é perigoso que se aceite isso para desculpabilizá-los do crime que eles próprios confessam e dos que eventualmente poderão vir a cometer. É que o mesmo caminho nos levaria a desculpabilizar também os skinheads, provavelmente vítimas da desumanização do meio em que vivem, do vazio das suas vidas, da ignorância, do desinteresse, de sabe-se lá quantas mais condições para explicar, mas nunca para justificar, a sua cobarde agressividade, o seu catecismo *naif* e a facilidade com que podem cair na tutela de militantes bem menos ingénuos de qualquer ideologia perversa.

As competências especiais conferidas pelo Procurador Geral da República à Polícia Judiciária para a « investigação das actividades de relevância criminal » praticadas pelos skinheads, ontem anunciadas pelo DL, fazem prever que finalmente se tomarão as medidas adequadas, relativamente a uma situação que até aqui parecia preocupar mais o cidadão comum do que as autoridades, apesar de repetidamente comprovada a sua gravidade.

Esperemos que tal efectivamente se verifique e que a apatia, pelo menos a aparente indiferença, que algumas entidades responsáveis mantinham relativamente ao acumular de acções criminosas do grupo, deixe de motivar reacções de nervosismo entre as suas vítimas potenciais.

«Gostariamos que esta guerra acabasse por aqui, porque a violência gera violência e nada nos garante que, a seguir às facas, não venham as armas de fogo e as ruas se transformem num perigo para inocentes». Estas palavras são de um dos jovens negros entrevistados pelo DL. Nenhuma outra traduzem melhor as nossas preocupações.



Rui Camacho

... dente por dente

cont. da pág. 9

Procurámo-los durante uns dias até às duas da manhã, até que uma noite, estávamos dez, outros onze tinham ficado para trás - fomos prevenidos com paus, ferros e navalhas, porque sabíamos que essas eram as armas por eles utilizadas -, por fim encontramos-os. Não os conseguimos contar com exactidão, mas eram mais de vinte. Eles, quando viram um grupo tão grande de negros, ficaram assustados. Fomos ter com eles e dissémos-lhes que queríamos conversar, saber o motivo porque tinham feito aquilo aos nossos amigos. Eu ia à frente, logo de imediato deram-me um pontapé, tendo um deles sacado uma ponta e mola, fizémos o mesmo, os cercados, porque os outros onze aproximaram-se entretanto, desta vez foram eles, e a facada quem a deu foi um de nós, por acaso eu.

- Sabem que os "skins" apresentaram queixa da vossa agressão?

C - «Não. A única coisa que soubemos foi de uma notícia num jornal, em que contaram uma versão completamente diferente dos factos.»

- O que consta é que vocês são um grupo de cabo-verdianos. É verdade?

A - «Não. Na nossa zona há pessoas originárias dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, e a maioria já nascida em Portugal. Somos moçambicanos, angolanos e cabo-verdianos.»

- Depois dessa "cena" voltaram a ter mais algum "encontro" com os "skins"?

D - «Não. A partir daí eu já passei por cinco deles, com outro amigo meu que também esteve nesse acto, e eles não nos fizeram nada.»

- Há quem afirme que vocês são as únicas pessoas de quem têm medo.

D - «Medo não acredito que tenham. Nós também não temos medo deles. Há é respeito.»

- Vocês não são um grupo organizado para dar caça aos "skins"? Pergunto: quando tiverem conhecimento de

outros negros terem sido agredidos, independentemente de serem vossos amigos, ou não, vocês vão reagir?

A - «Acho que sim.»

B - «Talvez não da mesma forma que da primeira vez. O que se passa é que nós sentimos cada agressão como se fosse contra nós. Foi o caso do estudante negro do Porto que amarraram inanimado na linha férrea.»

A pergunta provocou alguma celeuma entre estes jovens. Um deles disse só reagir se o assunto for com amigos seus. Os outros dizem que o farão por qualquer negro. Aqui, entrou em linha de conta o conhecimento que têm de agressões a africanos que desconhecem a existência e modo de actuação dos "cabeças rapadas", logo indefesos.

D - «Penso que temos que reagir a qualquer agressão contra os da nossa raça para demonstrarmos que somos unidos e temos defesa. Porque ao contrário as agressões não pararão. Ao defender qualquer africano, defendo-me a mim.»

C - «Eu acho que nas zonas em que vivem africanos, e onde eles actuam, deveria haver actos de defesa.»

- Vocês já pensaram recorrer à polícia?

B - «Já, mas não vale a pena. As queixas apresentadas nunca surtiram efeito, e quando um negro está em conflito com um branco, quase sempre, e falamos por experiência própria, o negro é, à partida, o culpado, muitas vezes espancado antes de falar.»

- Quais as diferenças, se as há, entre vocês e os jovens portugueses da vossa idade?

D - «As diferenças só existem nas oportunidades de trabalho. O trabalho é um problema para a raça negra em Portugal. A falta de trabalho e dinheiro afasta muitos de nós de frequentar certos ambientes. E esse problema, na maior parte dos casos, existe por racismo.»

B - «Também há diferenças a nível social.»

- Vocês são racistas?

B - «Já dissemos que o racismo é fruto da ignorância. E nós não nos consideramos ignorantes.»

- E para além desse grupo neo-nazi, acham que há racismo em Portugal?

B - «Acho que sim. É psicológico. Entramos nalguns sítios e há logo pessoas que demonstram desagrado pela nossa presença. Há outras que falam contigo, mas mantêm sempre as distâncias. E ainda há os que parece que não são, e na primeira altura usam a raça como ofensa.»

- Vocês têm todos mais anos de Portugal do que de África. São mais africanos ou europeus, em termos de gostos, hábitos e cultura?

C - «Estamos divididos. África é-nos transmitida pela experiência dos nossos familiares, a cultura europeia faz parte da nossa vivência, acompanha o nosso crescimento e formação.»

A - «Eu sinto-me mais atraído pela Europa. Vim de Angola com quatro anos e, praticamente, não conheço nada da minha terra. Mas gostava de ir lá conhecê-la. Embora a música europeia me atraia mais que a africana, cá dentro sei que sou de África, e é esse sangue que me corre nas veias.»

B - «Eu gosto dos dois lados da mesma forma. Agora, identifico-me mais com a moda europeia.»

D - «Em minha casa só se ouve música africana ou brasileira.»

- Isso acontece com todos?

B - «Comigo não. Aliás o meu pai é branco e a minha mãe moçambicana. Lá em casa já há, por natureza, a influência das duas culturas.»

- No vosso grupo de vinte e um, havia algum branco?

C - «Por acaso, não.»

- Porquê?

C - «Os africanos têm diferenças. Embora tenhamos amigos brancos, o relacionamento é mais fácil com africanos, isso é fruto da nossa maneira de ser mais dada, mais espontânea. Estamos mais abertos aos outros. Para além de que somos sol-

idários.»

- Vocês sentem essa divisão cultural como um drama? Sentem-se filhos de terra nenhuma?

D - «Não. Eu penso sempre regressar à África.»

A - «Eu, também.»

B - «Só penso ir de férias. Estou habituado a viver desta forma, penso que não me adaptaria, ia sentir falta de muita coisa.»

Gostam principalmente de rock, mas também de pop, música africana e géneros derivados, como funky e reggae.

São jovens iguais a quaisquer outros, respeitando as diferenças, compreendendo os fenómenos que provocam o racismo, a marginalização. Não querem viver com medo e demonstram ser pessoas preocupadas e conscientes.

A - «Sabemos que se acabar este grupo de "cabeças rapadas" o problema não fica resolvido. É preciso, sim, acabar com as organizações nacionais e internacionais que lhes dão origem. Esse é o problema, e só o Estado o poderá resolver. Não permitimos é que esta guerra de rua se mantenha, e aí só conta a auto-defesa, porque sabemos que não podemos contar com as entidades policiais.»

C - «Não somos as únicas vítimas dos "skins". Não entendemos é porque os brancos não se unem da mesma forma, para pôr cobro às suas selvarias. Talvez por medo. Se estivéssemos todos juntos tudo seria mais fácil. Só respeitamos os fãs do heavy metal, porque também não se ficam. É que eles são corajosos, só actuam em número superior e contra pessoas desamparadas. Gostávamos que esta guerra acabasse por aqui, porque também nos preocupa o aumento de violência por parte deles, e nada nos garante que a seguir às facas não venham as armas de fogo e, porque violência gera violência, as ruas se transformem num perigo para inocentes, onde se confrontem gangs.»

Marla José Belo Marques

Carlos Coelho deixa presidência da JSD

O presidente da Juventude Social Democrata, Carlos Coelho, vai demitir-se do cargo no Conselho Nacional da JSD, marcado para amanhã, anunciou à Lusa fonte social-democrata.

Carlos Coelho deverá anunciar a sua demissão na intervenção que fará nesse dia, logo no início dos trabalhos. Aquele militante do PSD já entregou ao presidente do partido a carta com o pedido de resignação.

De acordo com a mesma fonte, no encontro de sábado deverão registar-se grandes mudanças.

Hoje mesmo realiza-se a reunião da Comissão Política Nacional da JSD, no decorrer da qual será preparado o primeiro Conselho Nacional de 1990 onde será analisada também a situação política nacional e discutida a intervenção daquela estrutura no próximo Conselho Nacional do partido, agendado para a próxima semana.

Coelho na Assembleia

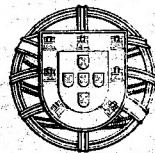
Ao abandonar a liderança dos jovens social-democratas Carlos Coelho não deixa a política, pois passará em breve para vice-presidente do grupo parlamentar do PSD.

A acompanhá-lo nesta tarefa deverá ficar Cardoso Ferreira. Estes dois nomes, que ainda não foram formalmente eleitos substituem Carlos Encarnação, actual secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares e Miguel Macedo, secretário de Estado da Juventude.

A lacuna que deixada por Coelho na presidência da JSD deverá ser preenchida por um dos dois candidatos já adiantados: Pedro Passos Coelho e José Meireles. Duas figuras que, segundo fontes do PSD, têm maiores hipóteses de suceder a Carlos Coelho.

Entretanto, os jovens social-democratas anunciaram, em comunicado, que obtiveram «resposta favorável do secretário de Estado da Defesa Nacional» à reclamação que fizeram junto do ministro daquela pasta sobre o alargamento do prazo para pedido de adiamento da inspecção.

I Série
N.º 8
Dia 10
de
Janeiro



DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Gabinete
do Ministro
da República para a
Região Autónoma
da Madeira

Decretos de 10 de Janeiro de 1990:
Exonera o Vice-Presidente do Governo Regional e Coordenação Económica, Dr. Miguel José Luís de Sousa, e o Secretário

Regional da Agricultura e Pescas, engenheiro Francisco de Paula de Sá Perry Vidal. Nomeia o Dr. Miguel José Luís de Sousa Vice-Presidente do Governo Regional e Coordenação Económica, o engenheiro Francisco de Paula de Sá Perry Vidal, Secretário Regional de Economia, e o Dr. José Paulo Baptista Fontes, Secretário Regional de Finanças.

Região Autónoma
da Madeira

Assembleia
Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional
n.º 1/90/M:
Altera o Decreto Legislativo Regional n.º 10/88/M, de 9 de novembro, que estabelece a estrutura orgânica do Governo Regional da Madeira.

foot

CADA
VEZ MAIS
A SEU GOSTO!

JÁ À VENDA



V. NEVES

SONDAGEM

A remodelação justificou-se

Cavaco Silva e a sua nova equipa vão dar outro fôlego à governação e permitir que o primeiro-ministro se mantenha em funções até 1991

A importância da recente remodelação governamental para os desafios que o País enfrenta, a curto e a médio prazo, é reconhecida por 70,7 por cento dos portugueses auscultados em mais uma sondagem Euroteste/ «DL».

O inquérito também revela que 47,8 por cento dos inquiridos consideram que a remodelação ministerial se justificou, ainda que 33,9 por cento a entendam como um recurso de Cavaco Silva para contentar os sectores e as personalidades que o apoiam no PSD.

Neste contexto, 35,9 por cento dos entrevistados admite a possibilidade de haver nova remodelação até 1991, que deverá ocorrer entre 6 meses a 1 ano segundo as estimativas de 39,6 por cento dos inquiridos.

Em relação ao modo como a nova equipa de Cavaco governará, 41,1 por cento das respostas aceitam que ela fará melhor trabalho do que o Executivo anterior, uma razão forte para 65 por cento dos inquiridos acreditarem que o primeiro-ministro continuará em funções até às legislativas de 1991.

No que respeita à oportunidade da remodelação, 14,9 por cento dos entrevistados entendem que ela se justificou totalmente e 47,8 por cento parcialmente, contra 4,7 por cento de respostas diametralmente opostas e 10,7 por cento que vêem simplesmente a remodelação como injustificada.

Já sobre a importância desta mexida no Executivo, reconhecida pela esmagadora maioria dos entrevistados, 13,2 por cento diz que ela não é importante, enquanto 6,2 por cento a encara como nem importante nem deixando de o ser. Mais explícitos foram os 9,8 por cento que alegaram não saber responder à pergunta.

Contentar os apolantes

Interpelados sobre se Cavaco Silva procurou, com esta remodelação, contentar os sectores e as personalidades que o apoiam dentro do PSD, 33,9 por cento dos entrevistados respondeu que sim, enquanto 30,5 por cento pensa, em alternativa, que o primeiro-ministro quis pacificar o seu partido. Um pergunta difícil, com 19 por cento a assumirem não saber responder e 16,2 por cento a considerar que não se tratou nem de uma coisa nem de outra.

A possibilidade de Cavaco Silva vir a proceder a uma nova remodelação governamental até às eleições legislativas de 1991 teve a concordância de 29,6 por cento dos inquiridos, contra 35,9 por cento de respostas taxativas que não contemplam essa hipótese. Na dúvida, responderam 21,3 por cento, enquanto 12,7 por cento optou por alegar não saber responder.

Surpreendentemente, quando se perguntou às mesmas pessoas qual o tempo que demorará até ocorrer uma nova possível remodelação, 39,6 por cento disse ser previsível que ela aconteça entre 6 meses a 1 ano, 18,3 por cento entre 3 a 6 meses e 6 por cento apontou para um prazo de 3 meses. Note-se que a percentagem de inquiridos que não souberam responder a esta pergunta foi de 16,5, o que colide com o facto de 35,6 por cento ter afirmado que não haverá nenhuma remodelação até 91.

Um Governo melhor

Sobre se o novo Governo fará ou não um melhor trabalho do que o Executivo anterior, 41,1 por cento dos entrevistados diz acreditar nessa melhoria, 7,7 por cento tem opinião contrária e 32,6 por cento admite que a prestação da nova equipa de Cavaco não será melhor nem pior.

A última pergunta desta sondagem Euroteste/ «DL» aborda a hipótese de o primeiro-ministro continuar ou não em funções até 1991, visto que dispõe de maioria parlamentar. A esmagadora maioria dos entrevistados, 65 por cento, acredita que ele continuará a governar até ao fim da legislatura, contra 12 por cento que prevêem a queda de Cavaco para antes dessa data. Na dúvida, responderam 18,4 por cento dos inquiridos, enquanto 4,6 por cento disse não saber responder.

Ficha técnica:

Universo - Indivíduos com 18 ou mais anos, residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto;

Amostra - Constituída por 300 entrevistas telefónicas;

Trabalhos de campo - Informação recolhida nos dias 8 e 9 por oito entrevistadores;

Margem de erro - De mais ou menos 5,7 por cento a 95 por cento de probabilidade.

Quadro de resultados

	SEXO			IDADE				REGIÃO		CLASSE		
	TOTAL	Mascu lino	Femi nino	18 a 24	25 a 34	35 a 54	55 mais	Gr. Lisboa	Gr. Porto	A/B	C1	C2/D
TOTAL	300	138	162	46	66	110	78	204	96	90	117	93

P.2. - JUSTIFICAÇÃO DA REMODELAÇÃO MINISTERIAL

Tot. Justificada	14.9	19.5	11.0	10.0	19.3	15.9	12.7	16.2	12.2	18.1	13.5	13.5
Justificada	47.8	42.6	52.2	53.2	51.0	54.1	33.2	50.4	42.4	48.7	52.5	41.0
Injustificada	10.7	14.9	7.2	15.8	11.6	9.1	9.3	10.7	10.8	13.5	10.9	7.8
Total Injustificada	4.7	5.3	4.2	7.1	4.7	3.0	5.9	2.3	10.0	.6	7.3	5.6
N. Just./N. Injust.	9.0	5.3	12.1	1.4	7.7	3.9	21.5	9.7	7.3	8.8	5.1	14.0
Não sabem	12.4	12.4	12.3	12.5	4.6	13.4	17.4	10.8	15.8	9.4	10.1	18.1
NR	.5	—	.9	—	1.0	.7	—	—	1.5	.8	.6	—

P.3. - IMPORTÂNCIA DA REMODELAÇÃO PARA O DESAFIO QUE O PAÍS ENFRENTA

Importante	70.7	68.1	72.8	82.0	75.0	64.6	68.9	70.7	70.7	72.6	72.4	66.6
Não é importante	13.2	15.7	11.1	13.4	15.1	16.2	7.2	12.7	14.2	12.9	11.5	15.6
N/é nem deix. ser	6.2	8.5	4.2	4.6	2.3	6.1	10.5	6.0	6.5	4.2	5.7	8.6
Não sabem	9.8	7.7	11.5	—	6.7	13.1	13.5	10.6	8.0	10.2	9.9	9.2
NR	.2	—	.4	—	1.0	—	—	—	.7	—	.6	—

P.4. - CAVACO SILVA PROCUROU...

Content. sect. e as person. que o apoiam no PSD	33.9	34.6	33.3	45.9	27.7	27.2	41.5	30.9	40.3	31.2	36.6	33.1
Pacificar o PSD	30.5	39.9	22.5	39.3	38.6	31.7	16.7	31.7	27.8	32.8	33.5	24.4
N/coisa n. outra	16.2	12.9	18.9	8.9	12.4	18.5	20.3	19.6	8.9	16.3	13.4	19.6
Não sabem	19.0	12.6	24.5	6.0	19.2	22.6	21.5	17.9	21.5	19.7	15.4	22.9
NR	.4	—	.8	—	2.0	—	—	—	1.4	—	1.1	—

P.5. - POSSIBILIDADE DE REMODELAÇÃO ATÉ 1991

Sim. Haverá	29.6	32.1	27.5	40.6	31.7	27.9	23.9	29.0	31.0	25.4	33.2	29.2
Sim. Talvez haja	21.3	15.0	26.6	22.7	22.4	16.6	26.3	21.7	20.3	23.0	21.8	18.9
Não. Não haverá	35.9	39.8	32.7	30.7	34.7	40.1	34.2	36.2	35.3	37.4	32.1	39.3
Não sabem	12.7	12.3	13.0	6.0	11.2	14.6	15.1	12.5	12.9	13.0	12.4	12.7
NR	.5	.8	.3	—	—	1.0	.6	.5	.5	1.2	.4	—

P.5A. - POSSIBILIDADE DE NOVA REMODELAÇÃO: DAQUI A QUANTO TEMPO?

BASE:	192	83	109	32	43	66	52	130	62	57	79	56
Menos de 3 meses	6.0	6.1	6.0	4.2	12.6	5.2	2.7	5.9	6.3	8.7	6.3	3.0
3 meses / 6 meses	18.3	25.0	13.3	28.5	19.8	9.5	22.1	17.7	19.7	25.0	12.5	19.9
6 meses / 1 ano	39.6	34.3	43.6	39.7	40.5	44.4	32.6	41.8	34.9	35.2	43.4	38.7
Mais de 1 ano	16.5	18.4	14.9	21.3	16.9	18.2	10.9	13.9	21.8	14.9	16.0	18.7
Não sabem	19.3	16.1	21.8	6.3	10.1	22.7	30.8	20.7	16.6	16.3	21.3	19.7
NR	.2	—	.4	—	—	—	.9	—	.7	—	.6	—

P.6 - NOVO MINISTÉRIO: GOVERNARÁ...

TOTAL:	300	138	162	46	66	110	78	204	96	90	117	93
Melhor	41.1	42.9	39.6	63.3	41.9	35.1	35.9	45.0	32.7	33.6	47.5	40.2
Pior	7.7	9.8	6.0	8.3	6.7	9.5	5.8	5.3	13.0	8.5	8.7	5.8
N/melhor N/pior	32.6	28.2	36.3	15.0	41.9	33.7	33.5	32.2	33.4	36.4	26.9	36.0
Não sabem	18.1	19.0	17.4	13.4	9.5	21.7	23.1	17.1	20.4	20.1	16.8	17.9
NR	.4	—	.8	—	—	—	1.6	.4	.6	1.4	—	—

P.7 - CAVACO SILVA EM FUNÇÕES ATÉ 1991?

Sim, continuará	65.0	68.5	62.0	81.5	78.7	57.9	53.8	68.0	58.7	69.9	59.2	67.5
Talvez continue	18.4	17.7	18.9	11.8	10.1	19.9	27.0	17.1	20.9	16.2	21.6	16.4
Não continua	12.0	9.4	14.2	5.4	8.8	13.7	16.1	10.2	15.8	10.8	12.8	12.2
Não sabem	4.6	4.4	4.8	1.2	2.4	8.5	3.1	4.7	4.5	3.1	6.3	3.9
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Inquérito - Sondagem «Diário de Lisboa» - Euroteste

Qual é o dinheiro que mais o escandaliza?

- O dinheiro obtido por grandes heranças;
- O dinheiro ganho pelos desportistas (jogadores de futebol, etc.);
- O dinheiro ganho pelos artistas de cinema;
- O dinheiro ganho pelos políticos;
- O dinheiro ganho pelos médicos, advogados, etc. (profissões liberais);
- O dinheiro ganho pelos quadros superiores de empresas;
- O dinheiro ganho pelos operários especializados;
- O dinheiro ganho na Bolsa.

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Heranças	10,5	28,9	8,3	11,1	
Desportistas	39,2	46,7	40,6	38,6	30,1
Artistas cinema	7,2	19,2	10,9	3,2	
Políticos	68,5	73,3	87,5	53,9	55,5
Prof. liberais	6,3	1,0	6,9	6,6	7,4
Quadros sup.	5,7		4,4	9,6	
Operar. esp.	0,2		0,4		
Bolsa	5,7	7,8	8,6	4,0	

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Heranças	14,0	10,7	5,8	12,7	8,5
Desportistas	40,7	35,7	42,3	45,8	33,2
Artistas cinema	10,9	7,3	2,5	9,5	5,2
Políticos	77,5	74,7	48,1	75,8	61,9
Prof. liberais	7,4	4,3	7,9	9,1	3,8
Quadros sup.	7,4	5,6	3,8	4,6	6,7
Operar. esp.	0,5				0,3
Bolsa	4,4	7,7	4,2	5,8	5,6

Haver pessoas com muito dinheiro, escandaliza-o muito, pouco ou nada?

	REGIÕES				
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte
Muito	16,6	16,7	22,8	16,7	9,8
Pouco	28,4	29,7	41,3	32,0	13,4
Nada	53,4	53,6	34,3	49,3	75,0
NR	1,6		1,7	2,0	1,8

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Muito	16,6	10,2	21,6	18,0	10,6
Pouco	28,4	32,9	31,2	26,7	23,5
Nada	53,4	55,9	45,7	55,2	60,2
NR	1,6	1,0	1,6	0,1	5,7

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Muito	14,2	20,5	15,6	16,7	16,5
Pouco	33,6	29,2	20,2	29,8	27,1
Nada	51,0	49,6	61,1	51,6	54,9
NR	1,2	0,8	3,1	1,8	1,4

	RELIGIÃO				
	TOTAL	Católica	Protestante	Ortodoxa	Teste. Jeová
Muito	16,6	17,2			26,0
Pouco	28,4	27,9	19,3		14,3
Nada	53,4	53,3	76,5		35,3
NR	1,6	1,6	4,2	100,0	50,4

Imagine que tinha em seu poder uma campainha. Se a tocasse morreria um milionário desconhecido, no outro lado do mundo, e você receberia toda a sua fortuna, sem que ninguém soubesse como isso tinha acontecido. Seria capaz de tocar essa campainha?

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim	8,7	9,4	14,2	7,2	2,4
Não	84,7	82,6	80,0	86,7	90,1
NS/NR	6,6	8,0	5,9	6,1	7,4

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim	15,0	6,9	2,0	10,3	7,4
Não	80,6	84,2	91,0	83,2	86,1
NS/NR	4,4	8,8	7,0	6,6	6,5

Os portugueses

Quanto mais pobres menos invejosos

A maioria dos portugueses (53,4 %) não se escandaliza com o dinheiro excessivo de outros portugueses, embora seja igualmente significativa a percentagem dos que se escandalizam muito ou pouco, 45 por cento.

Uma análise mais detalhada desta sondagem levanta a concluir que as reacções mais negativas partem de classes médias em ascensão e que é muito menor a inveja de classes pobres ou dos habitantes de regiões menos desenvolvidas. Isto se conclui da discriminação por habitat: as gentes mais ricas do Porto são as que se escandalizam mais (64 %) e as do Interior Norte as que se escandalizam menos (23 %). E isto se confirma numa análise resultante da caracterização classista: de facto, é a classe baixa a que menos se escandaliza com os ricos (34,1 %), o que contrasta com a reacção da classe média superior, em que 52,8 por cento dos inquiridos se considera chocado com o excesso de dinheiro na mão dos outros.

O sociólogo Paquete de Oliveira, confrontado com estes resultados, adiantou uma explicação: "a classe média é a de mais forte mobilidade ascensional, a que mais aspira a ser rica, a que, naturalmente, se acha em condições mais favoráveis para ter dinheiro. Mas, como nos últimos anos tem sido

muito penalizada e atravessado algumas dificuldades, agasta-se no confronto com as realidades e com a comparação com aqueles que exibem mais dinheiro. Pelo contrário, as classes pobres estão marcadas pelo conformismo, interiorizado por valores morais e religiosos."

Esta relação afectiva com a riqueza, marcada pela cobiça, pela inveja, mergulhada numa competitividade que assume, por vezes, aspectos ferozes, é típica de uma sociedade que, politicamente, começou recentemente a ser gerida por princípios de darwinismo social, tão do gosto dos neo-liberais.

Esta doutrina, expandida, no século passado, nos Estados Unidos, por Herbert Spencer, elige os ricos como o produto de uma selecção natural, as dos mais capazes, as dos condutores do progresso e de desenvolvimento, e condena os pobres a uma eutanásia, destinada a doentes sociais. Spencer chegou a cobrir a doutrina com um manto bíblico, para desculpar a pabulização dos ricos e conformismo dos pobres, ao escrever: "Deus quis que os grandes fossem grandes e os pequenos, pequenos."

Portugal atravessa uma nova fronteira, a do desenvolvimento, cuja travessia origina um realinhamento de classes dominantes, o acesso de novos protagonistas ao

poderio económico, aos quais arrastam, por sua vez, um novo séquito, sequioso de riqueza. Tudo isto origina algum novoriquismo, muita inveja, bastantes perfidias. A competição sobreleva a justiça e disto tudo dão uma ligeira e apagada imagem os resultados desta sondagem.

A justiça vai ter de esperar o momento em que houver consciência social de que o progresso não se mede apenas pelo cifrão desmesurado.

Como escrevia outro americano, este dos raros economistas ianques de tendência socialista, Henry George, "Se todo o aumento de riqueza que o progresso traz não fizer outra coisa senão edificar grandes fortunas, aumentar o luxo e acentuar o contraste entre a Casa da Posse e a Casa da Necessidade, o progresso não é real e não pode ser permanente."

Mas continuemos a catar mais algumas realidades sociais no tecido complexo desta sondagem. Verificamos, por exemplo, que os que ainda não entraram no mercado do trabalho ou os que já estão a sair do mundo da competitividade, isto é, os mais jovens e os mais velhos, constituem os grupos etários a quem menos engulhos causa o dinheiro dos outros. O "pecado" do ressentimento já começa aos vinte anos: mais de 50 por cento das pessoas dos 20 aos 29 anos mostram

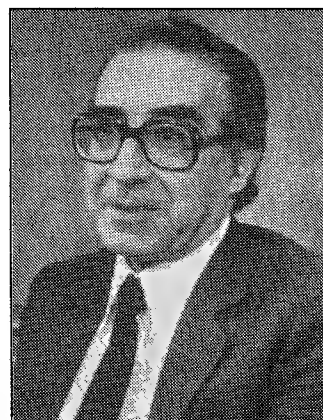
escândalo (ou inveja?) com a riqueza dos outros. Essa percentagem baixa para 39,9 nos menores e para 35,8 nos idosos de mais de 55 anos.

Numa outra questão, que não vamos ter espaço para tratar, os sondados, cerca de 80 por cento, não estão de acordo com o princípio de que o que interessa é ter dinheiro. A opinião do sociólogo Correia Jesuino -esse mesmo, aquele comandante de marinha que se notabilizou no MFA no pós-25 de Abril - é a de que esta resposta é hipócrita: "As pessoas gostam, mas não assumem a riqueza. É uma resposta típica dos países mais pobres. E é uma resposta que está em contradição com outra em que diziam que o dinheiro não escandaliza. Se o dinheiro não é importante, as pessoas deveriam responder que o dinheiro escandaliza."

Quando se tratou de personalizar ou caracterizar as fontes de dinheiro escandaloso, temos de confessar que os portugueses revelam uma absurda falta de perspectiva social do problema. Num país onde tanto se especula imoralmente, quando não ilícitamente, na área financeira, na área fundiária, na agiotagem, os portugueses vertem toda a sua aversão sobre os políticos e os futebolistas. Que haja quem, de um dia para o outro, ganhe fortunas em pouco claras

Levantem-se os réus

Os portugueses dizem-se escandalizados com o dinheiro ganho pelos políticos e pelos desportistas. Dois dos réus deste julgamento popular foram chamados a defender a causa própria.

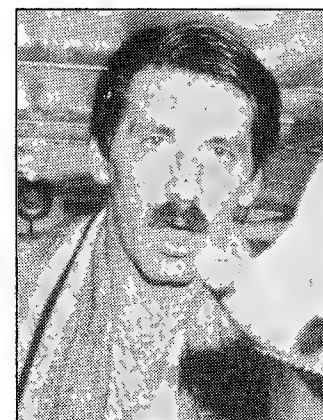


Almeida Santos
«Poder mal pago gera a corrupção»

O antigo ministro da Justiça Almeida Santos considera que classe política é uma das mais causticadas pelo sentido crítico dos cidadãos. «E é bom que assim seja. O controlo do poder exercido pela opinião pública é um dos aspectos fundamentais

do equilíbrio democrático».

Para aquele deputado socialista existe uma normal tendência para comparar o que ganham os políticos com o auferido pelo comum cidadão. «Digamos que é uma forma de os compelir a prestar mais atenção às dificuldades das populações», acrescenta. Esta classe figura entre as mais bem remuneradas e isso não cai bem aos olhos do português. Afinal, é ele que sustenta a grande família política. Almeida Santos encontra uma resposta pronta para tal desígnio: «O casamento do poder com as dificuldades financeiras gera com frequência um filho que dá pelo nome de corrupção». Afirma ainda que «embora eu esteja convencido de que os políticos são mais honestos do que se julga (já De Gaulle pensava o mesmo) é preciso não estimular excepções»



Carlos Manuel
«Uma pontinha de inveja...»

Ex-jogador de futebol no Benfica e actual no Sporting, Carlos Manuel sente-se pouco espantado com o facto dos portugueses, ferrenhos adeptos do desporto que pratica profissionalmente, não acharem tanta graça ao dinheiro que dali

extraí. «Na nossa terra é assim, só se aponta o dedo aos que melhor estão na vida, quando é precisamente o contrário que se deveria fazer», frisa, acrescentando: «É preciso rever o estatuto de quem ganha pior neste país, olhar para as pessoas mais desfavorecidas e tentar melhorar a sua situação».

Contorna desta forma elegante a acusação que os contrerários lhe fazem. Esquiva-se a tecer comentários mais fortes acerca do assunto. Deixa, porém, escapar uma consideração menos subtil. «Talvez seja uma pontinha de inveja... que os move contra os jogadores», diz Carlos Manuel. E retifica: «Todos os miúdos desejam ser futebolistas. Poucos têm oportunidade de concretizar o sonho e isso leva-os a sentirem-se injustiçados face aos que tiveram essa sorte».

P.S.

P.S.

e o dinheiro (fim)



É difícil um rico entrar no reino do Céu?

operações bolsistas, que haja D. Brancas, médicos ou advogados que, por actos, bem simples, ganhem num dia o que um vulgar cidadão leva um ano a auferir, nada disso

os escandaliza, a não ser os políticos que só poderão ser postos em causa, alguns, quando se aproveitam dos cargos para ganhar por fora. É interessante notar que

são as classes mais altas e os mais jovens quem mais questiona negativamente o dinheiro dos políticos, o que é igualmente verdade em relação aos ganhos dos despor-

tistas. Quanto às profissões liberais, são as classes baixas e os jovens os mais chocados com o seu modo fácil de ganhar dinheiro.

Adelino Cardoso

Dos mercadores de sobrado aos usurários do «prego»

Uma lei de Afonso II de 1211 divide a população nas seguintes categorias: os que têm bens de raiz; os que exercem mester de que subsistem; os que têm senhor que responde por eles.

Em meados do século XIII é testada a presença de argenteiros portugueses em Baiona e em Bruges. O desenvolvimento precoce de actividades mercantis e marítimas leva ao aparecimento de grandes fortunas burguesas ou nobres.

Os próprios monarcas amealhavam e faziam frutificar o numerário através de iniciativas de comércio. Na Idade Média, os membros da Casa Real, a alta nobreza, o alto clero e a burocracia são activos comerciantes com a Flandres e o ultramar.

Especialmente nos séculos XIV e XV já existem algumas grandes fortunas a contrastar com as palavras de D. João II em 1489: «Vendo nós a míngua da moeda de prata que nestes nossos reinos há».

Em 1489 é lançada a unidade básica de prata: o vintém. A moeda aparecia como sinal na medida em que ela própria era uma riqueza. Porque era preciosa podia significar preço. Na realidade material da moeda fundam-se as suas funções, num tempo onde

nem esporadicamente aparecia o papel fiduciário para circulação total no interior do País.

Entre os séc. XV e XVIII, os capitais estavam muito aquém das necessidades económicas da sociedade portuguesa. No século XVI assiste-se a uma espécie de capitalismo monárquico. O rei era um importante elemento na montagem da organização capitalista em Portugal: «Juntava-se todo o dinheiro, tanto o da Coroa como o das partes, entregando-se ao feitor que o empregava e nesse emprego ficava responsável. Depois, na Casa da Índia se entregava à Coroa e às partes os fundos na proporção do dinheiro empregado».

Ao mesmo tempo assumiam relevo os «mercadores de sobrado» que emprestavam grandes somas e arrendavam ao Rei a cobrança dos impostos, adiantando-lhe o pagamento e regularizando os ingressos nos cofres reais.

Desde sempre, a realeza recorre a empréstimos mas, no século XVI, trata-se já do recurso permanente e institucionalizado ao crédito, situando-se num contexto dum mercado de capitais. Os juros das letras de câmbio pagos anualmente pelo Estado português chegavam a igualar

o lucro líquido das especiarias.

No século XVII faz-se sentir a carência de capitais nacionais. A proscrição de panos estrangeiros foi relacionada com a moralização dos costumes: «os homens andam enfeitados como mulheres e estas, nuas como maganas». Mas manifestavam-se as preocupações sociais: «moderados na monarquia os gastos dos grandes, menor seria a opressão dos pequenos. Todo o afã em coibir o luxo para impedir a passagem dos «cabeçais de ouro».

Desde 1675, que se fazia o balanço acerca do que os ingleses traziam ao reino e levavam para fora. A expectativa de chegada de dinheiros ia sacudir dos espíritos de governantes e governados, mais daqueles do que destes, as preocupações da frugalidade.

A posse das minas aumentava o numerário – e os preços – mas sem um desenvolvimento proporcional da população e das actividades agrárias e industriais, o ouro americano espalhava-se pela Europa e comprava os seus produtos.

Por muito que a «saca» dos vinhos crescesse era o ouro das minas que preenchia o

défice das relações comerciais. Era o caso das riquezas da Índia a dois séculos de distância, a repetir-se com respeito ao Brasil. A dificuldades com a economia brasileira obrigam ao aparecimento das «apólices pequenas», títulos de dívida pública emitidos em 1796-97. Era a festa comemorativa do centenário da crise monetária que no século anterior tinha levado ao aparecimento do papel moeda, pela primeira vez em Portugal.

No século XVIII, a ascensão do capitalismo português revela-se pela subida dos preços de arrematação dos contratos para a cobrança de impostos, pelo fortalecimento dos consignatários do tráfico marítimo, pelo aparecimento das companhias de empréstimo a juro – o «prego», pela acumulação de capital nas casas comerciais nacionais e estrangeiras de Lisboa, Porto e Setúbal.

As rendas rurais encaminhavam-se para as companhias pombalinas e para os empréstimos a juro que também eram concedidos pelos mosteiros. No conjunto, o capitalismo português fortaleceu-se na segunda metade do século XVIII embora com pendor usurário.

A partir da segunda metade

Matar ou não matar o Mandarin

Os portugueses têm uma atitude diferente dos outros povos face ao dinheiro e ao Poder? São mais violentos ou capazes de sê-lo para obter riqueza, mesmo que à custa do sacrifício de alguém? A propósito do Mandarin, quantos de nós seríamos capazes de tocar a campainha? «Por esse simples gesto o prémio era grande e a tentação de peso. O preço a pagar nem sequer era elevado, não fora o acto de aquele inocente toque de campainha ir matar, na China remota, sem qualquer dor, um desconhecido velho e doente Mandarin», diz José Dias Cordeiro, psiquiatra.

Para este médico o âmago da parábola chinesa é a de saber se somos, ou não, potencialmente violentos ou, mesmo, criminosos. Considera, nesta medida, que o recurso ao crime prende-se com questões mais amplas e complexas, entre elas os valores morais e a maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras, sobretudo nos grupos naturais – a família, a escola, a comunidade.

O psiquiatra levanta ainda algumas interrogações, que abrem espaço a uma reflexão ampla sobre os valores sociais: «O bem e a virtude são praticados por um ideal de justiça e harmonia ou são apenas o resultado do medo e do castigo? A capacidade de julgar e decidir os nossos actos faz parte integrante da estrutura humana ou deve-se apenas às limitações que são impostas pelos direitos dos outros?»

Segundo José Dias Cordeiro, o tema do Mandarin – tratado por autores como Eça de Queirós, Balzac e Didier – emerge na forma de conflito latente no nosso inconsciente colectivo.

«Todas as pessoas se debatem, consciente ou inconscientemente, com a questão dos desejos e com o preço a pagar pela sua realização», frisa o médico, acrescentando: «O imaginário do homem é povoado por desejos e ambições inconfessados e inconfessáveis e a forma como uma pessoa é capaz de lidar com os conflitos e as ambivalências que contém dentro de si, marca a diferença entre o ser racional e sociável e o indivíduo que está à mercê dos seus instintos e das suas ambições».



D. Pedro IV - o ouro do Brasil, mais uma oportunidade perdida

do século XIX aparecem ao lado das notas convertíveis dos vários bancos – o primeiro banco surge em 1822, em 1858 existem doze, em 1875 trinta e sete, em 1920 trinta – as notas não convertíveis que vão constituir a base do sistema único que há longo tempo vigora com uma excepção pontual em 1931.

O bimetalismo que dominou o sistema monetário obrigava a emissões régias fixando valores e também dando origem a que por vezes o curso da moeda sofresse distorções apresentando-se a moeda desvalorizada. A moeda desvalorizada expulsava a moeda boa, o que tinha como efeito altas de preços.

As manipulações sobre as moedas atingiam as relações externas e produziam alterações na repartição dos

rendimentos entre os diferentes grupos sociais. Face aos desequilíbrios internos e externos, os ingressos monetários que a emigração proporcionou foram extraordinários. As dificuldades levavam à emigração, donde vinha o ouro que compensava as vicissitudes económicas e financeiras. Os vestígios dessas fontes de riqueza eram patentes: «Se lançarmos a vista sobre as cidades, vilas e aldeias, ali encontramos palácios sumptuosos, casas elegantes, casais cómodos, todo edificado com o dinheiro que os emigrados de ontem trouxeram da emigração.»

Geraldo Dias, professor da Universidade Autónoma

INTERNACIONAL

Exonerado embaixador são-tomense em Lisboa

A embaixada de São Tomé e Príncipe em Lisboa, contactada pelo «DL» ao fim desta manhã, recusou-se a comentar as informações transmitidas pela Lusa e segunda as quais o presidente são-tomense, Manuel Pinto da Costa, exonerou o embaixador extraordinário do seu país em Lisboa, Frederico Sequeira.

A Lusa, citando fontes governamentais em São Tomé, admite a hipótese de que Frederico Sequeira venha a ser chamado a desempenhar as funções de ministro dos Assuntos Sociais.

A secretária do embaixador Frederico Sequeira afirmou que a embaixada em Lisboa ainda não teve conhecimento oficial da exoneração.

Pinto da Costa exonerou também a embaixadora são-tomense em Bruxelas, Manuela Margarido. A exoneração foi tornada pública num despacho divulgado hoje, em São Tomé, o qual diz também que os dois diplomatas serão chamados a desempenhar funções no Governo.

Aquele despacho não inclui a nomeação de novos embaixadores para os postos agora em causa. A decisão da Presidência da República são-tomense, segundo afirmaram ainda fontes oficiais à Lusa, procura dar resposta à necessidade de imprimir maior dinamismo e eficiência às suas missões diplomáticas, nomeadamente no domínio da cooperação.

Lisboa e Bruxelas são consideradas pelo Governo são-tomense dois «eixos importantes» para captar ajudas externas com vista ao desenvolvimento do país.

Independência do PC lituano não assusta Moscovo

Gorbachev em Vilnius quer apenas encontrar uma fórmula que preserve a integridade da federação soviética

Mikhail Gorbachev, que ontem iniciou uma visita de três dias à Lituânia, anunciou que está já a ser elaborada em Moscovo uma lei de secessão, mas não adiantou pormenores.

O porta-voz do Governo soviético, por seu turno, também se referiu a essa lei, salientando a necessidade de se criar "um mecanismo de divórcio".

Em declarações a um jornalista de uma cadeia de televisão britânica, na capital lituana, Guennady Guerassimov disse que "se alguém deseja partir, devemos preparar mecanismos especiais, dado que os interesses dos outros estão também em jogo, tal como no casamento".

Questionado sobre se a lei irá possibilitar uma independência total, o porta-voz afirmou: "Temos um artigo na Constituição segundo o qual todas as repúblicas têm direito à dissidência. O direito está lá".

A Constituição soviética de 1977 garante o direito à independência mas, até ao momento, esse direito não foi reconhecido.

Gorbachev reúne-se hoje com os líderes lituanos, numa tentativa de evitar a decisão separatista do PC local.



"Liberdade, liberdade", gritaram em Vilnius centenas de milhares de lituanos, numa manifestação que coincidiu com o início da visita de Gorbachev

Moscovo defende uma ampla autonomia da república, mas dentro da federação soviética.

A chegada do líder soviético a Vilnius, a capital lituana, foi assinalada por uma manifestação que reuniu aproximadamente 200 mil pessoas, pedindo a total independência de Moscovo.

Mas no caminho do aeroporto para a cidade (e o mesmo aconteceu na praça principal da capital) Gorbachev foi saudado "cordialmente" pela população,

segundo a agência Tass.

Ontem, a Frente Sajudis, um movimento radical pró-independente, voltou a lançar um apelo, pedindo ao povo lituano para se manifestar durante a visita de Gorbachev, sob a divisa "Liberdade e Independência para a Lituânia".

Gorbachev efectuou ontem várias visitas e manteve encontros abertos com trabalhadores e estudantes. À tarde, no Instituto Pedagógico de Vilnius, professores e estudantes disseram a Gor-

bachev que a separação do PC lituano do PCUS "corresponde à lógica da perestroika na república". Mas a maioria dos intervenientes negaram que exista qualquer ligação entre a separação do PC lituano e uma eventual retirada da Lituânia da URSS - diz a Novosti. Num passeio a pé com a mulher, Raisa, pelas ruas de Vilnius, Gorbachev disse a transeuntes que o separatismo, para já, poderia levar à tragédia.

Outros focos de tensão

Também ontem, o Parlamento da República da Arménia aprovou uma lei que lhe dá o direito de vetar leis soviéticas, uma decisão considerada um desafio à autoridade do Kremlin. Esta lei é considerada uma resposta directa a Moscovo, que na quarta-feira declarou inconstitucionais algumas leis aprovadas nos Parlamentos da Arménia e do Azerbaijão, relacionadas com o enclave de Nagorno-Karabakh.

Também na Geórgia se vive um clima de tensão, após o assassinio de um georgiano, em circunstâncias não esclarecidas.

Redacção DL/Lusa/
/Reuter/Novosti

Eduardo dos Santos pretende deslocar-se aos EUA e à ONU

O Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, pretende deslocar-se às Nações Unidas e a algumas cidades dos EUA, a convite de congressistas norte-americanos, para clarificar a posição do seu Governo e explicar as propostas de paz, em oito pontos, apresentadas no seu discurso de Ano Novo.

A notícia foi ontem divulgada num comunicado do ministério das Relações Exteriores, em que o Governo de Luanda protesta contra o que classifica de ingerência norte-americana nos assuntos internos do país.

Mas as intenções de Eduardo dos Santos vêm renovar o empenho num dos principais objectivos da diplomacia angolana: flexibilizar as posições de Washington em relação ao conflito interno, retirando à UNITA, a sua principal base de apoio militar. Segundo o próprio comunicado do ministério das Relações Exteriores, Angola continua empenhada em estabelecer relações diplomáticas com os EUA.

Entretanto, no Zaire, o Presidente Mobutu encontrou-se, ontem, com o líder da UNITA, Jonas Savimbi, que declarou, à saída das conversações, ter-se encontrado com o chefe de Estado zairense, para o informar sobre a degradação da situação militar em Angola.

Nos últimos dias, uma série de acontecimentos enfraqueceu os esforços do mediador zairense com vista a uma solução do conflito angolano. Nomeadamente, o recrudescer das hostilidades entre o MPLA e a UNITA, o apoio declarado de Washington aos rebeldes, as acusações do Governo de Luanda contra o Zaire devido à utilização norte-americana da base de Kamina e a recusa

do Presidente Eduardo dos Santos em realizar eleições livres com a participação de Jonas Savimbi e da UNITA como força política independente.

Por outro lado, fontes políticas norte-americanas declararam, em Rabat, à agência Lusa, que Marrocos poderá vir a ser o próximo mediador no conflito angolano. As mesmas fontes acrescentam que esta posição tem o consenso dos Estados Unidos, União Soviética e do próprio Zaire.

Maputo regulamenta direito à greve

O ministério moçambicano do Trabalho publicou, ontem, as medidas transitórias do exercício da greve, numa altura em que se têm registado várias paralisações laborais e em que outros sectores ameaçaram já cessar a sua actividade. O Presidente Joaquim Chissano reconheceu, terça-feira, durante um comício que durou cerca de cinco horas, como justas e honestas algumas reivindicações que durante as últimas semanas levaram à paralisação de vários sectores da economia.

A onda grevista iniciou-se depois de 30 trabalhadores da revista «Tempo» terem interrompido a laboração por razões salariais.

Na base, o falhanço das medidas anunciadas pelo Governo moçambicano para minorar os efeitos das restrições económicas impostas ao país. As reformas económicas afectaram sectores como a educação, transportes, e os produtos essenciais de consumo, tendo-se verificado aumentos dez vezes superiores aos praticados anteriormente.

Redacção DL/Lusa

Militares checos em greve da fome

Um major checo, que pediu o anonimato, disse, em Praga, que mais de 150 unidades das Forças Armadas da Checoslováquia estão envolvidas em manifestações de protesto, e até em greves da fome, por considerarem que a revolução não teve ainda em conta as reformas militares propostas.

Esse major declarou: «Se o Fórum Cívico não reconhecer rapidamente a importância das nossas reivindicações perderá o apoio de que goza nas bases militares».

O militar recordou que antontem cerca de 10 mil pessoas, na sua maioria jovens, se reuniram em Praga, exigindo uma redução do serviço militar obrigatório e a melhoria das condições nos quartéis. Um regimento, estacionado na Boémia, recusou-se, como protesto, a realizar manobras.

O serviço militar foi reduzido de 24 para 18 meses relativamente aos mancebos a incorporar este ano mas muitos soldados, já incorporados, querem uma redução ainda maior e com efeitos retroactivos, de modo a abrangê-los.

Lusa

D. JOÃO E A MÁSCARA
UMA FÁBULA TRÁGICA DE ANTÓNIO PATRÍCIO

ENCENAÇÃO: MÁRIO FELICIANO
CENOGRAFIA: M. GRACA DIAS
FIGURINOS: EGAS JOSÉ VIEIRA
MÚSICA: VICTORINO D'ALMEIDA
LIZES: ORLANDO WORM

COM: EUNICE MUNOZ, JOÃO GROSSO
ESTRELA NOVAS: RUI PEDRO, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, CARMEN SANTOS, ILDE ROQUE, MARQUES D'AREDE, PAULA MORA, JORGE SEQUEIRA, JOÃO CERRAL, MARGARIDA MARINHO

PRINCIPAIS PATRÓCINOS: D. JOÃO VIEIRA, ANDRÉ ROSÁRIO, EDUARDO CRUZ

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO • CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA • FUNDAÇÃO ORIENTE • UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA LUIS DE CARLOS
COLABORAÇÃO DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
COLABORAÇÃO DO TEATRO NACIONAL S. CARLOS

3.ª a sábado às 21.00h
Domingo às 16.00h

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA
1200 LISBOA
TELEFONE 67 44 74

INTERNACIONAL

Em Espanha, França e Itália três PC's em aflição

Em Espanha, Itália e França os PC's procuram assimilar as indigestas novas realidades e tremem como folhas de Outono na ventania que veio do Leste

PCE aposta na Esquerda Unida

As reformas em curso no Leste europeu parece não terem grandes repercussões no Partido Comunista Espanhol, que há mais de duas décadas vem progressivamente abandonando a ortodoxia ideológica, para, na actualidade, fundamentar a sua acção apenas na análise marxista.

Este processo de transformações desenvolveu-se sempre na sequência de crises (algumas das quais conduziram a cisões) e visou sobretudo uma maior implantação junto das massas populares.

O PCE, com uma prática diversa da do PCUS, man-

doam o sistema democrático, em que todas as forças e ideologias se possam colocar em confronto e submeter-se ao julgamento popular.

Mas a *perestroika* espanhola está em curso e passa pela potenciação da Esquerda Unida, que engloba várias organizações, num vasto leque de forças de esquerda, em que pontifica o próprio PCE.

O Partido Comunista Espanhol pretende sobreviver e continuar a ser marxista; mas a tendência será a de esbater a sua presença, em benefício da Esquerda Unida, através da qual pretende ter um papel

mais activo na sociedade espanhola. Convém referir que a significativa subida da EU nas últimas eleições espanholas parece dar razão a esta estratégia.

Em recente entrevista ao diário madrilenho "El País", o actual secretário-geral do PCE reafirmou a sua crença no marxismo, como marco de referência ideológica, acrescentando no entanto

que, hoje, já não é concebível o "socialismo sem liberdade".

Júlio Anguita considera que a marcha da história não afectou apenas o comunismo, mas também a social-democracia, que não consegue "oferecer nada de novo".

Justificando a não mudança de nome do PCE, Júlio Anguita afirmou na entrevista que, se se colocasse inteiramente a questão de mudar as siglas, devido a "referências históricas negativas", nada ficaria de pé. "Nem a Igreja Católica, nem as democracias Ocidentais".

"Porquê mudar, se somos capazes de dar resposta aos problemas que temos aqui?" - interroga o líder do PCE, para em seguida concluir: "Somos os criadores da Esquerda Unida, que é uma força política muito moderna, porque nos movimentamos em condições mais adversas que as dos partidos comunistas dos países do Leste, que funcionaram com um catolicismo".

Jorge Ferrelra

O PCI quer conquistar a Esquerda silenciosa

Desde o meio dos anos 70, quando foi adoptado o «compromisso histórico» com os democrata-cristãos, que não havia, como agora, no Partido Comunista Italiano, um debate tão intenso e apaixonado.

O objecto da discórdia é, evidentemente, a aprovação pelo Comité Central da proposta do secretário-geral Occhetto, que visa «dar vida a uma nova formação política» e, até, mudar o nome do partido, que conta actualmente com um milhão de militantes.

A proposta pretende unir todos os elementos «silenciosos e dispersos» da esquerda

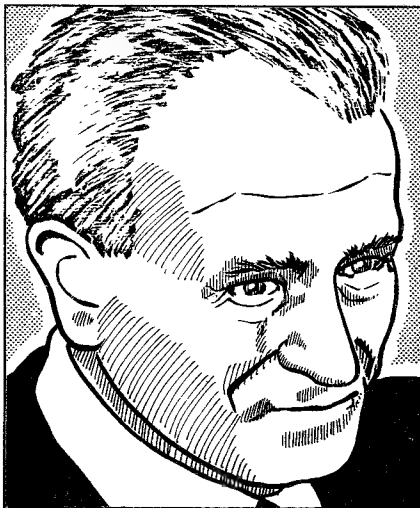
comunista...

Imprecisão política

Ingrao criticou a pouca precisão da «nova formação» proposta: «Não apenas os (eventuais) novos membros não estão identificados, mas também os critérios para uma avaliação séria de alternativas continuam por estabelecer. Confesso que não percebi se Occhetto tem em mente um partido social-democrata, um partido democrata, ou simplesmente uma força progressista».

Por detrás da proposta há o desejo de desobstruir o rígido processo político italiano, dominado desde o fim da Segunda Guerra Mundial pelos democrata-cristãos, cuja sólida base, constituída pelos católicos e os conservadores, lhes garante um terço do eleitorado, contra 25 por cento dos comunistas, que têm vindo a baixar de votação.

O aliado natural do PCI, o Partido Socialista, mostrou durante anos uma grande aversão a qualquer aliança com os comunistas. Ao invés disso,



Pietro Ingrao

italiana, incluindo Verdes, dissidentes do Partido Socialista e elementos da juventude apolítica e dos católicos progressistas.

A nova formação iria ser «o agente de reforma de todo o sistema político italiano e contribuir para o fortalecimento da esquerda europeia», segundo Occhetto.

Pietro Ingrao, de 74 anos, o político veterano mais respeitado do PCI, fala vigorosamente contra aquilo que considera o repúdio do comunismo italiano.

Afirmou perante o Comité Central:

« Parece-me claro como água que houve diferentes teorias e hipóteses estratégicas avançadas em nome do comunismo: de Marx a Engels, de Rosa Luxemburgo a Lenine, de Estaline a Gramsci. Mantenho que o comunismo italiano foi e é diferente do defendido pelos partidos e regimes ditatoriais do Leste, que hoje estão em desagregação e nunca representaram uma sociedade

Ellen Nakashima
Exclusivo «DL»/ Gemini

Os sapos que o Leste tem feito engolir ao PCF

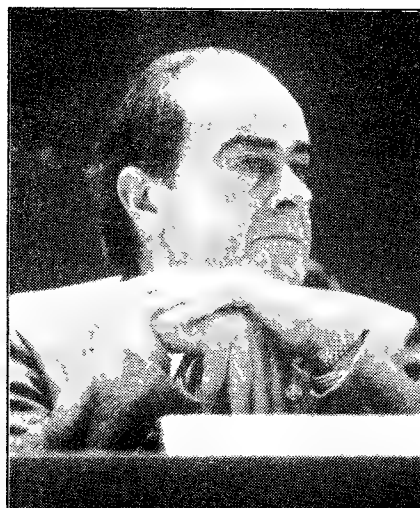
As cenas de violência que envolveram a queda do regime de Ceausescu, a macabra descoberta das valas comuns de Timisoara, transmitidas praticamente em directo e durante longas horas pela televisão francesa, impressionaram profundamente os franceses e vieram exacerbar a grave crise por que passa o Partido Comunista Francês. A reacção de solidariedade que a revolução romena suscitou em França só se pode comparar à chuva de questões e de críticas que desabaram sobre a cabeça de Georges Marchais, o inabalável e truculento secretário-geral do PCF.

ministros comunistas dos primeiros Governos Mitterrand, como Marcel Rigout, ex-membros do Comité Central, como Felix Damette, e militantes em geral, sem contar com o que sobra de intelectuais comunistas, como o encenador Antoine Vitez, exigem a cabeça de Marchais e uma severa auto-crítica do partido, uma espécie de flagelação pública e mediática que, por alguma forma, os redima de todos os seus pecados.

«Menos comunista e mais trabalhista»

Mas a direcção do partido, manietada até agora pelo grupo de Marchais, mantém-se intratável. A tese oficial reza que a evolução política na URSS não decorre da falência do comunismo, mas sim da sua extraordinária capacidade de auto-reforma.

Resta saber até que ponto Marchais conseguirá superar o seu isolamento mesmo no seio do secretariado do partido. O silêncio



Georges Marchais

Atacado política e pessoalmente, visto ser de conhecimento público que ele costumava passar férias na Roménia, Marchais defendeu-se como pôde, com a mesma dose de hipocrisia e de má-fé que tem vindo a caracterizar a reacção da direcção do PCF aos acontecimentos do Leste. O PCF manifestou a sua solidariedade para com o povo romeno que conquistara com o sangue a liberdade, fez votos para que encontrasse o caminho do verdadeiro socialismo e declarou só agora ter tomado conhecimento dos desvarios do ditador romeno que, pessoalmente, Marchais nem se recordava ter encontrado com frequência.

Como ainda em Novembro o PCF enviara uma delegação ao último congresso do Partido Comunista Romeno, a pílula era grande demais para ser engolida por muitos dos dirigentes do partido, apesar de estarem habituados a engolir os sapos que a evolução política do Leste europeu lhes tem servido assiduamente. Hoje, ex-

de homens como Roland Leroy, Paul Laurent ou Charles Fitterman, pode significar que o render de armas de Marchais não estará longe.

Com a saída de Marchais seria possível iniciar uma revisão cautelosa das posições do partido, rumo a uma versão «menos comunista, mais trabalhista», sem que haja, no entanto, uma ruptura total com o passado.

Enquanto isso, apesar de desacreditado politicamente, o PCF dispõe ainda de trunfos. O primeiro é a sua influência no mundo do trabalho através da CGT. O segundo reside no peso que tem na gestão de importantes municípios. Finalmente, o Governo de Rocard necessita da abstenção dos comunistas no parlamento para fazer aprovar algumas leis que a direita se recusa a apoiar. E não haver eleições legislativas à vista também é uma vantagem para o PCF.

Pedro de Souza, em Paris

(ver também
pags. 2, 3 e 4)



Júlio Anguita

teve durante muitos anos uma relação tensa com o Kremlin, que se agravou com a condenação da invasão soviética da Checoslováquia, em 1968.

Integrado na linha dos chamados «eurocomunistas», em 1978 abandonou o leninismo, depois de antes ter rejeitado o estalinismo, o que não significa que algumas práticas estalinistas não tivessem por vezes ensombrado o seu percurso. Não é previsível que nos próximos tempos o PCE mude de nome, por os seus dirigentes considerarem que na actualidade o que se «esvaziou» foi o modelo soviético, e não o comunismo em si, com um passado de luta «gloriosa», ainda vigente, porque o capitalismo não conseguiu dar resposta aos problemas mais gritantes da humanidade.

Comunismo só com liberdade

Os comunistas espanhóis defendem, no entanto, que não pode haver comunismo sem liberdade individual, sem hipóteses de opção. E por isso

Militares «digerem» mal política do Govern

Em locais diferentes, reúnem-se hoje em Lisboa antigos alunos da Academia Militar e da Escola Superior de Sargentos. Os jantares de confraternização, com a adesão de milhares de quadros das Forças Armadas, foram convocados numa altura em que é manifesto o clima de descontentamento reinante desde que foram conhecidos os novos estatutos e vencimentos, vindos a lume na sequência de um processo controverso que ainda não acabou. Os diplomas que contemplam cada um dos problemas estão, para promulgação, nas mãos do Presidente da República. Militares envolvidos no processo que instaurou em Portugal a democracia queixam-se, por outro lado, de serem preteridos nas promoções ou afastados das fileiras sem razão legal

Oficiais protestam de luva branca em festa de aniversário

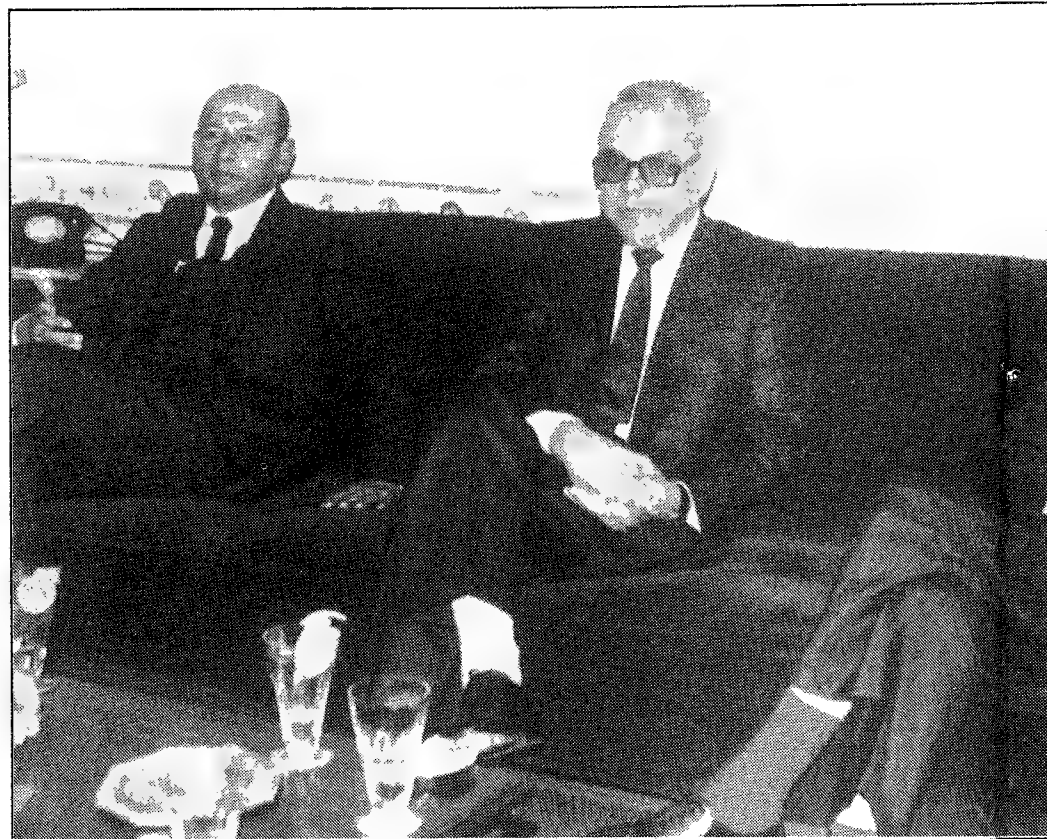
No fim do século passado e princípios deste, qualquer oficial que se sentisse ofendido nos seus dias entrava pelo gabinete do comandante e entregava-lhe a espada. O protesto ficava lavado na acta da ética. Hoje, os antigos alunos da Academia Militar, entre os quais alguns civis, reúnem-se para confraternizar, tendo na mesa talheres mais curtos que os sabres de outro tempo. O mal-

estar exprime-se pela coesão.

A confraternização da tarde de hoje, na Academia Militar, não quer ser mais do que isso. O Estado-Maior do Exército desmentiu por antecipação quaisquer especulações políticas sobre esta festa, mas ninguém ignora que a tropa está descontente pela mesma razão por que, noutro tempo, punha a espada sobre a mesa do comandante.

Demonstrar a coesão, sem querer meter medo, convocar através da Imprensa, Rádio e Televisão um encontro ameno e fazer de um jantar a prova do espírito de corpo que parecia definitivamente comprometido por querelas políticas disfarçadas de profissionais e vice-versa, tal parece ser o significado mais profundo da confraternização aludida.

A publicidade dada à



O novo ministro da Defesa, Carlos Brito, entre o seu antecessor, Eurico de Melo, e o gen...
ao qual uma lei recente deu a possibilidade de continuar como CEMO

comemoração do aniversário da Academia Militar desmente, aliás, quaisquer intenções conspirativas da parte dos oficiais e civis que, pela mera exibição da unidade, vão dizer-se humilhados pela forma como foram tratados alguns assuntos castrenses.

Queixam-se os oficiais que o seu estatuto profissional não é hierarquizável nos termos em que isso pode ser feito noutros ofícios. Ao mesmo

tempo, todos estão de acordo quanto à representação da globalidade do espectro político português entre os convivas, porque os militares não militam nos partidos mas também votam e podem, nas messes, nos cafés ou em casa, cultivar o inalienável direito a resmungar.

O único fio condutor é o da camaradagem. Por isso, tudo indica que o importante foi o processo que conduziu à

reunião e não propriamente o que suceda depois dos brindes e das despedidas de mais ou menos antigos colegas de Academia ou camaradas de armas, ou tudo isto ao mesmo tempo.

Estatuto vexatório

O que mais chocou os militares com que conversámos não foi a questão do dinheiro, mas sim a forma que revestiu a aprovação de um estatuto. an

Estatuto não lhes serve, Governo contraria proposta de vencimentos, hierarquia rejeita democratização

Sargentos estão descontentes

Os sargentos estão cada vez mais descontentes: aprovaram a criação da sua Associação Nacional, apresentaram-na publicamente, têm uma Comissão Nacional para reivindicarem aquilo que consideram ser justo para eles, mas deparam com toda a espécie de contrariedades. A hierarquia recebe as suas propostas e reclamações, mas não resolve nada. O estatuto não acolhe as suas aspirações mínimas (nem mesmo o desdobramento da classe em mais dois escalões), o Governo não atende as suas exigências quanto aos vencimentos.

A tabela de vencimentos recentemente aprovada pelo Governo colheu-os de surpresa: aos 213 mil escudos reivindicados para o sargento-mor o ministro da defesa respondeu com 200 400 escudos; aos 197 780 escudos da sua proposta para o sargento-chefe, a tabela que entretanto entrou em vigor (com retroactivos a Outubro do ano findo) Outubros, também no quarto escalão, 171 mil escudos; aos 185 mil escudos pedidos para o aju-

dante - o grupo mais numeroso da classe - a tabela avançou com 153 800 escudos. Menos vinte mil escudos exigia a Comissão Nacional de Sargentos (à Associação Nacional compete objectivos deontológicos) para o primeiro-sargento, mas o Governo não foi além dos 134 400 escudos. O aumento de tempo mínimo de permanência nos postos (de quatro para cinco anos no primeiro-sargento, dois para cinco no ajudante, e de um para quatro anos no chefe), de par com o alargamento de quinze para vinte anos do prazo mínimo de passagem à reserva e a antecipação da idade de reforma para os 65 anos ou ao fim de nove anos de espera, vieram alargar a onda de descontentamento que domina a classe.

Perante este quadro, não surpreende que a classe continue em luta, com oficiais ao seu lado, como alguns responsáveis garantem.

As Forças Armadas nas mãos

«Se quisermos, paramos as

Forças Armadas», disse recentemente Martins Correia, sargento da Armada, numa reunião em que dois outros membros da Comissão Nacional representavam a classe. A afirmação causou calafrios nos comandos militares.

Reclamam mais uma carreira (os oficiais foram recentemente contemplados com outra) e não lha dão; pedem mais dois escalões para a classe e ninguém lhes dá ouvidos. Apela à democratização das Forças Armadas e não têm resposta.

Estão naturalmente descontentes e sabem o que valem, quanto pesam na movimentação das Forças Armadas. Dizem que a sua democratização «só é possível com a entrada dos sargentos no vínculo hierárquico». Pretendem ser ouvidos nos locais de decisão e direcção. Querem participar na compra de equipamentos e na gestão financeira e do pessoal.

Os vencimentos estão-lhes atravessados na garganta. São o elemento aglutinador de todas as suas reivindicações,

o factor determinante para o êxito da sua luta, a que comandos-hierarquia e Governo estão atentos. Ao recusarem a tabela que a Comissão Nacional lhes remeteu, tentaram abrir brechas entre os sargentos, minar a unidade que saiu à rua no Encontro Nacional de Sacavém, depois reforçada, por mais de uma vez, na Voz do Operário.

General é que é bom!

No tocante aos sargentos, o Estatuto da Condição Militar das Forças Armadas não corresponde às necessidades da classe - disseram elementos representativos da classe ao DL. Falta-lhe a maioria das propostas que os sargentos elaboraram e entregaram à hierarquia. Esta recebe as propostas «mas não lhes liga importância», frisa um membro da Comissão Nacional.

A questão dos vencimentos é a pedra angular de toda a polémica que tem envolvido a classe, por entre apelos e preces à dignidade e à dignificação das suas funções. A mais leve dúvida comparam

as suas remunerações às dos generais, citando percentagens de hoje e percentagens de ontem.

Um dirigente com o qual fizemos o ponto da situação disse ao DL que há dois anos auferiam 60 por cento da mensalidade do general de três estrelas e que, presentemente, o ordenado corresponde a pouco mais de 40 por cento.

«A proposta dos sargentos é razoável, é perfeitamente comportável a nível de orçamento. Está de acordo com as necessidades da classe e consonante com as funções e tarefas desempenhadas pelos sargentos», acentua o mesmo dirigente.

O sargento desempenha funções de chefia e comando, ao nível executivo, cabendo-lhe ainda, quase com carácter de exclusividade, a instrução dos soldados. «Não há razões para sermos tão mal tratados nesta questão dos vencimentos», acrescenta.

Muitos anos de luta

Os sargentos «não estranham nem enjeitam a luta,

porque nela foram talhados», disse um dos membros da Comissão Nacional ao DL. Aliás, numa comunicação apresentada em 1985 ao seminário da Associação 25 de Abril, o sargento Armando Parreira descarnou a história da classe, lembrando que até aos anos sessenta foram considerados como «contratados a prazo», que a partir dessa década começaram a surgir manifestações pela sua «valorização profissional» e que em 70/71 falaram, já, da necessidade do seu estatuto.

O primeiro balanço feito sobre o trabalho estatutário não é nada lisonjeiro para as chefias militares, que «apelam à participação dos militares na discussão, mas não promovem a atempada divulgação dos projectos», acusa a Comissão Nacional. Daí que tenha sido apresentada «uma compilação da legislação já existente, em que direitos foram omitidos ou alterados de modo gravoso», denunciou o dirigente acima referido.

Júlio Rodrigues

erno para as Forças Armadas



o general Soares Carneiro,
o CEMGFA

Sentiram-se vexados, mesmo os tidos e havidos como mais conservadores. É da forma que se trata.

Foi também razoavelmente mal vista a transição das verbas de aquisição de material para as Forças Armadas de cada um dos ramos para o Gabinete do Ministro da Defesa. Ministro que, no caso de Eurico de Melo, acabou por ver diminuída a confiança política por parte do

Governo, quando ajustou um determinado número de aumentos e verificou que, afinal, os números não conferiam.

Dizem militares descontentes que um erro de contabilidade terá confundido os serviços de Eurico de Melo, pouco afeitos a uma nova técnica orçamental. Dizem que houve confusão com quatro milhões de contos de contribuição de Portugal para a Aliança Atlântica. Dizem que foi à conta dessas contas que Eurico de Melo faltou à verdade, sem querer. Dizem também que as polémicas sobre os novos helicópteros da Armada nada têm a ver com os protestos proferidos em surdina pelos oficiais dos três ramos.

Mas a substituição de Eurico de Melo por uma personalidade ainda há pouco candidata à presidência da segunda maior Câmara Municipal do País é que não terá agradado de sobremaneira aos militares, habituados a ver na pasta da Defesa um dirigente nacional de primeiro plano, como nos casos de, na faixa política actualmente hegemónica, Adelino Amaro da Costa, Freitas do Amaral ou Eurico de Melo. Quanto a este assunto, porém, os desabaços vieram apenas coroar um processo de manifestações de descontentamento, principiado, por coincidência, na altura em que começou a ser pensada a reunião de hoje.

Tudo principiou há cerca de três meses, quando alguns jornais noticiavam alguma agitação castrense em torno do estatuto dos oficiais.

Entre pirâmides e cilindros

Em Forças Armadas ideais, o comando exerce-se através de uma pirâmide também ideal, com poucos nos postos cimeiros e muitos na base. Sucede, porém, que a estrutura habitual se assemelha mais a uma ânfora, estreita na base constituída pelos oficiais saídos há mais ou menos tempo da Academia Militar que hoje faz anos, um tanto mais larga no topo, mas obesa a meio.

O Quadro de Complemento tem por função compensar, na base, a falta de alferes formados pela Academia Militar, ao integrar milicianos que anualmente passam pelas fileiras.

O Quadro Permanente de oficiais teria, aliás, forte tendência a assemelhar-se com o cilindro, caso vencessem teorias defensoras de um Exército todo profissional. Soldados contratados por tantos anos formariam a base da pirâmide ideal referida.

Tais formas de pensar nem são de pôr de lado, numa época marcada pelo desarmamento-mas no interior das estruturas de comando, existe outra filosofia, mais democrática, pelo menos quanto ao recrutamento geral. O serviço militar obrigatório

e mesmo o papel dos sargentos, descontentes como se sabe, passam a estar na primeira linha das preocupações dos oficiais que hoje se juntam.

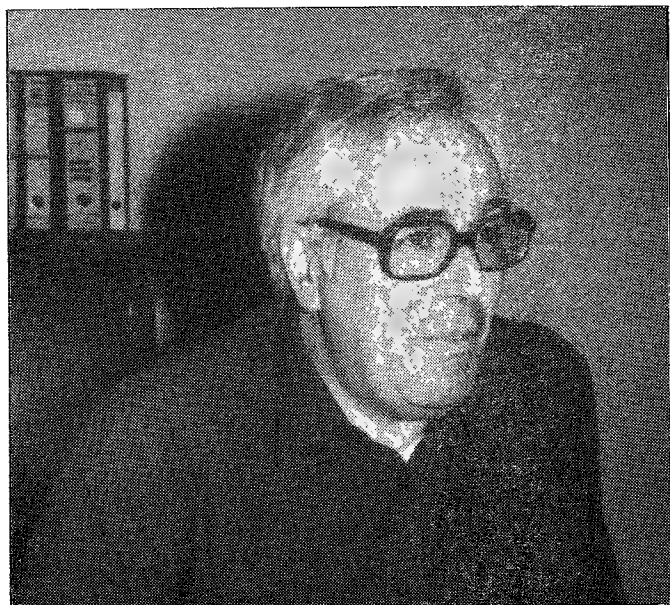
Preços e valores

Os oficiais que se batem pelo serviço militar obrigatório, com a consequente defesa do papel do Exército, pensam que «há determinadas coisas que não são preços, são valores», uma vez colocados perante a nudez crua dos números apresentados pelos partidários da tese oposta.

Alegam aqueles, em defesa do seu ponto de vista, a integração das Forças Armadas no conjunto do povo, sem grandes demagogias, mas sempre com o exemplo mais velho do 25 de Abril e a imagem recente da luta dos profissionais da Securitate romena contra o contingente geral das Forças Armadas que derrubaram o ditador. Passa por aqui também a destrição entre submissão e subordinação, que quadros qualificados do Exército sublinham, sem que nem por sombras pretendam repetir a cena do juramento de bandeira no Ralis, anulado logo a seguir ao 25 de Novembro Condenados ao silêncio pelas leis que os regem, os militares no activo juntam-se a ex-colegas da Academia para jantar.

Sabem que a palavra é de prata e o silêncio é de ouro.

João Isidro



Garcia dos Santos recusou convite Cavaco para presidir ao Conselho de Telecomunicações

Chefes trocam passo a Garcia dos Santos

Na «prateleira» desde Novembro de 1983, o ex-chefe do Estado-Maior do Exército diz que só no ano 2001 passará à reserva

Ainda se lembram de Garcia dos Santos? Claro: foi Chefe do Estado-Maior do Exército quando Ramalho Eanes era Presidente da República, Mário Soares primeiro-ministro e Mota Pinto ministro da Defesa. Até que este último pediu a Soares, para Salazar Braga, a chefia do Exército. Em 23 de Novembro de 1983, para evitar um confronto institucional com o Governo, Eanes aceitou a diligência de Soares e a exigência de Mota Pinto: o «Bloco Central» manteve-se de pé por mais algum tempo, o Presidente da República poupou o País à queda de mais um Governo, o Parlamento continuou em funções, não foi dissolvido.

Garcia dos Santos, protagonista desta história numa conhecida «guerra de bastidores» e de tricas político-partidárias-governamentais, foi afastado da chefia do Estado-Maior do Exército. Nunca lhe disseram abertamente porquê. Nunca mais desempenhou funções militares, de acordo com a carreira que escolheu. Não está arrependido.

Cavaco Silva convidou-o em 1987 para presidir ao Conselho Nacional de Telecomunicações. Foi a última - Garcia dos Santos diz que foi a única - diligência do Governo para ocupar este general com 37 anos de carreira e mais onze, pelo menos, para cumprir, pois não pensa pedir a passagem à reserva. Com o aumento do limite de idade para 65 anos, Garcia dos Santos só no ano 2001 atingirá essa situação.

O convite do primeiro-ministro chegou a Garcia com a condição deste não pôr condições. O ex-CEME pôs uma, prévia: a de ser empossado por Cavaco Silva, uma vez que o presidente daquele serviço depende do chefe do Governo.

Pôs aquela condição, mas nada tinha, nem tem, contra o ministro dos Transportes, Obras Públicas e Comunicações. Como Cavaco não aceitou dar-lhe posse, Garcia dos Santos recusou o convite. É frontal: considera inadmissível terem aumentado para 65 anos o limite da passagem à reserva dos oficiais superiores. «Para impedir a passagem à reserva de uma pessoa, não se pode decidir assim, em prejuízo de muitas outras», salienta Garcia dos Santos, mantendo-se contra o tratamento de excepção aberto em relação a Soares Carneiro para que este se mantenha na chefia do Estado-Maior-General das Forças Armadas até perfazer 65 anos.

O actual CEMGFA completará 62 anos em 25 do corrente, pelo que nesse dia deveria, em condições normais, passar, como até aqui aconteceu a todos os outros chefes militares nas mesmas condições, deixar a tropa a outros - e o comando aos nomeados. «Foi uma decisão tomada contra todos e contra todos e que por essa razão caiu mal na área militar. Desde sempre nos batemos pela redução dos limites de idade da passagem à reserva para garantir perspectivas de carreiras a outros, e nunca pelo seu aumento».

O antigo chefe do Estado-Maior do Exército receia que a medida frustre as aspirações da camada dos jovens oficiais intimamente ligados ao 25 de Abril, que na melhor das hipóteses não passará de tenente-coronel. «A maioria deles passará à reserva como majores ou tenente-coronéis, porque os mais velhos vão servir de rolha para a promoção dos mais novos», admite Garcia dos Santos, que coloca a dúvida sobre a intencionalidade ou a ignorância da decisão.

Não está arrependido da sua opção profissional e acha que valeu a pena ter participado na primeira linha do 25 de Abril, «embora muita coisa tenha corrido mal».

Júlio Rodrigues



No desfile das hipóteses de futuro, o serviço militar obrigatório em vez da tropa profissional



Auto Monumental do Arco
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Que futuro para as Forças Armadas?

Muito se tem escrito sobre as Forças Armadas e a sua adaptação às circunstâncias decorrentes do fim das guerras em África e na Ásia.

Parecendo haver um pensamento largamente consensual quanto à evidente necessidade da sua reconversão — e obviamente redução — diversas questões surgem então no nosso espírito.

Por exemplo: se a política de defesa, bem como o pensamento estratégico dela decorrente, devem ser objecto de um consenso alargado que resista às variações do poder político normais numa sociedade democrática porque é que tal facto não se traduziu já nos primeiros sinais de reconversão?

Porque é que a tradução prática desse consenso ainda não foi sentida suficientemente no País em geral e nas Forças Armadas em particular?

Ou seja: porque é que se compram estes ou aqueles meios aéreos, estes ou aqueles navios, estes ou aqueles carros de combate?

Em consequência de que decisões? Ou porque são mais baratos ou porque são objecto de rivalidades, consequência da tentativa de afirmação do poder pessoal ou do peso de grupos de pressão?

Porque é que os efectivos militares permanentes continuam quase ao mesmo nível de há 15 anos quando parece evidente a toda a gente que os quadros militares devem ser desenhados em função das armas que são consideradas como as mais aconselháveis dentro de um conceito de custo/eficácia?

Porque é que se esquece, por outro lado, que foi às Forças Armadas que se deveu que a transição para a democracia se tivesse feito sem grandes sobressaltos no território europeu e na sequência desse tipo de esquecimento se olhem agora as Forças Armadas apenas como uma «despesa inútil»?

Porque é que se esquece que foram as Forças Armadas que arcaram com o ónus principal de uma política

colonial sem futuro, não se procurando assegurar para os seus quadros excedentários uma reforma condigna na sequência de um plano de redução de efectivos que evite os traumatismos provocados pelo quebrar de carreiras profissionais?

Ou, em alternativa, porque é que não se programou um plano de reocupação profissional que tivesse permitido uma reinserção em actividades consentâneas com a preparação desses mesmos quadros profissionais?

Ou, em alternativa, porque é que não se programou um plano de reocupação profissional que tivesse permitido uma reinserção em actividades consentâneas com a preparação desses mesmos quadros excedentários?

Porque é que as respostas a estas questões têm sido quase sempre quer o seu adiamento quer a tentativa de obtenção de soluções pontuais desenhadas de uma apreciação global de todos os factores em jogo ou procurando apenas obter geral ou de alguns em particular, esquecendo os interesses do País e o próprio futuro das Forças Armadas?

Porque é que um ministro da Defesa se demite sem que haja um perfeito e rápido esclarecimento das razões de tal acto, para mais em momento onde o público é notório haver inquietação nas Forças Armadas sobre diversos aspectos que lhes dizem respeito?

Algumas respostas

Se não são fáceis algumas das respostas a estas questões, por outro lado, a existência de grandes consensos a outras provadas pelos inúmeros artigos que têm surgido na imprensa nos últimos anos permite alinhar algumas tentativas de resposta.

Há que afirmar desde logo que a política de defesa deve obter o maior consenso possível, o qual deve ser estabelecido a partir do diálogo entre os maiores partidos de representação parlamentar, o qual terá por seu turno que

ser motivado e conduzido sob iniciativa governamental, antes de passar à apreciação dos órgãos para o efeito previstos na Lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas, sem esquecer naturalmente a necessidade da abertura destas questões a um debate alargado no plano nacional.

Evitar-se-iam assim ou minorar-se-iam os efeitos perniciosos que mudanças radicais de orientação trariam certamente a uma área que para ser eficaz necessita de uma estabilidade adequada.

É evidente, por outro lado, que não se deveria ter atrasado, tanto a tentativa em curso, do estabelecimento de condições estatutárias claras (Estatuto da Condição Militar) e consequente tradução em termos não só das carreiras profissionais como também dos aspectos remuneratórios. Atraso que — um pouco à semelhança do ocorrido no Outono marcelista dos princípios de 1974 — se tentara à pressa remediar, porém em fase de já avançada saturação do ambiente militar, com todas as consequências negativas de tal facto, as quais, se bem que longe das condições de há 16 anos nem por isso deixam de ser menos preocupantes para quem deseja dar ao resto da Europa uma imagem de estabilidade política ou de apontar as mudanças a Leste o «exemplo português».

Contudo, tal atraso — porque desinserido de uma aproximação correcta obrigatoriamente enquadrada dentro de uma política de defesa consistente — não deveria igualmente ter feito esquecer a necessidade de um conjunto de decisões vitais para o nosso país dentro de um quadro de boa administração dos recursos de que dispomos — os quais como sabemos não são muitos — e que parecem ser consensuais:

— Os efectivos normais dos quadros profissionais das Forças Armadas devem ser redimensionados sendo tal redimensionamento feito em função das armas («sistemas



Luís Costa Correia, oficial da Armada (RAA)

de armas» — meios aéreos, navais, terrestres) definidos de acordo com a identificação das ameaças com maior grau de probabilidade, dos recursos financeiros (e outros) disponíveis e da política de alianças defensivas.

— A escolha dos sistemas de armas mais adequados à protecção possível dos interesses nacionais não deve deixar de ter em conta a evidente necessidade de uma actualização mínima face aos desenvolvimentos tecnológicos existentes noutros países, sem que se caia quer no exagero da aquisição de meios desajustados por excesso às nossas necessidades e com os consequentes encargos financeiros quer na aquisição de meios já obsoletos sob o argumento de «serem baratos» e que se traduzem nor-

malmente em gastos acrescidos de manutenção ou em ineficácia comprovada.

Tal escolha não deve igualmente esquecer a vantagem da motivação da investigação científica e industrial no aperfeiçoamento dos sistemas adquiridos ou na concepção de novos.

— O dever constitucional do serviço militar obrigatório impõe sob outro ponto de vista que haja a flexibilidade necessária para o adoptar às circunstâncias actuais sem que por seu turno se deva esquecer o papel fundamental que desempenha na contenção de potenciais de eventuais excessos de natureza pretoriana.

— A dimensão relativa dos diversos Ramos das Forças Armadas deve ser função dos sistemas de armas escolhidos para serem a base do aparelho

militar de defesa e não o contrário.

Evitar-se-á, assim, que haja mais generais no Exército que Divisões ou Brigadas (ou mesmo Regimentos), mais oficiais-generais na Força Aérea que Esquadrilhas de Caça, mais almirantes que Fragatas e Corvetas.

Que transição

A transição para o modelo adoptado não deve ser brusca, antes sê-lo-á gradual.

Pressupõe o estabelecimento de um plano de redução de despesas que o País verá com bons olhos, o que permitirá, aliada a um redimensionamento gradual dos efectivos, a reconversão — motivada — dos quadros excedentários e a criação de condições de saída antecipada do serviço activo em condições dignas, a dignificação das carreiras militares com a consequente tradução — e aceitação pelo colectivo nacional — em termos estatutários de prestígio social e remuneratórios.

Tem custos, é certo, todo este conjunto de actos.

Muitos deles traduzidos em termos pessoais com ambições profissionais que se quebram com reformulações de actividades que se sentem difíceis com eventuais situações de injustiça que não se superam no foro interior.

Todavia são custos necessários. Pressupõem uma liderança diferente para as Forças Armadas, não só a nível governamental, como também no plano das chefias militares. É que transformar profundamente uma estrutura militar tem os seus custos, os seus riscos, uma técnica.

Comandá-las neste momento tem que significar liderar o processo. Liderá-lo nas circunstâncias actuais tem que ser consequência de um trabalho de grupo com generais e almirantes com a formação democrática adequada aos tempos modernos, uma postura de abertura para ouvir e firmeza para se fazer ouvir e a capacidade para decidir.

O País assim o exige.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MOITA

ANÚNCIO

A DR.ª FILIPA BERBEREIRA MONIZ, Meritíssima Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca da Moita.

FAZ SABER QUE no dia 14 do próximo mês de Março de 1990, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial, nos autos de Carta Precatória n.º 267/889, 2.ª secção, vinda da 2.ª secção do 7.º Juízo Cível de Lisboa e extraída na Execução de Sentença n.º 623/877 que a UNIÃO FABRIL FARMACÉUTICA, S.A. move contra MOITEX-SOCIEDADE COMERCIAL DE MERCEARIAS, Lda, com sede na Av.ª Miguel Bombarda, n.º 53 Moita, não de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima dos valores indicados no processo, os seguintes bens:

Um veículo automóvel de marca Austin-Mini, de cor «Branco sujo» e de matrícula BN-91-54.
Uma máquina facturadora eléctrica, de marca «Olivetti».

Moita, 21 de Dezembro de 1989.

A Juiz de Direito

a) Filipa Berbereira Moniz
A Escrivã-Adjunta

a) Alerta G.R. de Jesus

«DL» 12/1/89 — 2.ª Pub.

CABELEIRAS DINABEL



Postiço Suzana



Mod. GENY



Mod. DINA



- Tranças e postiços de cabelo natural e sintético, a nível europeu
- Cabeleiras com frente e risca «Transparente»
- Adaptáveis a todos os estilos de penteados
- Próteses capilares para homens de incomparável perfeição
- Assistência técnica permanente
- Visite a nossa exposição de penteados das 9 às 19 horas.

Rua Morais Soares, 82-2.º F
Tel. 83 44 34 1900 LISBOA

CHARRUA do lavrador



COZINHA PORTUGUESA ESPECIALIDADES NO CHURRASCO

ENCERRA AOS SÁBADOS

Av. Duque D'Ávila, 11-13 • 1000 Lisboa • Tel: 543448

QUOTIDIANO

Protecção Civil aponta carências de actuação

O Centro Distrital de Santarém fez novas propostas depois das últimas cheias do Tejo

«Repensar e eventualmente modificar os planos de emergência» para o Vale do Tejo, foi uma das conclusões a que chegou ontem o governador civil de Santarém, Pereira da Silva, durante uma reunião do Centro de Coordenação Distrital de Protecção Civil.

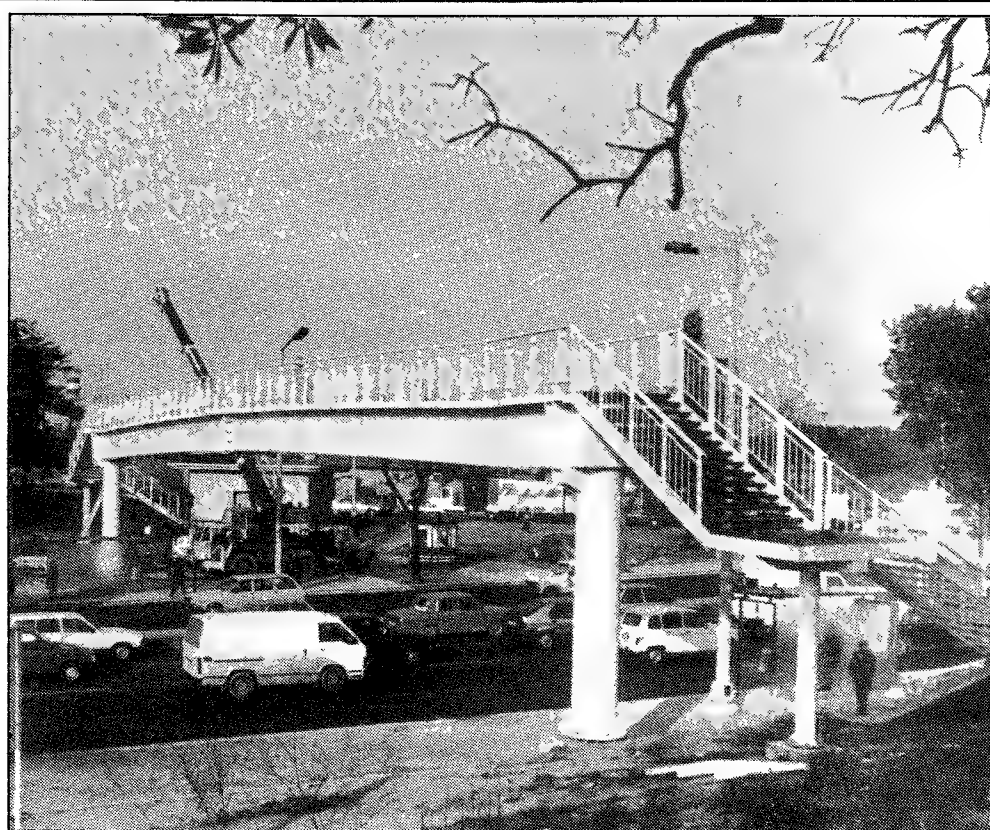
Depois de ter «analisado exaustivamente» a situação vivida durante as últimas cheias nesta região, a Protecção Civil anunciou ontem, durante uma conferência de Imprensa, que «a participação dos cidadãos e o respeito rigoroso pelas instruções das forças de segurança são imprescindíveis», para o controlo de situações como as verificadas durante as últimas cheias.

A Protecção Civil disse ainda que é necessário o desenvolvimento dos Serviços Municipais de Protecção Civil e dos seus planos de emergência, «bem como a ampliação do sistema de ligações de rádio, nomeadamente com os serviços municipais de Protecção Civil e as Forças Operacionais em momento de intervenção».

«Recomendar aos agricultores que exerçam a sua actividade nas zonas inundáveis os maiores cuidados na utilização da terra, nomeadamente na necessidade de conservação dos sistemas de drenagem e protecção dos solos», foi outra das conclusões a que chegou a Protecção Civil.

Em relação aos 200 mil contos atribuídos pelo Governo para apoiar as populações sinistradas e carenciadas, o governador civil escusou-se a comentar a atribuição da verba, salientando, contudo, que o dinheiro «não se destina exclusivamente ao distrito de Santarém».

Nesta reunião estiveram presentes representantes das Forças Armadas, Forças de Segurança, Serviços de Hidráulica do Tejo, Comando Operacional de Bombeiros, Centro Regional de Segurança Social, Administração Regional de Saúde de Santarém, EDP, telecomunicações, Ministério da Agricultura, Junta Autónoma de Estradas, Cruz Vermelha e Hospitais distritais de Santarém e Abrantes.



Nova passagem aérea

Os passeios que marginam a Avenida Gago Coutinho estão, a partir de hoje, ligados por uma passagem superior para peões, junto à Rotunda do Relógio. Esta passagem vem facilitar não só o trânsito de peões como, também, o tráfego rodoviário naquela artéria da cidade. Tem cerca de 42 metros, o que representa o maior vão até agora construído em Portugal para este tipo de estrutura.

Explicado a apoiantes dos presos das FP-25 Falta de consenso bloqueia lei da amnistia

Uma sub-comissão parlamentar disse a uma representação de apoiantes dos presos do chamado «caso FUP/FP - 25» que a libertação destes detidos através de amnistia esbarra na inexistência de um consenso suficientemente alargado na Assembleia da República.

Os deputados Vieira Mesquita (PSD), Alberto Martins (PS) e Odete Santos (PCP) prestaram a informação

quarta-feira a elementos da Comissão Solidariedade contra a Repressão que estiveram em S. Bento para contactar a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias.

Na explicação dos parlamentares, o projecto de lei de amnistia apresentado pelo antigo independente eleito pelo PSD Coelho dos Santos não se concretizou por insuficiência de votos concor-

dantes.

A representação da Solidariedade contra a Repressão que protagonizou este contacto era composta pelo coronel Varela Gomes, Francisco Martins Rodrigues, Américo Duarte e Aldemira Almeida e Sousa, companheira de José Ramos dos Santos, o detido deste processo que hoje entrou no 32º dia de greve de fome.

Os três deputados asseguraram ainda, na circunstância, que iriam pedir uma audiência sobre o assunto ao ministro da Justiça.

Para a Solidariedade contra a Repressão, de acordo com o que foi revelado ao DL por Francisco Martins Rodrigues, as situações clínicas mais preocupantes entre os presos do caso FUP/FP 25 de Abril em greve de fome são as de Ramos dos Santos e Aldino Mendes Pinto.

Martins Rodrigues citou a opinião do médico da cadeia de que Mendes Pinto, há 27 dias sem se alimentar, pode entrar em coma a qualquer momento.

Francisco Martins Rodrigues expressou ao DL a estranheza da comissão de apoiantes a estes detidos de que faz parte pelo facto de nenhum responsável do Ministério da Justiça se haver ainda deslocado a Caxias para se inteirar da situação e das razões dos grevistas.

Lotaria Nacional

fracção privilegiada	7 273	100 000 contos
	10	+5 000 contos
	39 624	15 000 contos
	8 360	4 000 contos
APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO		
	1 272	1 000 000\$00
	7 274	1 000 000\$00
APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO		
	39 623	500 000\$00
	39 525	500 000\$00
APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO		
	9 259	216 250\$00
	3 25	216 250\$00
PRÉMIOS DE 1 250 CONTOS		
	10 583, 19 272, 21 016, 28 75, 38 066, 39 445,	
	47 276, 51 65, 67 077 e 73 191	
PRÉMIOS NOS ALGARISMOS FINAIS		
1 250 000\$00	1 742	Fracção 5º e
450 000\$00	273	
80 000\$00	624	
40 000\$00	360	
20 000\$00	037, 509, 630, 831 e 893.	
10 000\$00	3 e 2	
PRÉMIOS DE CENTENAS		
35 000\$00	7 201 a 7 300	
15 000\$00	39 601 a 39 700	
12 500\$00	8 301 a 8 400	



jornal de letras, artes e ideias

Renovado
às terças-feiras

Eduardo Lourenço escreve sobre os países do Leste A derrocada das utopias



João de Freitas Branco

A herança da música,
a lição do gosto

Um «especial» de seis páginas
sobre o homem e a obra



A nova coluna João de Melo «País com Ilhas»



Revista promove seminário sobre o ensino

«Escolaridade obrigatória e formação profissional» é o tema que está a ser hoje debatido no seminário «Sistema Educativo: Consensos e Tensões», organizado pela revista «O Professor» e a decorrer, desde ontem e até amanhã, no anfiteatro da Universidade de Aveiro.

«O sistema educativo, o professor e o sucesso escolar» foi o tema que ontem, Ana Benavente, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, Manuel Santos Matos, da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, do Porto e da Redacção de «O Professor» e Rogério Fernandes, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, debateram.

Simultâneos da Radiopress terminam segunda-feira

Os simultâneos da rede nacional de rádios, coordenada no Porto pela Radiopress, vai terminar segunda-feira, revelou o responsável pela emissora, Manuel Teixeira.

Segundo a mesma fonte, a decisão vem na sequência da determinação do secretário de Estado da Comunicação Social, Albino Soares, que obriga as rádios a acabarem com as cadeias nacionais em simultâneo.

«Já mandei um ofício aos associados para acabarem com os simultâneos a partir de segunda-feira», referiu.

Manuel Teixeira adiantou, no entanto, que «continuava funcionar a rede nacional de informação inter-rádios, em que os blocos de noticiário serão emitidos em diferido».

Direcção Operacional de Distribuição Tejo



AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO LISBOA

CONCELHO DE LISBOA

Sector 3 — Rua Particular/Rua Saraiva de Carvalho, Rua Francisco Metrass, Rua Saraiva de Carvalho, Rua Padre Francisco, Rua Azevedo Gneco, Rua Tenente Ferreira Durão, Rua Tomás Anunciação, Rua Possidónio Silva, Rua A à Rua Possidónio Silva e imediações.

Sector 5 — Rua do Bôjia, Rua Santo António à Estrela, Rua Santana à Lapa, Travessa das Almas, Travessa Possolo, Rua Possolo, Rua Possidónio Silva e imediações.

Sector 6 — Praça da Figueira — N.º 2 a 19 e imediações. (Das 8 às 12 horas).

Centro Distribuição Oeste

CENTRO DA AMADORA — Zona 1

Amadora — Rua Bombeiros Voluntários, Av. Marechal Carmona, Rua Heróis da Aviação, Rua Olivença, Rua Combatentes da Grande Guerra, Rua Luís Gomes, Rua Humberto Delgado, Av. Movimento das Forças Armadas, Av. Cardoso Lopes, Rua Cândido dos Reis, Rua Eng.º Duarte Pacheco, Rua Infanta D. Maria, Av. Elias Garcia, Urbanização Jaime Gomes Duarte e imediações.

Venda Nova — EN N.º 249, Rua Latino Coelho e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE CASCAIS — Zona 2

Bicesse — Aldeia SOS e imediações.

Caparide — Alto do Espargal, Estrada do Murtal, Estrada do Livramento, Quinta da Ribeira e imediações.

Estoril — Vale de Santa Rita, Av. da Dinamarca, Av. do Mónaco, Rua do Pinhal, zona junto ao mercado e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OEIRAS — Zona 3

Barcarena — Casal do Bico e imediações.

Tercena — Rua Padre Anchieta, Av. Santo António e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE SINTRA — Zona 4

Aguialva — Rua Carlos Charbel, R. Soldados da Paz, Rua Freixo Capitão, Rua Daniel Lopes, Rua Paula Lopes, Rua Abelheira, Rua Silva Porto, Rua Combatentes da Grande Guerra, Rua António Nunes Sequeira, Rua Bartolomeu Dias e imediações.

Cacém — Casal do Colaride e imediações.

Queluz — Av. da República, Rua Óscar Monteiro, Rua Gomes Freire, Rua Carvalho Araújo, Rua 31 de Janeiro e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE DO TEJO

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA — Zona 5

Castanheira (parte) e Povos (parte). (Das 0.00 às 14 horas).

Vila Franca de Xira, St.ª Sofia, Bom Retiro, Lezíria, Terra Velha, Gado Bravo e B. da Galinha Assada. (Das 7.30 às 14 horas).

CONCELHO DE ALENQUER — Zona 6

Carregado — Camarnal, Quinta da Telhada, Casais Novos, Quinta da Bemposta e Casal Major. (Das 7.30 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS

CONCELHO DE TORRES VEDRAS — Zona 7

Vale Verde, Casalinhos de Alfaiata, Casal Milheira, Caixeiros, Cerca, Silveira, Casal Cochim, Amoeiras, Praia Azul, Boavista e Casal do Vale. (Das 7 às 14 horas).

QUOTIDIANO

Sabedoria oriental inspira agricultora portuguesa

Zélia Sakai pratica agricultura biológica. As tisanas purificam o organismo, e o kiwi, poderoso arsenal vitamínico, declara guerra ao stress

Dedica-se à agricultura mas não é uma agricultora qualquer, pois o que deita à terra nasce e cresce naturalmente, dispensando a intervenção de produtos químicos que prejudicam a saúde. Zélia Sakai explora quatro hectares, na serra de Monchique, parte dos quais ocupados com castanheiros, pinheiros mansos, nogueiras, filias, abacates, anonas e lúchias. Nos intervalos, entre estas árvores nobres, cultiva plantas medicinais que purificam o ambiente e o preservam das pragas. Usa adubos orgânicos que não agredem a natureza, defende um projecto ecológico em harmonia com os princípios que orientam a Casa da Paz, o seu retiro algarvio. Todos os géneros que saem dali, desde frutos, mel ou tisanas são submetidos a um rigoroso controlo de qualidade. Podem ser consumidos à confiança, não provocam transtornos gastro-intestinais nem, pior ainda, doenças cancerígenas. Muitas vezes quem bebe um simples chávena de tília, adquirida num vulgar supermercado, julgando-a inócua, está a tomar um veneno.

Convém informar os incautos consumidores, para que estejam precavidos dos males veiculados pelas plantas contaminadas de insecticidas. Ainda recentemente, algumas organizações francesas, ligadas à saúde, se insurgiram contra a leviandade com que se importava tília da Albânia e menta doce do Egipto. A verdade é que as análises revelaram, nestas ervas, a existência de resíduos de DDT e do mortífero Demethon. Daí a batalha de Zélia Sakai, enfermeira diplomada, com conhecimentos profundos da massagem Shiatsu, método oriental que «nasceu do gesto intuitivo feito por uma mãe ao pressionar o corpo do filho doente». Desenvolvida a nível familiar, esta prática foi depois integrada pela ciência, constituindo no Japão um processo eficaz de cura. «Consiste em pressionar os centros vitais de enlace das energias, de forma a aumentar a vitalidade e a corrigir algumas irregularidades. Com o seu pendor filosófico, os japoneses afirmam que da pressão afluente energia como a água do manancial».

Porque é que uma portuguesa, nascida em S. Martinho das Amoreiras, no concelho de Odemira, usa o apelido de Sakai? Vem-lhe do casamento com um economista japonês, licenciado nos Estados Unidos, que ela conheceu em Barcelona, na altura em que frequentou, ali, o curso de massagem Shiatsu. «Talvez pouca gente saiba que Sakai é o nome da cidade feudal e portuária por onde entraram



O kiwi é um tesouro vitamínico. «Um fruto caído do céu, para os japoneses», segundo Zélia Sakai

os navegadores portugueses. Consideram-na a terra do chá e da cruz, símbolo lá deixado pelos nossos antepassados. Em 1977, o escultor Jorge Vieira concebeu um placa comemorativa sobre as relações entre os dois países».

Na busca da sabedoria

Enriquecida no plano espiritual, graças à experiência japonesa vivida com a disponibilidade de quem se sente receptiva à absorção de sabedoria (recebeu ensinamentos de filosofia Zen, tantra e yoga), Zélia Sakai, no regresso, dirige-se a Monchique decidida a comprar uma casa rural com terreno abastecido de água e, se possível, isolada. Encontrou o que queria, os seus sonhos concretizaram-se.

Só tinha que proceder a obras de restauro, reconverter os campos, invadidos de mato, e montar o mínimo de estruturas. No lugar das plantas que vampirizam a terra, caso da esteira, semeou alecrim e rosmaninho branco, erva que, de acordo com as crenças populares, «expulsava os demónios». Deu-lhes a companhia de espécies exóticas, como o Kiwi, o lótus, a gengibre, a artemisa, a angélica e o absinto.

No kiwi, fruto de cor verde esmeralda e com um sabor ácido, concentra-se uma elevada teor de vitaminas. Cura as gripes, mantém o olho vivo. «Um fruto caído do céu, para os japoneses». Demorou mais de um século a saltar das margens do rio Yang-tsé-Kiang para o Ocidente, onde

veio causar sérios danos ao stress, a doença das sociedades industrializadas. Eis o motivo porque foi eleito, nos balanços da década que expirou, a vedeta dos frutos. Uma descoberta generalizada no mercado pelos anos 80, lado a lado com os computadores, o fax, o post-modernismo e a agenda Filofax. Chegou para arrasar a concorrência, implantou-se de tal modo que o desgraçado do morango quase morre de inveja. Mas cuidado: os kiwis ou yang-tau, na designação japonesa, não estão livres da contaminação dos pesticidas.

Zélia Sakai refere-se às suas tisanas, preparadas e empacotadas na Casa da Paz. Colhe as ervas, seca-as e mete-as em potes de barro, de maneira a que respirem. «As tisanas remontam a uma região da Índia, serviam de alimento aos eremitas que habitavam nas montanhas. Eram aproveitadas, tendo em conta aspectos de sabor, cor e aroma».

O processo de feitura mais antigo é o da emulsão. Introduzem-se as folhas em água fria e expõem-se ao relento da noite. Se for no período de lua cheia, melhor. Prescindem-se do fogo, o líquido suporta apenas os primeiros ou os últimos raios do sol.

Há ainda o método da infusão que significa verter água quente, ligeiramente quebrada da fervura, sobre as folhas, flores e frutos, e o da decução que é mais adequado para as raízes. Deixam-se ferver, em lume reduzido, durante dois a cinco minutos».

A casca de alguns frutos, nomeadamente da laranja, da tangerina, do abacate e do kiwi, devido às suas propriedades, também pode ser utilizada nas tisanas.

Aromas maus

Todavia importa distinguir o chá da tisana. «Enquanto os eremitas perseguiam a paz e a tranquilidade de espírito, fornecidas pelas tisanas, os nobres das cidades preferiam beber chá verde ou preto que é um estimulante». Zélia Sakai aprendeu, no Oriente, a identificar as plantas através do sabor e do aroma, o que exige um paladar e um olfacto apurados.

«Certas plantas exalam aromas maus. Estou a pensar na arruda que estonteia animais e, às pessoas que dela se aproximam, no exposto do calor, pode provocar irritações de pele. Apelinada de erva das bruxas, quando colocada nos estúbulos, afasta as moscas».

Implantada num vale luxuriante, a Casa da Paz acolhe hóspedes dentro do esquema do agro-turismo, proporcionando-lhes repouso e tratamentos de desintoxicação e de rejuvenescimento. Assim, restitue-lhes a energia, fonte impulsionadora da vida, que permite dominar as angústias.

«A limpeza do físico e da mente deve-se efectuar cinco dias antes do apogeu da lua. Até as plantas sofrem a influência dos ciclos lunares, abóbora semeada na fase de lua cheia fica oca, sucedendo o mesmo com o melão e a melancia».

Lourdes Féria

A duradoura glória do efémero Abecasis

Dez anos demorou Nuno Abecasis a arranjar onde colocar em Lisboa o testemunho de que mais se orgulha do seu exercício camarário: um «monumento anti-monumento» erigido à efemeridade da glória, à «vã cobiça»

O monumento mais recente de Lisboa é também o mais irreverente. Chama-se «Monumento à Glória Efémera» e é da autoria de Samuel Torres de Carvalho, mais conhecido como cartoonista e por Sam. O curioso é que teve origem na necessidade de se substituir uma das mais académicas peças escultóricas da capital: a do antigo e dócil presidente da República de Salazar, Oscar Fragoso Carmona.

O 25 de Abril, naturalmente, arredou a figura do marechal da base calcária em que assentava, no Campo Grande. Ficou o grande bloco de pedra branca incongruamente cravado no fundo da larga avenida. O mais notório dos incomodados com o facto parece ter sido Nuno Abecasis, que logo no primeiro dos seus três mandados como presidente da Câmara diligenciou para que o monumento ganhasse um ar mais acabado. Falou com Sam, seu antigo colega de engenharia. Mas foi protelando o começo da obra. No fundo, como confessou ao artista, tinha esperança de lá recolocar o Carmona. Compreende-se: poucas vezes este figurara em alguma circunstância com garbo semelhante.

Da concepção da peça à inauguração medearam dez anos, dois projectos e várias mudanças do local previsto. O monumento de Sam exerce um fascínio ambíguo. A «Glória Efémera» é representada por uma cadeira de assento inclinado, sobre a qual

Nuno Abecasis se deixou resvalar, numa representação jocosa da própria retirada. Mas, se toda a gente gaba o humor e a profundidade da alegoria, muita não a quis nas proximidades.

Diante do Parlamento? Excluído. Na Cidade Universitária? Idem. Não foi fácil encontrar onde implantar a sardónica cadeira, cujo autor teve sempre a noção clara da inquietação que suscita. Tanto que lhe grafou sob o nome (*Ad ephemeram gloriam*): «a todos os que passam e ouzam deter-se».

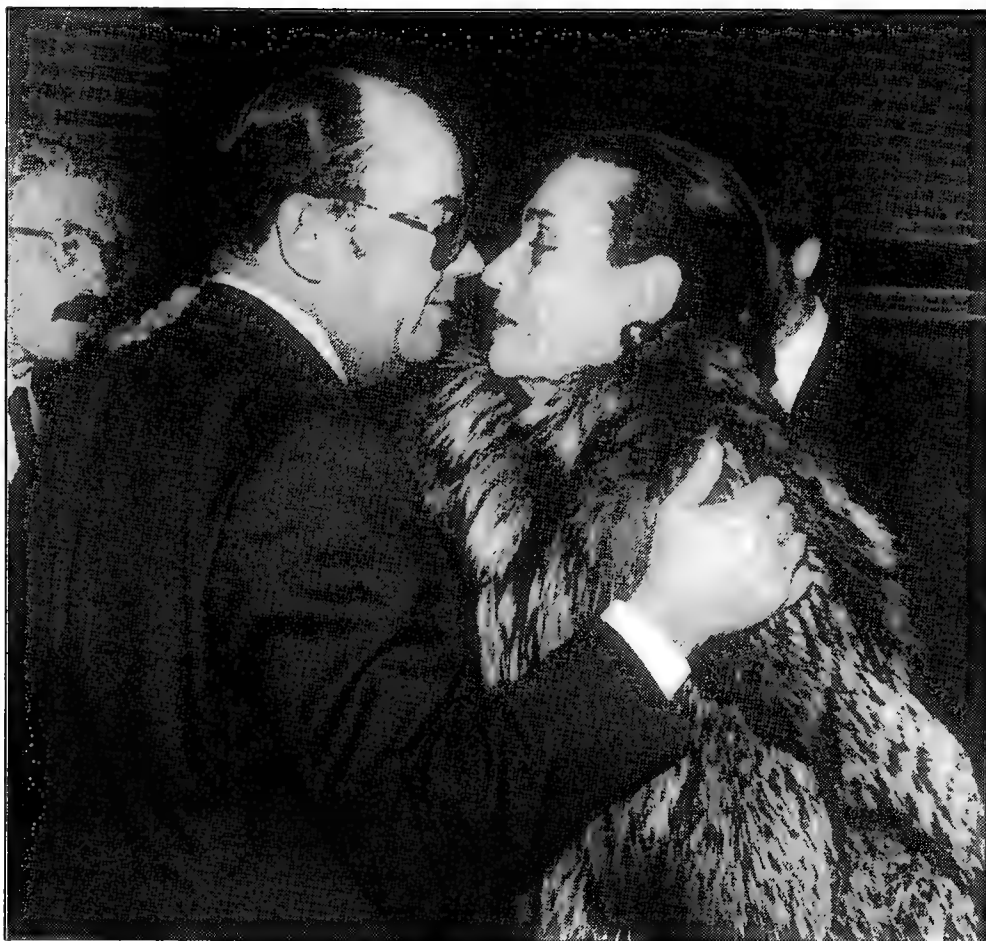
E os operários que a moldaram no bronze também lhe foram sensíveis. Há uma sugestão de patíbulo no monumento, através sobretudo de umas escadas, com as quais o autor pretendeu, por outro lado, insinuar um convite, uma tentação. Na Venda Nova, na oficina onde foi construída, a peça era chamada a «cadeira do castigo».

«Monumento anti-monumento», como a designa o artista, erguida à efemeridade da glória, a cadeira de Sam, ao ser ontem descerrada no alto da alameda Afonso Henriques, diante do Instituto Superior Técnico, não deixou de constituir a até agora mais concorrida das solenidades com que Nuno Krus Abecasis quer manifestamente assinar um glorioso afastamento da vida pública, a concretizar dentro de dias, quando ceder a Jorge Sampaio a liderança da edilidade. Até uma estação de TV de

Espanha esteve presente no alto da Alameda, diante do Instituto Superior Técnico, onde o desconcertante volume estatutário, entre as bandeiras nacional e municipal, passou a figurar.

No verdadeiro caudal de inaugurações com que vem deixando por meia cidade um rasto de lápides perpetuadoras do seu nome, Nuno Abecasis incluiu também ontem outra cerimónia estreitamente ligada à preocupação com a posteridade. Trata-se da futura casa de função do Presidente da Câmara da capital, localizada em Monsanto. Lá poderá residir Sampaio, se assim quiser, ou instalar visitantes ilustres ou promover reuniões, sem necessidade de pôr os Paços do Concelho em reboliço. E a verdade é que foi fácil disponibilizar a residência. Como contou Abecasis aos jornalistas, ela estava confiada a um antigo quadro camarário que, de relacionamento com a edilidade, mantinha agora apenas o ordenado, que lhe era pontualmente depositado no banco. Convocaram-no. Ele, que de modesto funcionário municipal, concluído curso, se alcandorara a próspero dentista, abespinhou-se: se queriam falar com ele, contactassem-no no consultório. Foi despedido e despejado. Abecasis dá-se bem com o actual mecânico dos seus maxilares. Além, claro, de com muito mais gente.

FBS



Amigos na despedida: Vera Lagoa, aquele abraço

Polémica em Coimbra

Alunos de escola secundária afastam lista fascista

Uma lista conotada com a ideologia fascista, que se apresentava às eleições para os corpos gerentes da Associação de Estudantes da Escola Secundária José Falcão, de Coimbra, foi afastada do acto eleitoral.

Um membro da comissão eleitoral, Sandra Paiva, disse que aquele órgão, constituído por representantes dos diversos anos e das listas concorrentes, decidiu não aceitar a candidatura da lista em causa «com base na Constituição da República que proíbe as organizações fascistas».

O aparecimento de uma lista fascista na Escola José Falcão estava a levantar polémica no meio cidadão, particularmente no seio das diversas organizações partidárias de juventude.

A lista afastada do sufrágio preconizava, no seu manifesto eleitoral, «o poder da diferença» e defendia, designadamente, a instauração de um regime fascista na Associação de Estudantes, alargado a outros estabelecimen-



As inscrições de organizações de extrema-direita preconizam a violência e o racismo

tos de ensino. A construção de câmaras de gás para «extermínio de comunas e outros membros de raça inferior» e

a criação de «uma polícia política que zelará pelo mantimento (sic) da ordem e salvaguarda dos nossos interesses», era igualmente defendida.

Em declarações ao «Jornal de Coimbra», o estudante que encabeçava a lista e que optou pelo anonimato assumiu-se como fascista, mas concluiu ser «tudo uma brincadeira».

O vice-presidente do conselho directivo da Escola Secundária José Falcão, António Durães, mostrou-se também «convicto de que se trata de uma brincadeira».

O executivo distrital de Coimbra do Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC), manifestou preocupação pelo aparecimento na Escola José Falcão de uma lista de alunos que «defende e exalta valores nazis apelando à violência e ao crime dentro da própria escola».

As eleições realizam-se hoje, sendo as duas listas concorrentes afectas às juventudes centrista e social democrática

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

GLI ORAZI E I CURIASI (HORÁCIOS e CURIÁCIOS)

ÓPERA EM 2 ACTOS
D. CIMAROSA

JANEIRO, 19, 23, 25 (20H30), 21 (16H00)

Direcção Musical: Alan CURTIS
Encenação: João PERRY
Cenografia: Manuel REIS
Figurinos: Manuela GONÇALVES
Luzes: Paulo GRACA
Assistência de movimento: Olga RORIZ

Anna Caterina ANTONACCI ★ Elvira FERREIRA ★ Helena VIEIRA
Lia ALTAVILLA ★ Carlos GUILHERME ★ António SILVA
Jorge VAZ DE CARVALHO

Bilhetes à venda na
bilheteira do T.N.S.C.
e agências ABEP e ALVALADE

CORO do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS
Maestro Titular: Gianni BELTRAMI
Maestro Assistente: João Paulo SANTOS

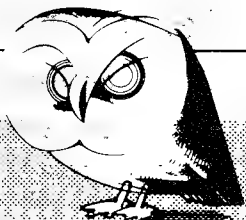
Preço máximo: 3 000\$00
Preço mínimo: 500\$00

ORQUESTRA SINFÓNICA do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS: RTP / Antena 1 / RDP / RGE / INDEPENDENTE

CULTURA



olhar de mocho

O difícil judeu

O Hitler veio complicar extraordinariamente as coisas e transformar o problema num quase insolúvel paradoxo: o extermínio de milhões de judeus, a frio e no gás, tudo num ápice e sem dar tempo a que se elaborassem estratégias alternativas, Auschwitz, e Dachau, funcionam como uma espécie de vacina. Os judeus sentem-se agora vacinados e aí de quem puxe a ponta do véu que tapa a crítica. E, no entanto, bem vistas as coisas, o Hitler não foi pioneiro nem tem o monopólio dos ódios antijudaicos. Desde Massada, passando pelo nosso sereníssimo rei Manuel I, até às orações pelos «pérfidos judeus» da liturgia católica de há poucos anos, de bárbaros e anti-semitas todos tiveram um pouco.

As coisas podiam ter ficado resolvidas no dia 14 de Maio de 1948 com o nascimento do moderno Estado de Israelita. Podiam, mas não ficaram porque os palestinianos também são gente, e não é com um holocausto que se vingam outro holocausto.

No Canal 2, em «Sinais dos Tempos», falou-se deste problema que agudiza judeus e palestinianos. Reportagem escoreta, bem montada e que, embora marcada pelo atraso (a Intifada já começou há mais de três anos), no entanto falhou por excesso de perspectiva política. É que o problema do actual Israel é insolúvel se não tivermos em consideração a óptica religiosa. Para não alongarmos explicações, recordemos o essencial: segundo a fé israelita, a dos livros bíblicos, Israel é o povo por excelência, escolhido a dedo por Deus, e que tem por missão subjugar todos os outros povos, nações e religiões até que, chegado o Messias, os eleitos de Javé dominarão a terra inteira.

Ora o dilema reside precisamente aqui: ou os israelitas renegam a sua fé para passarem à categoria de pessoas civilizadas, ou terão necessariamente de continuar a produzir e exportar armas, de sofisticar os serviços secretos e de chegar à bomba atómica para usar e abusar. Pedir a um judeu que se civilize em termos políticos equivale a exigir-lhe a heresia, que relativize a Bíblia, que se torne agnóstico ou cismático, em suma que se faça heterodoxo. Não é por razões políticas que o problema Israel-palestinianos não terá, a curto prazo, solução, mas sim por motivos religiosos. Marte, o deus da guerra, existiu na velha Roma mas já ninguém lhe liga - dorme o sono dos justos no panteão olímpico. Mas Javé, deus dos exércitos, continua vivo na fé judaica não evidenciando sinais de cansaço. E a prova esteve à vista nas imagens televisivas de ontem.

A tentação sedutora seria encarar o problema judaico em território palestiniano como «coisas deles».

Não é assim: quando o problema religioso não é bem resolvido ou ressuscita de cadáver em putrefacção, o fundamentalismo entra de rompante.

E se não queremos que o fundamentalismo alastre, só nos resta pedir a Deus que converta os seus fundamentalistas em críticos.



José S. Monteiro

«Horácios e Curiácios» estreia a 19 de Janeiro no São Carlos

Uma ópera pedagógica

Convidado pela direcção do Teatro Nacional de São Carlos para encenar a ópera «Horácios e Curiácios» de Domenico Cimarosa, cuja estreia está prevista para o dia 19 de Janeiro, o actor João Perry esforça-se por superar os condicionamentos inerentes a um espectáculo desta natureza, tanto mais que envolve meios que saem um pouco fora da sua área. «Trata-se, sem dúvida, de uma experiência ímpar e muito diferente daquelas em que tenho participado». Num clima de nervos, ele ultima os preparativos de forma a cumprir os prazos que, segundo diz, deveriam ser mais alargados. Há que articular as várias equipas, resolver os problemas de montagem e estrutura do conjunto, numa perspectiva de unicidade.

Compete-lhe, portanto, cerzir todos os filamentos para que constituam um tecido sem buracos. Daí que se sinta um tanto inseguro, apesar dos excelentes apoios de que dispõe, a nível plástico e técnico. Conta com a colaboração de Manuel Reis, na cenografia, de Manuela Gonçalves, nos figurinos, e do americano Alan Curtis, o responsável da direcção musical.

O tema da ópera, que ilustra uma situação de conflito entre Horácios e Curiácios, remonta a uma das lendas ligadas à fundação da história de Roma, narrativas onde muito raramente se assiste à intervenção dos deuses. Nela emergem as contradições do herói que se vê dividido entre os laços afectivos e o dever de lutar pela pátria. A ideia do combate surge como um imperativo moral, ao qual não se pode fugir. Horácio vence o inimigo e acaba por matar a própria irmã que representa o desvario da paixão, o elemento perturbador no esquema mental e político do universo masculino. Para que a virilidade se afirme é necessário comprovar a coragem e conquistar os louvores públicos.

Segundo Dumézil, autor de um estudo sobre «Os Horácios e os Curiácios», publicado em 1942 pela editora francesa Gallimard, esta ficção recupera os mitos caros à classe guerreira. Impunha-se treinar os jovens no exercício bélico, de maneira a impedir que a instalação da paz amolecasse o corpo social. Mais do que fomentar a disciplina militar interessava cumprir o ritual da iniciação, pondo-se à prova valores de heroísmo e de coragem.

Na transição do barroco

Um texto com tais características serve para despertar a consciência nacional, quando está em jogo a perda da liber-



João Perry, o encenador de «Horácios e Curiácios»

dade ou a promoção de um ideal. Isto explica porque é que, durante a Revolução Francesa, as atenções artísticas se concentraram em «Horácios e Curiácios». Durante as crises e a iminência do perigo busca-se nos exemplos o modelo a seguir, ainda que eles digam que vale tudo, mesmo a violência e o crime. No entanto, a ópera de Cimarosa traz as marcas do seu tempo, que corresponde ao período de transição do barroco para o romantismo neo-clássico. Inscreve-se numa fase desagregadora que concede espaço à emoção.

Aqui a dimensão do combate dilui-se sob o conflito amoroso individualizado. Ao subverter os valores de pátria, família e autoridade, a figura feminina, porque afronta a ordem, assume um papel revolucionário.

A memória da lenda repercutiu-se na actualidade, na medida em que contém ingredientes modernos, sobretudo no

que respeita a regras de moral política. Em «O Horácio» de Heiner Müller, o povo julga o herói, acusando-o do assassínio da irmã. O crime cometido invalida a vitória sobre os Curiácios, pelo que merece ser executado. Já Brecht, com as suas preocupações didácticas, se inspirara na tragédia. Todavia, na história do teatro, foi Corneille quem atribuiu à lenda uma dimensão universal.

O seu texto faz referência a duas outras peças, sendo uma delas da autoria do espanhol Lope de Vega, e privilegia o conflito psicológico que mais tarde virá a ser retomado por Cimarosa. Produzir, hoje, «Horácios e Curiácios» significa, ao que diz João Perry, «reconhecer a dimensão do mito nos actos pontuais do indivíduo». É aceitar a acção do transcendente, do imprevisível, do excessivo, do imponderável no quotidiano.

Lourdes Féria

Cimarosa: um pré-romântico

Filho de pai pedreiro e de mãe lavadeira, Domenico Cimarosa nasceu em 1749 na povoação de Aversa, perto de Nápoles. Passou a infância num estabelecimento de assistência pública, onde recebeu noções de música. Com 12 anos ingressa no Conservatório, aprofundando os conhecimentos de canto e órgão e, não obstante a sua juventude, compõe diversas obras religiosas.

A partir de 1773 distingue-se graças a uma actividade regular no plano da ópera buffa, embora tenha criado

algumas óperas sérias. Já próximo da fama foi convidado para trabalhar na corte russa. São-lhe confiados os cargos de mestre de capela, de compositor da companhia italiana, e de professor de música. Entretanto cai em desgraça, as óperas sérias que compõe desagradam à imperatriz Catarina. No regresso à pátria, ao passar por Viena, o imperador Leopoldo II encomenda-lhe uma ópera que o conduz ao apogeu da glória, mais ou menos na altura em que morre Mozart. Em 1796, no auge do prestígio,

compõe «Horácios e Curiácios» para o teatro Fenice de Veneza. Após a restauração da monarquia, o autor do hino «Bell'Italia» foi condenado a quatro meses de prisão, devido às suas ligações com os republicanos.

Cansado e desiludido morre em 11 de Janeiro de 1801, na cidade de Veneza, deixando incompleta a ópera «Artemisia», que subirá à ribalta nesse mesmo mês com a participação de inúmeros músicos.

L. F.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

No centenário do nascimento de Katherine Mansfield

Um «Garden-Party» incorrecto

«The Garden-Party», de Katherine Mansfield, é uma daquelas obras que fazem parte do património literário universal. Traduzida em numerosas línguas, incluindo a portuguesa, «The Garden-Party», constituído por quinze contos, foi o título que definitivamente consagrou a escritora neo-zelandesa. Assentes no quotidiano, os contos têm por fundo uma doce e amarga experiência de vida, bem como, de forma implícita, aquele trágico sentimento que enforma a existência e que unicamente as grandes sensibilidades captam no correr dos dias.

A primeira tradução de «The Garden-Party» que nos chegou às mãos foi por 1964, da autoria de Virgínia Motta, directamente do inglês, numa edição da antiga Portugal.

Talvez pelo facto de no ano passado ter decorrido o centenário do nascimento da escritora (1889), entendeu a Europa-América (e muito bem) evocar aquela efeméride com nova tradução da obra em questão. Só que...

Incorrecções

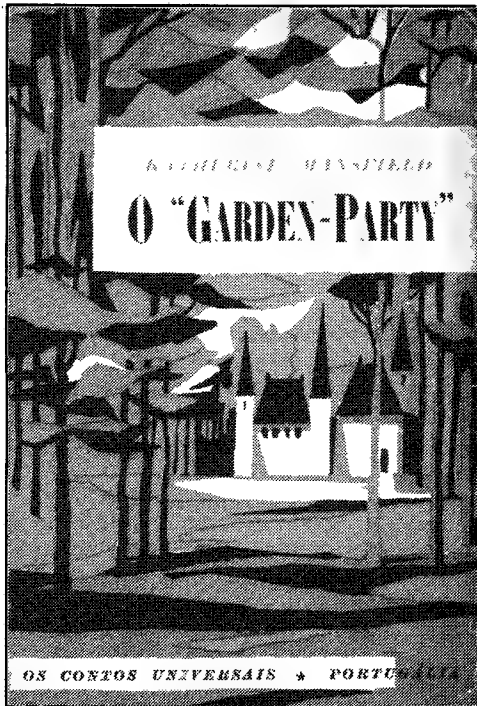
Só que a edição agora destinada a sair (ignoramos se já foi distribuída) peca por muitas incorrecções, como, em carta, nos confessa o tradutor, Luís Manuel Maia Varela. De quem a culpa: dele, tradutor, ou da editora acima mencionada?

Transcrevamos alguns passos da carta (fotocópia) do referido tradutor enviada às PEA:

«Tendo traduzido (...) a obra «The Garden-Party», de Katherine Mansfield, é com profundo desagrado que me dou conta de que a edição da mesma não foi revista de acordo com o cuidado que requeria.

Assim, não só são notórias gralhas tipográficas que, naturalmente, sempre surgem (ainda

que, aqui, em maior número do que seria desejável), como há toda uma série de outras alterações (...) que, ao traírem o sentido real do original, não creio poderem ficar a dever-



O «Garden-Party», edição da extinta Portugal, em tradução de Virgínia Motta, cuja interpretação do texto inglês se aproxima bastante da tradução de Luís Manuel Maia Varela

se ao direito de revisão da tradução que, por contrato, assiste à editora. Antes me parecem ser fruto de apressado trabalho...

O tradutor faz acompanhar a carta de um anexo com as incorrecções mais flagrantes.

Dando de barato as gralhas tipográficas, dessas incorrecções iremos apontar duas. Ei-las:

Na página 10 da recente tradução lê-se «calças de veludo azul em volta da aba», afirmando o tradutor que esvreveu: «calças de veludo azul cingidas abaixo do joelho e um chapéu de feltro com um lenço azul em volta da aba.» Se cotejarmos esta passagem com a tradução de Virgínia Motta sai favorecido o actual tradutor.

Traduziu ela: «calças de veludo atadas por debaixo do joelho, e um chapeirão com um lenço azul dobrado em torno da aba.» Por sua vez, na página 20 da presente edição, lê-se: «A praia estava coberta com pedras para não voarem com o vento, pareciam conchas imensas» - enquanto que o tradutor (sempre segundo a carta) teria escrito: «A praia estava coberta de montinhos de roupas e sapatos, e os enormes chapéus de Verão, seguros com pedras para não voarem com o vento, pareciam conchas imensas.» Virgínia Motta não se afasta muito desta interpretação: «A praia ficava toda salpicada de montículos de roupas e de sapatos; as capelines, com uma pedra em cima, para não voarem, assemelhavam-se a enormes conchas.»

Editora não fala

Contactada a editora (ontem ainda), foi-nos dito que a responsável do Departamento Editorial se não encontrava presente, e que só hoje de manhã, a partir das 9 horas, seria possível um contacto. Contacto que fizemos. Resposta de uma funcionária: «A responsável ainda não chegou.

Talvez pelas dez horas. Mas ela está adoentada...» As dez horas - (e lamentamos) foi o silêncio. E agora? Agora que a verdade se apure a bem do nome (pelo menos) de Katherine Mansfield.

Pedro Alvim

Salgado de Matos vence Prémio "DN"

Salgado de Matos, antigo jornalista, formado em Direito, colaborador do «DL», venceu o Prémio Literário «Diário de Notícias» com o seu primeiro romance, intitulado «Dra. Helena». O autor, que concorreu sob o pseudónimo de Luís Amado Passos, afirmou ao «DN» que se trata de uma história sentimental inspirada pelo caso de amor que mantém com Petra, a alemã com quem casou há apenas dois meses. «Se não fosse o casamento com certeza que o não tinha escrito» - acrescentou. O romance «A Face da Inocência» de Margarida Fonseca Silva foi, por seu turno, recomendado para publicação pelo júri presidido por Agustina Bessa-Luís.

Morreu

Juliet Berto

Juliet Berto, actriz e realizadora francesa que protagonizou vários filmes de Jean-Luc Godard, morreu quarta-feira com 42 anos. Obteve fama mundial com «Weekend», película realizada por aquele cineasta em 1966 e participou em «Conversa Acabada» de João Botelho.

«Girassóis»...

O (até agora) quadro mais caro do mundo, «Girassóis», de Van Gogh, voltará talvez ao mercado - noticia «The New York Times». O quadro fora adquirido em Novembro de 1987 por Alan Bond, um dos maiores industriais australianos, pela quantia de 53,9 milhões de dólares, em Nova York. Para facilitar a compra, a mundialmente conhecida Sotheby's emprestara a Bond 27 milhões de dólares, servindo-se do quadro como garantia. Agora...

Rosalind Plowright na Gulbenkian

A Inglaterra tem produzido ou formado numerosos intérpretes que atingiram posição relevantíssima no panorama da arte vocal contemporânea. Na sequência de figuras históricas tão significativas e, por assim dizer, clássicas do estrelato britânico como Maggie Teyte, Eva Turner ou Kathleen Ferrier - para citar apenas cantoras - podem referir-se Gwyneth Jones, Janet Baker, Josephine Veasey e, mais recentemente, Carolyn Watkinson, Felicity Lott (que fez sensação, entre nós, na anterior temporada Gulbenkian) e Rosalind Plowright. Visitando-nos agora pela primeira vez, ao que suponho, Rosalind Plowright já era conhecida de muitos dos nossos melómanos através de gravações. A sua apresentação no Grande Auditório Gulbenkian estava inicialmente prevista para o último trimestre de 1989. Mas uma indisposição ocasional de saúde impediu-a de actuar então.

Tivemos-la quarta-feira, final, com o programa previsto, que saía, aliás, no seu escopo genérico, do repertório habitual dos recitalistas e dos divos do canto. É que foi inteiramente preenchido com melodias italianas que, exceptuando dois trechos (dos 19 incluídos), não provinham de óperas.

Abarcando um período de mais de dois séculos, o programa incluía onze compositores (de Stradella e Alessandro Scarlatti a Puccini, passando por Pergolesi, Bellini, Rossini, Verdi e outros), que são vultos maiores e, por vezes, cimeiros da história da ópera ou do teatro-por-música, mas que desta vez se viram representados por páginas que não se inserem no grande repertório operístico.

Panorâmica de um género secundário ou marginal às grandes correntes operísticas? Talvez. Mas nem por isso desinteressante. Tal panorâmica não deixa de evidenciar aspectos significativos da personalidade dos autores, ilustrando ao mesmo tempo uma produção que teve voga na sua época e onde existem peças que não merecem o completo esquecimento.

Que dizer da organizadora e intérprete deste programa e que tão grande expectativa criara nos frequentadores dos concertos Gulbenkian, e não só? Trata-se de uma cantora de grande classe, que se impõe pelo elevadíssimo quilate da sua técnica, com uma voz potente, que «corre», e predicados de intérprete valorizando a cintilação do seu timbre e um natural temperamento extrovertido, mas também susceptível de mergulhar em zonas interiorizadas ou de obter inflexões de carácter mais subtil.

A diversidade climática das peças - em que não faltavam passagens de expressividade dadivosa ou momentos irónicos e acentos dramatizantes - deu ensejo a pôr à prova a versatilidade da artista e a intencionalidade de muitas inflexões, assim como uma dicção cuidada e a possibilidade de matizar o seu órgão vocal. O jogo fisionómico é muito expressivo. Juntamente com uma atraente desenvoltura ou descontração no palco, indicia, sem dúvida, em Rosalind Plowright, uma actriz e dotes de representação notáveis.

O interesse do recital não residiu apenas na «performance» da cantora, mas igualmente na participação do pianista Geoffrey Parsons, expoente contemporâneo da arte de «acompanhar», cuja consagração está feita numa larga colaboração com alguns dos maiores intérpretes deste século, sobretudo no plano vocal, em que, de certo modo, se especializou, mas também em substanciais incursões no capítulo exclusivamente instrumental (com Milstein e Tortelier nomeadamente). A sua atitude discreta mas imensamente afectiva está em razão directa da subtilidade estilística demonstrada ao longo do programa: na figura do «toucher», no saber realçar um pormenor ou no estabelecer um clima... Admirável pela plasticidade na maneira de frasear e pela beleza da sonoridade, Parsons é um mestre do género e, de há muito, uma das referências essenciais.

Nuno Barreiros

EM PRIMEIRA MÃO

CONHECER
REFLECTIR
TER OPINIÃOO QUE SE PENSA
E O QUE SE PASSA NA
UNIÃO SOVIÉTICA

- PERESTROIKA — Variante Bielorrussa
- Ecologia — Salvar o Volga, berço da Rússia
- Deputado, jovem, competente, acessível

À VENDA O NÚMERO
DE JANEIRO

vida
SOVIÉTICA
A SUA REVISTA MENSAL

À CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 LISBOA
Tels. 73 22 75 - 76 11 31

Decidi assinar a revista «VIDA SOVIÉTICA» — Preço de capa — 80\$00
• 1 ano — 600\$00 • 2 anos — 800\$00 • 3 anos — 1000\$00

Para o que envio, cheque ☐ Vale de Correio ☐

no valor de

NOME

MORADA

TEL

CÓD. POSTAL

DESPORTO

Litígio que vem de longe

Sousa Cintra e Aguiar de Matos «lambada» no calor da noite

Eles eram grandes amigos e por força do elo de amizade que os unia, Sousa Cintra fez integrar Aguiar de Matos no elenco directivo com que iniciou o mandato no executivo do Sporting. Um dia zangaram-se, tendo Aguiar de Matos convocado os jornalistas para uma «conferência de Imprensa» fazendo denúncias de alguma gravidade, visando o condutor dos destinos do clube onde ambos acobertam a sua filiação. Sousa Cintra ripostou e fez ameaças alegando de que iria proceder judicialmente contra o seu «vice». Aguiar demite-se do cargo o mesmo fazendo, dias depois, Subtil de Sousa e Pessoa e Costa. A nível directivo estava reposta a normalidade já que Sousa Cintra escolheu substitutos, mas as relações pessoais entre ambos continuaram faiscantes e escassas horas depois do triunfo «leonino» «sobre o Ajax, verificaram-se cenas realmente muito chocantes

protagonizadas pelos desavindos e que teve por palco o Cotton Club.

Aguiar de Matos terá atirado com uísque ao rosto de Cintra. A cena contada pelos intervenientes (e por assistentes) terá sido decorrido assim:

O presidente do Sporting entrou e eu avisei-o: atenção, olhe que está aí o Aguiar de Matos. Sousa Cintra disse-me: o que é que isso tem? Isto é público. Cumprimentou depois o Carlos Alinho e o Manuel Fernandes. Estivemos todos a falar e eu pedi um uísque para o presidente do Sporting. Entre mim e Sousa Cintra voou então uísque. Estabeleceu-se então a confusão e houve discussão. Esta a versão de uma testemunha (Luís Fernandes).

Subtil de Sousa (ex-vice sportinguista) que não assistiu à cena por se encontrar de costas dá um «conselho» a Sousa Cintra: «O sr. Sousa Cintra tem de ser mais comedido nas suas atitudes e palavras porque

passa a vida a ofender as pessoas.»

Aguiar de Matos não comenta. Diz somente: «Não quero alimentar um folclore que pode prejudicar o Sporting. Remeto-me ao silêncio, pois penso que o sr. Sousa Cintra vai cumprir a promessa que já fez e vai apresentar queixa. Depois disso, na altura e no lugar próprios vou esclarecer a verdade dos factos.»

Sousa Cintra na qualidade de «humilhado e ofendido» alega em sua defesa («Record» — edição de hoje). «Esse indivíduo foi duma cobardia e duma traição incrível. Ele é um inimigo do Sporting. Nunca mais o tinha visto desde a Assembleia Geral, em que ele esteve calado que nem um rato. Ele e os outros todos que saíram da direcção. Nem os quero ver.»

... «O Sporting ganhou, prestigiou o futebol português e eu, como é normal,

estava satisfeito. Fui com o dr. Correia Leal e o Fernando Santos ao Cotton, para beber um copo. Vou lá muitas vezes e decidi-me a lá voltar, porque gosto do ambiente.»

... «Estava lá o Subtil de Sousa. Cumprimentei-o, mas houve logo uma pessoa que chegou ao pé de mim e perguntou: 'Você sabe quem é que cá está? O Aguiar de Matos!'. O que é que isso tem?, perguntei eu. Isto é público!»

Mais adiante Sousa Cintra continua a sua extensa divagação sobre o incidente:

«Parece que ele veio por detrás de mim e atirou o uísque por entre as pessoas que estavam connosco. Eu fiquei mais do que parado. Se o 'gajo' não sai não sei o que é que poderia ter sucedido. Foi uma grande cobardia.

«Aquilo foi uma coisa de louco. Como o Sporting ganhou o torneio, ele teve ciú-



Já foram grandes amigos



mes, uma grande dor de corão e fez aquilo. É inexplicável. Não há palavras.

«O olho esquerdo dói-me muito. Ficou muito mal. Agora o que tenho a fazer é participar do 'gajo' à Judiciária.

«Ele foi um indivíduo que nada fez pelo Sporting e não fez mais do que tentar vingar-se. Ele queria era que eu não conseguisse resolver os problemas do Sporting. E

agora parece que o 'gajo' tem outras intenções. Parece que quer ir ainda mais longe. Ele devia estar internado. Conheci-o em má hora. Levei-o para o Sporting, só me posso arrepender dessa minha decisão.

«Qual reagir? Eu fiquei cego! Os sócios têm de lhe dar a resposta mais correcta. Um indivíduo chega a ter de arriscar a vida para defender os interesses do Sporting.»

PRÉMIO SECIL DE ESCULTURA



As esculturas devem ser concebidas para colocação no exterior e utilizar o betão como material dominante, admitindo-se o recurso a outros materiais em termos meramente acessórios.

Prémios instituídos:

- 1.º classificado: 750.000\$00
- 2.º classificado: 500.000\$00
- 3.º classificado: 300.000\$00

Recepção de projectos até 30 de Janeiro de 1990

Regulamento e esclarecimentos complementares — Serviços Municipais de Cultura da Câmara Municipal de Oeiras Tel. 4431500 (Ext. 222)



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
Largo Marquês de Pombal, 2780 OEIRAS



COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO, S.A.
Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19, 18.º 1092 LISBOA CODEX

Disciplinas desportivas

ATLETISMO: Rui Trincêiras, encabeçando a lista única aos órgãos sociais da Associação de Atletismo de Lisboa foi eleito, por unanimidade, presidente do executivo daquele organismo desportivo para o biênio 1990/91.

A lista única de Rui Trincêiras recolheu 34 votos, no decorrer da votação efectuada na assembleia geral ordinária da AAL, em Lisboa, não se tendo registado abstenções, votos nulos ou brancos.

Rui Trincêiras sucede no cargo a Mário Paiva, que foi agora eleito pela lista única para o cargo de presidente da assembleia geral, tendo José António Fidalgo, antigo atleta do Sporting, sido nomeado para presidente do conselho fiscal, enquanto José Orozco Paneiro ficará à frente do conselho jurisdicional.

PARIS-DAKAR: o francês Philippe Wambergue, ao volante de um Peugeot 205 T16, conseguiu em Tumbuktoo, no Mali, a sua primeira vitória no Rali Paris-Dakar deste ano e reduziu novamente o seu atraso em relação ao líder, o finlandês Ari Vatanen.

Depois de em seis dias ter recuperado uma hora ao finlandês, Wambergue «roubou» agora mais quatro minutos e 36 segundos à vantagem de Vatanen e, mantendo-se na segunda posição da classificação geral, passou a estar a uma hora, 19 minutos e sete segundos da «raposa do deserto» que conduz um Peugeot 405 T16.

A 13.ª etapa ligou as localidades de Gão e Tumbuktoo, no Mali, e incluiu uma sessão cronometrada com 412 quilómetros de extensão.

Mas, a cinco dias do final da prova, Vatanen, que tenta obter o seu terceiro sucesso no Paris-

Dakar, ainda poderá sofrer um percalço idêntico ao de quarta-feira, quando perdeu mais de 40 minutos por embater numa árvore, perder-se no deserto e parar cinco vezes devido a uma indisposição do seu co-piloto sueco Bruno Berglund.

No sector das motos, o italiano Edi Orioli manteve a sua Cagiva no primeiro lugar da classificação geral, apesar de ter perdido mais de seis minutos na etapa, ganha pela Yamaha do francês Gilles Picard.

A 14.ª tirada a disputar hoje levará a caravana de Tumbuktoo à localidade mauritana de Nema, percorrendo um total de 674 quilómetros, incluindo um troço cronometrado de 458 quilómetros.

HALTEROFILISMO: Sara Duarte, campeã europeia do arranque, vai tentar bater amanhã os seus próprios recordes nacionais do arranque e do arremesso, no Ginásio Clube do Sul.

A tentativa será efectuada a partir das 15 horas, numa prova extra do torneio de iniciados que abre o calendário nacional de 1990, organizado pela Federação Portuguesa de Halterofilismo.

Sara Duarte pretende levar os pesos a 60 quilos, no arranque, e a 72,5 quilos, no arremesso, batendo os recordes nacionais, fixados, respectivamente, em 57,5 e 70,5 quilos e caso alcance os objectivos, Sara Duarte superará também os actuais recordes europeus, mas as marcas não poderão ser homologadas, pois a federação internacional da modalidade só reconhece as obtidas em mundiais, europeus ou Jogos Olímpicos.

BOUTSEN

Boutsen: desportista do ano

O piloto de Fórmula Um, Thierry Boutsen, que venceu na última época os grandes prémios do Canadá e da Austrália, foi eleito o «desportista do ano de 1989» na Bélgica.

Na votação anual dos jornalistas de desporto da Bélgica, o piloto da escuderia Williams

recebeu 337 pontos, ficando o futebolista Michel Preud'Homme, guarda-redes da selecção e do Malines, em segundo lugar com 204 pontos.

Estádio Lenine remodelado

A Câmara Municipal de Moscovo decidiu remodelar o Estádio Olímpico Lenine, no

Bairro moscovita de Lujniki, informa o diário «Pravda» na sua edição de ontem.

As obras, que incluem a construção de uma cobertura no estádio central, devem começar em Outubro e vão obrigá-lo ao encerramento do recinto durante mais de um ano.

Os trabalhos de remodelação serão financiados pela Câmara Municipal de Moscovo, o Comité Estatal da União Soviética para o Desporto e a administração do estádio.

DESPORTO



Carlos Xavier, Paulinho Cascavel e Ivkovic: triunfos



Carlos Xavier: a crítica colocou-o no topo

Futebol do Sporting: futuro é verde

Uma vez ao menos, parece que a famigerada «chicotada psicológica» resulta: no Sporting, a rendição de Manuel José transitando para Raul Águas a chefia do «team», tem dado frutos apetitosos para os «leões»: empate a um gol (no Bessa) sob direcção de Vítor Damas, vitória sobre o União por 2-0, nulo em terreno do Estrela da Amadora (0-0) e triunfos sobre o Benfica e Ajax (ambos por 2-0) para o Torneio Philips/Cidade de Lisboa.

Algumas coisas começaram também a mudar: apelo a novos elementos que permaneciam quase esquecidos no bloco verde-branco (Filipe, Marinho), procura de reciclagem de Ali Hassan e Miguel, maior volume de solicitações a João Luís, Lima e Cadete e, para além de alternos chamamentos a Paulinho Cascavel ou Fernando Gomes, repouso concedido a Carlos Manuel que, na final de competição com holandeses já nem sequer foi convocado. A verdade é que, mesmo radicando-se em habituais reservistas, o Sporting conseguiu indiscutível triunfo num torneio internacional que colocava frente a frente oponentes de boa craveira e com rótulo famoso: caso inédito no futebol do leão, de há largos anos a esta parte.

Para além do sucesso global das suas unidades, ainda o



Gomes, João Luís e Silas: quem marca o livre?

Sporting mais embandeira em arco, porque Ivkovic (guarda-redes), Carlos Xavier (jogador de campo) e Paulinho Cascavel (como goleador) foram considerados pela crítica os nomes mais em evidência na competição, o que lhes valeu bons prémios concedidos pela Philips Portuguesa, patrocinadora do quadrangular que pode ficar incluído no cartaz

anual do futebol lusitano.

A este êxito de Raul Águas e dos seus pupilos, deve associar-se o entusiasmo e apoio do presidente Sousa Cintra, de dirigentes como Abílio Fernandes e Manolo Vidal, do trabalho feito pelos adjuntos técnicos Vítor Damas e Carvalho, sem esquecer que, tantas vezes injustamente colocado na sombra, Fer-

nando Mendes (antigo e prestigioso jogador e «capitão» internacional, ganhador de títulos como praticante e, mais tarde, também treinador vencedor de um campeonato nacional) igualmente merece uma palavra de incentivo dos associados leoninos, neste momento em que (por Alvalade) se começa a acreditar em nova história para o seu futebol.



Fernando Gomes preparando finta de corpo



Ali Hassan em corte a avançada holandesa

Senna sem licença até pedir desculpa

A Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA) anunciou que apenas atribuirá a próxima licença ao brasileiro Ayrton Senna caso o ex-campeão Mundial de Fórmula Um se retrate das acusações feitas no final da temporada passada.

O francês Jean-Marie Ballestre, presidente da FISA afirmou, em Paris, que Ayrton Senna verá recusada a sua «superlicença» para este ano, a menos que o piloto da McLaren-Honda retire publicamente as acusações dirigidas à FISA de «manipulação» do campeonato de 1989 a favor de Alain Prost. O Conselho Mundial não atribuirá a «superlicença» a Ayrton Senna enquanto ele não fizer uma declaração pública, retirando as falsas acusações proferidas em detrimento da FISA — afirmou Ballestre.

Após em 22 de Outubro ter sido desclassificado no Grande Prémio do Japão, Senna perdeu o título de 1989 para o seu companheiro de equipa, o francês Alain Prost, mas acusou os dirigentes da FISA, incluindo Ballestre, de terem beneficiado Prost, compatriota do «patrão» do automobilismo mundial.

Necessitando de vencer as duas últimas provas do Mundial para revalidar o título, Senna terminou a corrida japonesa no primeiro lugar, mas foi desclassificado por ter utilizado uma escapatória da «chicanes», após colidir com Prost a poucas voltas do final, quando o tentava ultrapassar.

Ficou claro que grupos de pressão políticos e económicos manipularam o Mundial nos bastidores para que Prost fosse campeão — acusou Senna a 10 de Novembro, acrescentando: Jean-Marie Ballestre, por patriotismo, amizade, ou outras razões que me recuso mencionar, queria ver Prost campeão.

A decisão agora anunciada foi tomada pelo Conselho Mundial da FISA, depois, de em 6 de Dezembro, este organismo ter reunido em Paris e concedido uma audiência de cerca de duas horas ao piloto brasileiro em que, segundo Ballestre, Senna e o seu advogado pouco falaram.

Em apenas cerca de dois meses, a FISA tomou assim duas duras medidas contra Ayrton Senna, pois, na sequência da desclassificação no Grande Prémio do Japão, o brasileiro fora suspenso por seis meses com pena suspensa e multado em 100 mil dólares (cerca de 16 mil contos), tendo Ballestre revelado que o prazo para Senna requerer a sua «superlicença» termina apenas a 15 de Fevereiro, mas acrescentou que, enquanto o ex-campeão mundial não retirar as suas acusações, todos os pedidos serão ignorados pela FISA.

O «patrão» do automobilismo mundial considerou ainda que Senna violou um regulamento da FISA, segundo o qual todos os pilotos são obrigados a respeitar os códigos e

as decisões das autoridades desportivas.

Segundo Ballestre, na sua reunião de Dezembro, com Senna, os dirigentes da FISA provaram não ter havido qualquer manipulação do Mundial de Fórmula Um de 1989, e que o presidente da Federação Internacional nunca interveio pessoalmente. Após revelar que no dia anterior tentara uma «falhada» reconciliação com o brasileiro, o responsável máximo da FISA adiantou que, na reunião, Senna confirmou ter proferido as acusações e garantiu não pretender retirá-las, «chocando e irritando os presentes com a sua atitude». Ele adoptou um comportamento arrogante e provocador, exibindo contínuos gestos de impaciência — acusou Ballestre, sublinhando ter o Conselho Mundial recordado a Senna que ele ainda não pagou a multa de 100 mil dólares (cerca de 16 mil contos), imposta no ano passado.

As «24 Horas de Mans» ficaram com menos hipóteses de integrarem o próximo «Mundial» de Sport-Prototipos, após a Federação Internacional do Desporto Automóvel ter imposto novas condições para prosseguir as conversações.

Jean-Marie Ballestre, presidente da FISA, afirmou, em conferência de Imprensa, que não prosseguirá as negociações com os organizadores da «clássica» corrida francesa, enquanto estes não pedirem desculpas públicas pelo que considerou ser uma «campanha de difamação contra a FISA».

Ballestre, também presidente da federação francesa acrescentou que a FISA insiste ser necessária a construção de duas «chicanes» na famosa Recta das Hunaudières, onde, no final dos seus sete quilómetros de extensão, os bólides ultrapassam os 300km/h.

Segundo o «patrão» do desporto automóvel mundial, a aprovação da FISA para a corrida integrar o «Mundial» de Sport-Prototipos apenas poderá ser dada após serem construídas as duas «chicanes», tendo acrescentado que, caso este organismo não autorize a realização das «24 Horas de Mans», organizadas pelo Automobile Club de l'Ouest, a «clássica» prova não poderá ser disputada por pilotos estrangeiros.

«Circo» poderá regressar à África do Sul

Uma pista de Joanesburgo vai na próxima semana ser palco de testes privados de Fórmula Um, levando os responsáveis locais a mostrarem-se optimistas quanto ao regresso da modalidade à África do Sul.

A Fórmula Um regressa à África do Sul após cinco anos de ausência, com o italiano Riccardo Patrese e o belga Thierry Boutsen a efectuarem testes ao novo Williams-Renault no recentemente melhorado Autódromo de Kyalami, que até 1985 teve um lugar certo no «Mundial» da especialidade.

DESPORTO

Escândalo romeno

Camataru vai «descalçar a bota»

Rebentou mais um escândalo romeno e este a envolver fraude cometida por autoridades desportivas ao atribuírem ao futebolista Camataru (o «tal» que Fernando Martins anunciava como futura aquisição do Benfica sempre que se apresentava como candidato ao cargo presidencial) mais nove golos do que os averbados, e, desse modo iludirem os organizadores da atribuição da Bota de Ouro troféu com que o jornal «France Football» distingue, anualmente, o mais certo atirador do futebol europeu.

Depois de conhecerem a falsa informação, os organizadores já intimaram o futebolista romeno a devolver a bota que será entregue ao austríaco Polster (presentemente ao serviço do Sevilla) e que então fora considerado segundo classificado. Recorde-se que Polster se recusara então a receber o troféu destinado ao segundo classificado, naturalmente por já ser conhecedor da fraude cometida em Bucareste.

Por cá

Ronda futebolística: dos nove confrontos que integram a 16.ª jornada nacional da I Divisão, realizam-se amanhã o Feirense-Tirsense (15 horas) e o Portimonense-Vitória de Setúbal (21.30) com transmissão directa através da RTP-2. Os restantes jogos ocorrerão no domingo (a partir das 15 horas) e são os seguintes: FC Porto-Guimarães, Benfica-Estrela da Amadora, Chaves-Nacional, Penafiel-Beira Mar, Sporting-Belenenses, Marítimo-União e Braga-Boavista.

Divisão 2

Zona Norte: Desportivo das Aves-Bragança; Marco-Gil

Vicente; Trosense-Infesta; Leixões-Joane, Varzim-Freamunde; Paços de Ferreira-Rio Ave; Famalicão-Maia; Felgueiras-Vianense e Fafe-Visela.

Zona Centro: União de Lamas-Águeda; Oliveira do Bairro-Académico de Viseu; Benfica de Castelo Branco-Guarda; Oliveirense-Académica; Peniche-Mirense; União de Leiria-Caldas; Lousanense-Sporting da Covilhã e Mangualde-Espinho.

Zona Sul: Juventude de Évora-Elvas; Torreense-Portalegrense; Lusitano de Vila Real-Sintrense; Farense-Oliveiras e Moscardide; Alverca-Estoril; Seixal-Silves; Atlético-Olhansense; Barreirense-Louletano e Samora-Lusitano de Évora.

Divisão 3

Série A: Celoricense-Vieira; Valpaços-Prado; Macedo de Cavaleiros-Amarelos; Vila Pouca-Maria da Fonte; Valdevez-Ribeirão; Delães-Ponte da Barca; Esposende-Lanhães; Moreirense-Mirandela e Santa Maria-Caminha.

Série B: Régua-Vila Real; Santa Marta-Sanjoanense; Ermesinde-Rio Tinto; Valadares-Lixa; Paivense-Amarelo; Lousada-Cinfães; Lourosa-Sandinenses; Valonguense-Leça e Pedrouços-Paredes.

Série C: Estarreja-Valonguense; Oliveira do Hospital-Argus; Ovarense-Santacombadense; Seia-Tabuense; Luso-Anadia; União de Coimbra-Mealhada; Sabugal-Gouveia; Mortágua-Valecambrense e Oliveirinha-Alba.

Série D: União de

Santarém-Naval 1.º de Maio; Sertanense-Alcobaça; Bombarralense-Castelo de Vide; Alfeizerense-Torres Novas; Desportivo de Fátima-Mirandense; Alcanenense-Marrazes; União de Tomar-Ferrel; Estrela de Portalegre-Marinhense e Nazarenos-Alcains.

Série E: Loures-Borbenense; União de Almeirim-Oriental; Campomaiorense-Lusitano dos Açores; Fronteirense-Cardaxo; Santa Clara-Odivelas; Câmara de Lobos-Futebol Benfica; Atlético Cacém-Vilafranquense; Praiense-Sacavenense e Portosantense-Fanhões.

Série F: Caparica-Trafaria; Almancilense-Vasco da Gama; Quarteirense-Beja; Sesimbra-Quimigal; Montijo-Estrela de Vendas Novas; União de Montemor-Amora; Palmelense-Imortal; Moura-Esperança de Lagos e União de Santiago do Cacém-Leões de Tavira.

Caldas fora da «Taça»

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol deu provimento ao protesto apresentado pelo SC Braga sobre a irregular participação do futebolista Vala, do Caldas, no encontro disputado entre aqueles dois clubes e que terminou com a vitória do Caldas por 1-0. Perante tal decisão o Braga segue em frente na Taça de Portugal.

Outra «chicotada»

Mário Lino deixou a orientação do Peniche sendo substituído por Artur Ferreira.

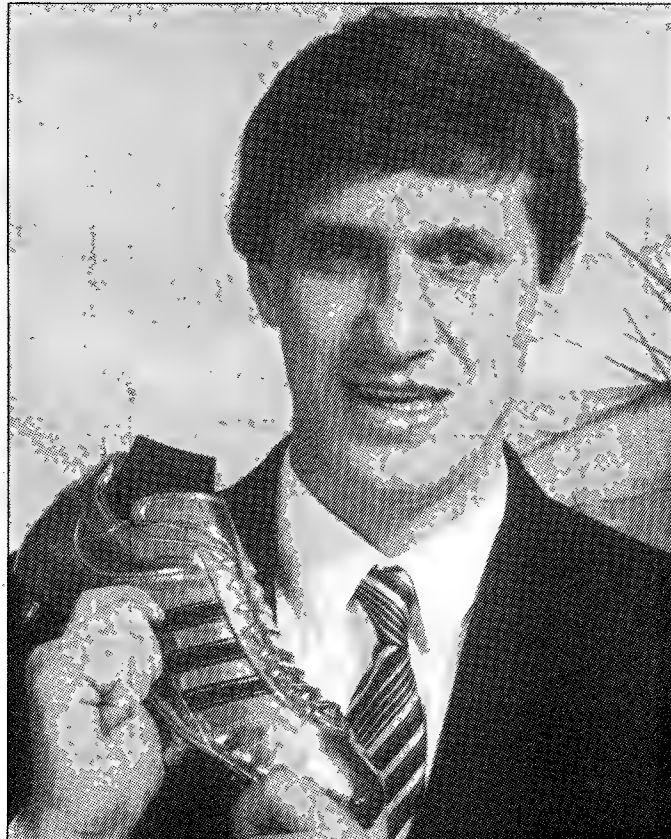
Federação castiga

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de ontem, decidiu mandar instaurar um processo disciplinar ao Benfica, pagando ainda este clube no pagamento de uma multa de 15 mil escudos.

Na mesma reunião, o Conselho de Disciplina multou o Feirense em mil escudos, suspendendo ainda o dirigente deste clube, António Santos Lima, por dez dias e o jogador, também do Feirense, Valido, por um jogo.

O dirigente do Boavista, José Manuel Ambrósio foi suspenso por dez dias e a defesa central do mesmo clube, Frederico, castigado com dois jogos de suspensão. O Penafiel foi multado em cinco mil escudos.

O órgão que tutela a disci-



Botinha para devolver

plina do futebol português decidiu ainda castigar com dois jogos de suspensão os futebolistas Ramos (União da Madeira), Dito (Vitória de Setúbal), Valtinho (Sporting) e Filgueira (Desportivo de Chaves), enquanto Zoran (Marítimo) e Dreiffus (Tirsense) foram punidos com um jogo de suspensão cada.

Veiga em tribunal

O ex-presidente do Macedo de Cavaleiros, António Veiga, está convocado para responder na próxima segunda-feira no Tribunal Judicial de Famalicão.

António Veiga vai responder à acusação de crime por difamação que lhe foi movida pelo ex-presidente do FC Famalicão, Fernando Costa, de tentativa de aliciamento do então presidente da direcção do Macedo de Cavaleiros no sentido de «influenciar» o resultado de um encontro disputado entre os dois clubes.

Veiga denunciou a atitude do presidente do Famalicão o que provocou a descida do clube famalicense da primeira para a terceira divisão nacional e a irradiação de Fernando Costa. Posteriormente o ex-presidente do Macedo de Cavaleiros retratou-se das afirmações acusatórias proferidas o que não modificou — não obstante os vários recursos apresentados pelo Famalicão — a decisão do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol.

Prestígio em salão

Sporting, Atlético, Estoril e Páteo Alfacinha são as quatro equipas que amanhã e depois estarão envolvidas no Troféu Prestígio/90, em futebol de cinco, prova organizada pela Data General.

Amanhã, pelas 19 horas, no Pavilhão da Tapadinha, Sporting e Estoril disputarão a primeira meia-final da competição. Uma hora mais tarde será a vez de Atlético e Páteo Alfacinha jogarem entre si.

O vencedor do Troféu Prestígio/90 será encontrado no domingo, no Estádio de Alvalade, jogo que será antecedido pelo Sporting-Belenenses, em veteranos.

O calendário de jogos é o seguinte:

AMANHÃ: Sporting - Estoril (16h30) e Atlético - Páteo Alfacinha (17h30). Os jogos terão lugar no Pavilhão da Tapadinha.

DOMINGO: Páteo Alfacinha - Canarinhos (iniciados, 16h30); Sporting - Belenenses (veteranos, 17h15) e final do Troféu Prestígio/90 (18h).

Em agenda

ATLETISMO: Com uma extensão de 16 quilómetros, decorre no próximo domingo o III Grande Prémio «Nova Antena», em atletismo, destinado aos escalões masculino e feminino.

Com prémios que oscilam entre os 5 e os 40 mil escudos, esta prova conta já com as inscrições de Luís Horta (Benfica), Alberto Maravilhas (Futebol Clube do Porto) e Armando Aldegalega (Sporting), entre outros.

Com partida da Ponte da Bica, junto às instalações da Rádio Nova Antena, os atletas passarão por Odivelas, Póvoa de Santo Adrião, Ponte de Frielas e Flamengo. O regresso será feito por Loures, estando a meta instalada no plano de Santo António dos Cavaleiros.

BASQUETEBOL: Estrelas/Lisgráfica - Ovarense/Bill (Pavilhão das Orlas, 16 horas); Benfica/Ariston - Ginásio/Cuetara (Pavilhão da Luz, 17.30h); Tecnogaz/Guilhões - Beira Mar/Braga Alves (Pavilhão do Guifões, 18 h); Esgueira/Luzostela - Futebol Clube do Porto (Pavilhão do Esgueira, 17.30h); Imortal/Hotel Montechoro - Sporting (Pavilhão do Albufeira, 16h); Illium/Quinta Nova - Barreirense/Compal (Pavilhão do Ilhavo, 18h de domingo).

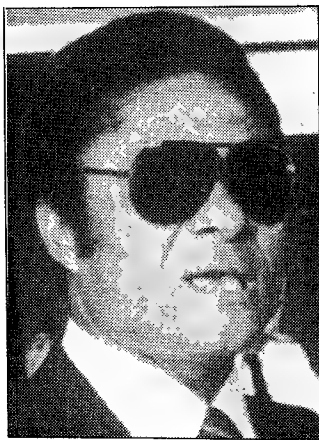
O calendário ficará em dia quando no próximo dia 17 (quarta-feira) o Benfica receber o Estrelas em partida referente à nona jornada. O jogo disputa-se no Pavilhão da Luz, pelas 21 horas.

HÓQUEI EM PATINS:

Amanhã realizam-se os seguintes jogos a contar para o «Nacional» (9.ª jornada): Quimigal - Parede (17 horas); Porto - Turquel (19h); Sanjoanense - Paço de Arcos; Sporting - Barcelos; e Valongos - Grundig (todos a partir das 21 horas).

RÂGUEBI: Programa para amanhã: CDUL - Belenenses (Estádio Universitário, às 14 horas); Benfica - Direito (Estádio Nacional, Campo n.º 2, às 14 horas); Cascais - Académica (em Cascais, às 14 horas e 30 minutos); Moitense - CDUP (15 horas, na Moita); Técnico - Agronomia (Estádio Universitário, às 15 horas e 30 minutos).

COLUNÁVEIS



EUSÉBIO vai receber mais um prestigioso galardão internacional, que lhe foi outorgado pela Federação Indiana de Futebol «em reconhecimento pela sua notável contribuição para a modalidade, tanto em Portugal como no estrangeiro.» O Prémio Nehru será entregue a Eusébio no início do Torneio Nehru Centenary Cup for Youth & Peace a disputar oportunamente em Calcutá, integrado nas comemorações do centenário do nascimento de Nehru.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 28.º, parágrafo 2, alínea a) dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Geral da CURPIO, a reunir no dia 27/1/90, pelas 11.00h, na sua sede, na Rua Rainha D. Estefânia, 4 em Odivelas.

— Ordem de trabalhos:

Ponto único —

Eleições dos corpos gerentes para o biénio 90/91.

Nota: A assembleia de voto funcionará até às 17 horas.

A Presidente da Mesa

SANTOS & NASCIMENTO

AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA

SALDOS
PRONTO-A-VESTIR

FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC.

(A partir do próximo dia 15 (2.ª feira))



AGÊNCIA AUTOMOBILÍSTICA
A RODAGEM, LDA.

Anda a conduzir despreocupado?

Já reparou se a sua carta de condução tem validade?

Tem qualquer dificuldade com documentos sobre veículos Automóveis, Cartas de Condução, Nacionais ou Estrangeiras?

Legalizamos viaturas com matrículas Estrangeiras e de Emigrantes.

RUA FERNO DO TIJOLO, 31 AOS ANJOS TELEFONE 814 34 45
1100 LISBOA

AGENDA

HOJE

CONTINENTE
Regiões do Norte: - no Minho e Douro Litoral céu muito nublado. Períodos de chuva fraca a partir da manhã. Subida da temperatura mínima.

Em toda a região: - Vento fraco. Nebulinas e nevoeiros matinais. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Regiões do Centro: céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a manhã no litoral, onde poderão ocorrer períodos de chuva fraca. Vento fraco. Formação de geada nos locais abrigados do interior.

Regiões do Sul: -céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco de Leste. Formação de geada nos locais abrigados do interior. Nebulinas ou nevoeiros matinais. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação Sudeste de 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado. Aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul. No Funchal: períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste sendo fraco na região do Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - céu geralmente muito nublado. Vento Sul moderado, por vezes forte. Períodos de chuva fraca a partir da tarde. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Central: - céu geralmente muito nublado. Vento Sudeste moderado rodando para Sul a partir da tarde. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

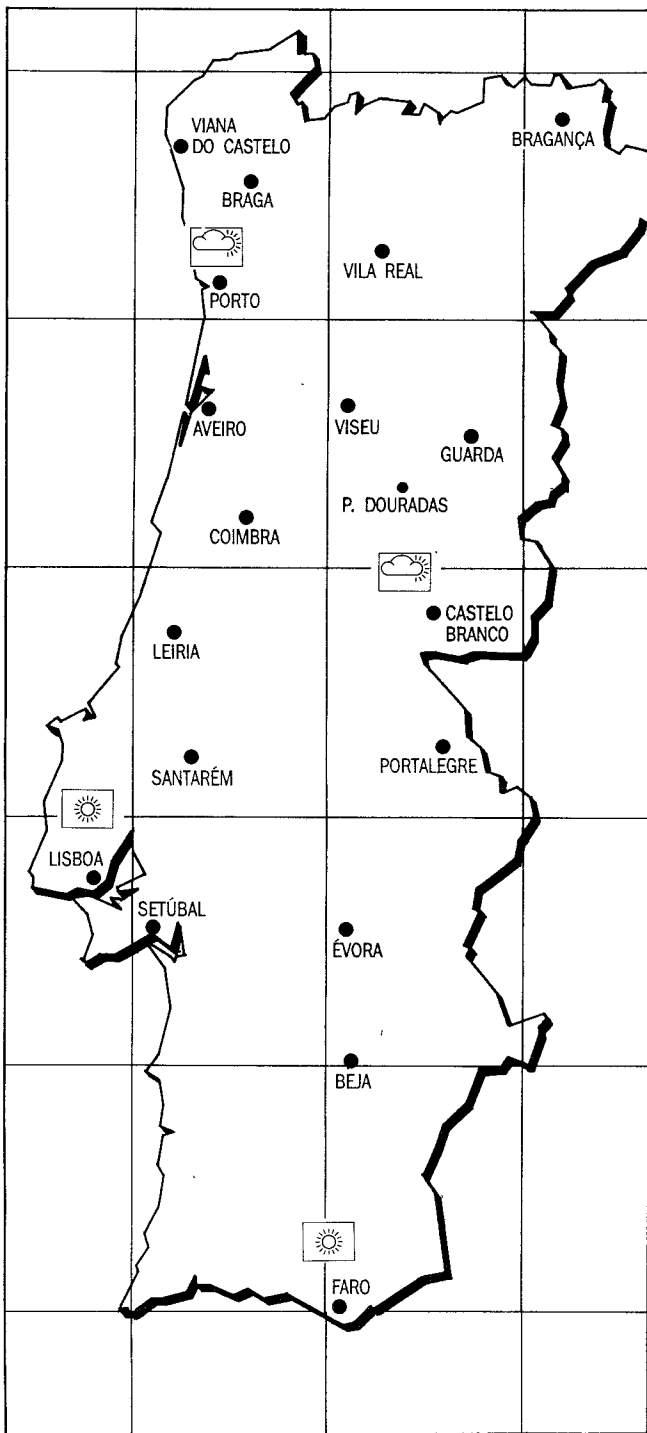
Grupo Oriental: - Períodos de céu muito nublado. Vento Leste moderado. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

Amanhã: - no Grupo Ocidental céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste fraco a moderado. Períodos de chuva fraca. Nos grupos Central e Oriental, céu geralmente muito nublado. Vento do quadrante Sudeste fraco a moderado.

AMANHÃ

Depois de amanhã: - No Grupo Ocidental No Continente: céu pouco nublado, apresentando períodos de muito nublado nas regiões do Sul. Vento fraco a moderado de Leste. Formação de geada nos locais abrigados do interior.

Depois
No continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de Leste. Formação de geada nos locais abrigados do interior. 1



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	-4	-4	Nevoeiro
V. Castelo.....	1	1	P. nub.
Vila Real.....	-1	0	Nebulim
Porto.....	4	5	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	3	6	P. nub.
C. Carvoeiro.....	7	7	Limpo
C. Branco.....	2	4	P. nub.
Portalegre.....	6	6	P. nub.
Lisboa.....	5	5	P. nub.
Évora.....	5	5	Limpo
Beja.....	4	4	Limpo
Faro.....	5	6	Limpo
Sagres.....	5	5	P. nub.
P. Delgada.....	12	12	M. nub.
Horta.....	12	13	M. nub.
Funchal.....	12	12	P. nub.
Sines.....	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 11; Porto, 12; Faro, 16; P. Delgada, 17; Funchal, 17.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	-1	-1	Limpo
Londres.....	7	8	Bruma
Paris.....	-1	0	Nevoeiro
Bruxelas.....	1	1	Limpo
Amesterdão.....	3	3	Limpo
Genebra.....	-1	-1	Nebulim
Roma.....	-	-	-
Oslo.....	0	0	Nebulim
Copenhaga.....	7	7	Nebulim
Estocolmo.....	-2	-2	Neve
Berlim.....	5	6	Chuvisco
Viena.....	-9	-9	Nev. e gelo
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	-	-	-
Moscovo.....	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	-3	-1	Limpo
Houston.....	9	20	Nebulim
Los Angeles.....	12	19	P. nub.
Montreal.....	-4	-1	P. nub.
Nova Iorque.....	1	4	Aguaceiros
S. Francisco.....	11	14	Chuvisco
Toronto.....	-5	-3	Aguaceiros
Vancouver.....	1	7	Limpo
Washington.....	2	5	Aguaceiros
Hong Kong.....	15	23	Aguaceiros
Melbourne.....	18	27	Aguaceiros
Pequim.....	-8	1	Nebulim
Perth.....	10	24	Limpo
Singapura.....	24	30	Trovoadas
Sydney.....	19	24	Limpo
Tóquio.....	4	8	Limpo
Wellington.....	12	22	Limpo

HÁ 20 ANOS



Ajuda às vítimas do Biafra

Várias operações de auxílio às vítimas bafrenses da guerra civil estão a ser preparadas em vários pontos do Mundo, agora que a resistência militar das tropas separatistas se desmoronou e o seu chefe, general Ojukwu, se ausentou para parte incerta. A Cruz Vermelha Internacional, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a França e ainda outras nações e organizações internacionais ofereceram imediatamente auxílio sob a forma de remédios, alimentos e outros artigos de primeira necessidade.

Sinatra: mandado de captura

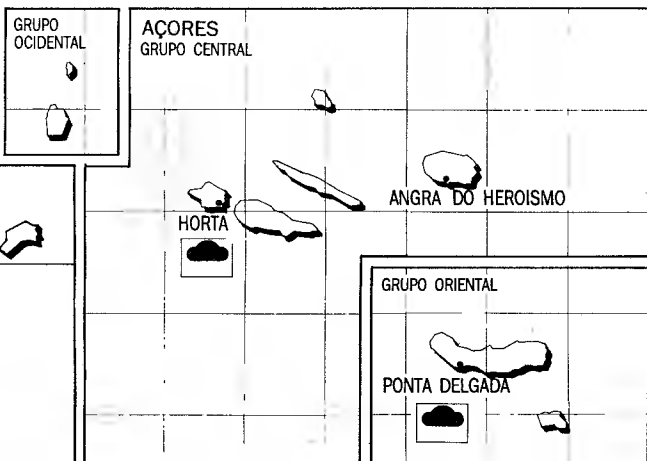
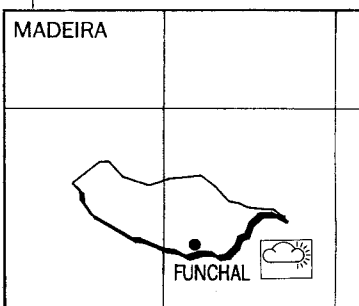
A comissão de inquérito do Estado de Nova Jersey estava perfeita e constitucionalmente habilitada a convocar o cancionista e actor Frank Sinatra - declarou o juiz do distrito James Coolahan ao rejeitar as contestações levantadas pelos advogados de Sinatra.

Bascos buscam a França

Dez dos quinze presos que se evadiram da cadeia de Bilbao, em 11 de Dezembro, refugiaram-se em França e querem pedir asilo político. Estes dez homens, quatro dos quais são padres, fazem todos parte do movimento nacionalista basco ETA.

EFEMÉRIDES

- 1821
As potências europeias reúnem-se em Laibach, actual Jugoslávia
- 1837
É fundada a Escola do Exército - actual Academia Militar - em substituição da Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho
- 1875
Kung-Su torna-se imperador da China
- 1919
Nos EUA, a Câmara de Representantes rejeita a proposta que visava conceder às mulheres o direito de voto
- 1959
O general Humberto Delgado pede asilo político na Embaixada do Brasil
- 1970
Rendição dos separatistas do Biafra, terminando a Guerra Civil da Nigéria, que se prolongava há 32 meses
- 1972
Em Angola, território colonial português, o MPLA estende a luta armada ao distrito de Cunene
- 1976
Morre a escritora britânica Agatha Christie, criadora da figura do «Inspector Poirot»
- 1980
Morre o maestro Frederico de Freitas
- 1988
O presidente do governo autónomo basco e os representantes de seis partidos bascos - excepto o Herri Batasuna - assinaram um acordo contra a violência e o terrorismo da ETA-Militar e a favor da autonomia
- 1989
Morre David José da Silva Ferreira, 91 anos, co-fundador do grupo Seara Nova, revolucionário dos anos 20 e autor da História Política da Primeira República Portuguesa

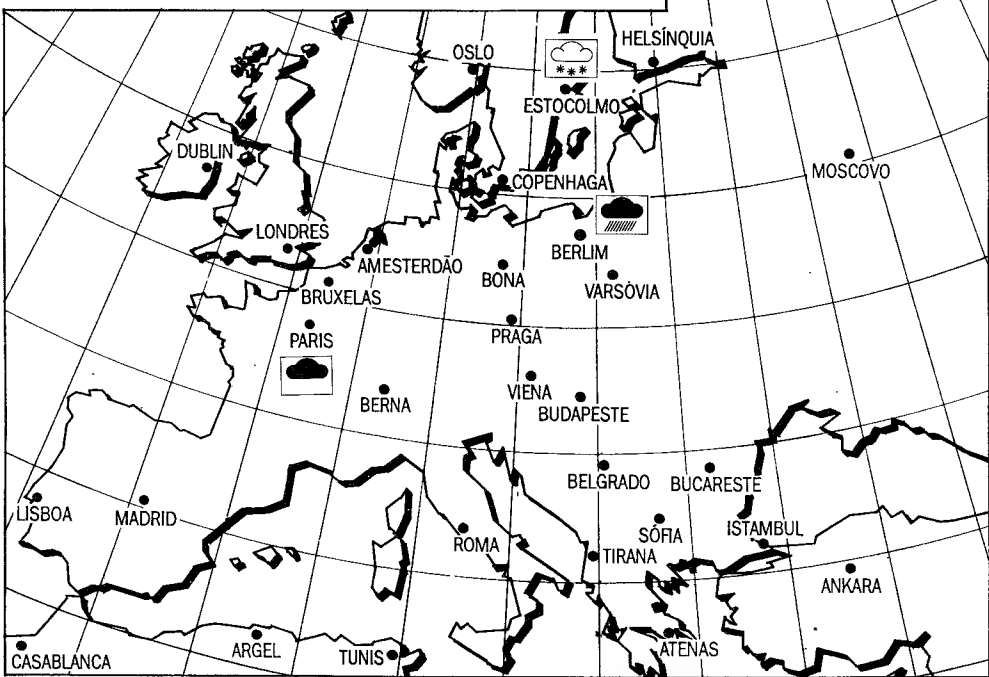


	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
03.43	4,0m
09.31	0,6m
16.09	3,7m
21.36	0,7m
Amanhã	
04.24	4,0m
10.11	0,7m
16.48	3,7m
22.15	0,8m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
PERMANENTE

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; Alcântara: Bairro, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; Anjos (ao Cinema Roxy): Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; Av. Roma (Bairro São Miguel): São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; Baixa: Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; Belém - Altinho: Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; Chelas - Zoma N2: Almeida Vaz, Rua Pardo Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; Encarnação: Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; Estados Unidos: Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; Lapa: Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Lumiar - Quinta das Mouras: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; Luz - 2.ª Circular: J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260469; Picheleira: Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; São Sebastião: Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; Alfragide - Amadora: Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Odivelas: Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; Portela: Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Alto Santo Amaro: Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; Alvalade: Sanex, Av.

RÁDIO
ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

15.00: Contraste; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto de Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

17.00: Sete Mares; 19.00: Música; 20.00: A Europa dos Doze; 20.30: Musical; 21.00: Passos Perdidos; 21.30: Livre e Directo. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional - FM-2- Estéreo

17.00: Falar Cinema; 17.30: Aguarda do Brasil; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - os 23 quartetos

da Igreja, 31-C, Tel. 897505; Arco Cego: Providência, Rua D, Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; Benfca - Portas Benfca: Benfca, Estrada Benfca, 678-E, Tel. 702532; Campo de Ourique: Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; Fundação Calouste Gulbenkian: Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; Madre de Deus: Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; Marquês Pomal: Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; Penha Franca: Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; Príncipe Real - São Bento: Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 670401; Brandão - Amadora: Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E-36-B, Tel. 970660; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Combatentes G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira

da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; Parede: Aisir, B.º das Caixas de Previdência, Bloco A - Av. Gago Coutinho, Tel. 2472948. Permanente; S. Pedro do Estoril: S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052; Sassoeiros: Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorma: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Aragão: Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Suíssa, Monte Estoril, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; Cascais: Cascais, R. Conde de Monte Real - B.º Caxias, Tel. 282407. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

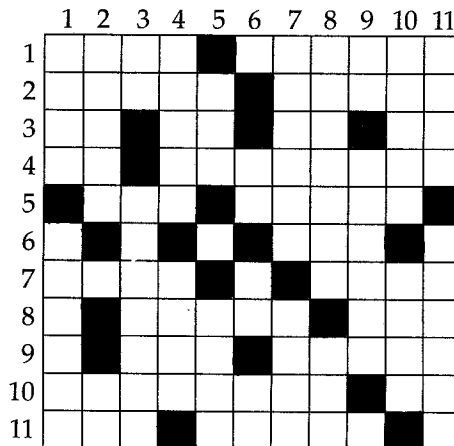
Amadora: Igreja, Praça da Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; Remédios, R. Ivens, 30-Lj. - Alfragide, R. 970544. Permanente; Brito, R. 25 de Abril, Lote 32-B - Brandão, Tel. 4741315. Até às 22 h; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; Damaia: Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; Queluz: Vasconcelos, Est. Part. Henrique Pousa, Tel. 4372649. Até às 22 h; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 - Queluz Baixo, Tel. 4356487. Permanente; Cacém: Rico, Largo Adriano S. Gil, Tel. 4312833. Permanente; Mem Martins: Rodrigues Rato, R. das Marés, 1 - Algueirão, Tel.

9212038. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Cargaleiro Lourenço, Calçada da Rinchoa, 38 - Rinchoa, Tel. 9262006. Até às 22 h; Sintra: Valentim, S. Pedro de Sintra, Tel. 9230456. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA
BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; Cova da Piedade: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 22 h; Costa de Caparica: Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; Laranjeiro: Oliveira Sérgio, R. dos Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; Sesimbra: Leão, Av. da Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126; Barreiro: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; Baixa da Banheira: Nunes, Rua 1.ª de Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; Corroios: Bento Lino, Estrada de Vale Milhaços, Tel. 2532601. Até às 19 h; Amora: Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Cruz de Pau, Tel. 2211131. Permanente; Seixal: Soromenho, P. Paiva Coelho, 38, Tel. 2213560. Até às 22 h; Montijo: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h; Moita: Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; Alhos Vedros: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; Alcochete: Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h; Setúbal: Louro, R. Frei António Chagas, Tel. 24491. Permanente; Oliveira, R. Misericórdia, 10, Tel. 22488. Permanente; Oliveira Rodrigues, Vale Cerejeiras, Lote 11, Tel. 31567. Até às 22 h.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 835

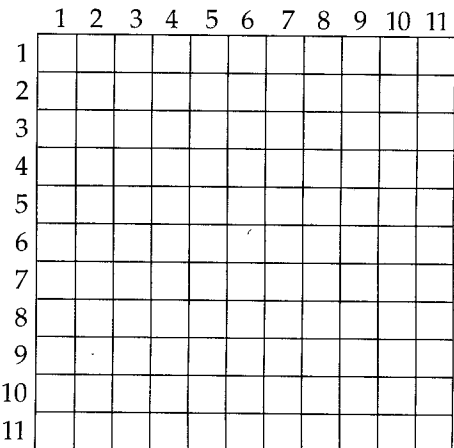
HORIZONTAIS:

- 1 - Divindade. Tira as escamas a.
- 2 - Tratam por tu. Equipas.
- 3 - Nota musical. Seguiu. Bis-muto (s.q.). Tempo do verbo ir.
- 4 - Ondas curtas. Esmoncamos.
- 5 - Suspiros. Encolarizar.
- 6 - Rio da Suíça. Tempo do verbo ser.
- 7 - Tabaco moído para cheirar. Senhoras.
- 8 - Aperfeiçoar. Donzela de Orléans.
- 9 - Freguesia do concelho de Alenquer. Nome dado aos cinco magistrados eleitos cada ano em Esparta.
- 10 - Nome de mulher. Alumínio (s.q.).
- 11 - Época. Restos mortais.

VERTICAIS:

- 1 - Antiga moeda de cobre indiana. Vasto.
- 2 - A moral. Sufixo que designa estado.
- 3 - Cidade da China. Suplica.
- 4 - Dança popular em Elvas e Campo Maior. Roça em que trabalhavam escravos (Bras.).
- 5 - Conjunção. Artigo definido. Charneca.
- 6 - Tempo do verbo ser. Apelido. Em a. Pertences.
- 7 - Freguesia do concelho de Odemira. Monarcas.
- 8 - Educaras. Freguesia do concelho de Esposende.
- 9 - Antes do meio-dia. Martelão.
- 10 - Mais grande. Batráquio.
- 11 - Membros de aves. Doutrina.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 645

HORIZONTAIS:

- 1 - Personagens da tragédia Hamlet de Shakespeare. Medida itinerária da Pérsia.
- 2 - Funesto. Entusiasmo.
- 3 - Desejaria. Cidade de Itália.
- 4 - Em a. Preposição latina que designa movimento. Nome de mulher.
- 5 - Passado. Seguiu.
- 6 - Peso turco cerca de um quilo. Verdadeiro.
- 7 - Ovario dos peixes. Almirante e explorador inglês que descobriu o polo magnético da Terra.
- 8 - Verbais. Briça.
- 9 - Rio de França. Palavrado vao.
- 10 - Rema para trás. expele.
- 11 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Um dos Estados da Federação da Malásia. Aversão (pop.).

VERTICAIS:

- 1 - Rio de Itália. Iniciais de Organização Europeia de Cooperação Económica.
- 2 - Reputação. Deslizava.
- 3 - Letra grega. Espécie de rede de pesca usada na costa do Algarve.
- 4 - Estado da Venezuela. Oásis.
- 5 - Destruir. Árido.
- 6 - Sufixo que designa estado.
- 7 - Hábito. Post scriptum.
- 8 - Carne seca (Bras.). Fujo do perigo.
- 9 - Fábricas de loiça de barro. Vês.
- 10 - Fatal. Interjeição que exprime admiração.
- 11 - Língua vernácula indiana. Cidade de Portugal.

SOLUÇÃO N.º 17 834

HORIZONTAIS: 1 - QUEM AMA AC. 2 - Urias. Abago. 3 - Iate. Afinal. 4 - Natália. Só. 5 - Co. Abatidas. 6 - Oros. LS. 7 - Segaras. Ho. 8 - Trair. Caos. 9 - Tremas. 10 - Goa. Comer. 11 - As. Me. Aso. VERTICAIS: 1 - Qui. CASTIGA. 2 - Urano. Er. Gs. 3 - Eita. Agala. 4 - Maeta. Air. 5 - Aborrece. 6 - Alara. Mo. 7 - Mafitas. Ema. 8 - Afiais. Crês. 9 - An. Aaro. 10 - Agasalhos. 11 - Colossos. Bo.

SOLUÇÃO N.º 16 644

HORIZONTAIS: 1 - Ra. Corda. Sr. 2 - Acuar. Olaia. 3 - Passa. Maçar. 4 - Abati. Avaro. 5 - Ras. Mat. 6 - Gas. Mel. 7 - Arm. Com. Mês. 8 - Ri. Af. AC. Só. 9 - Otite. Gaita. 10 - Lama. Rombos. 11 - Arais. Aios. VERTICAIS: 1 - Rapaz. Arola. 2 - Acab. Gritar. 3 - Usaram. Imã. 4 - Castas. Atai. 5 - Orais. Cie. 6 - Bp. 7 - Domam. Mago. 8 - Alavam. Cami. 9 - Açatem. Ibo. 10 - Sjar. Lestos. 11 - Raris. Soas.

PROVÉRBIO: QUEM AMA CASTIGA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
 Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rossellini.
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

CHUVA NEGRA
 Filme de Ridley Scott c/ Michael Douglas e Andy Garcia.
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

COMO O CÉU SE ENGANOU
 Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
 Telef. 691275
CHUVA NEGRA
 Com Michael Douglas e Andy Garcia
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3

REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4

OS CAÇA FANTASMAS II
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO
 Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6

ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

PERIGOSA SEDUÇÃO
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

ABISMO
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

A SOMBRA ASSASSINA
 Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10

COMO O CÉU SE ENGANOU
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
 Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
 Telef. 776098
CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
 Telef. 324194
PERSEGUIÇÃO MORTAL
 De Alam Solomon
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer
DO SEXO AO CRIME
 Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
 Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
 Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos.
 Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
 Telef. 533253

ABISMO

Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
NICO-A MARGEM DA LEI
 De Andrew Davis
 Maiores de 18 anos
 Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
 Telef. 9434762
O VELHO GRINGO
 Com Jane Fonda e Gregory Peck
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
 Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
 Telef. 322523



Regresso a Viena

PUB

Em exibição na sala 3 Quarteto

Filme de qualidade

M/12 anos

CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
 Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
 Telef. 8487255
TENNESSEE BUCK E OS SALTADORES DA TRIBO
 Com David Keith e Kathy Shower
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
 Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

OS CAÇA FANTASMAS II
 Filme de Ivan Reitman
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
 Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
 Filme de qualidade de João César Monteiro.
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
 Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve.

e Jean Sorel.
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
 Telef. 555134
CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
 Telef. 8480808
EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO
 De Anthony Richmond
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
 Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
 Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Dan Aykroid.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

COMO O CÉU SE ENGANOU
 De Emile Ardolino
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

KINJITE - JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
 Com Charles Bronson
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
 Telf. 3631162
ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
 Telef. 801313
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
 Telef. 538743
CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Telef. 574362
TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS
 Filme de Dick Castle
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
 Telef. 326283
BRAÇO DE VINGANÇA
 Maiores de 18 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
 Telef. 325309
ACADEMIA DE DEVASSAS
 Filme porno
 Maiores de 18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
 Telef. 326305
A CIDADE DO FIM DO MUNDO
 Filme de Peter Yuval c/ Demis Cole e Greg Cummins
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
 Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
 "ENCENAÇÃO GENIAL DE JOÃO MOTA... UM GRANDE MOMENTO DESTA FESTIVAL...
 UMA PAIXÃO! - P.B. - "LE QUOTIDIEN" - FRANÇA - NOV. 89

NOVOS HORÁRIOS: DE SEGUNDA A SÁBADO ÀS 21.30H - DOMINGO ÀS 17H - DESCANÇO QUARTA-FEIRA

ESPECTÁCULO DE QUALIDADE - D.G.E./D.A.

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
 ENCENAÇÃO: JOAO MOTA
 MÚSICA: JOSÉ MARIO BRANCO

2.º MÊS

A PECORA
 «AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MUELÂNIA»

APOIOS: PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE - FNAC - CARRELEIRO CITY - RÁDIO COMERCIAL - ANTENA UM - DIÁRIO DE NOTÍCIAS -

PRACA DE ESPANHA - BARÇAIS TEL. 726 08 18
 Subúrbio - Secretaria de Estado de Cultura e Turismo e Associação Cultural

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO *

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24h * APOIO SAMSUNG

CARTAZ

QUARTETO 2

TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4

SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3

OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30 horas

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
MORTO A TIRO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 368446
O VELHO GRINGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A NOITE DE ESPANTO Nº2
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CACÉM-ESTÚDIO

Telef. 9247570
ASELHAS AO VOLANTE
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ - KING D.

PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
ONZE DIAS E ONZE NOITES
Com Jessica Moore
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
CYBORG
De Albert Pynun
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
O REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA - CIN- EARTE
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira.
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.

A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando
CAFÉ TEATRO FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sáb. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
De Edward Bond c/ Fernanda Alves e Isabel de Castro.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45;

Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas; Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MAL-APOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

PORTO
TEAR
R. do Heroísmo, 86 - Telef. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
(Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12.30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa"
PALÁCIO FOZ: até 15 de Janeiro, a exposição "Desporto é Vida" integrada na VII Quinzena Cultural Bancária, organizada pelo Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas com a colaboração da Direcção-Geral da Comunicação Social.
PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos.

TEATRO DA POLITÉCNICA
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL
MUSEU BOCAGE
Rua da Escola Politécnica, 58



D. JOÃO E A MÁSCARA

FÁBULA TRÁGICA
DE ANTÓNIO PATRÍCIO

ENCENAÇÃO: MÁRIO FELICIANO
CENOGRAFIA: MANUEL GRAÇA DIAS, EGAS JOSÉ VIEIRA
FIGURINOS: HILDA PORTELA MÚSICA: ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA
LUIZES: ORLANDO WORM

ACTORES

EUNICE MUÑOZ, JOÃO GROSSO
ESTRELA NOVAIS, RUI PEDRO, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, CARMEN SANTOS,
ILDA ROQUETE, MARQUES D'AREDE, PAULA MORA JORGE SEQUEIRA, JOÃO CABRAL, MARGARIDA MARINHO
Miguel Rodrigues, Filipe Costa, João Reis, Marcello Urgeghe

Telef. 67 44 74

GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA NO TEATRO DA TRINDADE

SÓ ATÉ DIA 21



«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

3.ª a Sáb. às 21.30h.
Domingos às 16.00h.

Marcações pelo Telef.: 32 00 00
SUB. SEC

PATROCÍNIO
Círculo de Leitores

APOIOS:

Lanalog, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vítor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

APOIOS SEC: FUNDAÇÃO C. GUILBENKIAN - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - CML - FUNDAÇÃO ORIENTE - UAL (Luís de Camões)
Colaboração Teatro Nac D. Maria II e Teatro Nac de São Carlos PATROCÍNIO: ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, GALP, EUROPOTEL, EURODIVISAL, ELFEISIL, SOLUBEMA, FÁBRICA LISBOENSE DE SEDAS E VELUDOS, LDA, CORTICEIRA AMORIM, CONSORCÍO, SERVISSEGURA, PORTO RAMOS PINTO, SOTINCO, NORDOMÉSTICOS ELBA, PARAGLAS, VIDROS SEGURANÇA, LIMPOTECNICA, ALCATEL, AVON, LONGRA, WIRSO, RÁDIO COMERCIAL, ANTENA 1, TSF, EXPRESSO, DL

De Terça-feira a Sábado às 21 h • Domingo às 16h

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
O bebé de chupeta, "Virgul", sai do berço para mais uma das suas divertidas peripécias. Teremos, em seguida, mais episódios de "Um Olhar sobre o Mundo", "A Idade da razão" e "Fifteen", uma série dedicada às vidas e amores de vários adolescentes.
18.25 - RUA SÉSAMO
50º episódio: o Poupas e o Gil falam sobre a palavra mãe. Neste programa destinado aos mais novos, teremos ainda algumas noções de como se faz uma habitação tradicional, sendo Angola o ponto de referência.
18.55 - JOGO DE CARTAS
Concurso.
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.25 - VALE TUDO
21.15 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
2º programa: "Aveiro - Arte e Gastronomia", um roteiro em torno de Aveiro e dos seus principais núcleos artísticos. Uma introdução gastronómica: das barricas de enguias às de ovos moles. Depois, um percurso pelo cromatismo peculiar da cidade. O espaço urbano, a ria, as manifestações artísticas dos desenhos dos passeios, os barcos tradicionais e a arte nova.
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
16º episódio
22.30 - TELEMUNDO
23.00 - CHEFE, MAS POUCO...
23.25 - 24 HORAS
23.55 - REMATE
00.20 - PELA NOITE DENTRO
"Dominique", um filme britânico realizado em 1978 por Michael Anderson, com Cliff Witaker, Jean



Amanhã às 22.20, no 1º canal, Liza Minelli ao vivo em Acapulco



"Dona Beija", no 2º Canal a partir das 21.30

Simons, Jenny Moody e Judy Gesson. Inspirado num romance de Harold Lawlor, Dominique é uma variação sobre um tema clássico do cinema de terror: a personagem morta que regressa do além-túmulo para assombrar aquele que mais con-

tribuiu para a sua derrocada em vida. Apoiado num elenco notável, o filme resulta, assim, num espectáculo de emoção e suspense.

RTP-2

- 16.50 - 3, 2, 1 CONTACT
16º episódio: na semana em que se inicia um ciclo de programas dedicados aos mamíferos, o primeiro episódio fala-nos de ratos e morcegos. É também abordada, entre outras, a questão da adaptação dos mamíferos ao ambiente.
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
10º episódio
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - HAJA MÚSICA
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina»
20.20 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA

17º episódio: Ceci vai ao palácio de Beija pedir-lhe que abandone António. Beija, dissimuladamente, lembra-lhe que um dia viu recusada a ajuda que lhe pedira, mas promete-lhe que vai pensar no assunto. Ao saber da atitude de Ceci, António proíbe-a de voltar a importunar Beija, Ceci jura vingança e convence Moisés de que a patroa o vai vender. Idalina procura Costa Pinto e ameaça escrever uma carta a Augusta, caso ele continue a frequentar a Chácara.
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES
Desporto

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75

ALGÉS



AMANHÃ

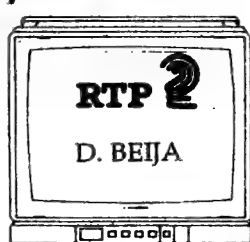
RTP-1

- 09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
11.40 - CONCERTO DA LIBERDADE
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - O PARAÍSO TERRESTRE
16.20 - SESSÃO DA TARDE
"A Escolha de Isabel"
18.00 - VIVAMÚSICA
18.45 - O MAR E A TERRA
19.15 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
21.25 - A MORGADINHA DOS CANAVIAIS
1º episódio
22.20 - LIZA MINELLI
23.20 - CINEMA DA MEIA NOITE
"Dois Irmãos Sicilianos"

RTP-2

- 09.01 - VIA RÁPIDA
09.50 - TV 101
10.40 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA Compacto
13.15 - ALEGRIA PARA O MUNDO
14.15 - CIRCO, CIRCO
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
Malcolm McLaren/V2
19.50 - MEU FILHO, MEU FILHO
20.45 - A CIDADE DE BUDVA
21.15 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 2 exposição)



«A política de saúde não mudou. A praxis é que é diferente.»

Machado Macedo,
«Correio da Manhã», 11.01.90

A PERGUNTA DO DIA



Nuno Abecasis
militante do CDS

Para o próximo congresso do CDS já se diz que vai apresentar uma moção e «partir a loiça». É verdade?

«Sim. É claro que vou apresentar uma moção. Mas não procuro apoios. Nunca precisei de o fazer. Essa é a minha originalidade.

Quanto a «partir a loiça» acho que é uma fatalidade que me acontece. Vai mesmo ter de ser. É que no CDS as pessoas arranjam táticas e estratégias para substituir a falta de ideias. Vou restituir a democracia cristã ao Centro Democrático Social.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

A crónica
de Artur Portela

O Brasil de Collor
de Mello
em Grande
Angular

Associação
de solidariedade
recupera jovens

João Mário Grilo
ante-estreia
«O Processo
do Rei»

Aplausos
& Pateadas

O cartoon
de António Alfredo

O D L S U G E R E

a Jorge Sampaio

Não perca o OBRIGADO AO PRESIDENTE ENG. NUNO KRUSS ABECASSIS, tema do baile organizado pelos Alunos d' Apolo, sábado, às 15 horas. É provavelmente a maior homenagem prestada ao inefável presidente. É também uma excelente oportunidade de o novo edil conhecer melhor os meandros da dança de salão e de poder testar a sua popularidade. Não se espante se Abecasis o convidar para dançar. Até pode ter que aprender com ele...

a Dias Loureiro

Veja a exposição SETE PECADOS CAPITAIS na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Aguarda uma mostra de textos de gente ilustre como Agostinho da Silva ou Benard da Costa, combinada com uma mostra de pintura de Miguel Branco e Jaime Lebre, entre outros. Entre os seus inúmeros afazeres e sobretudo agora que decidiu mudar-se para o gabinete de Eurico de Melo, pode distrair o olhar pelas artes. E sossegue que a remodelação não está representada!



a Fernando Nogueira

Visite COIMBRA e vá ver a REGIE COOPERATIVA SINFONIA logo, pelas 21 e 30, no Teatro Gil Vicente. Poderá ouvir obras de Mozart, Villa-Lobos e Mendelssohn e rever as «forças vivas» da sua Coimbra. É que há quem lhe ande a disputar a influência. Coimbra tem mais figuras proeminentes e há pessoas que não lhe perdoam a sua notoriedade política. Chegam mesmo a instalar-se no mesmo andar da sua Presidência. Fala-se até que mais parece Coimbra A e Coimbra B. Cuidado! Não lhe ocupem a estação...



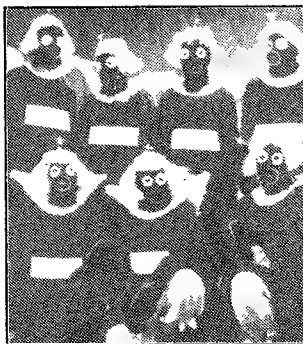
a Zita Seabra

Vá ver COMO O CÉU SE ENGANOU, um filme Emile Ardolino. Anuncia-se como uma comédia romântica e é capaz de a ajudar a desconstrair a memória de tempos passados. E para os dissabores presentes, nada melhor que uma boa fita. O PCP é um ingrato. Se o «céu se enganou», porque é que uma militante não havia de poder enganar-se no nome do partido, no seu programa e nos seus objectivos!

D'APOLLO

225 • Telef. 68 53 66

OBRIGADO
AO PRESIDENTE
ENG. NUNO KRUSS
ABECASSIS ***
BAILE



meteorologia

Pastéis de Belém

Se eu tivesse uma sogra a sério, levava-a lá para adoçar as maneiras.

Se eu tivesse saudades do serviço militar, já estava sentado nesse local aprazível, entre os magalas.

Se eu fosse João de Deus Pinheiro, encontrava-me com Savimbi naquela sala contígua à principal.

Se eu tivesse uma visita da Dinamarca, mandava o táxi para Belém.

Se a minha sobrinha de Praga viesse, antes do Museu Gulbenkian mostrava-lhe o dito.

Se o meu filho não entrasse na Universidade, encomendava quatro pastéis quentinhos em forma de consolo.

Se eu quisesse engordar o Fininho (onde está ele?), sabia onde ir.

Se o Jerónimo estivesse fechado, visitávamos a casa ao lado, sem prejuízo.

Se o calor fosse insuportável, sem brisa do mar de palha, suponho onde está fresquinho.

Se estivesse frio, se chovesse, lá se estava lindamente.

Se já não tivesse nenhum dos sentidos em ordem, mas ainda um restinho de olfacto, pedia que me levassem ao sítio certo.

Falo de um património, de uma instituição única, que se está nas tintas para a publicidade mas que informa todas as linhas de Meteorologia: falo da casa dos pastéis de Belém.

Escrevo no guardanapo *in loco*. O texto cheira, ele também polvilhado de baunilha. Aliás, se Walter Gropius visse o açucareiro, mudava o estilo de design.

Com licença, estou a dar uma dentada.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

7 273

105 000 CONTOS

2.º PRÉMIO

39 624

15 000 CONTOS

3.º PRÉMIO

8 360

4000 CONTOS

120 000 Contos

Sorte grande e 2.º Prémio
Vendidos hoje na Lotaria do Inverno

Aos Balcões da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU
• COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Grupo de trabalho sobre Assuntos Sociais

**A MUDANÇA
DE VALORES
NA SOCIEDADE
PORTUGUESA**

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA



Entradas de Lotaria
Sai sempre. Experimente

CASA VIOLA — A sorte que
«Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO •
SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

OS DESIGUAIS



SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
12 DE JANEIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA





O bombeiro do Leste

Na esteira da *perestroika*, esta semana foi muito agitada a Leste. Com todos os países do Pacto de Varsóvia agora alinhados nas reformas democráticas, o Comecon esteve em questão, por se ter tornado obsoleto, face à premente necessidade de relançamento das respectivas economias. Com acerbas críticas por parte da Polónia, Hungria e Checoslováquia, os parceiros

do chamado "Mercado Comum Socialista" acabaram por chegar a uma solução de compromisso: reestruturar profundamente o organismo, de modo a torná-lo apto para enfrentar os desafios da modernização e do mercado livre. Mas o futuro do Comecon é incerto. Para já, sabe-se que vai sobreviver. Mas, a médio prazo, arriscar-se-á a morrer se as suas novas linhas de

funcionamento não obedecerem às exigências de liberalização exigidas pelas democracias emergentes.

O Kremlin, apanhado nas malhas que ele próprio teceu, quase se transformou numa corporação de bombeiros. Assim, teve que acorrer à Lituânia para debelar outro incêndio: o das nacionalidades. Gorbachev, *himself*, foi ontem a Vilnius, a capital lituana, para tentar convencer os líderes do PC local a não se separarem do PCUS e a não apoiarem o movimento independentista. No momento em que escrevemos esta nota, desconhece-se o resultado dessa jornada. Mas, seja como for, Moscovo tentará, a todo o custo, resistir às exigências separatistas dos lituanos. Uma cedência nesse sentido significaria o atear do rastilho em todas as repúblicas periféricas da URSS, que nos últimos tempos têm vindo a aprofundar os sentimentos nacionalistas.

Enquanto a Europa de Leste fervilha no caldeirão das mudanças, a China, mais renitente a mudanças depois de Tiananmen, resolveu aligeirar a sua imagem exterior. O primeiro-ministro Li Peng anunciou na quarta-feira, o fim da lei marcial em Pequim, decretada na sequência dos trágicos acontecimentos. Os países Ocidentais apressaram-se a saudar a medida. No entanto, as autoridades de Pequim manifestaram a intenção de manter a vigilância em relação aos "contra-revolucionários". Somos tentados a pensar que o levantamento do estado de excepção foi menos ditado pela "normalização" da vida chinesa, e mais pela

necessidade de retomar os empréstimos dos países capitalistas, de que carece para pôr em marcha a sua debilitada economia.

Esta semana, a África Austral foi também notícia, tendo como protagonistas Luanda e o Maputo. As autoridades angolanas, numa fase de impasse nas negociações de paz com a Unita, decidiram atribuir ao primeiro-ministro português, Cavaco Silva, um lugar cimeiro na mediação com os Estados Unidos. Esta decisão parece ter colocado o Presidente Mário Soares numa posição delicada perante uma anunciada visita de Jonas Savimbi a Portugal. O adiamento dessa visita parece, aliás, confirmar de certo modo o embaraço suscitado pela posição angolana.

Quanto a Moçambique, a novidade foi o anúncio de uma série de medidas de abertura política interna, nas quais se inclui uma disposição de diálogo directo com a Renamo. Chissano, falando em câmara, revelou a preparação de uma série de alterações constitucionais, visando um desanuriamento substancial do panorama moçambicano, em matéria de direitos humanos. Essas medidas ainda não contemplam a partilha do poder com qualquer outra força política, para além da Frelimo, mas o Presidente moçambicano não se coíbiu de analisar os prós e os contras dos regimes multipartidários. Esta circunstância, só por si, pode significar uma considerável inflexão nas já tradicionais posições políticas do Maputo. Será que os ventos da mudança não conhecem latitudes? **Jorge Ferreira**

Sexta, 5

Diga-se o que se disser sobre «O Independente» (que é tolo, juvenil, mundano, pop, superficial, «blasé» e reações), não há dúvida que os rapazes têm saídas impagáveis. A última leu-se hoje e são duas páginas ocupadas por um «Manual da fuga ao fisco». O destaque que damos a este «Destaque» do periódico não tem nada a ver com o facto de eles, em privado, acharem o «DL» merecedor da escolha colectiva da Redacção como o jornal diário de mais gratificante leitura, mas a verdade é que ninguém mais se lembraria desta na cidade cinzenta das palavras. O enunciado até é simples: «Aproveitam-se os buracos da lei. A imaginação do contribuinte é, neste caso, superior à do fisco, que aqui se comporta muitas vezes como uma avestruz assustada: mergulha a cabeça na areia, e finge que nada se passa à sua volta.» É evidente que deslocar as peças e ganhar o jogo da «desonestidade legal» tem a sua arte, em tudo igual à dos filatelistas cabalísticos ou dos dependentes sofisticados que conhecem todos os poderes e contrapoderes das cápsulas químicas. Por isso, Domingos Amaral, o autor do conselho, é fotografado com a livralhada do IRC à frente, que estudou à lupa para bem dos portugueses, nacionalisticamente como sempre. É a cara do dia...

Sábado, 6

É muito raro que a Imprensa-nossa-de-cada-dia nos faça rir. Aconteceu: os olhos correm pelas linhas e não se acredita. Mas é verdade, está lá tudo. O título é «Lela: história da menina nua» e começa assim: «Não há "estória" de mulheres que não tenha simultaneamente picante, padres e puritanos de toda a espécie. Há mais de 50 anos houve uma, no Porto, que também meteu um marechal. Afinal as fardas são igualmente elemento importante nos negócios femininos.» Percebe-se que a publicação, que tem o nome do dia, querendo fazer graça a propósito da modelo que posou para Henrique Moreira esculpir a estátua hoje visível na Avenida dos Aliados do Porto, apenas conseguiu dar vazão a coisa bem mais antiga que a tal «estória» que conta: um marialvismo de duvidoso gosto, barrigudo e zé povão, em esgares contentinhos consigo mesmo. Defende-se que a imaginação suba ao pódio do jornalismo, mas a inteligência devia lá estar primeiro. Salva-nos o rostinho de Lela na pedra, preservada dos dichotes.

Domingo, 7

Mais um dia de poltrona, graças aos céus e aos mártires de Chicago. E graças a Maria de Medeiros, que deu uma longa entrevista a um semanário da capital de que não me lembro o nome. Disse ela que «qualquer afirmação artística também é uma forma de poder; de certa forma será muito menos primário, mas muito menos perigoso». Na conversa a actriz portuguesa que Paris ama afirmou ainda que não veio fazer teatro a Portugal com medo de conhecer as pessoas que estivessem na sala. Às tantas lemos que no palco se sente «completamente escondida», mesmo que ali «o que a pessoa mostra sem querer é justamente o lado mais íntimo», pelo menos «para quem souber entender». As palavras poderiam ter sido proferidas por outro actor, são previsíveis, não surpreendem. Não podemos, todavia, deixar de colá-las ao rosto que vemos junto a elas, limpo e fascinado mas triste, a tamanho de página, branco, suave, com os lábios pintados de vermelho, em forma de coração. Já não é o rosto de «Silvestre» mas é ainda de menina. E de mulher, anunciando segredos que a fala não esclarece, pois não sabemos entender...

Segunda, 8

De Como o Mundo Ocidental Teria Sido Diferente Se Os Gregos Tivessem Vencido Os Romanos - poderia ter sido o título de uma novela de Borges, mas tal novela Borges não a escreveu, imaginou-a divertido em grandes conversas com Maria Kodama que ela agora teve oportunidade de contar. À pergunta do jornal, um tanto metafísica (há semanários que por mais vetustos também têm as suas místicas, pois então) se Kodama sentia que Borges está presente, «ao seu lado», a companheira dos últimos anos de vida do escritor respondeu: «... para o xintoísmo, quando alguém a quem queremos morrer, converte-se num Deus tutelar que nos protege e continua a querer-nos.» Pois: é uma personagem estranha, esta Maria de apelido japonês. Quando Borges vivia era uma sombra calada, agora é a herdeira da sua palavra. Há quem a julgue uma oportunista, hoje como antes, e há quem admire a complexa relação que mantinha, e mantém, com o velho sábio tornado deus. Ninguém sabe ao certo o que se passou entre os dois, o que se passa e quem é realmente esta senhora. Mas talvez Maria Kodama seja uma persona-

gem da novela «De Como o Mundo Ocidental...», uma invenção de Borges para a posteridade, ou sejamos nós os figurantes do seu sonho e vemo-la representando uma última narrativa do mestre... Quem sabe?

Terça, 9

«O sistema, a ideologia e o aparato expropriam ao homem - tanto aquele que domina como o que é dominado - a sua consciência, a sua razão e a sua fala naturais, e com elas a sua qualidade concreta de ser humano; os Estados parecem-se com as máquinas; as pessoas convertem-se em conjuntos estatísticos de eleitores, de consumidores, de pacientes, de turistas ou de soldados; o bem e o mal - como categorias extraídas do mundo natural (...) - carecem na política de sentido real; o objectivo converte-se no único método e o êxito na única medida. Desse modo, o poder aparece à priori inocente porque cresce num mundo em que palavras como culpa ou inocência não têm qualquer conteúdo.» São afirmações de Vaclav Havel, o novo Presidente da Checoslováquia, numa altura em que não admitia sequer a eventualidade de se tornar num «homem de Estado». O «La Vanguardia», de Barcelona, jornal de centro-direita que é culturalmente «de esquerdas» (tem piada, não tem?), lembrou-as. Para reflectir e comparar, daqui por diante, porque isto de um escritor ser governante tem o que se lhe diga. O poder corrompe a literatura? A literatura pode corromper o poder? As mudanças no outro extremo da Europa levarão certamente às ilusões que nós já perdemos no lado de cá, e afinal o que Havel sintetizou acima até parece retratar-nos...

Quarta, 10

Esta é uma frase com inúmeras variantes possíveis, consoante o estado dos nacionalismos que a adoptem (imaginem, leitor, o Miguel Esteves Cardoso a dizê-la sobre os portugueses): «Tive a desgraça de nascer em Inglaterra, um país de estúpidos», disse o escritor Colin Wilson, considerado como «o único existencialista optimista». Optimista ainda por cima Perito em criminologia e desvios sexuais, o sátiro anda a dizer pela imprensa internacional que «hoje em dia, uma das razões principais que levam o homem a matar é a necessidade de... auto-estima» (O

Maria Não Me Mates Que Eu Sou Tua Mãe!!!). Não sabemos o que Wilson pensou do fuzilamento do casal Ceausescu, mas a verdade é que os actuais acontecimentos no Leste ele previra-os num livro publicado há cinco anos, «Marx Recheado» (1), que foi então um desastre editorial: «Não se vendeu nada. Não saiu uma única crítica», conta em entrevista agora que toda a gente escreve sobre a queda do Muro de Berlim. «Sei que também o capitalismo limita as liberdades dos indivíduos, mas mesmo assim prefiro viver num país de estúpidos em que possa escrever o que quero», afirmou algures o acérrimo adversário do «socialismo científico»... Como conservador irreverente tem mais piada que o MEC, concordemos. É mais consequente: aparece para logo desaparecer, sabedor de que a sedução serve-se melhor a conta-gotas. O MEC não, fica, volta todas as semanas, o osso de Pavlov já é apenas um endereço...

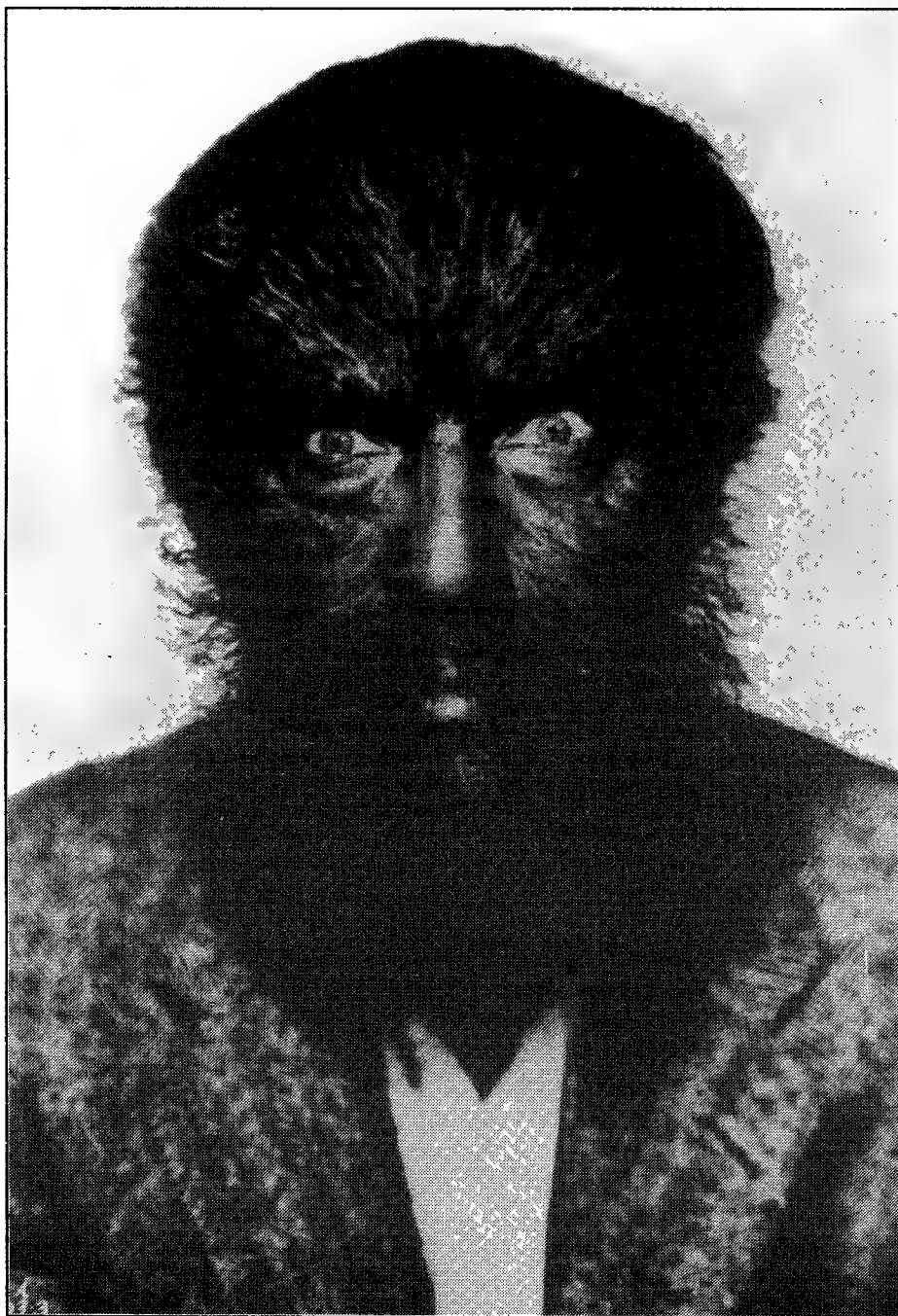
Quinta, 11

Hermínio Monteiro é o mais badalado dos editores portugueses. Não falha uma na Comunicação Social, está sempre presente e sobre tudo tem opinião. Hoje o «Se7e» publica-lhe uma fotografia gigante. Não é identificatória, tipo passe da CP, nem de reportagem, ilustrativa de um texto. O contrário: o texto, ao lado, ligeiro, é que ilustra a foto. É uma foto de currículo, a confirmação de uma vitória que até parece não ter sido difícil. Sabia-se de editores muito próximos dos poderes (esse mesmo, não se engana: Lyon de Castro), agora tem-se a certeza que os homens que publicam as estrelas e os candidatos à cintilação também podem brilhar. Monteiro é uma personalidade cultural, dirige a revista «Phala», que ninguém lê mas é uma referência fundamental. O que não impede que os seus detractores afirmem, venenosos, que desceu de Trás-Os-Montes de mala aviada para em Lisboa se instalar com uma propensão para o sucesso que esses eternos mal intencionados se recusam a comentar quando chega a hora da verdade. Coisas de aldeia na grande cidade... «Ídolos? Nem Marilyn nem James Dean. Uma fotografia do Che, tudo bem», disse o homenageado ao título homenageante. Uma fotografia do Che? De modo algum: do Hermínio Monteiro, esta do «Se7e», recortada e colada na parede.

Rui Eduardo Paes

A BARBA

Ora a barba como toda a gente sabe é formada por uma data de pêlos que crescem na cara dos homens e que eles usam para fingir que são outras pessoas para dizer a verdade a barba é um apêndice português porque em Inglaterra só é usada pelos velhos marinheiros e por meia dúzia de asnos que fingem ser homens do mar e em França por outra meia dúzia de asnos que não tem outra forma de se distinguir dos outros senão usando pêlos na cara o que é pouco mesmo muito pouco para distinguir um homem mas em Portugal é um disfarce de uso comum usado pela gente da política pelos literatos que não vendem livros e por outras pessoas que não gostam da cara que têm e julgam que a melhoram usando uns pêlos a tapá-la digo isto porque ainda no outro dia vi na televisão um destes técnicos que há agora e que são técnicos não se sabe bem de quê a não ser que seja de botar opinião na televisão que é aquilo em que nós temos mais técnicos mas este técnico tinha uma barbicha afiada daquelas que transformam os homens em bodes e falou mais de meia hora sobre as antigas colónias que é um assunto de que eles gostam muito de falar até porque sabem que a gente não vai lá ver se o que eles dizem é verdade mas o melhor é eu não falar de técnicos até porque estou a escrever sobre barbas a mais linda que há é a do ministro dos Negócios Estrangeiros que lhe deve dar um trabalho a manter cá pelas minhas contas ele todos os dias está uma hora roubada aos Negócios Estrangeiros em frente do espelho a cuidar da barba sem precisar porque tem uma cara muito decentezinha e passava perfeitamente sem a barba a pior é a do Carlos Costa coitadinho que nem com a barba se safa mas enfim a gente compreende que ele faça os possíveis por disfarçar a cara que Deus lhe deu desculpem isto foi um erro involuntário porque quem deu aquela carita ao Carlos Costa não foi Deus foi



o Karl Marx Deus Queira que o Carlos Costa não fique danado comigo por causa deste erro involuntário que eu fiz sem querer como provo porque não acredito que Deus tivesse dado aquela cara a ninguém em frente que este assunto é perigoso e traz sarilhos o melhor é falar de barbas e deixar os políticos em paz se é que eles no meio da guerra em que andam uns contra os outros arranjam uns minutos de paz voltando ao assunto das barbas direi que aqui na Graça há vários tipos de barbas barbinhas e barbonas para satisfazer todos os gostos e todas as necessidades para começar há a «barba à d'Annunzio» que é afiada e serve para os «neofascistas» e para os que se julgam chefes «natos do povo» irem a «cocktails» e a jantares depois há a «barba à Fidel» que serve para os con-

servadores dos bons e sagrados princípios políticos dos anos 60 andarem pela rua a fazerem figura de asnos o que não lhes é difícil mas se quiserem ainda tem outro tipo de barba apropriado para o efeito que é a «barba à Guevara» que é uma barba desgarrada e muito eficiente para os jovens conquistarem meninas desgarradas das famílias ainda há coisa de dois ou três anos andava em Lisboa um jovem de barba «à Guevara» com um fato estilo macaco e uma boina com uma estrela que parecia um poster do Guevara e que tinha êxito nessas conquistas outro tipo de barba muito usado é a «barba à Pasteur» que dá a quem a usa um ar independente e filosófico muito útil para conquistar meninas de tendências literárias como se vê há muitos tipos de barbas para todos os usos e efeitos mas devo avisar que todas as barbas dão muito trabalho porque têm de ser penteadas e cortadas todas as semanas de forma que só podem ser usadas por vaidosos com tempo e disposição para cuidar delas o que destroi um bocado o efeito que se pretende mas tudo tem prós e contras nesta vida.

Guidinha



**CANAL
DA CRÍTICA**

MÁRIO CASTRIM

Caixa Alta morreu. Paz à sua alma! Mesmo assim, teria valido a pena? Creio que valeu se os responsáveis da RTP tomarem juízo na cabeça. Se aprenderam a lição.

O último episódio foi de nos deixar de boca aberta. A menina que brincava ao jornalismo, acaba dona de grande fortuna que irá gerir. Mas talvez ainda venha a fazer uma perninha porque vai ter muitas saudades. Para ela, «ser jornalista é ser mais importante do que ser a mulher mais rica do mundo».

Como dizia a modinha «ó Laurentina, larcha e pouca tretal»

A armadilha

Quando anunciaram o chegar, apostar e vencer, concurso dirigido por Rui Mendes, pensei que ele vinha substituir o pastelão do jogo de cartas, programa tão nada, tão abominável. Não veio. Infelizmente.

Haveria vantagens. Breyner é uma espécie de croupier, pra cima, pra baixo, toma lá (ou não toma lá) o popó «o sonho de toda a gente». Os concorrentes de Rui Mendes, pelo contrário, ganham o milho legitimamente, com o suor do seu rosto — ou do seu saber, ou do seu talento, ou de suas misteriosas aptidões.

Em nome desse mistério venho protestar. Era o concorrente que fotografa o número de palavras de uma frase, de um texto. Que fez o responsável do concurso? Deu, a contar, um texto de Camões, cheio de palavras de escrita arrevesada e arcaica! Foi uma armadilha indecente.

Para avaliar o poder do concorrente (e não a sua cultura) haveria de usar-se um texto normal, escrito hoje, com a pronúncia de hoje.

Rui Mendes: o concorrente merece outra oportunidade. É uma injustiça se não lhe derem. Porque uma pessoa, uma política, um programa resiste a tudo — menos às injustiças.

Quando?

A notícia vinha de Londres.

Referia-se às condições de segurança nos aviões. Estudos concluíam que não são boas.

Provou-se, por exemplo, que, em caso de acidente, o sobrevivente típico é jovem, forte e determinado.

Pelo contrário, os que têm mais dificuldade em salvar-se são as crianças e os velhos. Nos aviões. Como na vida.

Os aviões vão ser modificados. A vida, essa, quando será?

A prelintrice astral

O programa da manhã foi ouvir o astrólogo. Desta vez, Kamal.

Ele diz como faz. De uma pessoa ou de um acontecimento toma a hora, o local, a data de nascimento. Depois, estudando os astros, faz uma espécie de radiografia do percurso. É difícil fazer qualquer tipo de previsão? Não senhor, não é. Diz ele que «na vida tudo é previsível».

Vista a posição astral, o FC Porto será campeão. Esta remodelação ministerial não surtirá os efeitos esperados. Nas próximas eleições, Cavaco (como a Thatcher) larga o Governo. Mário Soares vai ter um ano positivo (traduzindo: fará mais umas viagens à boriú) e até desempenhará, nos próximos anos, cargo internacional de relevo — o boato ridículo de Secretário da ONU, estão a ver? O PCP e o PSD não atravessam crises, «o PRD vai ter dificuldade em se manter como partido».

Na África do Sul haverá uma espécie de «Perestroika». Nelson Mandela será libertado.

Aqui está, pois, a «radiografia». Mas afinal quem comanda a vida: a astrologia, a boata-

ria, a superficialidade?

A pelintrice nacional nem os astros escapam. Cúmplice da pelintrice e da especulação a pataco, a RTP desiste de tudo, menos de ser ridícula e pacóvia.

Telejornal e Reis Magos

Dia de Reis. A RTP interroga-se sobre a maneira como os três Reis Magos teriam sabido do nascimento de Jesus.

Dúvida injustificada. Provou-se historicamente (aliás, até nem no «Evangelho segundo Moniz») que os Reis Magos souberam de tudo pelo Telejornal.

Estavam muito bem refastelados no seu oiro, incenso e mirra, quando viram no ecrã a Dina Aguiar papagueando:

— Fontes diplomáticas dizem que nasceu em Belém um tal Jesus. O nascimento tem carácter subversivo e os valores na Bolsa de Tóquio sofreram uma descida de vinte pontos no índice Pilatos. As autoridades deserviram todos os esforços para encontrar esse que tem por alcunha o **Rei dos Reis** e será dado o prémio de um milhão de dólares a quem indicar o seu paradeiro. O porta-voz do nosso amado Rei Herodes declarou ao Telejornal que o dito Jesus e todos os meninos pagarão caro a ousadia de ter nascido, pois tudo o que nasce é subversivo. O nosso amado Rei Herodes fará amanhã uma comunicação ao país. Os cidadãos que indicarem o paradeiro do «Rei dos Reis» receberão o prémio mesmo que não tenham a taxa da televisão em dia.

Pois foi assim. Admira que a televisão não saiba, ela que tem correspondentes em todos os ministérios...

Filho, aprende com o pai

D. Vicente da Câmara gosta muito de ser fadista. Tanto que já pratica há 40 anos. Houve comemoração. Ouvimos dele agora o que sempre ouvimos — as tranças pretas (mas tranças pretas ninguém tem com moela as tinha...) e o famigerado que «nada lhe dá maior prazer do que o selim e a mulher», esse monumento ao miserabilismo machista.

Da festa, o mais comovedor foi a presença de José da Câmara Pereira, a quem D. Vicente chamou o seu continuador. Este agradeceu ao pai «os exemplos de humildade e dignidade».

Já agora podia agradecer-lhe outra lição: a de cantar com tamanha economia de meios. O Zé, quando entoava, exagera nas pulsões faciais. Rapaz, deixe a sua voz, e não a sua cara, tomar o primeiro plano. Aprenda com o pai. Além de que, com tanto xeixo pra baixo e pra cima, acaba por desnocar o pescoço.

Quanto a D. Vicente, aconselho-o a enriquecer o repertório. Daqui a 40 anos, quer-lhe ouvir um fado novo. Combinado?

Televisão, tão querida!

Quando assistirem aos «achados» de Herman José sobre a televisão, não pensem que ele inventa. Ele apenas atende à realidade.

Dois exemplos. Fazia-se a publicidade do folhetim «Meu filho». De súbito, em plena cena dramática, ao alto do ecrã, a informação preciosa: «Este programa tem legendas em português na página 898...»

No Jornal de Sábado (e pela primeira vez depois do anúncio da remodelação!) falava-se com algum desenvolvimento dos ministros entrados e saídos.

De repente, no maralhal, rompe uma voz em off: «os companheiros do Mar Negro...»

Dei por mim a protestar. Está bem que não se goste dos ministros saídos ou entrados, mas tratá-los assim, tratá-los como piratas, é exagero. E logo na televisão, geralmente ministríssima!

Não fora por mal. Tratava-se de uma incursão no canal um, do canal dois. Verifiquei.

Pois é. Os cães estão todos ligados...

República de bananas

No Parlamento discutiu-se a instalação pelos americanos da Estação de Rastreamento de Almodôvar.

O deputado do PCP, João Amaral, afirmou que era uma estação militar, logo perigosa para a segurança do país; José Lelo, do PS, e José Campilho concordaram que a estação era militar, mas não perigosa. Vigia os satélites e não os mísseis. Os Estados Unidos precisam de saber o que se passa lá por

cima. Suponhamos que um dia a Líbia ou o Irão se lembrem de mandar uns satélites militares...

João Amaral ri. Que não brincassem com coisas sérias. Que os Estados Unidos não respeitem nada. Vejam o que se passou no Panamá...

Ora, ora, meu caro colega (volta José Campilho) Portugal não é uma «república das bananas»...

João Amaral: pois sim, mas repare na Base das Lajes. E, 1973 os americanos estiveram-se borrifando para a soberania nacional. Campilho: mas nesse tempo Portugal era uma «república das bananas» e hoje não é...

Senhor deputado. Das bananas talvez Portugal não seja uma república. Mas olhando ao que se passa no Governo e na televisão, bem temo que seja uma república de bananas.

Anúncio chamariz para o Jornal de Sábado, um repórter da RTP em Luanda. Assim, José Eduardo dos Santos conversará com José Eduardo Moniz...

Dois José Eduardos. Um de lá, outro de cá. Os dois José Eduardos vão conversar, amavelmente, calmamente, o José Eduardo da Cinco de Outubro e o José Eduardo de Angola.

A RTP promete: os dois José Eduardos vão conversar, o José Eduardo dos Santos e o José Eduardo Moniz.

Os dois José Eduardos...

O Leste e a Peste

Fiquei a saber que a evolução nos países de Leste pode ser favorável para a exportação dos produtos portugueses.

O industrial explica. Os cidadãos do Leste têm dinheiro para gastar, o que lhes falta são produtos para comprar. Ora isso podemos nós mandar para lá com fartura...

Concordo. O pior é se os países de Leste entram à bruta na «economia de mercado». Então os trabalhadores deixarão de ter a saúde e a educação gratuitas, transportes baratinhos, rendas de casa baixíssimas. Terão de pagar tudo, depois ficarão sem dinheiro para comprar artigos estrangeiros.

E lá está outra vez enrascada a economia portuguesa...

Marante, foi tão feio

Hora da Verdade voltou-se para o mar. Lá estiveram dois armadores, Francisco Ribau (você é ilhavense, não é?) e Vaz Pais; o secretário das Pescas Jorge Godinho (não foi um dos que desembarcaram?) e — espanto dos espantos! — um representante sindicalista da CGTP, Belmiro Alves.

Os outros falaram, falaram, falaram. Belmiro Alves esperou pacientemente a sua vez. Meia dúzia de palavras para mostrar a crise da pesca e para responsabilizar por isso a política do Governo no quadro da CEE. Deu exemplos...

Os outros falaram, falaram, voltaram a falar. No fim, Belmiro Alves pedia uma segunda vez. Margarida Marante, ostensivamente, ignorou-o. Não havia tempo. Claro, gastara-o todo, à labúrdia, com os armadores e o secretário: Um trabalhador? Pfff...

Mau trabalho, D. Margarida. Ali, só um mostrara ser polémico e vertical. Pois foi logo esse que vossemecê amordaçou!

Quem põe o sentido de classe acima do sentido do jornalismo, o melhor que tem é fazer o que fez a jovem da Caixa alta: arrumar as botas e gerir a fortuna pessoal. Digeri-la...

RTP: o partido único

Ana do Carmo apresenta «Sete folhas». Enfim, não podendo ser a Alice Cruz...

Pois falava do «Artes e letras» com o compositor indiano Xançar. Disse, comicamente, alguns nomes mas, porque os achou difícil de pronunciar, remeteu a audiência para o genérico.

Triste sinal! A colonização americana é tal que, fora do inglês, todas as línguas parecem bárbaras. Linguisticamente, na televisão vive-se em regime de partido único.

O difícil e o fácil

A Primeira Página desejava perspectivar os anos noventa. Queria meter o areal da Caparica dentro de um dedal.

Para isso, concentrou no Porto, Júlio Resende, Oscar Lopes, Fernandes Fonseca, Oliveira Ramos. Concentrou em Lisboa, Miguel Esteves Cardoso, Franco Nogueira, Ja-

cinto Nunes e Miguel Graça Moura. A caçada era a mata-cavalos. Muitas foram as lebres levantadas. Quase todas se levantaram, quase todas fugiam. Os caçadores mais atrapalhavam que aproveitavam.

II

Júlio Resende teimava na educação da sensibilidade. Graça Moura louvava e relovava a reforma educativa do ministro Roberto Carneiro, qualquer coisa de revolucionário em que ele colaborara. Oscar Lopes lembrava a riqueza romanesca pós-1979. Oliveira Ramos, a Revolução Francesa («a liberdade que permite às pessoas afirmarem-se em defesa dos valores sociais»). Jacinto Nunes (formidável, este economista discute Sarago e Cardoso Pires! Eu, se não visse, não acreditava) crê que a economia vai beneficiar com o desarmamento e desarmamento em curso, mas está pessimista no caso das dívidas do Terceiro Mundo. Fernandes Fonseca: para ele, a liberdade é pilar essencial da saúde mental. António Tribollet diz que tudo só estará bem quando em Portugal houver uma elite de 10 milhões de pessoas. Franco Nogueira acha que as Forças Armadas devem reforçar-se por quatro motivos principais: a posição geoestratégica; a História; as águas territoriais; o triângulo estratégico. As referências espanholas eram tão evidentes que Henrique Garcia (aliás particularmente atento) perguntava qual era, hoje, mais perigoso para nós, se a infantaria, se os empresários de Espanha...

III

Franco Nogueira (que se embrulhou um bocadinho com Platão, Arquimedes, a Guerra dos 100 Anos, mas isso não quer dizer pescoço) é pessoa cujas opiniões estão longe de se comparar às de uma série de comentadores de pacotilha que alastram na RTP. O tratamento a que sujeitou a posição de Portugal na CEE levou à discussão uma vivacidade que até aí não conhecera.

IV

Foi quando se considerou utópica a exportação de mão-de-obra qualificada. Foi quando se alcançou ois perigos de os centros de decisão estarem longe de Portugal. Foi quando, por intermédio de Fernandes Fonseca, se aventar a possibilidade de virem para Portugal os 10 mil médicos espanhóis desempregados.

E foi quando me lembrei que argumentos e possibilidades e perigos semelhantes haviam sido apresentados na campanha para as presidenciais pelo PCP e pelo MEC.

V

MEC, ou seja, Miguel Esteves Cardoso que trouxe a este debate a contribuição mais preciosa e que, só por si, daria motivo para uma discussão à parte. Infelizmente, os parceiros tomaram as suas palavras à letra e a reacção chegou a ser dolorosa — porque ficou isolada a infantaria que devia o ocupar o terreno.

Miguel Esteves Cardoso rebateu a ideia de que os outros países é que são cultos e nós somos umas bestas. A cultura não se importa, não se faz: vai-se fazendo ao longo dos séculos. Para ele, «Portugal é o seu património». A tarefa essencial dos portugueses, na década de noventa, ou seja em que década for, é defender, enriquecendo-o, esse património. O resto? A saúde, a educação, a habitação? Isso é o mais fácil...

O que tal foste dizer! Fácil a saúde! Está bem, está! Fácil a habitação? Se ele soubesse quanto custa um fogo...

VI

Não entenderam. Não entenderam que fácil é o que se pode fazer e difícil é o que nasce. Fácil é a ciência, difícil é a arte, digamos. Fácil é aquilo que está nas mãos do homem. Difícil é o que está na sua alma.

Miguel Esteves Cardoso sabe, claro, que no homem (numa Pátria) não há compartimentos estanques. Mas sabe igualmente (e foi isso o que quis dizer-vos) como é perigoso jogar com a nossa cultura, aviltando-a; com o nosso património, hipotecando-o; com a nossa Pátria, obrigando-a.

Disse-o naquele seu jeito de brincar às coisas sérias, diferente de brincar com coisas sérias. Tecnocratas entendem de estatísticas, não de parábolas. Felizmente, a audiência não é tecnocrata. Espero por isso que as palavras tenham chegado onde deviam.

COM CINCO PEDRAS NA MÃO

Chego a Paris.

O frio! E o nevoeiro sobre Orly! O cachecol, o meu sobretudo novo cujos bolsos ainda não estão deformados de toda a cangalhada com que, pela certa, daqui a dois dias estarão cheios.

Mesmo antes de me dirigir para a sala onde chegam as malas, compro na tabacaria do costume o **Pariscopie**. E enquanto aguardo vou lendo e prevenindo mentalmente as noites em que me enfiarei nas salas de cinema.

Olha! O **Palombella Rossa** do Nanni Moretti está a manter-se bem. E daqui a dias haverá uma retrospectiva Moretti. (Queria ver **lo sono un autarcico**). E ainda está o filme do Brisseau — como era bonito o que ele fez há dois anos! Este parece que nem por isso, mas mesmo assim... E o **Baisers de Secours** de Garrel que desta vez corre bem! E há os filmes do Kieslowski — ainda não apanhei nenhum! E ainda passa o Olmi **A lenda do Santo Bebedor** que o ano passado não consegui ver e que julguei que passaria em Lisboa, com Leão de Ouro de Veneza e tudo. E gostava de ver o filme de Roberto Benigni (**Il piccolo diavolo**). Como é claro, A Pequena Vera, filme soviético de Vassili Ritschoul de quem toda a gente diz bem. E o **Peaux de Vaches** de Patricio Mazury. E o filme de Imaura, e o filme de Kusturica, e o filme da Isserman, e os filmes produzidos por Moretti.

As malas chegam, apanho um táxi.

Passamos perto de um grande hipermercado **Continente**. Na rádio, os Gipsy Kings. No jornal, as últimas novidades do casal Ceausescu. Como em toda a parte.

Paris.

Desde que aqui venho que é assim: uma corrida permanente entre salas de cinema.

Há muitos anos, anos sessenta, as razões eram óbvias: por um lado havia os filmes que a censura lusa não deixava importar, por outro a cinemateca em Lisboa era uma coisa de quando o rei faz anos. Muito antes de me entender com os corredores do Louvre aprendi os subterrâneos do metro para ir o mais depressa possível e combinando os horários das sessões do Studio des Ursulines até Chaillot, de Chaillot até à Pagode, do Mac Mahon até ao Saint-André des Arts. Filmes proibidos pela censura — a



Religiosa de Diderot, os Eisenstein, a **Chinoise**... Ou filmes que não eram repostos, que não havia ainda João Benard à la recherche na Barata Salgueiro.

E agora, dou por mim a fazer o mesmo.

Já não preciso de em Paris tratar de encher o saco com as compotas Bonne Maman (myrtille, é que é bom!), nem de comprar os discos que não havia maneira de encontrar — entre as Amoreiras e

a Discoteca Roma resolvo em Lisboa essas minhas infantis necessidades culturais.

Mas é em Paris que percebo que **não vivo no mesmo cinema** que os meus amigos daqui. Passo aqui a vida a dizer «Ainda não vi, não passou em Lisboa, mal possa ir ver». E é o que farei na terça-feira que vem, dia de folga. Cinema desde a primeira sessão, crepes nos intervalos.

E agora que o mundo parece todo

mais pequeno e mais rápido, que os acontecimentos se sucedem à dimensão televisiva, que as fronteiras caem e já não é preciso transpirar das mãos para as passar, que é isto, que isolamento é este em que voltou a cair Lisboa?

Chego ao meu destino. Os amigos. Os abraços.

E alguém que me diz:

— **lo sono comunista.**

Eu sei. É a devastadora piada do último filme de Moretti. O filme que desde Setembro marcou por essa Europa fora o fim da década. O melhor filme do ano para o Télérama. E para os Cahiers. Conheço a frase de cor, li nos jornais, contou-ma o Pedro Costa no seu regresso do festival de Veneza onde **Palombella Rossa** foi apresentado numa secção paralela depois de se ter visto recusado pela selecção oficial — este mesmo filme que por todos os lados toda a gente considera o mais importante destes anos.

Mas não o vi.

Porquê?

Porque vivo em Lisboa.

E há censura em Lisboa?

Não.

Mas os filmes não chegam.

E este mês estreiam mais por aqui: o Iosseliani, o Doillon, o primeiro filme da Ildiko Enyedi (belo título: **O Meu Século Vinte**), o da Jane Campion, o Gregorio, o Wayne Wang...

Pois é.

Lisboa está outra vez muito longe.

Muitos destes filmes não prestam. Mas são os filmes do **meu tempo**. E é do **meu tempo** que o cinema fala.

EM) Depois, divertem-se a dar prémios aos filmes europeus. E a viajar para tratar da sobrevivência de um espírito europeu... E não sei que mais.

Mas que fazer quando os patrões não querem e nos espectadores a curiosidade morreu?

Porque o problema é esse: oferta é procura encontram-se num uníssono lisboeta. E se o cinema que não vemos é o cinema (talvez mau...) do nosso tempo e do nosso debate europeu, é também porque dentro de nós a curiosidade morreu.

E Paris serve de noyo para a gente curiosa, como eu coscuvilheiro.

METROmorfozes

O HOMEM ESGUIO E O JAPONÊS

Gregório S. levantara-se com uma forte dor de cabeça. Sonhara com tubarões e com o filme de Oliver Stone, «Salvador». No meio desses sonhos aparecia e desaparecia um japonês com um walkman da Sony.

Tudo estaria certo se essa dor não o obrigasse a olhar os passageiros do metro de uma forma mais intolerante. Começou por se irritar com uma vendedeira que comercializava collants e trazia um xaile verde amarrado à cintura, e a seguir implicou com uma vizinha daquela, que abria e fechava sombrinhas, aos gritos: «500 escudos cada».

O ambiente nos subterrâneos estava invulgarmente pesado. A chuva havia criado nos túneis um odor quente de borracha queimada, misturada com o fumo das castanhas que penetrava por quase todas as entradas.

As pessoas iam caladas, meio adormecidas, como se uma tragédia tivesse ocorrido minutos antes. De repente, tudo pareceu inanimado. Gregório S. pensou que talvez fosse por causa do aparecimento súbito de três fiscais ou devido a uma grande discussão entre uma mulher grávida e um jovem de óculos escuros, ambos reivindicando o mesmo lugar.

Um homem esguio, que estava a desembrulhar guias de remessa e facturas de almoços de dentro de um envelope, levantou-se agitado. Distraira-se com os papéis e deixara passar a estação. As guias de remessa espalharam-se pelo chão.

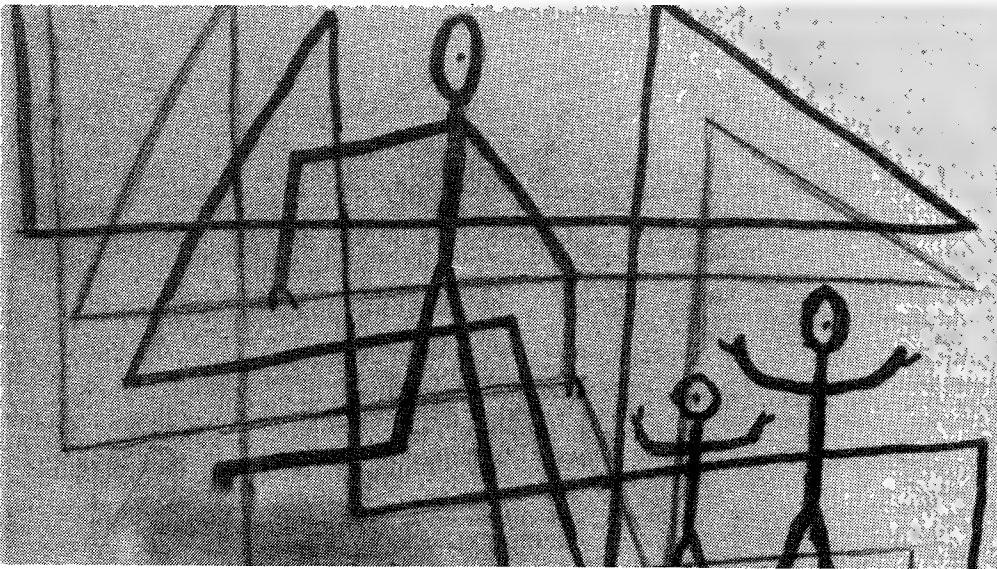
«Estou preocupado com o

aumento das taxas de juro no Japão», disse o homem.

As pessoas que o tinham ajudado sentaram-se. Gregório S. viu, ao aproximar-se, que ele trazia um jornal em que se dizia que o dinheiro só dá prazer a 5,2 por cento dos portugueses.

«Hoje vou à bolsa de valores e faço um escândalo», continuou o outro

Gregório S. ia para comentar o que o homem esguio dissera, mas nesse momento entrou um cego com uma concertina. Atravessou o corredor do comboio com uma rapidez fora do comum. Parecia que tinha os gestos automatizados, o tempo cronometrado. Dava a ideia que para ele era mais importante passar de uma carruagem para outra, no curto espaço de tempo que durava a paragem, do que propriamente as esmolas que pudessem cair dentro da lata de salsichas Nobre que trazia agarrada à concertina.



O homem esguio pôs-se de novo a folhear as facturas e a fazer contas numa minicalculadora:

«O primeiro corretor que me aparecer à frente é um homem morto».

Gregório S. tentou pensar noutra coisa, no navio tanque iraniano «Karg-5» que derramara toneladas de crude na costa marroquina, na morte de Samuel Beckett, na infância, no JL, no preço do pão, mas as palavras do homem esguio não lhe saíam da cabeça:

«Preocupado com o aumento das taxas de juro no Japão».

Lembrou-se vagamente do sonho da noite anterior, em que um japonês passava a correr com um aparelho. Só aí percebeu a causa da sua irritação. Tinha visto vendedores ambulantes de todas as raças: portugueses da Musgueira, indianos de Benfica, ciganos do Lumiar, caboverdianos da Venda Nova, timorenses da Cruz Quebrada,

japonês, custasse o que custasse. Saiu em Palhavã, na Avenida, no Socorro, em Arroios, mas nenhum sinal de japoneses.

«Eles, que estão em toda a parte!», disse para si Gregório S.

Regressou ao metro, decidido a encontrar um que andasse perdido. Passou assim mais de três horas, pelos corredores, a entrar e a sair das carruagens, até desistir. Decidiu descer no Rossio e passar pelo elevador de Santa Justa.

No tabuleiro do Chiado, um rapaz tirava fotografias. Podia ser um japonês. Gregório S. apressou-se, quase correu. O rapaz aparecia e desaparecia entre as pessoas. Não o podia perder. Ao subir as escadas do tabuleiro, a respiração falhou-lhe. Andava a fumar muito. A última coisa que lhe podia acontecer era morrer de um ataque cardíaco a correr atrás de um japonês.

Visto de costas, ao longe, não se distinguia bem se se tratava de um japonês, mas ao perto, pelos gestos, pela postura e pelo riso, confirmou que sim, que era.

«Hello!», cumprimentou Gregório S.

«Hello!», respondeu o outro.

«Taxes of juro in Japan, very high».

O outro sorriu. Andava a fotografar as ruínas do Grandella.

«Mister Kaifu, knows what is going on?», perguntou Gregório S.

O outro riu ainda mais. Mudou o rolo enquanto fazia vénias. Gregório S. não se lembrou de que, em momentos cruciais, o seu inglês falha sempre redondamente.

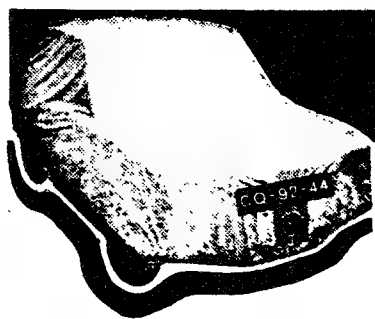
«Money in Tokio is problem with taxes of juro», insistiu.

O outro guardou a máquina fotográfica, consultou um pequeno dicionário, tirou uma moeda e deu-a a Gregório S.:

«I'm from Filipinas, not Japan. I don't need a taxi, obrigado».

Gregório S. ficou a olhar para a moeda: 50 escudos. Perto de si, no chão do tabuleiro, um homem calado tinha à sua frente uma tabuleta que dizia:

«Doente de nervos, olhos, interior, pede esmola».



COBERTURAS IMPERMEÁVEIS
PARA AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ENTREGA IMEDIATA

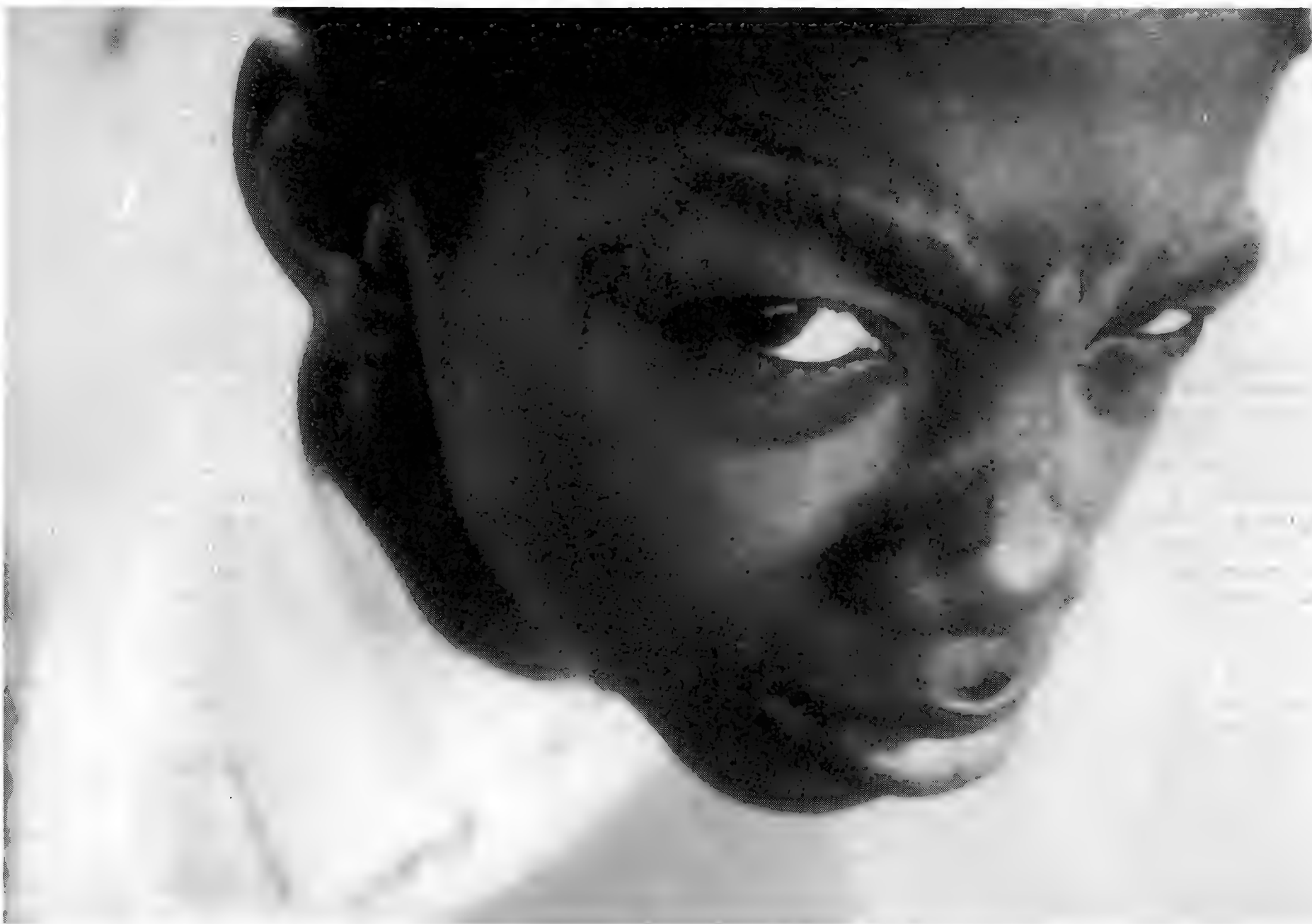
Joaquim Ezequiel, Lda.

☎ 2080613 (Rede de Lisboa) Vila Nogueira - 2925 AZEITÃO

inclusivamente um homem vestido de camponês a vender tablerones, mas nem um japonês sequer. E precisava mesmo de encontrá-lo.

Queria perguntar-lhe se sabia alguma coisa sobre as taxas de juro, se o primeiro-ministro Toshiaki Kaifu estaria a par disso, se esse aumento traria consequências para o senhor Akio Morita, da Sony, se os livros de Mishima iriam ficar mais baratos.

Gregório S. viu o homem esguio sair apressado da carruagem a protestar contra alguém, mas não conseguiu ouvir o nome. A sua preocupação era agora encontrar um



OS DESIGUAIS

Conhecem o pior das nossas cidades. Tiveram uma vida diferente. Foram maltratadas pela família, desrespeitadas pela polícia e vítimas de um Estado desorganizado. Vagueiam pelas nossas instituições de apoio social. Fogem de todos porque ninguém os quer. São crianças e vão ser, muito provavelmente, delinquentes. E, afinal, nós é que temos a culpa.

Comprou tintas e graxa. Pegou numa caixa e em cima pregou-lhe um taco de madeira. Saiu de casa e fez-se de novo à rua. Para trás ficavam os pais, que lhe batiam frequentemente. Para ganhar dinheiro ou pedia ou engraxava sapatos.

Também roubava, mas só comida, sobretudo na pastelaria «Suiça», no Rossio. A maioria dos seus amigos *snifam* cola e em pouco tempo ficou a saber o nome de todas as drogas. Acabou por ser apanhado pela Polícia, que o pôs num calabouço, a dormir sobre um estrado de madeira.

O Rui ia-nos contando a sua história enquanto retirávamos os enfeites de uma árvore de natal, no canto do pequeno refeitório do Centro de Observação e Acção Social de Lisboa (COAS). Foi ali que «A MOSCA» o conheceu. A sua história

é banal e pouco preocupante, se comparada com outras. Pelo Centro passam todo o tipo de crianças em risco: maltratadas, abandonadas ou, na maioria dos casos, em situação de delinquência. No COAS faz-se a observação de cada caso, para lhe dar o encaminhamento devido. As crianças não deveriam ali estar mais do que 3 meses, mas algumas estão lá há mais de um ano. Por outro lado, o Centro não parece cumprir as suas funções convenientemente.

Também ali as crianças são maltratadas. Os Guardas, que lá ficam à noite, sem qualquer acompanhamento ou controlo, batem-lhes «à bofetada e ao muro». «Se nos portamos mal eles dão-nos estaladas e murros nas costas» contam um dos rapazes. A direcção tem conhecimento destes casos, repreende os funcionários, mas nada faz que impeça a

sua actuação.

Para as crianças que se portam mal existe, nas instalações do COAS, uma sala, com grades na janela, onde elas são isoladas. Chamam-lhe a cela e algumas chegaram a passar mais de um dia lá dentro.

«Eu prefiro estar aqui a estar em casa, batem-me com menos força» diz o Carlos, que nos explica que o pai lhe deixava o corpo marcado com a verga que usava.

Na verdade, o centro de observação funciona mal, mas estabelecimentos como estes parecem ser das poucas alternativas possíveis às ruas de Lisboa e maus tratos das famílias. «Não podemos arranjar bodes expiatórios: o COAS não funciona porque o resto do sistema de apoio à criança também não funciona» afirma Rui Epifânio, Juiz de menores e

um dos responsáveis pelo Centro de Estudos Judiciários.

No COAS da rua da Bela Vista à Graça só há rapazes. As raparigas estão num estabelecimento similar, em São Domingos de Benfica. «Esta separação deve-se apenas a uma manifesta falta de espaço» explicou o director, quando nos fez a apresentação do Centro.

Na sua opinião, das 33 crianças que neste momento habitam o COAS de Lisboa, cerca de 80 por cento não deveriam lá estar: «são casos do foro da segurança social, mas esta não tem conseguido dar-lhes resposta».

O director é um homem idoso. Pouco aberto, não se dá com as crianças. «Já o vi algumas vezes, mas não fala muito

cont. na pág. 8

cont. da pág. 7

conosco. Nem sequer me lembro do nome dele diz-nos um dos miúdos. O COAS de Lisboa, dirigido por Horácio Almeida há largos anos, é dos estabelecimentos de observação de crianças de risco menos activos do país.

No entanto o COAS já foi muito pior há cinco anos os guardas não dava murros, batiam com paus, e as celas eram usadas permanentemente. Um dos sinais da mudança foi o acordo entre o COAS e um colectivo ligado à escola de circo da Tété palhaço. Em troca de instalações para a Escola de Circo, a Colectividade de Santa Catarina comprometeu-se a trabalhar com crianças do Centro, através dos seus animadores.

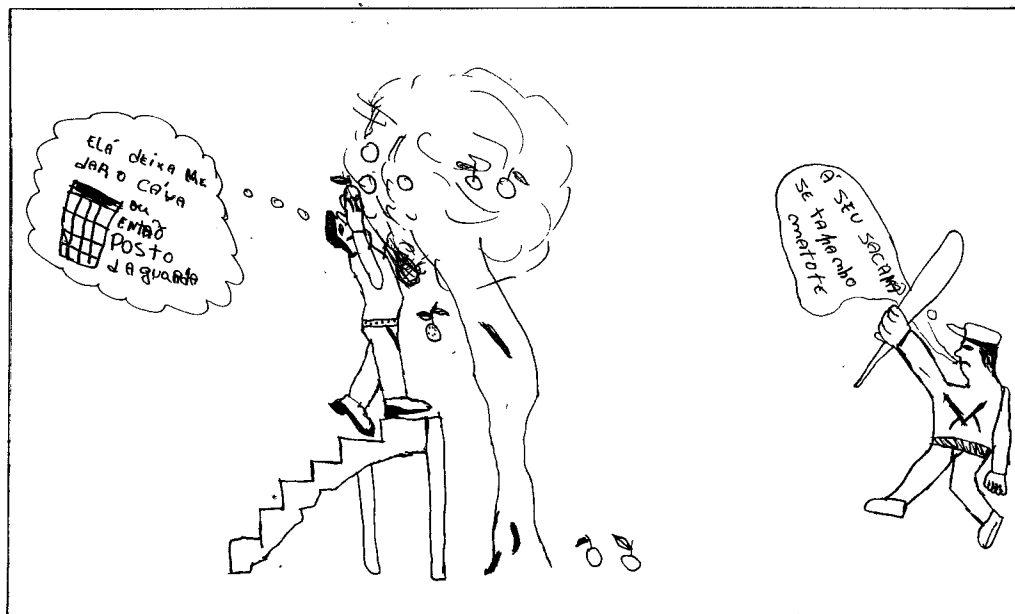
Quando aqui chegaram, há cerca de 5 anos, os jovens do colectivo, como lhes chamam os miúdos, encontraram um clima pesado e de violência. Com o tempo, e apesar de tudo, a relação das crianças com a instituição foi-se humanizando. Os animadores iniciaram as aulas de circo e abriram diversos ateliers, com o objectivo de «contribuir para que as crianças possam encontrar um equilíbrio pessoal, desenvolver as suas potencialidades e encontrar o seu lugar na sociedade».

Através de monitores contratados pela Colectividade de Santa Catarina, prevê-se a organização de ateliers de educação musical, de artes plásticas, de cerâmica e de carpintaria. Também se fazem exposições, festas e encontros regulares com todos os jovens do COAS. Todo este trabalho, que é feito em coordenação com os serviços tutelares de menores, conta com a participação de sete animadores, um psicólogo, dois sociólogos e dois técnicos de serviço social. «O ritmo é acelerado, as crianças estão aqui por pouco tempo, sempre a entrar e a sair» disse-nos o Zé, um dos animadores do colectivo.

No primeiro dia em que visitámos o centro, o colectivo estava a discutir a possibilidade de interromper as suas actividades. Há um ano e meio que o COAS lhes promete o material necessário para os ateliers, mas a sua entrega era muito irregular. O colectivo esteve, durante este período, a improvisar e a pagar os custos do seu bolso. Na última sexta feira veio a notícia: ainda este mês vem o material.

Algumas das crianças do COAS começaram a frequentar a Escola de Circo. E, com a maioria delas, o trabalho tem resultado.

A ideia de utilizar o circo como forma de cativar crianças em risco, e das observar, não é original. Em São Paulo, no Brasil, está a ser experimentada pela Escola de Circo do Picadeiro, que trabalha



Foi assim que o Rodrigo nos contou como era a sua vida antes de ir para o COAS. Rodrigo: «Eh lá! Deixa-me dar ao cava, ou então: Posto da Guarda!» Guarda: «Ah! Seu sacana, se te apanho mato-te.»

OS DESIGUAIS

com cerca de 1200 miúdos da rua através de duas escolas implantadas no meio de favelas. Os resultados têm sido extraordinários: a delinquência infantil diminuiu, naquela cidade, em 30 por cento. Estas escolas contam com o apoio do governo do Estado de S. Paulo.

Mas as crianças do Centro de Observação e Acção Social de Lisboa não frequentam apenas os ateliers. Têm aulas de ensino básico. No COAS existem pequenos cursos de formação pré-profissionalizante, da responsabilidade do colectivo. No entanto, ainda há casos de pais que querem ver os filhos em institutos de reeducação- os antigos reformatórios- para conseguirem formação profissional.

O Américo foi para a Guarda. Despedimos-nos dele no último dia em que fomos ao COAS. É agressivo, mas nunca teve qualquer actividade considerada de risco: «gosto de andar à porrada porque me fizeram à porrada», justifica. Vai para o Instituto de reeducação da Guarda porque quer aprender electricidade. Tem 16 anos e ainda não acabou a 4ª classe.

Para jovens que já terminaram a primária o COAS tem, por iniciativa do colectivo, aulas de actualização dos conhecimentos. «A MOSCA» assistiu e participou em várias. Conversou-se muito e o Luis, o melhor aluno, contou, entusiasmado as suas aventuras. Fugiu de casa, porque roubou 20 contos à avó e o pai ameaçou levá-lo para um instituto. Partiu para Elvas, com um amigo, que também esteve no COAS, mas fugiu. Roubou 2 máquinas calculadoras e duas bicicletas. Foi apanhado pela GNR, quando regressava. Mandaram-no para o Instituto de Vila Fernando, depois para o tribunal de menores e seguidamente para o COAS.

O Luis é invulgarmente inteligente, mas sente-se mal em todo o lado. Agora quer começar a trabalhar como tipógrafo, e está à espera que a mãe tenha melhores condições económicas para poder voltar para casa.

No COAS as aulas e o os ateliers ocu-

pam a maior parte do tempo das crianças. À noite deitam-se entre as nove e as dez, e é nessa altura que a maior parte dos problemas acontecem. Os roubos e as tentativas de abuso sexual entre os rapazes são frequentes. Até o director o confirma.

O Diogo esteve só um dia no COAS, depois de ter fugido de casa. Quis voltar, pois sentiu-se totalmente desintegrado em relação ao resto das crianças: «queria ser livre, mas aqueles meninos eram maus» diz o Diogo, que se queixa de ter sofrido uma tentativa de abusos sexuais por parte de outro rapaz.

As carências afectivas destas crianças são visíveis. É que em todo o lado a que vão, os meninos do COAS não são tratados como os outros. Depois do ano novo, o colectivo organizou uma visita à RTP. Aí, por exemplo, o relações públicas explicou, para que todos os rapazes ouvissem, por que fazia ele a visita guiada: «é que todos os outros se encolheram».

O José e o Paulo estão no Centro há menos de um mês. São orfãos de pai e mãe. Viviam com uma tia prostituta e toxicodependente e com o seu companheiro. Este enforcou-se quando a tia estava ausente. Quando acordaram, as crianças depararam com aquele triste espectáculo. No entanto não perderam o sangue frio e retiraram o corpo da casa de banho.

A PSP levou-os para o Comando Distrital de Lisboa, mais conhecido por Governo Civil. Ali, os dois irmãos ficaram três dias fechados numa cela. Dormiram, como parece ser habitual, nos estrados de madeira, com um cobertor cada um. Apesar do trauma que tinham sofrido, não encontraram ali qualquer tipo de solidariedade. O Paulo chegou ao COAS com gripe. «Tivemos muito frio», contou-nos. Todas as crianças com que falámos e que passaram pelo Governo Civil de Lisboa, contam-nos das más condições que ali encontraram.

Nota: Os nomes e fotografias publicadas nas reportagens sobre o Centro de Observação e Acção Social de Lisboa (COAS) e o Centro de Acolhimento para crianças maltratadas de Oeiras não correspondem às crianças visadas. Ao aceder a este pedido do colectivo em acção no COAS e da assistente social do centro, «A MOSCA» pretende proteger a intimidade das crianças em causa.

Fomos ver com os nossos próprios olhos. O Comissário Ferreira desmentiu, disse que os miúdos «às vezes têm uma imaginação fértil», e, para que não tivessem dúvidas, mostrou-nos os calabouços. Primeiro, uma cela quase modelo: com três quartos com camas e colchões. Não podíamos acreditar que todos os miúdos nos tivessem enganado. «Infelizmente muitos jovens passam por tais privações que acabam por se tornar habilidosos» explicou-nos o Intendente Chumbinho, chefe de operações no distrito de Lisboa, acrescentando: «quando entram no submundo vão aprendendo as suas manhas e nem sempre o que dizem corresponde à verdade».

Ainda dentro do calabouço pedimos para ver as restantes celas. E de facto, as outras quatro, nada tinham a ver com a primeira: com grandes estrados de madeira e nada mais a não ser sujidade. «Estas são para jovens imputáveis, com mais de 16 anos» respondeu o comissário principal Ferreira. Assim, haveria, segundo a PSP, uma cela para crianças até aos 16 anos e 4 para jovens dos 16 aos 18 anos. Segundo o Comissário, as crianças teriam visto as piores e inventado que tinham estado lá dentro. Estranhámos. No entanto só nos era autorizado tirar fotos à cela das camas.

Depois acabámos por saber que a tal cela costumava estar aberta e era onde dormiam as guardas, que lá passavam a noite, e não as crianças, como dizia a PSP.

Para o Intendente Chumbinho os miúdos não deveriam estar no comando distrital da PSP «24 horas, mas sim 24 minutos». «Mas não existe uma política suficientemente coordenada a este nível e, enquanto as crianças cá estão, temos de andar a mendigar soluções», afirma.

A polícia, segundo as palavras do Intendente, não tem preparação específica para o tratamento destas crianças. As crianças que são recolhidas praticam a mendicância ou actos delituosos. A primeira não é sequer penalizável, a não ser para aqueles que usem menores para esse efeito. A segunda não é imputável a menores de 16 anos.

Os tribunais de menores, segundo soubemos, são morosos, o que dificulta a vida à PSP. Depois as crianças são entregues, ou às suas famílias, quando há condições para tal, ou a instituições estatais ou privadas. O COAS é uma delas.

Das 71 crianças recolhidas pelo comando de Lisboa, 18 fugiram das instituições e foram devolvidas, 27 eram abandonadas ou fugidas de casa e 26 acusadas de furto. Destas, apenas 18 foram entregues às suas respectivas famílias.

Foram violentadas, abandonadas ou pura e simplesmente ignoradas pelos pais. São dez e estão internadas no Centro de Acolhimento para crianças maltratadas, em Oeiras. Uma foram retiradas às suas famílias, por decisão judicial, outras, foram entregues ou abandonadas pelos pais. Os casos de maus tratos são os mais frequentes. O Luis é um deles.

Era frequentemente espancado pelo pai. Um dia cansou-se e pôs ele mesmo o caso em tribunal.

FILHOS DA VIOLÊNCIA

Tem 11 anos e os seus pais discutiam frequentemente. Acabaram por se separar e a partir desse momento a vida do Luis transformou-se num pesadelo. O Pai queria saber a morada da mãe do Luis e, para isso, espancou-o. Foi para o Hospital com escoriações e hematomas. A assistente social pôs o caso em tribunal e o Luis foi recolhido pelo Centro do movimento suíço «Les Sentinelles», que deu origem ao Centro de Acolhimento de Oeiras, dirigido pela Associação Portuguesa para o Direito do Menor e da Família, ligado ao Centro de Estudos Judiciários.

A mãe tomou partido pelo filho mas, sem emprego fixo, não tinha condições para o recolher. O Luis acabou por regressar a casa. Mas o pai não desistia. Ele estava entre uma guerra de adultos e por isso voltou a ser espancado, agora de forma mais violenta. Volta para «Les sentinelles», mas este não tem condições para o receber. Regressa a casa e não foi preciso esperar muito para que fosse de novo mal tratado. O pai diz que era para dar o exemplo aos outros três irmãos mais novos. O Luis, já cansado, mete-se num autocarro, a meio da noite, e, sem passar pelo hospital, segue para o tribunal de menores. Ali faz queixa do pai e demonstra a sua vontade de sair de casa. O tribunal dá-lhe razão e manda-o para o COAS.

Fica lá um mês mas sente-se mal e inadaptado. Finalmente é encaminhado para o Centro de Acolhimento de Oeiras. Gosta de ali estar e brinca com as crianças do bairro. Não queria sequer pensar em sair de lá.

A partir de certa altura a mãe passou a estar ausente e o pai, pelo contrário, empenhou-se em conquistá-lo. Vai regularmente ao Centro de Acolhimento conversar com ele. As últimas férias passou-as em casa. Estuda numa escola próxima da sua residência e por sua iniciativa costuma ir almoçar com o pai. Já se dão muito melhor e, se tudo correr bem, o Luis regressará a casa e não será mais mal tratado.

O conceito de maus tratos é ambíguo. A nossa lei é avançada, mas considera que há castigos corporais «admissíveis», se bem que indesejáveis. Na Suécia, por exemplo, são proibidos todo o tipo de castigos deste género. É uma regra, por enquanto impossível de impor ao nosso país. Segundo os nossos juristas, é necessário ter em conta a nossa realidade socio-cultural, sob risco da lei ser incompreendida e por isso não ter a indispensável adesão da comunidade. Apesar disto, os maus tratos não se limitam à

violência física. A negligência, ou o sobrecarregar, físico ou intelectual, da criança, também cabem nesta definição. A pena para os maltratantes, sejam ou não os pais, pode ir até três anos de prisão.

A denúncia dos maus tratos é outro dos problemas delicados que se põe ao poder judicial. Por um lado, o atraso ou a omissão na denúncia, quer por parte da comunidade, quer por parte dos funcionários das várias instituições que trabalham directamente com menores, pode ser fatal para a vida ou para o equilíbrio da criança. Por outro lado, a denúncia negligente pode levar a intromissões perigosas na intimidade familiar.

O combate aos maus tratos das crianças exige cada vez mais uma interacção entre os diversos intervenientes no processo: famílias, vizinhos, tribunais, assis-

tentes sociais e até hospitais. Neste último grupo há já uma experiência: o Núcleo de Apoio a Crianças Maltratadas do Serviço Pediátrico do Hospital de Santa Maria. Não tendo estatuto jurídico faz uma acção de extrema importância social.

Para o Centro de Estudos Judiciários (CEJ) trata-se, acima de tudo, de tentar detectar «situações perigosas», mais do que «pessoas perigosas». No fundo o Estado e os tribunais, tendo um papel punitivo, devem agir, sobretudo, na área da prevenção.

A centros como o de Oeiras cabe a função de tentar acolher provisoriamente, e posteriormente resolver, situações de maus tratos familiares.

No Centro de acolhimento tenta-se dar às crianças um ambiente mais ou menos familiar. As instalações são de dimen-

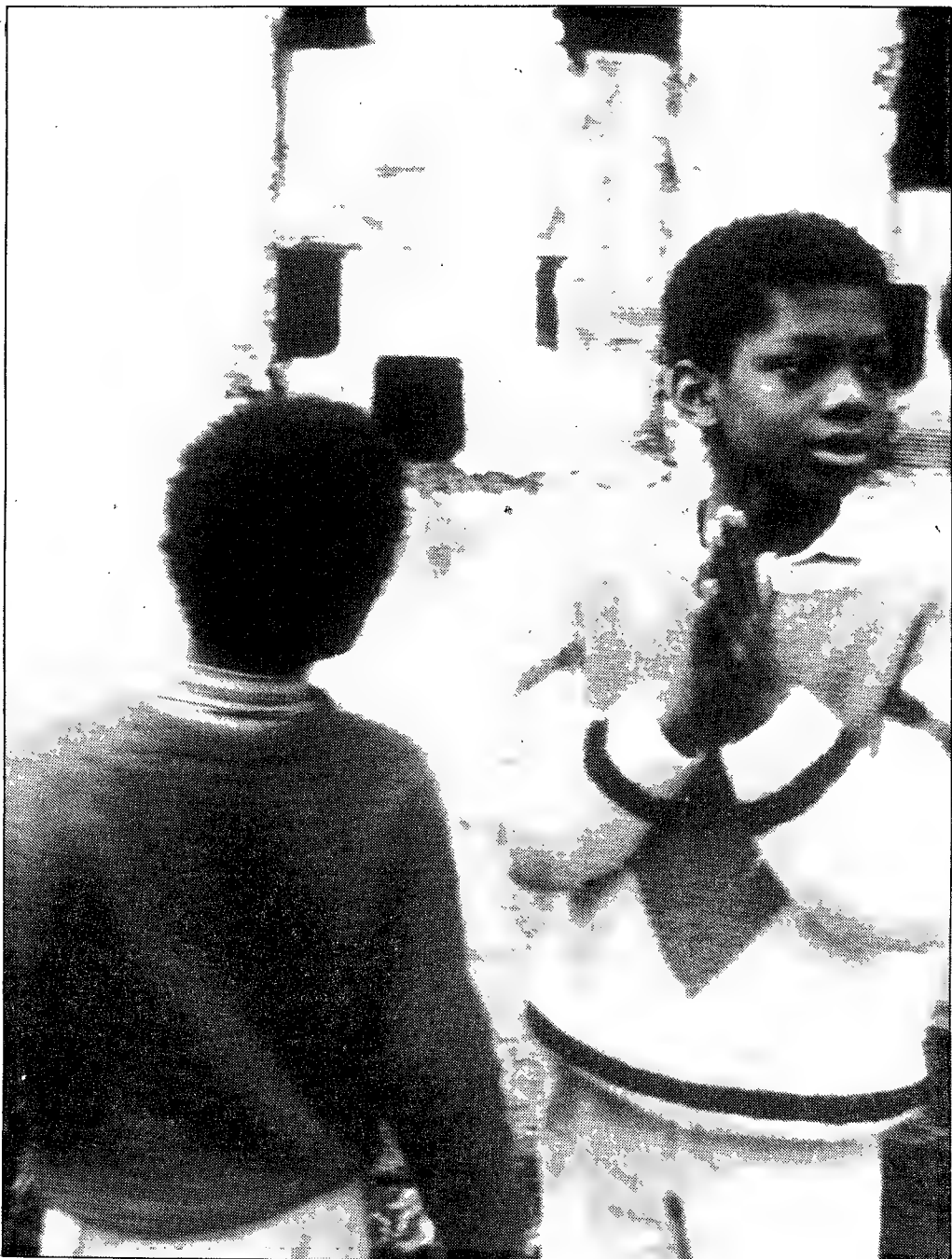
sões reduzidas, e quando ali entrámos, tivemos a perfeita sensação de estar numa casa comum. As crianças, essas, são diferentes. Nota-se uma necessidade de afecto e de carinho acima do habitual. Aqui, como na maioria dos locais onde se faz um trabalho social ligado à criança, é a mentalidade que está a mudar. Começam a surgir novas ideias e a formação torna-se indispensável. Helena Simões, assistente social e responsável pelos «projectos de vida» para as dez crianças que ali residem, está lá há pouco tempo. Diz que o pessoal ainda não é o adequado, não tendo a maioria qualquer vocação. As instalações ainda não são as convenientes mas os problemas vão sendo resolvidos.

A meio da conversa com a assistente social uma criança entrou de rompante na pequena sala. Era o Humberto. Não tem mais que quatro anos e a sua história já é longa e cheia de sobressaltos. Filho de uma prostituta e toxicodependente, nunca foi por esta acarinhado. Os seus três irmãos vivem com a bisavó, que os foi criando. Quando o Humberto nasceu ninguém o queria, nem mesmo ela, já cansada e farta de trabalhar para os bisnetos. Para não se afeiçoar a ele rejeitou-lhe todo o tipo de afecto, não tratando convenientemente da sua higiene. Quando chegou ao Centro, pelas mãos da idosa senhora, vinha com as nádegas inchadas por não lhe serem mudadas as fraldas.

Agora a mãe está a tentar resolver o problema da toxicodependência. Debilitada pela SIDA e Hepatite B, mas com uma situação económica estabilizada pelo seu novo companheiro a mãe do Humberto quer de novo o seu filho e o Centro das Taipas acha-o uma peça indispensável para a sua cura.

O Centro de Acolhimento estuda, mas com muitas reservas, o regresso de Humberto para a sua mãe. Caso não seja esta a decisão a outra solução será a adopção a casais estrangeiros, pois ele é de cor e os portugueses continuam a preferir as crianças brancas.

O regresso da criança à família natural, ou a sua entrega a uma família adoptiva, são as soluções mais desejáveis. Quando se mostram impossíveis ou pouco seguras, a alternativa são as instituições estatais e privadas ou as «famílias de transição». Tratam-se de famílias que, voluntariamente e em coordenação com os centros de acolhimento, recebem crianças por período transitório. A experiência tem sido levada a cabo em Lisboa e Alenquer, estando neste momento a ser avaliada a sua viabilidade.



É quase um país. Lá, como aqui, adultos e crianças vivem juntos. Têm responsabilidades diferentes mas o poder é dividido. Na Bemposta não há tutela. Há um circo, uma televisão e uma rádio. Há um parlamento, uma bomba de gasolina e um cabeleireiro. Há espaço para crescer.

A CIDADE DOS PUTOS

Uma criança, sorrindo-nos, levantou a cancela. Passámos a fronteira. Uma placa avisava: «Estão a entrar num país diferente». Diante de nós, omnipresente, uma enorme tenda de circo. Pela colina estendia-se a pequena aldeia. Um banco, a sede do município, um supermercado, um café, uma igreja, estufas, oficinas.

Estávamos na Bemposta, uma comunidade com cerca de 150 habitantes, na sua maioria, crianças. Fica nos arredores de Orense, na Galiza, e tem como mentor o Padre Silva, um homem progressista e desligado da igreja tradicional europeia. Durante 35 anos passaram por esta comunidade centenas de crianças de diferentes países. Nos tempos da ditadura franquista foi ali que se imprimiu muita da propaganda da oposição ao regime.

Mas a cidade modernizou-se. Tem um estúdio de televisão, e, em ocasiões especiais a TV da Bemposta faz transmissões por cabo. A Rádio Livre da Bemposta emite diariamente para Orense. Mas a principal função dos estúdios é a de dar aulas de vídeo, cinema, fotografia e rádio a jovens de fora. Desta forma apoiam o autofinanciamento da comunidade.

Quando «A MOSCA» esteve na Bemposta só os estúdios, as aulas de informática e a escola funcionavam em pleno. Todo o trabalho estava concentrado na preparação da partida da companhia de circo da cidade, «Los Muchachos», para Roma, onde iriam participar no espectáculo da Televisão Italiana (RAI). Aqui toda a comunidade, tal como a cidade, está implantada em torno do circo. O Padre Silva é descendente da família Feijó, com grandes tradições nesta área. Quase todos os miúdos entram no novo espectáculo da companhia «A História do Circo». As acrobacias com cavalos são feitas pelo Rui, um português de Chaves que chegou há três anos a esta comunidade da Galiza. O seu pai era agricultor, mas um dia soube da existência da Bemposta. Falou ao filho da escola de circo, e decidiram os dois ir para lá. O pai foi-se embora mas o Rui ficou, e não pensa partir tão cedo. «Gostava de montar um circo meu mas acho que prefiro ficar aqui para sempre» disse-nos.

Fomos ver os outros jovens que ensaiavam na tenda. Duas meninas ziguezagueavam pela pista, em cima de monociclos. Lá ao fundo um jovem fazia malabarismos com três massas e outro tentava equilibrar-se numa madeira sobre um cilindro.

Depois descemos um caminho alcatroado e fomos ter a um café. Ali encontramos o Pablo, que nos acompanharia nesta visita à Bemposta. Disse-nos que tinha havido matança do porco e seguimos, então, para um descampado onde

dezenas de crianças olhavam para o bicho estendido no chão. Um professor, com um maçarico na mão, chamuscava o animal.

Era a aula prática de ciências e agricultura. «Se as crianças vão comer a carne não lhes deve ser escondido como são mortos os animais, mesmo que seja um pouco impressionante» disse-nos o Pablo.

Todo o sistema educativo é assim: os alunos da primária abandonam as aulas quando querem, e aos mais velhos são, fundamentalmente, leccionadas disciplinas práticas. A discussão e a formação artística ocupam um espaço privilegiado nas aulas da escola da Bemposta. Através desta formação e de muitas regras existentes, a competitividade, o egoísmo

e o consumismo foram banidos: «queremos formar inadaptados» explica-nos o Pablo, acrescentando: «não ao nível do relacionamento ou do trabalho mas sim em relação ao sistema vigente».

A comunidade da Bemposta, ou «Nación de Los Muchachos», como lhe gostam de chamar, tem referências políticas e religiosas definidas. Comprometidos com uma «nova consciência cristã», defendem um sistema igualitário, de referências marxistas. Para Orense, de tradição conservadora, aquela é a cidade do «padre comunista».

Mas a «Nación Feliz», outro dos nomes que tem a comunidade, acaba por conquistar muitos dos que a visitam. A Anne, que tem 22 anos, era jornalista da revista alemã «Stern», e, tal como nós,

foi a Orense para fazer uma reportagem sobre esta comunidade. Quando voltou ao seu país, foi só para ir buscar a bagagem e se despedir da família. Agora vive na Bemposta e trabalha na Delegação para a informação que é um dos «ministérios» do Governo da comunidade.

Este Governo é eleito por todos, de três em três anos. À frente dele está o Alcaide, Juan Carlos, mais conhecido por Cauachi, por ser descendente de um índio venezuelano. Foi eleito pela Assembleia da Bemposta. É aqui que se decide tudo o que diz respeito à comunidade. Reúne três vezes por semana, com a participação de toda a população, inclusive dos mais novos. A sua participação na vida política da cidade só se diferencia da dos adultos por se organizarem em distritos, que tentam, na medida do possível, tomar posições concertadas no Parlamento.

Foi a uma dessas assembleias que «A MOSCA» assistiu. Era já de noite. Depois da benção falou o Alcaide. Leu uma mensagem do Padre Silva, vinda da Colômbia, onde está a ajudar a fundar uma comunidade para indígenas da Amazônia. Em seguida informou da chegada para breve de duas crianças japonesas, que, cansadas do opressivo sistema de ensino daquele país, resolveram ir para a Bemposta.

Na «Nación de Los Muchachos» só existem duas regras para a entrada de menores: ter autorização dos pais, se os houver, e querem de facto lá estar. «Para nós a criança não é um objecto de tutela» afirmam, e por isso pensam que a melhor educação é a liberdade. Todas os miúdos têm uma responsabilidade «segundo as suas capacidades».

As diferenças sociais entre as crianças são apagadas: «as origens deles não interessam, desde que não se esqueçam delas» afirma o Pablo. Todas as crianças recebem um salário igual, em coroas, a moeda da Bemposta. Uma parte é-lhes entregue e a outra vai para um fundo comunitário a que têm acesso sempre que necessitem de comprar algo de mais caro. São eles que decidem e o dinheiro é-lhes quase sempre fornecido.

O facto de a Bemposta ter moeda própria é, para o Governo «mais do que uma brincadeira». «Aqui só se consegue dinheiro a trabalhar, e ele não é utilizável no futuro, o que significa que não existe uma ambição pessoal, que não faz sentido em comunidade» defendem. Com as coroas as crianças compram grande parte das coisas que necessitam, pois dentro da cidade existe um supermercado, um cabeleireiro e um café.

Vêm de 17 países diferentes mas a maioria das crianças que aqui vivem são





de Espanha e do Terceiro Mundo. E as razões porque vão para a Bemposta são diversas: «As crianças dos países desenvolvidos perguntam-se sobre o que será o seu futuro; as as do Terceiro Mundo perguntam-se se chegarão ao futuro» resume o Pablo.

A Bemposta é praticamente autosuficiente. Tem estufas, pocilgas e tudo o que existe numa quinta. Por outro lado, através das suas grandes oficinas de seralharia, marcenaria e olaria, vendem-se várias peças para o exterior. Uma bomba de gasolina própria, perto da aldeia, ajuda ao autofinanciamento.

Mas a grande aposta que fazem é nos cursos lecionados a externos. Os cursos de informática e de imagem e som são reconhecidos e homologados pelo Estado, e não se podem considerar baratos. No âmbito da escola de imagem foi criada uma produtora de video que, nos seus trabalhos, se dedica sobretudo a questões políticas e sociais.

«Com muitas dificuldades, mas vamos conseguindo administrar isto economicamente» afirma Cauachi. A Bemposta não aceita apoios monetários dos pais e tem como regra que «com quem tem relações comerciais não tem mais nenhuma e vice-versa».

A Bemposta, tem, no entanto, objectivos a longo prazo: criar uma consciencia nova e formar mais bempostas. Por enquanto existem três na Colômbia, uma na Venezuela, uma na Nicarágua e outra em Bruxelas, no total de duas mil pessoas. É com a América Latina, e com a sua igreja «libertadora» que a «Nacion de lo Muchachos» tem maiores relações. Em Moçambique prepara-se um trabalho de apoio social e na Nicarágua implementa-se o sistema de ensino da Bemposta com o apoio dos respectivos governos.

Preparar gente para a formação de bempostas, coma a que se criou na Ama-



zónia para protecção dos indígenas. «Não queremos criar um exército de mercenários» frisa Pablo, que pensa que para conseguir vencer provas destas são necessárias pessoas rijas e por isso convicadas e comprometidas com a ideia.

A ideia são os objectivos políticos da Bemposta. A igualdade social, o desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo e a negação do capitalismo. Esta é a razão apresentada para a existencia daquilo a que chamam a «Grande Aventura». Só depois da «Grande Aventura» os adultos se podem integrar na Bemposta.

A «Grande Aventura» começa com um isolamento no Mosteiro de La Guajira. Aí, os jovens têm uma hora por dia para falar sobre a matéria que estudaram. A comida é à base de vegetais, leite e pão.

Não podem ter se não o indispensável e o banho tomam-no numa fonte. Durante três ou mais meses não se sai do Mosteiro.

Depois desse periodo vem a prova final. «Ela é pessoal, nada temos a provar aos outros» garantem-nos. Ela consiste fundamentalmente em viver nos meios mais miseráveis e marginais da sociedade. O Alcaide da Bemposta considera indispensável que «se conheça a pobreza, para estarmos seguros que a suportamos e para a podermos combater». «Trata-se também de uma radicalização» diz o Cauachi. Pablo acrescenta: «sucede o mesmo que a um padre "normal", que regressa progressista da América Latina. Ele conheceu a parte mais feia da realidade».

A prova do Pablo foi, segundo ele próprio, fácil: «andou a mendigar pela Galiza durante 15 dias, sem nada, e sem poder trabalhar ou pedir mais do que necessitava num dia. «Não foi difícil mas incomoda porque nos sentimos diferentes» conta.

Para estes jovens não se pode falar nem de êxitos nem de fracassos embora reconheçam que «daqui têm saído burgueses bons profissionais, o que não é o objectivo».

Os aventureiros, que têm de ser adultos, ficam depois disponíveis para serem enviados para qualquer sitio. Existe um colectivo de aventureiros, mas não é este que decide quem, quando e para onde vão trabalhar os jovens. É o padre Silva. Este é o reverso da felicidade.



EÇA
DE QUEIROZ

NENHUM MANDARIM FICARIA VIVO

Uma noite, ha annos, eu começára a lêr, n'um d'esses in-folios vetustos, um capítulo intitulado Brecha das Almas; e ia cahindo n'uma somnolencia grata, quando este período singular se me destacou do tom neutro e apalado da pagina, com o relevo d'um medalha d'ouro nova brilhando sobre o tapete escuro: copio textualmente:

«No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis de que a Fabula ou a Historia contam. D'elle nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a sêda de que se veste. Para que tu herdês os seus cabedães infundáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Elle soltará apenas um suspiro, n'esses confins da Mongolia. Será então um cadaver» e tu verás a teus pés mais ouro do que pôde sonhar a ambição d'um avaro. Tu, que me lêes e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Estaquei, assombrado, diante da pagina aberta: aquella interrogação «homem mortal, tocarás tu a campainha?» parecia-me faceta, picaresca e, todavia, perturbava-me prodigiosamente. Quiz lêr mais; mas as linhas fugiam, ondeando como cobras assustadas, e no vazio que deixavam, d'uma lividez de pergaminho, lá ficava, rebrilhando em negro,

a interpegação estranha — «tocarás tu a campainha?»

Se o volume fôsse d'uma honesta edição Michel-Levy, de capa amarella, eu, que por fim não me achava perdido n'uma floresta de ballada allemã, e podia da minha sacada vêr branquejar à luz do gaz o corereame da patrulha — teria simplesmente fechado o livro, e estava dissipada a allucinação nervosa. Mas aquelle sombrio in-folio parecia exhalar magia; cada letra affectava a inquietadora configuração d'esses signaes da velha cabala, que encerram um attributo fatidico; as virgulas tinham o retorcido petulante de rabos de diabinhos, entrevistos n'uma alvura de luar; no ponto d'interrogação final eu via o pavoroso gancho com que o Tentador vai fisingando as almas que adormeceram sem se refugiar na inviolavel cidadella da Oração... Uma influencia sobrenatural apoderando-se de mim, arrebatava-me devagar para fóra da realidade, do raciocinio: e no meu espirito foram-se formando duas visões — d'um lado um Mandarim decrepito, morrendo sem dôr, longe, n'um kiosque chinês, a um ti-li-tim de campainha; do outro toda uma montanha de ouro scintillando aos meus pés! Isto era tão nitido, que eu via os olhos obliquos do velho personagem

embaciarem-se, como cobertos d'uma tenue camada de pó; e sentia o fino tinir de libras rolando juntas. E immovel, arripiado, cravava os olhos ardentes na campainha, pousada pacatamente diante de mim sobre um dictionario francez — a campainha prevista, citada no mirifico in-folio.

Foi então, que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metallica me disse, no silencio:

—Vamos, Theodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!

O abat-jour verde da vela punha uma penumbra em redor. Ergui-o, a tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um individuo corpulento, todo vestido de preto, de chapéo alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo d'um guarda-chuva. Não tinha nada de phantastico. parecia tão contemporaneo, tão regular, tão classe-média como se viesse da minha repartição..

Toda a sua originalidade estava no rosto, sem barba, de linhas fortes e duras: o nariz brusco, d'um aquilino formidável, apresentava a expressão rapace e atacante d'um bico d'água; o corte dos lábios, muito firme, fazia-lhe como uma bôca de bronze; os olhos, ao fixar-

se, assemelhavam dois clarões de tiro, partindo subitamente d'entre as sarças tenebrosas das sobranceiras unidas; era livido — mas, aqui e além na pelle, corriam-lhe raiões sanguíneos como n'um velho marmore phenicio.

Veio-me á idéa de repente que tinha diante de mim o Diabo: mas logo todo o meu raciocinio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu nunca acreditei no Diabo — como nunca acreditei em Deus. Jámais o disse alto, ou o escrevi nas gazetas, para não descontentar os poderes publicos, encarregados de manter o respeito por taes entidades: mas que existem estes dois personagens, velhos como a Substância, rivaes bonacheirões, fazendo-se mutuamente pirraças amáveis, — um de barbas nevadas e tunica azul, na *toilette* do antigo Jove, habitando os altos luminosos, entre uma corte mais complicada que a de Luiz XIV; e o outro enfarruscado e manhoso, ornado de cornos, vivendo nas chamadas inferiores, n'uma imitação burguesa do pitoresco Plutão — não acredito. Não, não acredito! Gé e Inferno são concepções sociaes para uso da plebe — e eu pertencço á classe-média. Rezo, é verdade, a Nossa Senhora das Dôres: porque, assim como pedi o favor do senhor doutor para passar no meu acto; assim como, para obter os meus vinte mil réis, implorei a benevolencia do senhor deputado; igualmente para me subtrahir á tísica, á angina, á navalha de ponta, á febre que vem da sargeta, á casca de laranja escorregadia onde se quebra a perna, a outros males publicos, necessito ter uma protecção extra-humana. Ou pelo rapa-pé ou pelo incensador o homem prudente deve ir fazendo assim uma série de sábias adulações desde a Arcada até ao Paraíso. Com um compadre no bairro, e uma comadre mystica nas alturas — o destino do bacharel está seguro.

Por isso, livre de torpes superstições, disse familiarmente ao individuo vestido de negro:

— Então, realmente, aconselha-me que toque a campainha?

Elle ergueu um pouco o chapéo, descobrindo a fonte estreita, enfeitada d'uma garforinha crespa e negrejante como a do fabuloso Alcides, e respondeu, palavra a palavra:

— Aqui está o seu caso, estimavel Theodoro. Vinte mil réis mensaes são uma vergonha social! Por outro lado, ha sobre este globo coisas prodigiosas: ha vinhos de Borgonha, como por exemplo o *Romanée-Conti* de 58 e o *Chambertini* de 61, que custam, cada garrafa, de dez a onze mil réis; e quem bebe o primeiro calix, não hesitará, para beber o segundo, em assassinar seu pae... Fabricam-se em Paris e em Londres carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofo, que é preferível percorrer nellas o Campo Grande, a viajar, como os antigos deuses, pelos céos, sobre os fôfos coxins das nuvens... Não farei á sua instrucção a offensa de o informar que se mobilam hoje casas, d'um estylo e d'um conforto, que são ellas que realisam superiormente esse regalo ficticio, chamado outróra e «Bemaventurança». Não lhe fallarei, Theodoro, d'outros gozos terrestres: como, por exemplo, o *Theatro do Palais Royal*, o *baile Laborde*, o *Café Anglais*... Só chamarei á sua attenção para este facto: existem sêres que se chamam Mulheres — diferentes d'aquelles que conhece, e que se denominam Femeas. Estes sêres, Theodoro, no meu tempo, a paginas 3 da Biblia, apenas usavam exteriormente uma folha de



saberia replicar-lhe, seguindo um exemplo illustre, e erguendo o dedo ás profundidades constelladas: — «O meu reino não é d'este mundo!» Eu conheço os meus auctores. Mas eram cento e tantos mil contos, offerecidos á luz d'uma vela de stearina, na travessa da Conceição, por um sujeito de chapéo alto, apoiado a um guarda-chuva...

Então não hesitei. E, de mão firme, repeniquei a campainha. Foi talvez uma il-

d'um Mandarin retirado, — quando o surpreendeu este *ti-li-tim* da campainha. Agora jaz á beira d'um arroio cantante, todo vestido de sêda amarella, morto, de pança ao ar, sobre a relva verde; e nos braços frios tem o seu papagaio de papel, que parece tão morto como elle. Amanhã são os funeraes. Que a sabedoria de Confúcio, penetrando-o, ajude a bem emigrar a sua alma!

E o sujeito, erguendo-se, tirou respeitosa-mente o chapéo, sahiu, com o seu guarda-chuva debaixo do braço.

Sinto-me morrer. Tenho o meu testamento feito. N'elle lego os meus milhões ao Demonio; pertencem-lhe; elle que os reclame e que os reparta...

E a vós, homens, lego-vos apenas, sem

vinha. Hoje, Theodoro, é toda uma symphonia, todo um engenhoso e delicado poema de rendas, *baptistes*, setins, flôres, joias, cachemiras, gazes e velludos... Comprehe-nde a satisfação inenarravel que haverá, para os cinco dedos de um christão, em percorrer, palpar estas maravilhas macias; — mas também percebe que não é com o troco d'uma placa honesta de cinco tostões que se pagam as contas d'estes cherubins... Mas ellas possuem melhor, Theodoro: são os cabellos côr do ouro ou côr da treva, tendo assim na suas tranças a apparencia emblematica das duas grandes tentações humanas — a fome do metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente. E ainda teem mais: são os braços côr de marmore, d'uma frescura de lirio orvalhado; são os seios, sobre os quaes o grande Praxiteles modelou a sua Taça, que é a linha mais pura e mais ideal da Antiguidade... Os seios, outr'ora (na idéa d'esse ingenuo Ancião que os formou, que fabricou o mundo, de quem uma inimizade secular me veda de pronunciar o nome), eram destinados á nutrição augusta da humanidade; socegue porém, Theodoro; hoje nenhuma mamã racional os expõe a essa função deterioradora e severa; servem são para resplandecer, aninhados em rendas, ao gaz das *soirées* — e para outros usos secretos. As conveniencias impedem-me de proseguir n'esta exposição radiosa das bellezas, que constituem o *Fatal Feminino*... De resto as suas pupilas já rebrilham... Ora todas estas coisas, Theodoro, estão para além, infinitamente para além dos seus vinte mil réis por mez... Confesse, ao menos, que estas palavras teem o veneravel sêlo da verdade!...

Eu murmurei, com as faces abraçadas: — Teem.

E a sua voz proseguiu, paciente e suave:

— Que me diz a cento e cinco, ou cento e seis mil contos? Bem sei, é uma bagatella... Mas enfim, constituem um começo; são uma ligeira habilitação para conquistar a felicidade. Agora pondere estes factos: o Mandarin, esse Mandarin do fundo da China, está decrepito e está gottoso: como homem, como funcionário do celeste imperio, é mais inutil em Pekin e na humanidade, que um seixo na bôca d'um cão esfomeado. Mas a transformação da substância existe: garanto-lh'a eu, que sei o segredo das coisas... Porque a terra é assim; recolhe aqui um homem apodrecido, e restitue-o além ao conjunto das fôrmas como vegetal viçoso. Bem pôde ser que elle, inutil como Mandarin no Imperio do Meio, vá ser util n'outra terra como rosa perfumada ou saboroso repólho. Matar, meu

filho, é quasi sempre equilibrar as necessidades universaes. É eliminar aqui a ex-crescencia para ir além supprir a falta. Penetre-se d'estas solidas philosophias. Uma pobre costureira de Londres an-cieia por vêr florir, na sua trapeira, um vaso cheio de terra negra: uma flôr consolaria aquella desherdada; mas na disposição dos sêres, infelizmente, n'esse momento, a substancia que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem d'Estado... Vem então o fadista de navalha aberta, e fende o estadista? o enxurro leva-lhe os intestinos; enterraram-no, com tipoias atraz; a materia começa a desorganisar-se, mistura-se à vasta evolução dos atomos — e o superfluo homem de governo vai alegrar, sob a fôrma de amor-perfeito, a agua-furtada da loura costureira. O assassino é um philanthropo! Deixe-me resumir, Theodoro: a morte d'esse velho Mandarin idiota traz-lhe á algibeira alguns milhares de contos. Pôde desde esse momento dar pontapés nos poderes publicos: medite na intensidade d'este gozo! É desde logo citado nos jornaes: reveja-se n'esse maximo da gloria humana! E agora note: é só agarrar a campainha e fazer *ti-li-tim*. Eu não sou um barbaro: compre-hendo a repugnancia d'um *gentleman* em assassinar um contemporaneo: o espirrar do sangue suja vergonhosamente os punhos, e é repulsivo o agonisar d'um corpo humano. Mas aqui, nenhum d'esses espectaculos torpes... É como quem chama um criado... E são cento e cinco ou cento e seis mil contos; não me lembro, mas tenho-o nos meus apontamentos... O Theodoro não duvida de mim. Sou um cavalheiro: — provei-o, quando fazendo a guerra a um tyranno na primeira insurreição da justiça, me vi precipitado d'alturas que nem Vossa Senhoria concebe... Um trambulhão consideravel, meu caro senhor! Grandes desgostos! O que me consola é que o OUTRO está tambem muito abalado: porque, meu amigo, quando um Jehovah tem apenas contra si um Satanaz, tira-se bem de dificuldades mandando carregar mais uma legião d'archanjos; mas quando o inimigo é um homem, armado d'uma penna de pato e d'um caderno de papel branco — está perdido... Enfim são cento e seis mil contos. Vamos, Theodoro, ahi tem a campainha, seja um homem.

Eu sei o que deve a si mesmo um christão. Se este personagem me tivesse elevado ao cume d'uma montanha na Palestina, por uma noite de lua-cheia, e ahi, mostrando-me cidades, taças e imperios adormecidos, sombriamente me dissesse: — «Mata o Mandarin, e tudo o que vês em valle e collina será teu», eu



lusão; mas pareceu-me que um sino, de bôca tão vasta como o mesmo céu, badalava na escuridão, através do Universo, n'um tom temeroso que decerto foi acordar sóes que faziam né-né e planetas pancudos resonando sobre os seus eixos...

O individuo levou um dedo á palpebra, e limpando a lagrima que enneoára um instante o seu olho rutilante:

— Pobre Ti-Chin-Fú!...

— Morreu?

— Estava no seu jardim, socegado, armando, para o lançar ao ar, um papagaio de papel, no passatempo honesto

commentarios, estas palavras: «Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarin!»

E todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta idéa: que do Norte ao Sul e do Oeste a Léste, desde a Grande Muralha da Tartaria até ás ondas do Mar Amarello, em todo o vasto Imperio da China, nenhum Mandarin ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses supprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, creatura improvisada por Deus, obra má da má argilla, meu semelhante e meu irmão!

(Em *O Mandarin*, Angers, 1880)

Texto de
Duda Guennes

A CIGARRA E A FORMIGA A CIGARRA É QUEM ESTÁ POR CIMA — NUMA BOA



No seu tempo, La Fontaine (1621-1695) talvez tivesse razão. O bom era ser precavido e operoso como a formiga, que conhecia e aplicava a sabedoria da poupança. A trêfega e perdulária cigarra era uma irresponsável que só pensava em cantar durante o estio sem se preocupar nem um pouco com

os rigores da invernã, quando cantar não enchia barriga de ninguém.

Hoje, com as novas tecnologias e o desenvolvimento das telecomunicações, o que está a dar é o **showbizz**, a vida artística, o espectáculo.

A formiga não está com nada e a cigarra está com tudo em cima, numa boa.

A revista **Forbes**, a bíblia dos negócios e da economia, dos Estados Unidos, no número de Setembro, traz as relações dos 40 artistas que mais facturaram nos dois últimos anos, os respectivos montantes e a forma como adquiriram seus lucros fabulosos — fábula que nada tem com as de La Fontaine, diga-se.

Para chegar a esses dados, a **Forbes** procede como se o artista fosse uma empresa, contabilizando seu faturamento bruto e deduzindo as respectivas despesas.

Nessa operação são computados, no caso de um grupo de rock, a venda de discos, a receita dos shows, utilização da imagem, direitos de autor etc. e tal. Do total são abatidos os percentuais dos empresários, aluguer dos recintos, custos da produção e salários da equipa. Do confronto dos dados extrai-se o lucro.

Da relação da **Forbes** de 89, vinte dos quarenta milionários são músicos, onze são do cinema, três da televisão e há dois desenhadores, Charles Schultz, criador de Snoopy e Jim Davis, pai do gato Garfield. Há também espaço para dois pugilistas, Mike Tyson e Sugar Ray Leonard, para os mágicos Siegfried & Roy e o escritor Stephen King, autor de romances **noir**, que entra em penúltimo lugar.

O cantor espanhol Júlio Iglésias é o único da lista que não é inglês ou norte-americano (o actor Arnold Schwarzenegger é austríaco mas naturalizado norte-americano).

Uma ressalva, porém: a lista da **Forbes** não é indicativa das maiores fortunas do meio artístico mas apenas dos que mais facturaram nos dois últimos anos. Há alguns nomes, como Bob Hope, Tina Turner, com fortunas colossais,

que andaram apagados nesse período e não aparecem citados.

O cantor Michael Jackson, pelo segundo ano consecutivo, lidera a lista da revista com o faturamento total dos dois últimos anos cifrados em 125 milhões de dólares, seguido de Steven Spielberg com 105 milhões — estes são, aliás, os únicos a ultrapassarem a frásquia dos três dígitos. Os Rolling Stones, que no momento da edição da revista já tinham amealhado 55 milhões de dólares mas que estavam em princípio da digressão mundial do seu (deles) **show**, 60 ao todo, devem ter fechado o ano com a bela soma de 160 milhões, de dólares evidentemente.

Outro também que deu um grande salto foi o pugilista Sugar Ray Leonard, que só numa luta, contra o panamiano Roberto Duran, pelo título mundial dos supermédios, Dezembro em Las Vegas, engordou a sua conta bancária em 12,5 milhões de dólares, enquanto seu adversário quedou-se com uma modesta bolsa de 7,5 milhões.

Outro que também cresceu bastante foi o actor Jack Nicholson que pulou da 34.ª posição em 88 para a 13.ª graças ao seu desempenho em **Batman**. Júlio Iglésias também fez bonito passando do 20.º lugar para o 11.º, com o faturamento de 46 milhões de dólares.

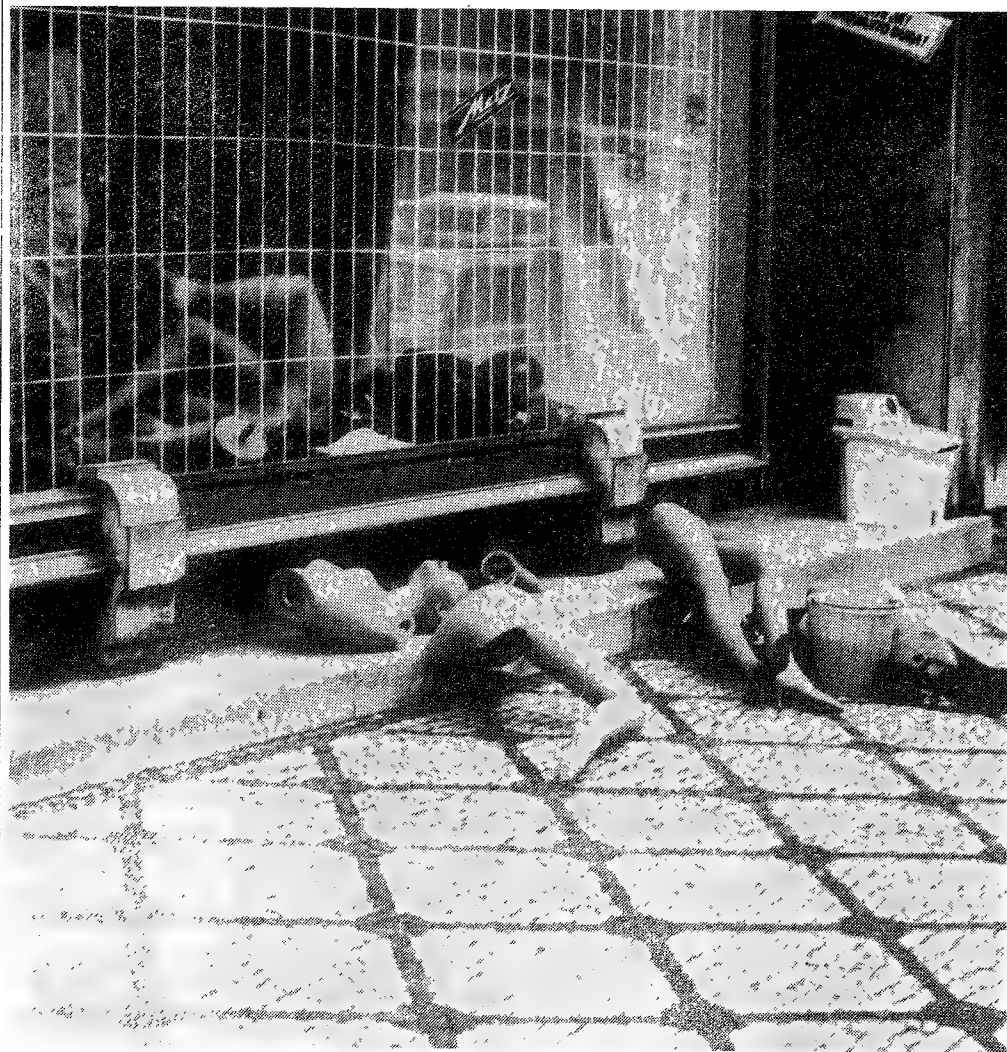
Madonna, por sua vez baixou do 9.º para o 15.º lugar, mas 43 milhões nas algibeiras.

Mas quem talvez venha a surpreender é o atleta norte-americano Carl Lewis que entrou com uma acção judicial contra a revista alemã Stern, que publicou as declarações do seu ex-companheiro de equipa, Darrel Robinson, acusando-o de usar esteróides anabolizantes. Lewis pede uma indemnização de 182 milhões de dólares. Apenasmente, o que pulverizará todos os recordes de faturamento no mundo do espectáculo.

A LISTA DOS 15 MAIORES

- 1 Michael Jackson (cantor) 125 milhões de dólares
- 2 Steven Spielberg (cineasta) 105 milhões de dólares
- 3 Bill Crosby (comediante) 95 milhões de dólares
- 4 Mike Tyson (pugilista) 71 milhões de dólares
- 5 Charles M. Schulz (desenhador) 60 milhões de dólares
- 6 Eddie Murphy (actor) 57 milhões de dólares
- 7 Pink Floyd (banda rock) 56 milhões de dólares
- 8 The Rolling Stones (banda rock) 55 milhões de dólares
- 9 Oprah Winfrey (actriz) 55 milhões de dólares
- 10 George Michael (cantor) 47 milhões de dólares
- 11 Júlio Iglésias (cantor) 46 milhões de dólares
- 12 Johnny Garson (apresentador de TV) 45 milhões de dólares
- 13 Jack Nicholson (actor) 44 milhões de dólares
- 14 Sylvester Stallone (actor) 44 milhões de dólares
- 15 Madonna (cantora e actriz) 43 milhões de dólares

Em 40.º lugar, lanterna vermelha, aparece o cantor Frank Sinatra que apenas facturou irrisórios 16 milhões de dólares. Coitado.



**FOTOGRAFIA
DA
SEMANA**
GIL
TEIXEIRA

«Interlúdio»

«E eu, que estava tão enredado nos barões do eternamente, nos lacetes do já passado sou esfregado contra o presente.

Alexandre O'Neill

PERCURSOS

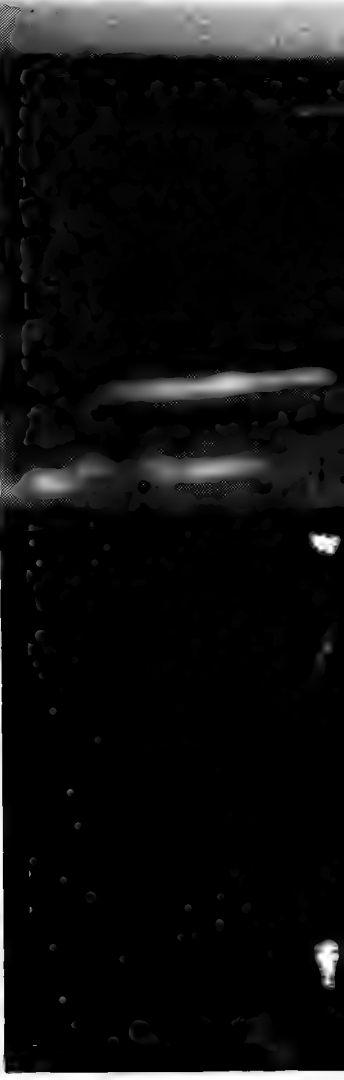
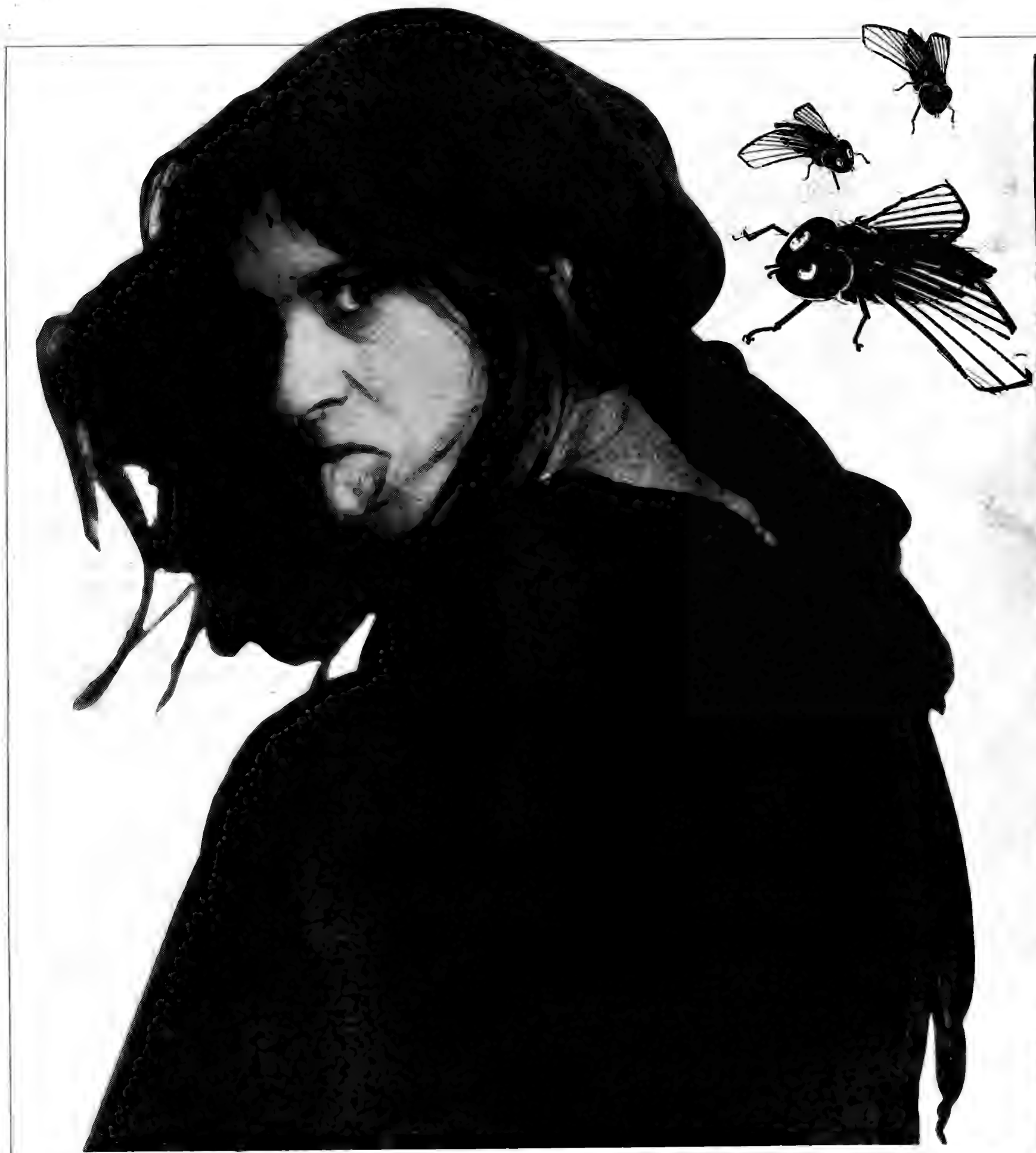


Fotografias de
André Kertész



Nestas fotos de Kertész, velhas de 60 anos, imagens de um tempo que ainda não passou: a serena cumplicidade de dois amantes que sorriem um ao outro à luz da manhã, e a resignação do jovem solitário refugiado no canto mais escuro do café (pode ser que amanhã tenha mais sorte).







”... É evidente que a indústria, ao irromper no território da arte, se transforma na sua inimiga mais mortal. Se for permitido à fotografia substituir a arte em algumas das suas funções, depressa a suplantará, corrompendo-a em absoluto. Mas se a deixarem invadir o domínio do impalpável e do imaginário, então aí de nós!»

Baudelaire, *Salão de 1859*

»... É sintomático que os debates se tenham obstinado em considerar a estética da **fotografia enquanto arte**, ao passo que mal se aflorou um outro problema, bastante mais importante, que é o da realidade da **arte enquanto fotografia...**»

Walter Benjamin, *Pequena história da fotografia*, 1931

Fotografias de
José Maria Nolasco



JORGE FALLORCA

ENTREVISTA COM LEONEL MOURA

UMA CULTURA QUE NÃO TEM OS DEGRAUS TODOS

Curiosamente, foi com a série **Europa** (apresentada na Feira de Los Angeles, em 1987), que Leonel Moura conheceria, finalmente, notoriedade internacional. Consolidada com a participação em numerosas colectivas, feiras internacionais, e exposições individuais organizadas pelas galerias com que trabalha (Montenegro, de Madrid, Acta, de Milão, e Meyers/Bloom, de Los Angeles), o reconhecimento de uma operação estética indissociável das soluções com que os filósofos Benjamin, Wittgenstein e Kant, pretenderam humanizar este século agonizante, mereceu de Le Nouveau Musée, de Lyon, o convite para realizar no fim deste ano uma grande exposição retrospectiva.

Leonel Moura junta-se assim, às retrospectivas de Paolini, Merz, Buren, Jeff Wall, Dan Graham, entre outros, organizadas por aquele museu, que pela ocasião editará um livro sobre a sua obra, em colaboração com várias entidades europeias, e onde Portugal se destaca pela ausência.

Terminada a sua ligação com a Galeria Cómicos, ao saber-se que Graça Fonseca escolhera para a inauguração do seu esplêndido espaço uma instalação de Leonel Moura (*Possibility*, Dezembro de 1989), vulgarizou-se a ideia de que a essa galeria era "a galeria do Leonel". Embora na entrevista se arrumem essas questões de lana caprina, são a amargura de quem sente na pele a inexistência de uma política cultural de corpo inteiro, e a denúncia da solicitude com que, por exemplo, os barões da ignorância procuram desviar-lhe os convites, que dão sentido à acusação de que padecemos de uma cultura que não tem os degraus todos...

"Curiosamente, a minha má fama no meio artístico português deriva do facto de eu fazer coisas. Fundei com Cerveira Pinto o projecto **Arta**, fui um dos organizadores do **Depois do Modernismo** (que incluía, entre outros, Carlos Zíngaro, Cerveira Pinto, Luís Serpa, Manuel Graça Dias e Ricardo Pais), estive, como se sabe, na origem da Galeria Cómicos. Defendi sempre que a arte portuguesa ou conseguia participar activamente na cena internacional ou não era nada. Lutei contra o fatalismo da emigração artística, afirmando a possibilidade de se ser um artista de nível internacional vivendo em Portugal. O Julião Sarmento teve o seu reconhecimento lá fora, eu começo a ter o meu. Continuamos a viver em Portugal... Agora a minha ligação é com os projectos. Não sou dono das coisas. Não sou sequer sócio da Galeria Graça Fonseca. Sou artista da galeria e como tal dou todo o meu apoio a este projecto. Aliás nenhuma boa galeria se faz sem a participação activa dos seus artistas..."

E depois do modernismo?

«DL» - E recafu em ti a responsabilidade

de inaugurar, e demarcar, um espaço magnífico ainda sem memória.

"Tendo em conta uma estratégia de afirmação internacional, era conveniente que a galeria abrisse com um artista português com alguma projecção externa".

«DL» - Bom, mas à parte o caso típico do Julião Sarmento, provavelmente o artista que iniciou mais cedo, e sozinho, a internacionalização, que mecanismos permitiram que, pelo facto de seres português sintas que estás a representar Portugal, sem que mereças qualquer reconhecimento das entidades competentes?

"Essa questão prende-se com uma das principais vertentes da política cultural de Teresa Gouveia, agora substituída como se sabe, e que consistiu num apoio atribuído as galerias portuguesas que lhes permitiu participar nas principais Feiras de Arte

internacionais. Portugal não é um centro de arte internacional, as pessoas não se deslocam até nós, e a possibilidade de levar artistas portugueses ao ARCO, em Madrid, ou a Los Angeles, é muito importante, como se compreende. Foi na sequência dessas participações, que o meu trabalho, ao tempo a série **Europa**, registou interesse entre outros galeristas, críticos e responsáveis de várias instituições internacionais. Os convites para expor, quer em galerias quer em colectivas em museus, sugeriram e não pararam desde então".

«DL» - Suponho que presentemente integras o núcleo de artistas de algumas galerias estrangeiras?

"Neste momento trabalho com galerias em Madrid e Barcelona, Paris, Milão, Roterdão e Los Angeles".

«DL» - Sabendo-se como o mercado norte americano é competitivo, parece-me mais relevante falarmos da galeria de Los Angeles.

"É muito difícil para um artista europeu entrar na cena artística americana. Nos Estados Unidos existe uma visão muito centralista da cultura, e os artistas europeus ou possuem já uma grande projecção, e entram através dos museus e das retrospectivas, ou então a coisa é muito árdua. Apesar dessa dificuldade, estou muito satisfeito com a minha colaboração com a Meyers/Bloom, de Los Angeles, que não se tem poupado a esforços para divulgar o meu trabalho na América. Através desta galeria tenho participado nalgumas mostras colectivas nos Estados Unidos e no Canadá".

«DL» - Mas ficou por responder a outra parte da questão; quando o trabalho de um artista é reconhecido no estrangeiro, reconhece-se simultaneamente o seu país de origem ou opção. Já basta a vergonha, e pressa, do caso Vieira da Silva...

"A cultura portuguesa está demasiado, ou diria mesmo totalmente, dependente dos méritos pessoais. O que me parece incorrecto na medida em que o país deve ter ele próprio um projecto cultural".

«DL» - Privilegiamos a hospitalidade...

"Temos recebido algumas coisas mas não há em Lisboa uma sala independente para receber e fazer permuta de exposições".

«DL» - Tens a Galeria Almada Negreiros, da SEC.

"É um espaço demasiado oficioso, e acima de tudo, não tem programa".

Protagonizar o vazio

«DL» - A Sociedade Nacional de Belas Artes... Como é que explicas este fenómeno: quando as galerias comerciais estavam em baixo, a SNBA era procurada, desejada até, pelos artistas mais novos. Com o aumento das galerias comerciais dá-se a estagnação da SNBA?

"A SNBA actual é o resultado de um pequeno Ceausescu da nossa cultura, já que Fernando de Azevedo é simultaneamente

presidente da SNBA, alto funcionário das artes plásticas da Fundação Gulbenkian, presidente da Associação de Críticos de Arte, e também, porque não?, artista *conceituado*. A coisa é tão ridícula, ou tão grave, que já nem merece discussão. Mais interessante será discutir a necessidade da própria Câmara Municipal criar um espaço em Lisboa vocacionado para a arte contemporânea".

«DL» - Já começaram as obras do Centro Cultural de Belém.

"Além de hotel de ministros da CEE, pouco mais se sabe o que será esse Centro. Se existe um projecto cultural para ele, é secreto. Por isso insisto; penso que a CML, à semelhança do que se que se passa noutras cidades europeias, deveria ter um espaço activo, de grande prestígio, com uma programação criteriosa, nacional e internacional. Neste momento, um dos nossos problemas é o da falta de interlocutores qualificados para dialogarem com os responsáveis pela arte dos outros países e cidades da Europa. A cultura portuguesa é de uma grande irregularidade; tem momentos de grande qualidade, seguidos de muitos outros de incrível mediocridade. É uma cultura que não tem os degraus todos. Isso deve-se, a meu ver à ausência de uma política cultural continuada. Não tem nada a ver com o facto de o país ser pequeno, da apregoadia, e falsa, falta de dinheiro, ou da supremacia dos estrangeiros. Essencialmente deve-se ao não funcionamento das instituições. Em Portugal define-se a cultura pelos gostos pessoais de cada um... As pessoas que estão à frente das instituições, apoiam e promovem só a cultura das suas amizades."

Das instituições guerrilheira

«DL» - Compadrio, portanto.

"Numa situação mais grave é esse mesmo o nome. A questão é que se os artistas têm que funcionar por grupos de pressão, sendo irreverentes e incómodos, dada a natureza da sua actividade, as instituições não podem ser *guerrilheiras*. Não podem passar a vida a combater estes para favorecer aqueles".

«DL» - Mas a exportação de um gosto institucionalizado não encontra qualquer receptividade fora do espelho.

"E é isso que se tem passado. Tem-se forçado a promoção internacional de alguns artistas que, por razões que se prendem com a qualidade do seu trabalho, não despertam qualquer atenção externa, em detrimento de outros, só porque não pertencem ao leque das opções pessoais deste ou daquele responsável. Isso é que tem que acabar. A nossa cultura, e no caso particular das artes plásticas, está cheia de pequenos ditadores. Ora as questões são hoje muito claras; ou se quer ou não se quer ter uma voz activa na produção cultural europeia. No primeiro caso, fazer cultura não é só um gesto de sensibilidade, é também um gesto de inteligência".





TRABALHO

DE CASA

ERNESTO SAMPAIO

A MODA ESTÁ NA MODA

A moda está na moda : desde os economistas que a apreciam porque o sector é «rendível» (horrorosa e asnática palavra que também está na moda, como o «atempadamente» dos políticos), aos analistas que a interpretam como organização fantasmagórica, gratificante lugar onde se superam as carências, passando pelos linguístas que a analisam estruturalmente, como um sistema, não há praticamente ninguém que não tenha meditado sobre o vestuário.

O falecido Roland Barthes, por exemplo, no «Sistema da Moda», descobriu o «bluff» que todos os anos, ou antes, todas as estações, a moda, com o seu mito e a sua retórica, volta pontualmente a propor. Para os sociólogos, a moda é um verdadeiro problema : enquanto na sociedade há greves, tiros, sequestros, desgraças e trabalhos, na moda é o luxo e a fantasia que predominam, quer dizer, entre moda e sociedade parece não haver correspondências, mas dissonâncias. Com efeito, se o clima cultural ideológico destila tristeza e austeridade, no vestuário reina a alegria desenfreada e a superficialidade.

Os sociólogos podem, portanto, prever que «inconscientemente» as pessoas já não suportam a situação que vivem, metamorfoseando, através da moda, a crise em frivolidade. Hoje, como sempre, perante os sacrifícios, a moda serve de pára-raios, propondo aos cidadãos um pequeno, mas caro, prazer.

Duvido que exista uma estreita relação analógica entre história e moda, entre os acontecimentos de uma e o conjunto de elementos que constituem a ideologia da outra. A moda comporta-se arbitrariamente, tirânica e utopicamente. Há, evidentemente, épocas e períodos em que essa analogia foi mais clara e constante, mas não conheço exemplos de modas que incitem o povo a chorar neste vale tão cheio de lágrimas. É verdade que Henrique III andava de luto por Margarida de Clèves envergando uma vistosa vestimenta confeccionada com pequenas cabeças de morto, mas o actual fashion look não é capaz de imaginar «prontos-a-vestir» para os trabalhadores com salários em atraso nem «manteaux» para as desempregadas.

Não inventiva, mas combinatória, capaz de institucionalizar fenómenos incongruentes, a moda exprime-se através de sinais sempre na iminência de se fazer e de se desfazer. O seu léxico hesita e oscila entre fantasia/sageza, luxo/modéstia, loucura/prudência, alegria/rigor, comodidade/refinamento. A moda é «privada de conteúdo, mas não de

sentido», disse Roland Barthes, e faz lembrar uma espécie de Dom Quixote cujo itinerário não evolui porque a sua lógica interna consiste num estímulo constante para adquirir tudo quanto seja possível consumir-se, ou um Don Juan que rompe regularmente com o passado, obrigado a actualizar, sob pena de desaparecer, o objecto do seu amor.

Para além do senso comum, que identifica a moda com o ócio da superficialidade opulenta, aplica-se-lhe uma linguagem exaltante, optimista, «espumosa» e ao mesmo tempo extremamente séria, sem ponta de ironia : é preciso convencer as pessoas de que se trata de um assunto magno. Daqui deriva o recurso sistemático às metáforas («como uma deusa do oriente», «um encontro breve e leve como uma nuvem de tule») que servem para manter as distâncias em relação à vida quotidiana. O estereótipo do que é novo, rico, supérfluo, moida e marca a indumentária, tornando-a apetecível, irrecusavelmente tentadora.

Sedas frescas, tafetás vaporosos, veludos quentes, damascos acariciantes, etc. são frases onde o adjetivo exorbita e exagera na ostentação da metáfora poética sobre o luxo. As situações : festas, encontros, «shopping», recepções, «week-end», aludindo embora a uma ditosa irrealdade, não deixam de recordar que é de bom gosto respeitar uma condição social onde ricos e pobres se encontram nitidamente separados. É esta outra das astúcias da moda : fingindo elevar todos, age contra o igualitarismo, já que é feita para distinguir e não para unificar.

Por outro lado, se o conceito de moda é uma paixão unitária para a princesa e para a operária, as distâncias acabam por ser imediatamente restabelecidas entre as duas consumidoras. «A moda, como a cultura de massas, dirige-se a todos, mas coloca cada um no seu lugar. É uma das instituições que melhor reconstrói e fundamenta, simulando aboli-las, a desigualdade cultural e a discriminação social» (Baudrillard, «Para uma crítica da economia política do signo»). Em suma, não se conhece nenhum período da história recente em que a moda tenha renunciado a dividir.

Dramatizada, transformada em espectáculo nas «performances» que falam ao imaginário, a ambivalência

sexual (bem descrita por Mallarmé em «La dernière Mode») marca as exigências de sedução expressas pela moda. Do unissexo passa-se ao casaco informe, amplo, masculino, debilitando aquele tabu social que contrariava todas as possíveis feminizações. A mania dos «acessórios» difundiu-se em grande escala, incitando a «criatividade» individual : é um delírio de calças mais túnica, mais camisa, mais colete, mais casaco, mais «écharpe». Estas andainas prometem a aventura despreocupada e soberanamente indiferente, mas são realmente o que há de mais «acabado», sistematizado, codificado, revelando talvez, no seu «a mais» delirante, uma inconfessável pulsão para afastar o corpo, escondê-lo, transformá-lo num continente submerso.

O corpo, com efeito, passa a valer como «travesti», como cenografia.

Ao vestuário, ainda hoje a mulher pergunta quem é, na moda delegando grande parte da sua busca de identidade, na medida em que, através dos seus sinais, promete a realização do desejo, o cumprimento do sonho. Não são apenas motivações de prestígio, ânsia de «status», papel mimético, desejo de agradar, vontade de fugir às contrariedades quotidianas que explicam o interesse feminino pela moda : é também a convicção de nela encontrar a igualdade (oferecida pelo sistema da moda) e a diferença, sob a espécie de uma ilusão de singularidade que a moda inculca na mulher, garantindo-lhe ser diferente daquela que realmente é.





RUI EDUARDO
PAES

OBLÍQUAS

SEI MIGUEL OUTRA VEZ (COM POSTSCRIPTUM)

À ESPERA DO DISCO

De Sei Miguel continuamos à espera do disco pensado e produzido com tempo e critério, mas eis que surge um terceiro cujo «empacotamento» é em tudo igual aos anteriores - gravado ao vivo por meios rudimentares, mais caracterizável enquanto testemunho concertista do que «obra» a defender autonomamente e, como tal, sem preocupações ao nível da sua roupagem. O trompetista habituou-nos a um aparecimento discográfico sem empenho nem elaboração, e se isso se admitiu uma e duas vezes porque ilustrava a movimentação de uma marginália que entre nós renasce numa nova vaga, tornou-se agora um grave erro.

Todos os factores o confirmam: a hipótese perdida de figurar na primeira linha, o desajustamento com uma realidade musical que já enterrou todas as vanguardas, o cansaço que a bizarra pretensão de Sei Miguel em tocar indefinidamente o mesmo tema (como certos escritores que pretendem escrever sempre o mesmo livro) já provocou entre os circundantes e até nele. A sua força, a sua empatia, são sem dúvida cativantes, mas encontram-se em plena desvalorização no mercado dos sons, cabendo a culpa única e exclusivamente ao autor. Quem não respeita a sua criatividade, quem não se faz respeitado, não recebe mais do que a indiferença.

Um luxo malbaratado

A edição independente é um luxo a que poucos podem dar-se, mas Sei Miguel e os músicos que consigo trabalham malbaratam-no ostensivamente. Um projecto que nas páginas do «DL» já tivemos ocasião de elogiar é assim reduzido, tão conformada se evidencia a insistência, numa realização menor e sem horizontes. Se é verdade que «The Blue Record», saído há dias para a rua com selo Ama Romanta, acrescenta alguns dados novos a uma linguagem que já pecava por arrastamento, esse é um aspecto positivo que o mau tratamento e a ligeireza com que se comercializam estes temas captados em várias noites de actuação no Hot Clube, vai

para Abril do ano passado, diminuem a uma proporção sem grandes desenhos.

Desfeitos os Santos da Casa FM, último agrupamento do trompetista, retornado o baterista Luís Desirat a uma colaboração rompida há tempo e incluído o baixo de Pedro Bretes à já tradicional parceria com Fala Mariam no trombone e Bruno Rascão dobrado sobre a guitarra, o que encontramos neste título parece excessivamente casual para que dele tiremos a ilacção que, apesar de tudo, nos é sugerida.

Amar ou deixar

Em traços gerais somos levados a pensar que se encontra esgotada a fórmula até aqui escolhida por Sei Miguel e que tantas interrogações vem deixando entre um público que não sabe muito bem como reagir àquilo que propõe. De facto, não é fácil amar ou deixar definitivamente esta música, e nem se pense

que devido a complicados exercícios de obliquidade e eclectismo por parte do instrumentista ou menos ainda porque as suas «improvisações» são conceptuais e dirigidas ao intelecto. Antes pelo contrário: a estranheza dos concertos liderados por Sei Miguel, e em consequência dos LP's por si assinados, está na ambiguidade que atravessa a sua «arte bruta».

Os motivos são vários. Sei Miguel é essencialmente um músico de jazz, tendo o estranho hábito de se rodear por músicos do rock que lhe comprovem as reduzidas capacidades técnicas no manuseio dos instrumentos e lhe proporcionem a vantagem de formá-los à sua maneira. Com eles, e norteando-se por uma estilística inaugurada pelo free jazz que os improvisadores radicais europeus continuaram até ao paroxismo, o soprador do trompete de bolso pretende a mais absoluta expressão do que conotamos com as liberdades musicais, embora de uma forma rígida e apertada-

mente organizativa na sua estruturação. As exigências que faz têm mesmo fama de ditatoriais, pelo que se ouve dizer nos meios.

Simulação

Ou seja: a música de Sei Miguel é uma severa simulação, com o próprio reclamando aos seus comparsas a máxima disciplina interpretativa, uma economia de acordes e sonoridades frugal, e uma igualitária submissão ao colectivo nas suas evoluções. O resultado aparenta o caos discursivo mas não é disso efectivamente que se trata: tudo acontece no seu devido lugar, sem acidentes nem espontaneidade.

Os equívocos sustentados entre os curiosos que acorrem às aparições dos seus grupos em bares e galerias (reclutado mais, nas franjas do rock que junto dos entusiastas do jazz) são consequência deste paradoxo basilar forjado pelo trompetista. Ora, se é isto o que ainda transparece em «The Blue Record», nota-se já algo de diferente nesta terceira edição, na medida em que as abstrações simuladas não preenchem o todo do que ouvimos e sendo que as referências surgem agora propositadamente mais concretas e o seu encadeamento mais transparente. Nunca os antigos Moeda Noise de Sei Miguel, ou as várias formações dos Santos da Casa FM, citaram tão abertamente os blues e o próprio rock. É, aliás, essa a função reservada às baquetas de Desirat neste último título, função que é cumprida com especial felicidade, ainda que como baterista o citado nos obrigue a muitas reservas.

Ocasional pelo menos

A decisão de não comparecer durante algum tempo em qualquer sala de espectáculos, que nos foi confirmada por um dos parceiros mais permanentes de Sei Miguel, parece confirmar a vontade de uma remodelação séria nos propósitos até ao momento ilustrados. É todavia o que o novo disco tem de subsidiário, de gratuito, de ocasional pelo menos, que nos obriga a não esperar demasiado. Sei Miguel, e como ele os fiéis



Fala Mariam e Bruno Rascão, habituou-se demasiado aos vícios em que incorreu na busca de processos alternativos para que o vejamos mudado tanto quanto desejáramos. Trata-se de um excelente músico e já tivemos oportunidade de o afirmar no «DL», mas entrou num beco sem saída.

Se o trompetista se caracterizou, estes anos todos, pela atitude, é a atitude que ainda o poderá recuperar. A música que toca está muito evidentemente datada, pouco somou a propostas feitas por outros improvisadores portugueses há quinze anos. É grave porque Sei Miguel introduziu assim, nas hostes «experimentalistas» do rock que descobriam o jazz, a ilusão de que as alternativas passam por um recuo ao modelo sessentista do free, quando isso é mentira. O exemplo mais deprimente tê-lo no duo Rodrigo Amado/Luís Desirat, que há cerca de uma semana levou três convidados ao Centro de Arte Moderna para, humorística mas pretenciosamente, subscreverem a imensa confusão teórica em que (sobre)vivem, inconscientes e alheados. É grave e é pena.

P. S. : A um disco absolutamente na da produzido calhou que correspondesse, neste tempo de parcas edições nacionais e independentes, um outro em que a produção é o elemento que imediatamente mais se destaca, e alguns não deixarão de dizer que demasiado. É o caso de «Carta de Nhã Cretcheu», LP de música cabo-verdiana gravado em Lisboa por uma nova etiqueta, a Kolá Records.

A voz que escutamos, única no seu contexto em suavidade e modulação, é de Ana Firmino, e as cordas estiveram a cargo de dedilhadores de primeira como Armando Tito, Toy Vieira e Tito Paris, mas visto já nos termos referido ao conteúdo musical deste vinil em altura própria, permita-se-nos que salientemos aqui, muito particularmente, o trabalho produtor de Jorge Valente, o mesmo que esteve por trás do disco de fados de Anabela, a vocalista dos Mler lfe Dada.

Pode ser que a Kolá venha a ser a ECM das mornas e coladeras, mas a verificar-se assim será a comprovação de que a escultura sonora encarregue ao produtor tem mais importância do que vem sendo admitida, inclusivamente na «classe» dos produtores musicais. Jorge Valente arriscou-se a «vestir» o fado como nunca se fizera, e se melhores resultados não conseguiu foi por limitações de Anabela, que não suas. Agora atreveu-se ao mesmo com Ana Firmino, a revelação do único título que Travadinha deixou por cá: «Carta de Nhã Cretcheu» tem o melhor som que alguma vez foi ouvido num registo cabo-verdiano feito em Portugal, e se é possível que acusem Valente de corromper a autenticidade da música de Cabo Verde, temos sem dúvida entre mãos um objecto que fará história entre as manifestações culturais de um povo em diáspora, assinalando nesta ponta do continente europeu o «renascimento crioulo» que a etiqueta tem como fito.

Produzir uma música faz a sua diferença, mas Sei Miguel ainda não o descobriu.

MÚSICA EM CARTAZ



MÚSICA CLÁSSICA

Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian - Av. de Berna, 45
Grande Auditório

Hoje, às 18 e 30 - Concerto pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Max Rabinovitsj, com o pianista Eliso Virsaladze, para obras de Mendelssohn, Mozart e Copland.

Dia 15, segunda feira, às 18 e 30 - Levon Muradian (violoncelo) e Tania Achot (piano) interpretam obras de Bach, Boccherini e Chotakovitch.

Dia 17, quarta feira, às 18 e 30 - Recital de piano por Sequeira Costa, que interpreta obras de Schumann.

Igreja do Loreto

Dia 16, terça feira, às 21 e 30 - O Coro Gulbenkian, sob a direcção do maestro Jorge Matta, interpreta obras de Scarlatti (Te Gloriosus, Missa a 4 Vozes e Te Deum), F. António de Almeida (Magnificat e O Quam Suavis).

MÚSICA LIGEIRA

Lisboa

Espiral - Pç. Ilha do Faial, 14-A

Amanhã à noite - Folk instrumental com António Branco e Mário Ribeiro. Entrada livre.

Hot Club de Portugal - Pç. da Alegria, 36

Hoje e amanhã, às 21 e 30 - Trio Art Resnick (piano), Carlos Barreto (contrabaixo) e Mário Barreiros (bateria). Sessão dupla.

Rock Rendez-Vous

Hoje, às 22 horas - Actuação dos Grupos Censurados e Cianeto.

Domingo, pelas 16 horas - Concerto heavy-metal com os Battalion e uma banda suporte.

Teatro de S. Luís

Hoje, às 21 e 30 - Conscerto de Eugénia Melo e Castro, com Alexandre (bateria), Quico (sintetizadores), António Pinto (guitarra), Mário Franco (contrabaixo) e Edgrar Caramelo (saxofone).

Direcção musical de Mário Laginhas e cenografia de António Campos Rosado.

Vila Franca de Xira

Igreja de Stº António

Domingo, às 16 horas - Concerto integrado na 3ª Temporada de Música e Dança de Vila Franca de Xira.

UMA ESCRITA ECOLÓGICA

Olhou para mim como se à sua frente se tivesse postado, mercê de fantástica e repentina metamorfose, uma espécie rara — linca da serra da Malcata, golfinho do Tejo, australopiteco desencantado nas grutas de Mira de Aire.

— Bizarro! (léxico de um aprendizado estrasburguês bruxeleante de muitas andanças ceesas) Bizarro! — não disse nem repetiu, porém exclamaram longamente os olhos de curiosidade, raiados de exotismo maravilhado. — Quer então dizer que não tens um pecê...? Que não processas? Que não formatas? Que não softueras? Que não hardueras? Que não calculas nem bites nem baites? Que não armazenas? Que não disquetes nem no duro nem no mole? Que não...

E, a cada meneio de negação da minha cabeça, a cada clique de redundante não-não no meu palato agnóstico, o meu amigo transitava para a peidade pelos pobrezinhos, pelos indigentes, pelos desprotegidos da cibernética. Deste misericordioso sentimento informático viajou para a incredulidade, mão na testa sonora em palmada repetida, cenho franzido na impossibilidade.

Lá lhe fui explicando, pejado de paciência ecológica, que continuava a crescer com estereográfica sobre papel branco, alinhando as palavras estranhas da significação do eterno e do diferente: difícil, penosamente doloroso, o pegar da caneta para o arabesco sinuoso. Difícil, mas jubiloso.

Ergueu as mãos aos céus num desalento telemático, depois colocou a mão direita sobre o joelho direito, a mão esquerda sobre o joelho esquerdo, e ali executou um solo de bateria electronicamente incrédulo, até que se recostou em espasmo transistorizado na poltrona, com uma risada de dentes arlequins telecomandados. Fez-se sério de seguida, clínico perscrutador, psicanalista penetrado, esforçando-se por adicionar as determinantes, os vectores, as vertentes, as componentes que permitissem o diagnóstico de tão arrogante anacronismo.

— Ó desgraça! Ó lástima! Hélas! Jizascraiste! Então tu não printas? Tu não draivas? Tu não ranas? Tu não corréqueas? Tu não seleccionas? Tu não menusas? Tu não digitas? Tu não restoras? Tu não deletas? Tu não becapas?

Lá lhe fui adiantando, solerte e tranqüilo, que as linhas da página em branco não estavam lá, tinham que ser geradas, nem sempre rectamente, nunca directamente, aliás, e que tracá-las era enchê-las de palavras remexidas, a percorrerem os poros do papel como uma mão vai tacteando a pele de um amor reencontrado. Alguns dos gestos são obscenos, alguns dos seus toques doloridos, todos os percursos dos arabescos intencionais...

— Sensualidade na escrita...? (Ah cínico! Ah céptico!)

... a vida, enfim, que há que captar nas palavras certas, que em cada desenho são corrigidas. De emendas me faço; de incorrecções me recomponho: nisso — nos textos, na vida.

Como, pois, a lisa e escoreita verbal num asséptico pecê, virginal instrumento impoluto, joaninha-de-ecrã-verde sem um donjoão que a desgrace...?

— E isto é que é a tal impressora de que falavas? Interessante!... E quanto custa?

Vasco Pereira da Costa



CARLOS PORTO

1990

ANO TCHEKHOV A ESTREIA

Num artigo intitulado «A directriz do Teatro Moderno», publicado na revista «De Teatro», o crítico Armando Ferreira reclamava a presença nos nossos palcos de textos de autores (então) modernos. E sublinhava: **Certo que há duas formas de teatro. O teatro divertimento e o teatro forma d'arte. (...) O teatro, forma de arte, é quase desconhecido em Portugal.**

Entre os autores que Armando Ferreira lamentava não ver representados, contava-se **Tchekhov** («De Teatro» — n.º 15 — Nov./Dez.-1923). De facto, em 1923, Tchekhov era ainda um autor desconhecido em Portugal.

Voltámos a encontrar o nome de Tchekhov na revista «De Teatro» num texto informativo em que se refere a inauguração de um teatro em Cambridge (Inglaterra) que **virá completar a missão educativa da Universidade**. Entre os autores que esse novo teatro **não representará**, contam-se Bernard Shaw, Tchekow e Ibsen, **porque estes autores são usualmente representados em Londres e nas províncias** (...).

(«De Teatro» — n.º 46 — Set./Out.º 1926).

Por aqui se vê como o teatro português estava já desactualizado, desactualização que se prolongaria, no que se refere a Tchekhov, até 1936. Por incrível que pareça, até 1936.

Ainda em «De Teatro», encontramos na secção informativa sobre teatro estrangeiro, uma referência a Tchekhov que, aliás, não corresponde à realidade: **O Teatro Artístico de Moscow deu ultimamente as primeiras representações de La Bataille de la Vie de Dickens, e de Oncle Vanja, de Tchekow.** («De Teatro» — n.º 49 — Jan./Fev.º — 1927). A notícia, retirada de qualquer publicação francesa, devia referir-se a uma reposição da peça já que **O Tio Vânia** teve a sua estreia absoluta, pelo Teatro d'Arte de Moscovo, a 26 de Outubro de 1899.

Foi, porém Eduardo Scarlatti quem, pela primeira vez, estudou em Portugal o teatro de Anton Tchekhov num artigo incluído no vol. «Ideias de Outros», com o título **Antona Tchekhov**. Este es-



tudo, no entanto, tem como base a leitura do teatro do autor, não o conhecimento de espectáculos com as suas peças, o que pode explicar esta frase de Scarlatti: **Como valor dramático, as peças de teatro de Tchekhov significam mais uma aspiração de movimento scénico para as figuras dos seus contos do que a realização teatral de efeitos preconcebidos.** (Eduardo Scarlatti — «Ideias de Outros» — Ed. do Autor — 2.º ed. — 1927.)

Só em 1936, no entanto, seria possível ver uma peça de Tchekhov num palco português, interpretada por actores portugueses. Aliás, ao contrário do que até agora geralmente se considerava como estreia do autor russo em Portugal, a estreia da peça **Os Malefícios do Tabaco**, criação de João Villaret incluída no 5.º espectáculo do Teatro Estúdio do Salitre, apresentado a 17 de Julho de 1947. De facto, a estreia de Tchekhov foi bastante anterior, a que viemos a descobrir a partir de uma informação pessoal de Luiz Francisco Rebello, que aqui agradecemos. Foi com a peça em um acto **Um Pedido de Casamento** (1888/89) que Tchekhov teve a sua estreia em Portugal, no espectáculo inaugural do Teatro do Povo apresentado ao ar livre, pela primeira vez, no Jardim da Estrela no dia **15 de Junho de 1936**. Esta é, pois, a data da estreia em Portugal do teatro de Anton Tchekhov, aliás, com uma farsa breve porque as peças maiores só muito mais tarde surgiram. Isto apesar da existência de uma companhia nacional de teatro (Empresa Robles Monteiro-Amélia Rey Colaço).

No «Diário de Notícias» do dia 16 de Junho de 1936, encontramos longa referência a este acontecimento, o qual mereceu honras de duas colunas inteiras na 1.ª pág., ilustradas por três fotografias, com continuação em mais duas colunas na 5.ª pág. Compreende-se este interesse manifestado por um órgão oficial do Poder da época, tendo em consideração o facto de o Teatro do Povo, companhia de teatro itinerante organizada pelo então Secretariado da Propaganda Nacional, ser precisamente isso, uma obra de propaganda, o que não retira o possível interesse, do ponto de vista teatral e cultural, aos seus espectáculos, da responsabilidade do encenador Francisco Ribeiro.

O artigo publicado pelo «DN» é, quase todo ele, preenchido pelo discurso de apresentação pronunciado por António Ferro, director do SPN, e tem um título bastante elucidativo: **Teatro do Povo**. Foi uma linda festa de **alta significação política** e de grande êxito artístico a inauguração desta bela iniciativa do SPN (sublinhado nosso).

O Fontes! ó fontenários!

No seu discurso, António Ferro começa por dissertar sobre as origens do teatro, traçando depois uma síntese da sua história que não vem para o caso analisar nos seus pressupostos e nos seus objectivos, mas onde é evidente a tónica política. Para António Ferro, **o Teatro do Povo, do SPN que hoje se inaugura (...) é uma tentativa modesta e sã que tem como objectivo principal espalhar um pouco de ensinamento, alegria**

e poesia pelas aldeias e lugares da nossa terra, pelas romarias, que são as grandes recepções do povo, pelas cidades recônditas e solitárias. Pode, portanto, a crítica apontar-nos as suas armas: apenas lhe pedimos que não aponte ao coração da nossa ideia... Isto quer dizer que, se a inteligência falhou, a intenção foi boa e pura..

António Ferro refere-se ao 1.º espectáculo do Teatro do Povo nos seguintes termos:

O programa de hoje abre com a Cavalcada nas Nuvens, pequena obra-prima de Carlos Selva-gem, regresso fugaz do Encoberto... Segue-se-lhe Três desejos de Armando Vieira Pinto, dramaturgo da moderníssima geração, fresca e saborosa história em quatro capítulos que parecem quatro lenços de romaria com dizeres e quadras. (...) A última obra apresentada será Um pedido de casamento, de Tchekoff, hilariante comédia de fantoches (sic), única verdadeira tentativa de vanguarda deste programa.

E António Ferro termina o seu discurso com estas palavras que nos abtemos de classificar:

Gente de Portugal! Gente da terra e do mar! Tudo isto foi feito para te dizer que os teus governantes pensam em ti, que Salazar mandou fazer este teatrinho para te dar (outros virão depois) com a mesma ternura com que te ofereceu o pontelo sobre o riacho, tua velha aspiração, ou o marco fontenário, que te matou a sede. Aqui tens o teu lindo teatro! Tem paciência que ele já vai lá ter contigo... Vê como o Estado Novo pensa em ti. Depois da realidade a poesia. Depois do «pão nosso de cada dia» — o sonho vosso de cada noite!

Ao texto do discurso de António Ferro, segue-se uma pequena notícia não assinada, na qual se refere a enorme multidão que presenciou o acto e que encheu não só as cadeiras como as árvores do jardim (seriam mais de mil pessoas), sublinhando-se a contraditória composição do público: **Figuras marcantes da vida social da cidade, personalidades do Governo, homens de letras, de ciências e de leis, professores e artistas, gente do teatro e dos jornais e um sem-número de senhoras, de senhoras que eram pela sua elegância e pela sua formosura, dos maiores enlevos da festa.**

Um Pedido de Casamento, de Anton Tchekhov, teve tradução de António Lopes Ribeiro, encenação de Francisco Ribeiro, e interpretação de Barroso Lopes, Francisco Ribeiro e Leonor de Eça.

O êxito do espectáculo obrigou à sua repetição no dia seguinte.

O Teatro do Povo levou a peça de Tchekhov em digressão pelo país em 1937, tendo representado a peça, juntamente com outras, 34 vezes, de acordo com o «Diário de Notícias» de 27-02-38.

Assim, se estreou Tchekhov em Portugal, tanto quanto sabemos.

SELECÇÃO

A Pécora, de Natália Correia, pelo Grupo Comuna. Enc.: João Mota. **Entre Brechet e Genet, a história de um milagre contada por uma grande escritora e por um grande encenador. Com Manuela de Freitas Carlos Paulo, Cucha Carvalho, etc.**

(Comuna. Pr. de Espanha. T.: 726 08 18. De segunda a sábado, às 21.30; domingos, às 16.)

A Pregação, sobre o Sermão de S. António aos Peixes, do P. António Vieira, pelo Bando.

O Bando vai mais longe na busca de um teatro antropológico de que a beleza nunca terá ausente.

(Comuna. P. de Espanha. T.: 726 08 18. Sextas, às 21.30; sábados, às 16 e 21.30; domingos, às 16.)

D. João e a Máscara, de António Patrício, pelo Teatro da Politécnica. Enc.: Mário Feliciano.

A estreia tardia de um texto que renova poeticamente a visão de D. João. Entre os intérpretes, Eunice Muñoz e João Grosso.

T. da Politécnica, R. da Escola Politécnica, 58. T.: 67 44 74. De terça a sábado, às 21; dom., às 16.)

Happy End, de Dorothy Lane/Bertolt Brecht, pelo Novo Grupo. Enc.: João Lourenço.

Entre D. Lana, Brecht e K. Weill, ganha João Lourenço. E o público.

(T. Aberto, Pr. de Espanha. T.: 77 09 69. De quinta a sábado, às 21.30; dom., às 16.)

O Jardim das Cerejeiras, de Anton Tchekhov, pelo TEAR. Enc.: Rogério de Carvalho.

A dupla Rogério de Carvalho/José Manuel Castanheira — outra vez com Tchekhov.

TEARTO. Rua do Heroísmo, 86. T.: 57 32 65. Porto. De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.)

O Render dos Heróis, de José Cardoso Pires, pelo CDIAG. Enc.: José Martins.

Homenagem aos anos 60 num espectáculo sem nervo.

(T. da Malaposta. R. de Angola. T.: 987 32 99. Olival de Basto. De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.)

Verão, de Edward Bond, pelo Teatro Hoje. Enc.: Carlos Fernando.

A antiga serva e a antiga senhora. O diálogo entre dois mundos. A paz e a guerra. A morte e a morte. Fernanda Alves, Isabel de Castro, Ruy Furtado, José Wallenstein e Maria José Pascoal.

(T. da Trindade. R. Nova da Trindade. T.: 32 00 00. De terça a sábado, às 21.30; dom., às 16.)

What Happened to Madalena Iglésias?, de Filipe La Féria, pela Casa da Comédia.

Tem graça e o público engrasou.

(Casino do Estoril. T.: 268 45 21. De terça a domingo, às 22. Domingo, também às 17.)

FALAS



TABELA

* O Teatro Ibérico tem em preparação a peça de António Patrício **O Fim**, encenação de Xosé Blanco Gil. E promete um espectáculo com uma peça do dramaturgo espanhol António Gala, com o título **Petra Regalada**.

* Medalha de honra da Câmara Municipal de Lisboa, ainda de Krus Abecassis, para Eunice Muñoz, medalha de prata de mérito municipal para o Grupo de Teatro de Carnide.

* A partir de 16 de Janeiro, no «Théâtre de la Bastille», Luís Miguel Cintra e Maria de Medeiros interpretam **La Mort du Prince**, de Fernando Pessoa, encenação de Luís Miguel Cintra. Espectáculo integrado no Festival d'Automne à Paris.

* Prevista a participação da Barraca no Festival Mediterrânico de Teatro de Mopril, Granada, com a peça **Margareta do Monte**.

SEMANADA

Paisagem sem alterações. No entanto, espectáculos visíveis há alguns.

No Teatro Aberto e Casino do Estoril, dois êxitos em cartaz: **Happy End** e **What Happened to Madalena Iglésias?** Outro êxito seguro: **A Pécora**, na Comuna.

Mantêm-se: no Teatro da Politécnica, **D. João e a Máscara**, de António Patrício; no Teatro da Trindade, **Verão**, de Edward Bond; no Ritz Club, **O Regresso de Bucha e Estica**, um espectáculo de Mário Viegas; no Cinearte, **Margarida do Monte**, de Marcelino Mesquita e Hélder Costa; o novo espectáculo da Barraca; na Comuna, **A Pregação**, sobre um sermão do P. António Vieira, espectáculo do Bando, no IFICT, **A Companhia**, de Adolfo Gutkin.

Já fora de Lisboa, uma nova e esplêndida sala, o Teatro da Malaposta, com a peça de José Cardoso Pires, **O Render dos Heróis**.

No Porto, em cena, com algum êxito, a peça de Tchekhov, **Jardim das Cerejeiras**, no TEAR.

No Parque Mayer, enquanto não rea-

Justamente, tenho vindo a ser obrigada a pensar muito neste tema: o actor português expõe-se, e eu penso que, de certa maneira, isso é um erro, porque o actor não se deve expor. Ele expõe-se mas de uma maneira muito mais subtil do que se pode pensar. O actor não se expõe, o actor esconde-se. (...) Os actores são pessoas muito tímidas e o palco é o sítio onde se está escondidíssimo. Um actor que se expõe está talvez a cometer um erro porque é mostrando uma coisa que será a personagem que uma pessoa se está a esconder e é nessa tentativa de se esconder que se está a expor. Por isso é subtil — o actor expõe-se como qual-

quer artista se expõe, mas de uma forma mediatizada, nada imediata, contrariamente ao que uma pessoa pode pensar. (...) ...O que a pessoa mostra sem querer é justamente o lado mais íntimo. Digo isto porque eu considero a arte de representar como uma verdadeira arte e, como qualquer arte uma sublimação. Por isso, o que uma pessoa mostra numa sublimação, no fundo, são coisas muito mais íntimas do que pensa; mostra imenso do seu inconsciente e não se mostra a si no seu consciente.

Maria Medeiros
Entrevista a Ana de Carvalho
«Expresso» — 6/01/90

ACTO CULTURA DE SECRETARIA

Há consenso entre agentes culturais, artísticos, políticos, sociais, nacionais e estrangeiros, no sentido de considerarem que a década de 90 será a década da Cultura. Sabemos que esta previsão nem sempre é inocente e que a palavra Cultura cobre muitas vezes obscuros, ou claros, interesses de mercado. No entanto, é difícil ficar indiferente às indicações que vão no sentido de uma cada vez mais intensa e reflectida responsabilidade cultural da sociedade.

O actual Primeiro-Ministro não teve a visão política necessária para entender esse fenómeno, só essa falta de sensibilidade explica que a Cultura continue a ser uma secretaria em vez de voltar a ser ministério, como se impunha.

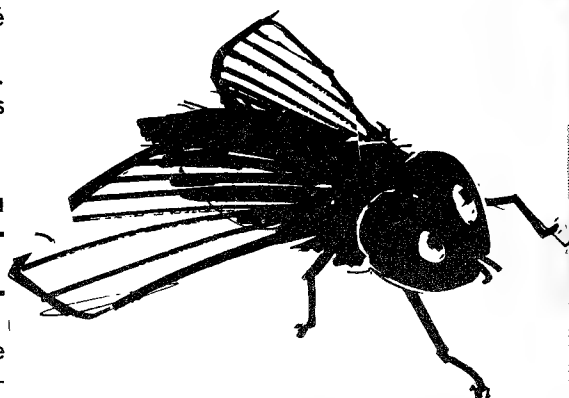
Embora não se possa deixar de apoiar a criação do Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, não se pode deixar de ter em conta o facto de a qualidade do ambiente, além de ser um problema económico e político, é primordialmente um problema cultural, o que torna ainda mais chocante esse contraste.

* Um balanço da passagem pela SEC. de Teresa Patrício Gouveia mostraria claros e escuros, mas seriam certamente em maior número os escuros do que os claros, o que a simpatia e a comunicabilidade que a personagem pública e humana exprime não devem fazer-nos esquecer. O teatro seria, certamente, um desses pontos negros, mesmo que consideremos o acerto da escolha de Ricardo Pais para a direcção do Teatro Nacional. A incapacidade, por parte da ex-secretária de Estado, em estabelecer uma política para o teatro e de a pôr em diálogo com os respectivos intervenientes, são aspectos que não se podem desprezar num balanço desses e que, aliás, não nos propomos fazer aqui.

Teresa Patrício Gouveia deixou um lugar, foi obrigada a deixar um lugar que foi ocupado por uma personalidade do mesmo partido cujas capacidades para preencher esse lugar desconhecemos. Referimo-nos a capacidades técnicas, não capacidades políticas, como se percebeu. Por isso, não pretendemos estabelecer aqui para com o trabalho do dr. Santana Lopes qualquer juízo que não poderia deixar de ser de carácter futuro-lógico. Algumas das suas primeiras declarações pareceram-nos inquietantes.

Como, por exemplo, falou apenas, diz o «JL», de **duas ou três indicações do senhor Primeiro-Ministro para esta nova etapa**. No entanto, aguardemos para ver. Sem esquecermos que é a política na prática, não quem a pratica, que nos interessa.

bre o Maria Vitória, o Variedades tem uma comédia **Os Meninos à Roda da Mamã**, prolongamento do Parque, o Villaret tem em cena uma revista, **Ora Bate... Batman'so**.



RETRATOS NO TEATRO



JOSÉ CARLOS BARROS

Diz-se que todos nós fomos crianças. Creio que nem sempre é inteiramente verdade. Alguns quase não chegam a sê-lo. Mas mais raro ainda é aquele que, tendo sabido ser criança, consegue conservar esse dom toda a vida. Refiro-me a José Carlos Barros, a criança pré-histórica.

Quem vir passar este homem na rua dificilmente o esquecerá; a sua longa barba maluca, que parece voar em todos os sentidos, os seus olhos sonhadores de criança adulta, o seu ar de quem sabe muito bem onde está, e de certeza que não é ali mas sim onde lhe apetece, a sua configuração de boneco articulado de tamanho humano, tudo isso dá a José Carlos Barros uma imagem muito particular e ou se tem a impressão de ter visto um homem de outro planeta, ou se passa a ter a obrigação de olhar com mais atenção e com mais carinho para este: é que há homens assim.

Dentro das várias áreas que contribuem para que o teatro seja possível, José Carlos Barros veio a ocupar uma que nem sempre tem merecido a consideração que lhe é devida: a de aderecista. O aderecista, muito directamente ligado ao cenógrafo, é a pessoa que resolve a execução dos adereços, de todo o tipo de objectos e mecanismos contidos na cenografia de um espectáculo, mecanismos por vezes engenhosos e de difícil concepção e execução; tendo em conta a enorme falta de aderecistas no teatro em Portugal e tendo em conta a imaginação prodigiosa e enorme conhecimento de técnicas e materiais, José Carlos Barros poderá em breve ser considerado uma espécie de dinossauro do aderecismo no nosso país, se ninguém fizer algo para que esta situação mude. De facto, devem contar-se pelos dedos de uma mão as pessoas que no nosso país estão aptas a resolver problemas de adereços com um verdadeiro saber, exceptuando talvez o já aqui falado Martinho, que embora seja, por sua vez, o último dos contra-regras, é também um grande conhecedor da arte de resolver o adereço. José Carlos Barros torna-se

assim uma das peças mais preciosas do actual teatro português.

Nascido em São Mamede, perto de Óbidos e do Bombarral, Barros teve uma infância tão feliz quanto ligada à natureza: os pais possuíam várias juntas de bois que naquela região eram utilizadas para transporte de pessoas, sendo assim o carro de bois uma espécie de antepassado do autocarro. Grandes proprietários, como já o tinham sido os avós, os pais de Barros puderam dar ao filho, assim como aos dois irmãos que viria a ter, uma infância bastante feliz. O pai tinha por hábito construir brinquedos para o filho, por exemplo carros de bois que fazia com uma tábua, dois carrinhos de linha, duas pinhas e pouco mais, tendo desenvolvido muito cedo em José Carlos Barros não só o gosto pelo prazer lúdico como o gosto pela invenção, pelo objecto inventado. Isto viria a ser determinante ao longo de toda a sua vida. Além disso, o contacto intenso com a natureza, os longos passeios solitários que dava na região, a noção de espaço, a grande paz instalada, tudo isto são imagens para sempre presentes, para sempre integrantes de um homem que cedo se sentiu atraído por coisas como a pré-história (na zona do Bombarral existem das mais preciosas grutas pré-históricas da Europa) e como o trabalho artesanal. Tornou-se assim uma espécie de homem primitivo sonhador, que ainda hoje é, o que o levaria a sentir um grande choque e uma grande dificuldade de adaptação à cidade.

Tendo feito os seus estudos na escola Artística de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, aprendizagem que decorreu até ao fim dos anos 50, José Carlos Barros viria a ter como primeiro trabalho ligado às artes plásticas a direcção de uma equipa de cerca de vinte pessoas que executavam, ao longo de todo o ano, os enormes carros de Carnaval para o Carnaval do Estoril, a cargo da empresa Estoril-Sol. De facto, estes carros de grandes dimensões, animados por cabeçudos e gigantones e possuindo por vezes partes articuladas de difícil execução, eram construídos ao longo de me-

ses, encomendados por firmas comerciais, muitas vezes bancos, para que naqueles três dias de Carnaval fossem também um poderoso meio de publicidade a essas firmas. Assim, ao longo de três anos, coube a Barros dirigir e resolver a execução de muitos desses carros, trabalho extremamente cansativo e que era executado por uma equipa de cerca de vinte pessoas que cortavam e colavam papéis e madeiras, até o carro estar pronto a ter aqueles três feéricos dias de vida, após os quais era pura e simplesmente desmantelado e queimado. Este trabalho deu a Barros duas noções fundamentais: daquilo que é trabalhar para grandes dimensões e daquilo que, por vezes, em arte, é efémero: aqueles carros alegóricos, que tanto trabalho davam a conceber e executar, eram destruídos logo após a sua curta vida de duas, três tardes de confusão e serpentina. Outras coisas ao longo da vida de actuante plástico tornariam a ser efémeras, muitas coisas em arte cruelmente o são.

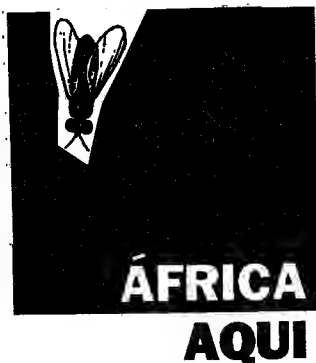
Seguidamente, Barros decidiu trabalhar durante um ano inteiro num atelier de fundição de metais, aprendendo preciosos segredos de tudo o que diz respeito a moldes e a fundição de esculturas.

Isso viria a ser-lhe extremamente útil no seu projecto seguinte. Foi um dos fundadores da **Fábrica de Cerâmicas Artísticas do Bombarral**, fábrica que ainda hoje existe e que teve a preciosa missão de recolher e imitar o património popular e tradicional da cerâmica de todo o País, vindo a emitir peças de grande qualidade que reproduziam tesouros artísticos já em vias de desaparecer. Para o desenvolvimento desta fábrica foram preciosos os conhecimentos de José Barros em problemas de molde e de fundição, recentemente adquiridos. Todo este já grande leque de conhecimentos técnicos viria a ser aumentado com a experiência seguinte: tendo conhecido um pintor de paredes recentemente chegado de África, Barros descobriu que ele possuía preciosos co-

nhecimentos em tudo o que diz respeito à elaboração de tintas coloridas, pelos processos primitivos, assim como à execução de frescos decorativos exteriores e interiores; ao fim de seis meses conseguiu que esse homem, mestre Joaquim, lhe permitisse a entrada no seu atelier e lhe ensinasse como fazer aquelas maravilhosas misturas de pós e de tintas. Ficou assim na posse de muitos segredos nessa área. Curiosamente, teve a satisfação recente de ver o seu filho, agora com 18 anos, e que nada sabe desta história, ter escolhido como profissão precisamente a de restaurador de frescos, o que muito o sensibilizou; quanto a mestre Joaquim, viria a partir para a Austrália, onde fez uma imensa fortuna com este seu raro conhecimento da arte do fresco.

Eis que subitamente toda esta actividade é interrompida pela tropa: Barros foi mandado para a Guiné, para uma das zonas mais perigosas. Aí viria a descobrir um novo mundo que também assimilou e ao qual ainda se encontra muito ligado. Tendo tido por missão dirigir um grupo de soldados quase todos negros, viria a tornar-se grande amigo de muitos deles e a descobrir o mundo e as tradições desses homens. Viriam a ensinar-lhe coisas do artesanato local. Dos costumes religiosos também. Há aliás uma grande religiosidade em tudo o que Barros faz. Um sentido religioso da vida, da vida como coisa natural. Tão ligado ficou à Guiné que ainda hoje lá vai, de viagem, para rever sítios e amigos. Talvez também para se rever a si próprio, a uma parte de si próprio que por lá nasceu e por lá ficou, e que por muito que a traga no fundo de si, não poderá nunca fazê-la vibrar aqui como sucede lá.

Foi depois da tropa, tendo começado a dar aulas de desenho em Coimbra, que Barros foi convidado por uma professora local a fazer a sua primeira cenografia para teatro. Tratava-se de um espectáculo de Gil Vicente, e o trabalho fascinou-o. Descobriu pela primeira vez que as suas invenções plásticas podiam funcionar à escala humana e isso foi determinante. Pouco depois largou o ensi-



MARIA JOSÉ
BELO MARQUES

no e veio estudar cenografia para Lisboa, para o Conservatório Nacional. Desde então, Barros nunca mais se desligou do Conservatório onde, primeiro como aluno, depois como monitor e actualmente como professor, tem tido uma actividade contínua que para ele é uma das peças essenciais da sua vida. O contacto que isso lhe traz com a juventude e os problemas que esta juventude precisa de resolver quando aprende a fazer teatro são, hoje em dia, uma coisa sem a qual acha que enlouqueceria. A sua cabeça habituou-se a ter essa actividade permanente, é um vício, um bom vício, uma fonte de descobertas e de criatividade.

Mas talvez a mais importante actividade de José Carlos Barros, de há alguns anos para cá, seja aquilo que o liga ao mundo do fantoche e da marionete em particular, especialmente através do grupo **Companhia de Marionetas de Lisboa**, que fundou em 1985 e que tem tido uma actividade fundamental desde então na vida cultural do País. Já conhecedor do mundo das marionetas e dos bonecos articulados, particularmente através da sua actividade no grupo **Perna de Pau**, Barros viria a fundar as Marionetas de Lisboa começando por uma homenagem a António José da Silva, através do primeiro espectáculo, em que o Dom Quixote daquele autor era mostrado, como o foi na época, através de marionetas de metal e de pano, reconstrução daquilo que se sabe terem sido as primitivas marionetas com que António José da Silva trabalhava.

Desde então, de Aquilino Ribeiro a Gil Vicente, as Marionetas de Lisboa têm construído espectáculos em que um projecto dos mais coerentes, incluindo todos os grupos de teatro independente, tem sido desenvolvido. Trata-se de constituir um repertório de teatro português que caiba em duas ou três malas e possa ser deslocado, de uma só vez, ao estrangeiro ou onde quer que seja.

De espectáculo para espectáculo, Barros vai inventando, com os seus já sete colaboradores, novas marionetas, grandes, pequenas, de todo o tipo de materiais, e possuindo mecanismos dos mais engenhosos. O último espectáculo, **AUTO DA ÍNDIA** de Gil Vicente, põe em cena bonecos gigantes e outros minúsculos, num diálogo de dimensões que bem mostra todo o leque de possibilidades que esta arte permite. Só o Estado parece não ter consciência da importância que um projecto como este pode vir a ter, e aliás tem já.

José Carlos Barros é, assim, um caso à parte. Quando cheguei ao pé dele para o entrevistar, encontrei-o em roda de uma velha gaiola que acabara de encontrar no lixo. Explica-me que são raras e que a vai restaurar. Mais tarde pensei de novo na gaiola: será que restaurar uma gaiola é dar liberdade a um pássaro que já lá não vive? Uma coisa é certa: se há pássaros que voam, se há crianças que amam os pássaros, há também casos raros como este, de homens que além de voarem, como bem entendem, entre nós, conservam em si o mistério religioso que a criação lhes deu, de serem além de homens, pássaros e crianças. E se virem por aí um homem com este aspecto, não interrompam o seu voo, por favor. Pode ser o melhor de todos, e estar apenas prestes a começar...

NO HOTEL ATLANTIS, NOITE DE REIS, À MODA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

UVÔDÔ — E VÃO DUAS FESTAS

- Dá-me Orê en! (-Dá-me um Rei! Dá-me amizade!)

- Toma Janêro. (-Toma Janeiro. Toma um bom ano!)

Assim, cumprindo a tradição, Gilberto Gil Umbelina, um grupo de bailarinas e o conjunto "África Verde", criaram o ambiente festivo dos Reis, como na sua terra.

A iniciativa coube aos mesmos organizadores da passagem-de-ano, no Forum Picoas, só que com melhores resultados. Pena o hotel não ter uma sala mais ampla, que facilitasse uma melhor visão do acontecido. Um único reparo: a música, o espírito, levaram-nos até às ilhas distantes, faltou, pelo menos, acrescentar ao "buffet", um prato da gastronomia de São Tomé e Príncipe.

É evidente que a um local como o escolhido só tem acesso um número restrito de pessoas e,



Gilberto Gil Umbelina e o grupo de bailarinas que o acompanharam na recriação da cerimónia dos Reis

logicamente, muitos estrangeiros, seus clientes, o que limita à partida o conhecimento real entre duas culturas, limitando-se a permitir um cheiro do que será uma cerimónia deste tipo. Mas o que importa é a coragem, a tal coragem que fez com que gentes de outros países, onde nem sequer se fala português, ficassem rendidos à iniciativa. Por isso é de desejar que, como desta vez para São Tomé e Príncipe, venham a acontecer outras noites, já com mostra gastronómica, para os restantes PALOP. Claro que se os artistas, como aconteceu Dia de Reis, vierem propositadamente dos seus países a coisa fica mais aliciante, principalmente para os que gostam de acompanhar África Aqui, mas se as despesas não compensarem o evento, há em Portugal músicos de excelente qualidade, nalguns casos ainda quase desconhecidos, que honrariam uma noite da sua terra.

Quanto à música, confirmou-se a capacidade de

comunicação de um bom músico, Gilberto Gil Umbelina, a alegria, simplicidade e bom gosto das bailarinas que o acompanham e uma sincera melhoria, talvez por ter passado o nervoso da primeira apresentação pública, do agrupamento "África Verde", só os seus sopros, por mais que se tente, não convencem, precisam de ser melhor trabalhados e inseridos na música de forma menos atabalhoada e mais elaborada.

Resta desejar que o acontecido no Forum e no Atlantis, se venha a repetir, enquanto o grupo não regressa ao Príncipe, num local popular, onde, verdadeiramente, possam ser apreciados pela comunidade africana aqui residente, em convívio e troca de conhecimentos e culturas com os portugueses que dificilmente poderiam ir aos locais escolhidos anteriormente, por falta de condições económicas para tal.

LIVRO DE ORLANDA AMARÍLIS LANCADO, QUARTA-FEIRA PASSADA, NA ASSOCIAÇÃO CABO-VERDIANA UMA PONTE DE PALAVRAS

"A Casa dos Mastros" é o título do último livro da escritora, de origem cabo-verdiana, Orlanda Amarílis. Sete contos que nos levam de forma entusiasmante e de um só folego ao trajeto do cabo-verdiano dividido entre a sua terra e Portugal. Uma obra comovente, onde com a ternura de quem ama, conhece e entende sobre o que escreve, Orlanda nos conta, de forma simples como os seus compatriotas se agregaram em Campo de Ourique ou na Calçada da Estrela. Um outro entendimento da maneira de pensar da sua gente, das suas aspirações e sonhos, quantas vezes frustrados e reconvertidos na esperança der-

radeira do regresso à terra.

Mas "A Casa dos Mastros" vai mais longe, quando nos contos passados em Cabo Verde a autora nos dá uma lição de como se vivia e recorda termos e hábitos caídos em desuso, no esquecimento de alguns e na já ausência de memória dos mais novos.

Este livro é uma ponte humana entre os de cá e os de lá. É uma pista valiosa para a descoberta do que não nos é comum, mas de conhecimento obrigatório para o respeito daqueles com quem nos cruzamos todos os dias, constróiem as casa em que vivemos, ou limpam o lixo que fazemos.

Este livro é também uma ponte cultural na sua forma e estilo. É raro encontrar alguém que de forma tão natural e harmónica misture o crioulo com o português, melhor dizendo: crie uma fusão linguística. Exemplos dessa simbiose são muitos, usaria mesmo dizer que é todo esta obra. Repare-se: «...Mas também, desculpa dizer-te, nhô Jon Bilbau era contrabandista do meio-de-baía. Fazia seu negocinho de grogue, fazia mão-leve nas latas de jam de bordo-de-vapor e tal etcétra. Foi uma vez deportado para dji Sal, sabes não é, tchê?...» Este um excerto do conto "Jack-Pé-de-Cabra", mas a forma é idêntica em todos os outros.

Como não podia deixar de ser, e como vem sendo hábito em obras sobre Cabo Verde ou de autores do arquipélago, Orlanda Amarílis e a sua editora, a Africana Edições, da responsabilidade de Manuel Ferreira, marido da autora, e pessoa a quem se deve a maior parte do que se tem feito em termos de divulgação das artes e letras de África, escolheram a Associação Cabo-verdiana para, na passada quarta-feira, apresentarem "A Casa dos Mastros". O lançamento do livro, que contou com a presença do Embaixador de Cabo Verde Herculano Vieira, foi acoitado por intelectuais, jornalistas, e pessoas amigas ou ligadas a África, concretamente Cabo Verde. Após a apresentação da autora e da sua obra houve um berbere, só há a lamentar não ter sido seguido, como previsto, de música interpretada por artistas cabo-verdianos.

A obra foi lançada. Agora resta a portugueses e africanos o prazer de a ler, saborear e amar, o que é extremamente fácil de ler a primeira linha de "A Casa dos Mastros".



Momento da apresentação pública de "A Casa dos Mastros", de Orlanda Amarílis



**Maria João
Martins**

(O) Preço do Desafio

A regressão do cinema norte-americano nas últimas duas décadas tem destas coisas: dar a acreditar de forma esquemática que os adolescentes são naturalmente bons, a miséria e a segregação é que os torna maus e embora isso seja em parte verdadeiro, já ninguém tem paciência para aturar tanta bonomia quando ela é mal narrada.

Jamie Escalante é o novo professor de matemática de um liceu frequentado por alunos porto-riquenhos com muitos problemas que se recusam a apreender os conhecimentos mais elementares.

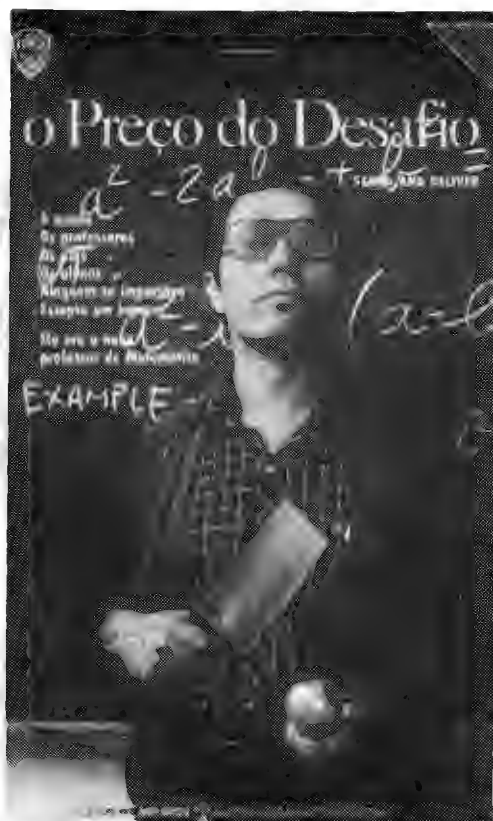
A tenacidade de Escalante levá-los-à, no entanto, à Universidade. É a busca do sucesso, após aquele que há pouco tempo bafejara «La Bamba», também com Lou Diamond Philips como protagonista.

«Stand and Deliver». Realização: Ramon Menendez. (E.U.A- 1988). Intérpretes: Edward J. Olmos, Lou Diamond Philips, Rosena De Soto, Andy Garcia. Cor. 99 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Música de Craif Sagan. Edição Kodak/ Warner Home Video.

As Baleias de Agosto

Realizado por Lindsay Anderson em 1988, este foi o derradeiro filme interpretado pela grande Bette Davis que até à morte continuou a ser a grande estrela agraciada com dois Óscares consecutivos na década de trinta. Ao seu lado, Lilian Gish, descoberta por Griffith nos tempos do pioneirismo de «Intolerance», num filme notável que nos narra com serenidade e sem dramatismos a história de duas irmãs idosas que vivem na esperança de voltar a contemplar as baleias que, algures na sua juventude, apareceram nas proximidades da casa onde vivem. Foi um grande sucesso no cinema, espera-se que a recepção à edição videográfica não desmereça tão agradável aspecto.

«The whales of August». Realização: Lindsay Anderson. (E.U.A - 1988). Intérpretes: Bette Davis, Lilian Gish, Vincent Price, Ann Sothern. Cor. 91 minutos. Drama. Música de Alan Price. Para maiores de 12 anos. Edição Video Time.



A Beira do Abismo

Há quem lhe chame o filme perfeito e há quem, como nós, o adore e lhe chame «cult movie», o que até não é de estranhar porque quase todas as películas estreladas por Bogart têm merecido essa invejável designação. De referir, todavia, que os méritos não pertencem somente àquele grande actor norte-americano. À interpretação deste, irónica e subtil como sempre, há a acrescentar a presença de uma Lauren Bacall tão insinuante que nos demonstra que aqueles dois foram talhados um para o outro. Nos filmes como na vida. Mas há mais. Há uma realização inteligentíssima de Howard Hawks e há uma utilização do preto e branco que deita por terra as razões dos apaixonados do «Technicolor».

A história é de todos conhecida. Bogart interpreta Philip Marlowe, o mais carismático detective particular nascido nas páginas dos livros, que é contratado por um pai afligido no sentido de proteger a sua filha mais nova das ciladas em que ela se envolve. Mas pelo meio há a filha mais velha e o início de uma relação amorosa que é a sedução em estado puro.

«The big sleep». Realização: Howard Hawks. (E.U.A- 1946). Intérpretes: Lauren Bacall, Humphrey Bogart, Martha Vickers, Dorothy Malone. Preto e branco. 110 minutos. Policial. Música de Max Steiner. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/ Warner Home Video.

Direitos de Mãe

Embora não seja um grande filme, estando, quanto a nós, demasiado preso a uma estética de raiz televisiva, «Direitos de Mãe» coloca um bom punhado de questões importantes acerca das prisões de mulheres nos Estados Unidos. Em primeiro lugar porque é que Terry Moore, de 19 anos, sem cadastro criminal, é condenada a quinze anos de prisão por ter roubado cinco dólares, quando o seu primo que a incentivara ao delito é posto em liberdade criminal? O panorama que já não era agradável piora com a gravidez de Terry, na sequência de uma relação amorosa com um guarda da penitenciária onde fora aprisionada. Instada a abortar pelas autoridades prisionais, a jovem luta, no entanto, pela sobrevivência e pela custódia do filho. Vale sobretudo pelos problemas que levanta.

«Love child». Realização: Larry Pearce. (E.U.A- 1972). Intérpretes: Amy Madigan, Beau Bridges, Mackenzie Philips. Cor. 93 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Música de Charles Fox. Edição Kodak/ Warner Home Video.

NOVO PLANO DE IMAGEM NOVO ESPAÇO DE SOM

Com Radiola, ver televisão é mais do que olhar para o ecran. É entrar num novo espaço de imagem, mais real e envolvente. É vibrar com um novo plano de som, mais puro, mais presente. Radiola, um espectáculo constante.

COREL CONSÓRCIO RÁDIO ELÉCTRICO LDA
Av. da Liberdade, 211 — 2º Esq. 1200 LISBOA

RADIOLA
TELEVISÃO · VIDEO

OS FILMES DA SEMANA NA TV

REGRESSO AO OESTE

A muita afeição que a sétima arte consagrou à conquista do Oeste começou ainda nos tempos em que o cinema falava sómente com a voz da imagem. Era a época em que Griffith rodava «O Nascimento de uma Nação» e em que Lillian Gish, por um lado, e Pola Negri, por outro, se afirmavam como as primeiras estrelas do firmamento cinematográfico. Mas foi com John Ford, com Raoul Walsh e com Howard Hawks que o chamado «western» atingiu a plenitude. Ao subscreverem filmes como «Rio Bravo», «Rio Lobo» e «Um Homem Tranquilo» estes autores permitiram que o género no seu todo ultrapassasse o nível das «cowboiadas» semanalmente transmitidas nos pequenos cinemas de bairro. Comum a quase todos eles é a presença do «cowboy» mais célebre de Hollywood, o grande John Wayne que no próximo domingo veremos em «El Dorado».

Sábado, dia 13, 16 horas

«A Escolha de Isabel» de Guy Green

É um telefilme, dramático como convém que nos narra uma história dita paradigmática das relações entre um executivo e respectiva secretária. Nada de novo a assinalar.

Sábado, 23.50

«Dois Irmãos Sicilianos» de Martin Ritt

Martin Ritt, cuja cinematografia tem estado sempre muito ligada à intervenção social, aborda neste filme de 1968 a organização da Mafia que é, por seu turno, um dos temas mais caros ao cinema norte-americano. «Dois Irmãos Sicilianos» que conta com um elenco sonante (Kirk Douglas e Irene Papas nos principais papéis) conta-nos, assim, a história das más relações entre um patrão da Mafia e o seu irmão mais novo que demonstra muito pouco interesse pelos meandros da sociedade secreta mais conhecida (e temida?) do mundo.

Domingo, dia 14, 14.30

«El Dorado» de Howard Hawks

É para os cultores do cinema clássico norte-americano o mais gostoso pitau da semana. O experiente «cozinheiro» é Howard Hawks, tido como um dos melhores realizadores do género, embora a excelência da sua obra esteja igualmente patente em filmes como «Ter ou Não ter» ou numa sensibilidade especial para descobrir estrelas inolvidáveis em rapariguinhas que depois se chamaram Carole Lombard, Rita Hayworth, Dorothy Malone ou Lauren Bacall.

No caso do filme transmitido pela RTP o protagonista é John Wayne e a história é típica do género. Um xerife e um rancheiro



John Wayne, mais «cowboy» que muitos «cowboys».

poderoso que não morrem de amores um pelo outro lutam pela amizade e pelo controlo da arma de um pistoleiro legendário. O «El Dorado» são as terras de promessa onde outrora haviam vivido os apaches e os «totens» erguidos à trovoadas.

Domingo, 14, 21.50, Segundo Canal

«Flores de Papel» de Guru Dutt

Integrado no ciclo consagrado à cinematografia indiana que a RTP começou a transmitir na passada semana, «Flores de Papel», assinado por um dos mais carismáticos cineastas daquele país, fala-nos da inserção do artista na sociedade que o envolve. De assinalar que a rubrica «Artes e Letras» transmitida também no segundo canal às 21 horas exibe um documentário acerca da indústria cinematográfica na União Indiana.

Terça-feira, 16, 21.30, Segundo Canal

«O Casamento de Maria Braun» de Rainer Werner Fassbinder

Foi graças a filmes como este que Hanna Schygulla se converteu na estrela alemã mais apreciada em todo o mundo, logo após a mítica Marlene. Tal como em «Lili Marleen», também de Fassbinder, Schygulla desempenha aqui o papel de uma bela mulher fatal e fatalizada pela força das circunstâncias no «Reich» alemão. Maria Braun apresenta-se, assim, como a esposa de alguém que, no dia imediato ao casamento, parte para a frente Leste, deixando-a ao sabor do caos nas vésperas da derrocada de um império que se dizia capaz de sobreviver durante mil anos. Vale por muitas coisas notáveis, entre as quais se conta naturalmente, a análise psicológica dos efeitos que a derrota exerce sobre uma nação iludida. É preciso gravá-lo para que nos não escape a memória que dele nos deve ficar.

Quarta-feira, 17, 21.25

Realizado em 1980 por Jonathan Demme, este filme, inédito em Portugal, tem muito do alucinante ritmo que transformou «Selvagem e Perigosa», a obra-prima lançada por este jovem cineasta há pouco mais de três anos, num grande sucesso internacional. Melvin é, assim, um operário norte-americano que ao regressar a casa dá boleia ao excêntrico Howard Hughes, embora o generoso condutor não acredite na identidade da personagem. A fidelidade às clássicas comédias de equívocos está patente ao longo de toda esta película, cujo visionamento é desde já recomendado pelo «DL».

Maria João Martins

CLUBES DE VIDEO

video
100
MLL

ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB

Loja 1 — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA

Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA

Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA

Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA

Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA

Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ

NOVO CLUB

Loja 7 — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

FILMES DA SEMANA

- A Face da Morte
- Inferno Vermelho
- Assalto ao Arranha-yCéu
- NAM IV
- Ventos de Guerra — (De I a V)
- Inferno em Saigão
- Willow na Terra da Magia

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.^{AS} FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

São muitos os países que durante este século XX mudaram de nome e que não são tão poucos como isso: passam de uma trintena, mas que nesta sinopse citaremos apenas mais que uma dezena.

BIRMÂNIA — Este maior e mais reconhecido país do Sudoeste asiático, República independente, passou a ser **MIANMAR**. Por seu turno, a capital **RANGUM** foi rebaptizada **YANGON**. Aliás, Mianmar é o nome pelo qual os naturais conheceram o país durante séculos. Esta alteração de nomenclatura teve lugar em Junho de 1989.

PÉRSIA — País do Sudoeste asiático que desde 1935 passou a ser **IRÃO**.

ESTREITO DA FORMOSA — Situado entre Taiwan e a China, passou a ser denominado **ESTREITO DE TAIUAN**, depois da ilha deixar o nome de Formosa.

EM)ALTO VOLTA — Estado interior da África Ocidental, desde 1984 que se denomina **BURKINA FASO**, nome formado a partir de dois dialectos do seu povo, significando «terra de incorruptíveis».

BECHUANALÂNDIA — País também do interior de África que, a partir de 1966, data da sua independência do protectorado inglês, passou a chamar-se **BOTSUANA** constituindo-se em República.

DAOMÉ — Situado na África Ocidental, desde 1975 que começou a ser conhecido por **BENIM**, tendo adquirido a independência em 1960.

COSTA DO OURO — Desde 1957, data da sua independência, que mudou para **GANÁ**, em homenagem ao lendário antigo império africano.

COSTA DO MARFIM — Situado na África Ocidental. Considerada hoje um dos países mais desenvolvidos de toda a África, tem o nome francês de **CÔTE D'IVOIRE**. Instituído o regime presidencial em 1960.

HONDURAS britânicas — A última colónia do continente (América do Norte) começou a usar a designação **BELIZE**, mesmo antes da independência em 1981.

GUIANA holandesa — Na América do Sul, chama-se **SURINAME**. Uma conquista da Holanda à Grã-Bretanha, em 1667.

SRILANKA — Situa-se no oceano Índico; passou a ser o Estado-Nação de **CEILÃO**.

ALTERAÇÕES NA NOMENCLATURA GEOGRÁFICA DO MUNDO

LESTE DO PAQUISTÃO — Desde o princípio dos anos 70, passou a ser **BENGLADESH**, do nome do grupo étnico dominante, Bengali.

NOVAS HÉBRIDAS — Arquipélago do Sul do Pacífico, constituído por 72 ilhas, administrado em conjunto pela França e Grã-Bretanha desde 1906, passou a ser a República independente de **VANUATU**, desde 1980.

Ilhas de ELLICE — Adoptaram a designação de **TUBALU**, a partir de 1978, data de independência.

SÃO PETERSBURGO — Capital do Império russo, de 1712 a 1917, recebeu o nome de **LENINEGRADO**, em 1924 (em 1924, chamava-se **PETROGRADO**).

KAMPUCHEA — O Departamento de Estado, que usou a designação de Kampuchea durante sete anos, mudou oficialmente de nome para **CAMBOJA**, em 1985. Depois de mais de uma década como Kampichea, o país Sudoeste asiático começou a utilizar em 1989, de novo, o nome de Camboja.

Mais que qualquer outro continente

do nosso século, é a África que possui o maior número de novos nomes.

De referir que pode levar uma década ou duas para que os novos nomes ganhem raízes. O reconhecimento do nome depende da importância da região do Globo, da frequência com que as pessoas encontram o nome, e do nome que os desenhadores de mapas e os meios de Comunicação Social usam.

Porém, de reconhecer que, por vezes, a mudança do nome pode gerar confusão, já que os Governos e os que fazem os mapas nem sempre estão de acordo.

CAIS DO SODRÉ

Senhores passageiros. Por motivo de avaria na estação da Cruz Quebrada, o comboio da meia-noite e trinta vai sair com um pequeno atraso.

Passam quinze minutos. A gente da linha aguarda no comboio abafado e mal-cheiroso.

Senhores passageiros. Por motivo de avaria na estação da Cruz Quebrada, está suspensa a circulação nos dois sentidos. Esperamos retomá-la dentro de meia-hora.

Gente desalinha. Porque não tem a companhia autocarros para estas ocasiões? Assim, aos berros. Passam quinze minutos.

Senhores passageiros. Por motivo de avaria na estação da Cruz Quebrada,

continua suspensa a circulação nos dois sentidos.

O Sud-Express de ontem chegou com um atraso de quarenta e cinco minutos — dizia, num dia de Outubro de 1911, o **Diário de Notícias**. E vão mais quinze, agora.

Senhores passageiros. Está feita a reparação. Mas vamos ainda esperar dez minutos, porque falta o maquinista.

Dez. Chega um comboio. Cinco. Outro. Cinco. Terceiro. Cinco. Partimos. Pergunta: quando é que vou chegar a Oeiras, meia distância neste calvário da linha?

Partimos aos soluços e adormeço. Acordo em Cascais; e já partiu para o Cais do Sodré o derradeiro comboio.

Ernesto Rodrigues



Foto Rui Pacheco

E CÃ POR CASA?

Todas as grandes publicações internacionais especularam o possível sobre o que vai passar-se na próxima década. Em todas elas, Portugal ficou esquecido, verdade seja dita -- como também o ficou na imprensa cá de casa. E será assim tão difícil? Façamos um pequeno esforço:

Começemos exactamente pelo princípio:

Soares (Mário) -- Continua sorridente PR até à entrada da segunda metade da década a menos que, muito improvavelmente, passe ao desejado cargo de sorridente secretário-geral de uma ONU mais ou menos aliviada de guerras frias (as quentes prosseguirão, mas localizadas) e de ameaças nucleares.

Soares (João) -- Ocupará, finalmente, a soberana cadeira da Praça do Pelourinho e inaugurará as obras do Chiado recuperado, entregando uma comenda a Siza Vieira, na ausência do pai, em visita oficial à Antártida.

Amália Rodrigues -- No penúltimo ano do século, festeja os seus oitenta anos com um show live no Casino do Estoril, muito aplaudida por casais jovens.

Comissão Nacional dos Descobrimentos -- É empossada a décima-primeira versão de comissários. O único remanescente é António Mega Ferreira. A Câmara Municipal de Lisboa ameaça fazer despejar a Casa dos Bicos, embora a Comissão faça saber que as celebrações nada têm ficado a dever às espanholas.

Sindicato da PSP -- Em confronto com as direcções das confederações sindicais, os líderes da PSP fizeram recolher aqueles ao Governo Civil, de onde saíram apenas mediante a intervenção do ministro socialista do Trabalho.

Álvaro Cunhal -- Durante uma manifestação realizada no Pavilhão dos Desportos perante sete animados apoiantes, reafirmou não existirem quaisquer dissidências no seio do PCP.

Douro navegável -- Está totalmente interrompida a navegação de alto bordo no rio Douro, devido a ter sido encerrada a barra em consequência do mau tempo.

Língua portuguesa -- A Academia das Ciências renonciou pronunssiarse sobre a nobre versão do Acôrdo Ortugrâphico da Lingoa Portuguesa (em que este parágrafo já vai escrito). Outra reunem sobre o caso vai realizar-se em Bissao (que, como se sabe, estabeleceu recentemente um acordo ortográfico com Paris).

Carlos Pimenta -- O conhecido deputado europeu vai trocar o cargo pelo lugar de presidente do conselho de administração da Soporcel.

Herman José -- Em 1995 entra na décima-primeira cura de emagrecimento e no décimo-quinto período de reconciliação com a RTP.

CP -- A administração anunciou, para «melhorar o serviço público», o encerramento das estações de Coimbra B e Campanhã. Segundo tudo leva a crer, serão proximamente encerradas as estações do Rossio, Santa Apolónia e Cais do Sodré.

Jorge Sampaio -- O Governo português continua no reino vegetal. À «onda laranja», segue-se a «vaga cenoura».

Manoel Oliveira -- O Galo de Prata de

Monsanto foi atribuído à versão cinematográfica de «Os Lusíadas». A obra, exibida com grande êxito no festival de Talavera de la Reyna, leva uma semana de projecção, incluindo-se o direito a refeições no preço do bilhete.

CEE -- As autoridades de Bruxelas estão a considerar o pedido português para um adiamento da sua entrada total na Comunidade. O Governo de Lisboa assevera não estarem ainda reunidas as condições para uma participação plena nos planos agrícola, industrial, comercial e financeiro.

Casa Real Portuguesa -- Século e meio após a implantação da República, a via monárquica torna-se totalmente impossível em Portugal, não por falta de adesões à causa, mas na ausência de descendentes da família Bragança. Um pretenso filho de D. Duarte Pio não foi reconhecido oficialmente. De qualquer maneira, o jornalista Raul Rego publicou um avisado artigo sobre os perigos da restauração da Monarquia, que entende muito possível e quase iminente.

E muito mais se poderia imaginar...

AS LUVAS DE JOANA

Quando há dias vi as luvas da Joana, achei-as as mais engraçadas de sempre. Só depois esta combinação jovial das cores me fez interpretar, através de uma simbologia mista e flexível, a utilidade prática e teórica da transgressão da uniformidade e dos modelos.

Não se precipitem em dizer que este também é um modelo. As luvas são assim: a palma e o polegar -- vermelhos, o indicador -- branco, o médio -- verde, o anelar -- azul, o mínimo -- amarelo. A palma está estrelada com pintas das cores enumeradas, excepto, e logicamente, do vermelho.

O tradicional seria completamente di-

ferente ou pelo menos seriam umas luvas tradicionais, de uma cor só, ou de umas misturas mal proporcionadas e até desequilibradas.

Mas a função das cores não é distinguir os nomes dos dedos ou acrescentar-lhes mais um para enriquecer o seu significado ou torná-los mais belos pois tal nunca acontece com simples acumulação de nomes. Esta variação permite, porém, não fixar o olhar e contentar-se com a constância das configurações e não continuar incapaz de ver além dos dedos. Facilitam estas cores maior maleabilidade, aumentam a sensibilidade e a capacidade de diferenciação das par-

tes de um todo. E se quisermos imprimir algum sentido político a esta presença de várias cores, parece-me que a sociedade precisa de pessoas e personalidades de sensibilidade variada, policromática. O daltonismo inato é raro e não causa grandes prejuízos nos outros. O cultivado é, além de perigoso, contagioso. Sabemos que há tantos casos em que a doença pode ser desculpada, mas o doente não.

Ter preferências de determinadas cores é natural, mas não suportar outras ou dizer que não existem ou que são uma mistura inaceitável é perder a presumível lucidez da própria escolha. Pre-

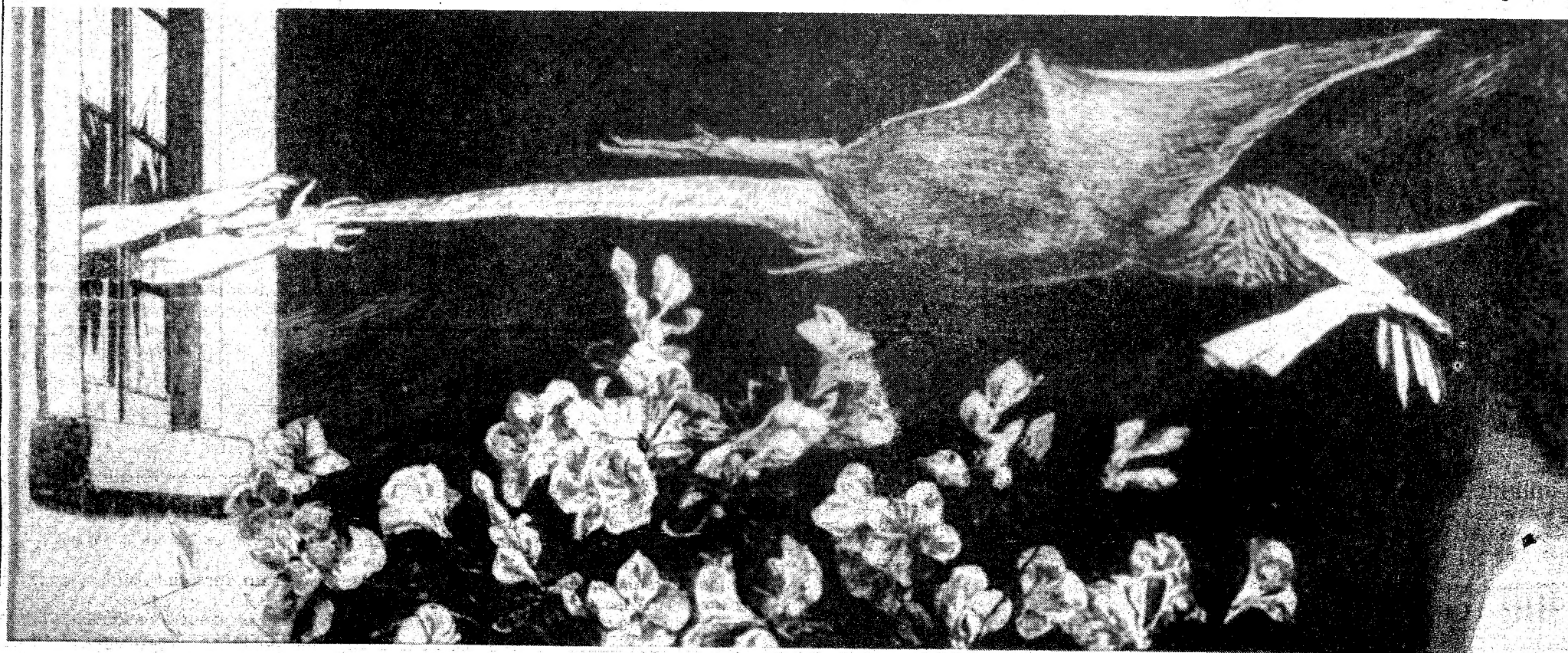
ferida. Já que nunca é tão livre como se quer.

«O que é que a cultura tem a ver com as cores?» perguntaria alguém um tanto ou mais impaciente.

Não são as luvas que manipulam a realidade: umas vezes para não sujar o manipulador, outras para não sujar a realidade?

Joana não é uma personagem de ficção. Não lhe custa, creio, mostrar-lhes as luvas. Se entretanto sorrir não é por achar a vossa curiosidade ingénua. É da timidez de quem tem a coragem de não temer a variedade das cores.

Dimiter Anguelov





SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família

«Cadichon», «O Cão Vagabundo», «Teatro Jovem», «Denver, o Último Dinossauro», «Transformers em Acção», «Concurso de Cor e Salteado» e «Olho Vivo»

12.10 - Bernstein, Muro de Berlim

13.00 - Notícias

13.10 - Oito e Basta

14.00 - Parlamento

14.30 - Crime, Disse Ela!

15.15 - O Paraíso Terrestre

No Noroeste da Índia há um vale fértil em lagos, 5 mil pés acima do nível do mar, rodeado de montanhas: os Himalaias e o Pir Panjal. O vale de Kashmir é, segundo os seus próprios habitantes, como uma esmeralda encastrada numa coroa.

16.15 - Sessão da Tarde

«A Escolha de Isabel», de Guy Green (EUA-1983), com interpretações de Jean Stapleton, Richard Kiley, Peter Coyote, Betsy Palmer, Mildred Dunnock. Duração: 96 minutos.

Mais um telefilme americano que nos fala dos problemas da vida contemporânea com os seus dilemas, onde numa sociedade competitiva por excelência não é fácil conciliar o mundo do trabalho com a vida familiar. «Ilha do Mar» é o título que o realizador António Hipólito deu a este programa, inteiramente dedicado à ilha açoreana do Faial.

18.00 - Vivamúsica

18.45 - O Mar e a Terra

19.10 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - O Tempo

21.20 - Descobrir os Descobrimentos

21.30 - A Morgadinha dos Canaviais

Em cinco episódios, a adaptação de Ferrão Katzenstein (que assina também a realização) da obra de Júlio Dinis. A acção decorre em 1867, num meio rural e aristocrático e, segundo a RTP, foi respeitada a ambiência paisagística, arquitectónica e humana da época. Os actores merecem respeito - Virgílio Castelo, São José Lapa, Eunice Munoz, Antonino Solmer, Orlando Costa e António Assunção, entre outros - esperemos estar perante algo mais bem conseguido que «Ricardina e Marta», que a RTP inclui na sua programação de domingo.

22.30 - Liza Minelli

23.50 - Cinema da Meia-Noite

«Dois Irmãos Sicilianos», de Martin Ritt (EUA-1968), com interpretações de Kirk Douglas (que também assina a produção), Alex Cord, Irene Papas, Luther Adler, Susan Strasberg, Murray Hamilton, Eduardo Ciannelli e Joe de Santis, entre outros. Duração: 92 minutos.

Frank pertence a uma família de sicilianos estabelecida na América nos finais do século passado. É um homem profundamente envolvido com as leis e regras da Mafia, que tenta manter vivas. No entanto, o seu irmão mais novo, Vince, de quem toma conta numa atitude paternalista, não tem nenhum respeito pela Cosa Nostra. As divergências entre os dois acentuam-se. «Dois Irmãos Sicilianos» acaba por ser um filme violento e com uma natural tendência para ir cedendo lugar a uma atmosfera de tragédia, sobretudo nos momentos finais, quando o irmão mais novo se vê obrigado a executar o mais velho.

RTP 2

09.00 - Via Rápida

10.00 - TV 101

10.50 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»

13.15 - Programa Musical

14.15 - Circo

15.00 - Estádio

19.00 - Music Box Especial

20.00 - Meu Filho, Meu Filho

21.00 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família

«O Meu Pequeno Ponei», «All About Movies» e «Brincar É Coisa Séria», onde o tema tratado é a Informação. O convidado é o jornalista Carlos Pinhão.

10.05 - TV Rural

10.30 - 70 X 7

11.00 - Eucaristia Dominical

12.05 - Juventude e Família

«Jim Henson Show»

13.00 - Notícias

13.10 - Allô, Allô

13.35 - À Conquista do Espaço

14.30 - Primeira Matinée

«El Dorado», de Howard Hawks (EUA-1966), com interpretações de John Wayne, Robert Mitchum, James Caan, Charlente Holt, Michele Carey, Ed Asner, Arthur Hunnicutt, Christopher George, R.G. Armstrong, Paul Fix. Duração: 122 minutos.

Um forasteiro chega à cidade de El Dorado, onde J.P. Hannah é xerife. Recebendo que se trate de um pistoleiro a soldo de um raqncheiro local em disputa com outra família da cidade, o xerife vai imediatamente ao seu encontro, e descobre que afinal se trata de Cole Thornton, um seu velho amigo. A ideia de trabalhar para o rancheiro é posta de parte, e Cole parte para Sonza onde, meses mais tarde, conhece Mississipi, um jovem que pretende vingar a morte do seu pai adotivo. Não se dá com armas, mas é um exímio lançador de facas. Juntos regressam a El Dorado, depois de Cole saber que o seu amigo xerife se tornou num alcoólico, após ser deixado por uma mulher. Tudo fazem para o tentar recuperar, mas têm que contar com a oposição do rancheiro e dos seus pistoleiros. El Dorado vai ficar a ferro e fogo. Contando com alguns dos nomes mais conhecidos no género, «Eldorado» é um grande western, que parte de um excelente argumento, por sua vez uma inspirado variação sobre uma das obras-primas de próprio realizador, «Rio Bravo». Raras vezes se terá conseguido decalcar uma mesma história num outro filme e obter um bom resultado.

16.40 - A Gala do Príncipe de Gales

Joan Baez, George Martin, Mica Pars, Andy Bell, Level 42 e Van Morrison, entre outros, participam num concerto realizado em Birmingham que contou com a presença dos príncipes de Gales.

17.50 - Ricardina e Marta

18.55 - MacGyver

20.00 - Jornal de Domingo

20.35 - Descobrir os

Descobrimentos

20.40 - Querido John

21.15 - Christabel

22.20 - Domingo Desportivo



«Juventude e Família»

RTP 2



«Quem Sai aos Seus...»

09.00 - Music Box Especial

10.00 - Troféu

13.00 - Caminhos

13.30 - Novos Horizontes

14.00 - Veterinário de Província

15.00 - Troféu

17.00 - Sobrevivência

18.00 - Quem Sai aos Seus...

18.30 - Imagem e Imagens

«A Caverna», de Platão. Recorrendo a uma forma de diálogo improvisado, Platão concebeu «A Alegoria da Caverna» com diversos significados: o mundo das aparências e a realidade verdadeira, a importância do bem, a primazia do conhecimento, o lugar dos filósofos, a felicidade de mudar de existência... O cineasta norte-americano Sam Weiss inspirou-se neste tema para o seu filme «A Caverna», encorajando-nos a distinguir a ilusão e a realidade.

19.00 - Café Central

21.00 - Os Trintões

22.00 - Artes e Letras

«Estrelas do cinema indiano»: Trata-se de um documentário sobre as estrelas saídas da elite indiana ao serviço de um cinema destinado aos pobres, num país onde a televisão está ainda sub-desenvolvida. São actores a trabalhar incessantemente para a produção de cinema mais polifera do mundo: 800 filmes por ano. São películas de divertimento, de sonhos, de ilusões para distraírem uma população com 70% de analfabetos. Nunca a pobreza é mostrada no ecrã e, num país onde 35% dos seus habitantes não pode pagar por um lugar para sonhar, a indústria cinematográfica é, ainda assim, um bom negócio.

21.55 - Cineclube

«Flores de Papel», de Guru Dutt (Índia-1959), com interpretações de Guru Dutt, Waheeda Rehman, Baby Naaz, Johnny Walker e Mahesh Kaul. Duração: 144 minutos. A existência de Suresh Sinha, um dos cineastas indianos mais em voga, é morna e desinteressante. A mulher abandona-o voltando para casa dos pais e com ela ela a filha do casal. Entretanto, no escritório do produtor de Sinha, a confusão é grande, com a actriz principal de um dos seus filmes a exigir modificações no guião e o realizador a recusá-las. Acaba por ser contratada uma jovem actriz e, contra todas as expectativas, o filme é um êxito. Mas quando a musa abandona Sinha, a pedido da filha do realizador, este perde o interesse pela vida e solidão. Segundo Guru Dutt o cinema é um mundo estranho. As vidas daqueles que o povoam assemelham-se a flores de papel: belas mas artificiais, sem vida ou perfume. Isto, em certa medida, condensa a ideia deste belo e tocante melodrama indiano que é considerado uma das obras-primas do cineasta. Em «Flores de Papel» se, por um lado, Guru Dutt respeita a atmosfera tradicional do cinema indiano com as suas rígidas convenções morais e sociais, por outro é exactamente a partir desse sistema maniqueísta de representação que o vai subverter e transformar num discurso pessoal e individualizado.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia

10.00 - Às Dez

12.05 - Fera Radical

13.00 - Jornal da Tarde

13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)

13.30 - Rota de Howard

14.20 - Palavras Cruzadas

15.15 - Arco Íris Africano

15.45 - Ponto por Ponto

16.40 - Hospital Central

17.25 - Brinca Brincando

«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»

18.25 - Rua Sésamo

18.55 - Jogo de Cartas

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - O Tempo

20.08 - Descobrir os Descobrimentos

20.20 - Vale Tudo

21.10 - Clube dos Subscritores

21.35 - Os Opperman

23.35 - 24 Horas

00.05 - Remate



«Os Opperman»

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas

15.25 - Agora, Escolha!

Bloco A: «Quando as Mulheres Triunfam»; bloco B: «Vingadores»

16.55 - Os Cinco

17.20 - Um Bilhete para o Mundo

17.50 - Meu Pé de Laranja Lima

18.30 - Sida - Um Inimigo entre Nós

Um jovem adolescente e a sua família ficam traumatizados ao saberem que ele desenvolveu anticorpos do vírus da Sida, por ter recebido uma transfusão de sangue, três anos antes, devido a um acidente de bicicleta. Embora ele não tenha sintomas da doença e haja apenas uma possibilidade de 30% de a contrair, quem o rodeia reage com medo e confusão a este problema.

19.30 - O Homem da Carabina e O

Homem Invisível

20.25 - Cantando Espalharei...

Estreia: Série de três programas dedicados à poesia portuguesa, segundo a selecção de Jacinto Ramos e gravada em «décors» naturais em vários pontos do país. No programa de hoje pode assistir-se a «O Dinheiro é Tão Bonito», de João de Deus, gravado na Bolsa de Lisboa; «Sermão», de Padre António Vieira (Capela do Convento de S. Bernardo - Portalegre); «Mãezinha», de António Gedeão (Campo Maior); «Homem», de Miguel Torga (estúdio); «Mudam-se os Tempos...», de Camões (Alto da Serafina); «O Menino de Sua Mãe», de Fernando Pessoa (planície do Alentejo); «Minha Culpa», de Florbela Espanca (Lagoa Azul, Sintra); «Dobrada à Modo do Porto», de Álvaro de Campos («Tasquinha», em Alfama); «Calçada de Carriche», de António Gedeão (elevador da Bica) e «Pão», de Miguel Torga (ruínas do Convento do Carmo). Acompanhamento pelo Cêro do Banco de Portugal.

20.45 - Obras Primas da Pintura

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Bailado

«1789... E Nós»: Esta criação mundial de Maurice Béjart, feita em homenagem ao bicentenário da Revolução Francesa. O Ballet Bejart de Lausanne, apoiado musicalmente pelas sinfonias nº 1, 7, 8 e 9 de Ludwig van Beethoven, executará este bailado. Coreografia de Maurice Béjart.

TERÇA

RTP 1



«Vale Tudo»: é impossível fugir-lhes... há telenovelas a (quase) todas as horas

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Dallas
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Puchi»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descubre os Descobrimientos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.20 - Crónica do Crime
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Fugitivo»; bloco B: «Justiciero»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
Samhain, o fantasma que deu origem à festa do dia das bruxas, é libertado dum relíquia irlandesa e os Caça-Fantasmas têm que evitar que ele traga a noite eterna para o mundo.
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Music Box - «Via Rápida»
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Cinemazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«O Casamento de Maria Braun» Rainer Werner Fassbinder (RFA-1978), com interpretações de Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch, Ivan Desny e R. W. Fassbinder, entre outros. Duração: 114 minutos.
Maria Braun casa apressadamente num registo civil quase em escombros, sob o bombardeamento das tropas aliadas. Corria o ano de 1943, o 3º Reich fazia o seu último esforço de guerra e leva-lhe o marido para a frente de combate. Chega-lhe a notícia do morte do marido, mas ela recusa-se a acreditar que Hermann morreu. Num país arrasado pela guerra e ocupado por forças estrangeiras, Maria sobrevive trabalhando num bar de soldados americanos, onde conhece Willi, com quem se envolve amorosamente. Mas eis que o marido aparece subitamente, e Maria mata o amante. É o marido que vai preso, depois de ter assumido o crime. Enquanto ele está na prisão, Maria torna-se amante e colaboradora de um industrial até à sua morte para poder receber o marido com algum desafogo financeiro. Tudo em vão, já que ambos morrem num estúpido acidente doméstico. «O Casamento de Maria Braun», um dos maiores sucessos mundiais de Fassbinder, é nas suas linhas mestras um melodrama inteligentemente construído sobre a insólita trajetória de uma mulher por três fases decisivas da Alemanha: a guerra, a ocupação e o milagre económico. A duração: 114 minutos.

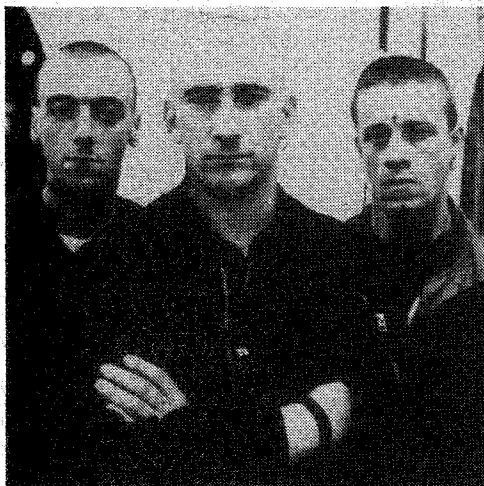
QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimientos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«Melvin e Howard», de Jonathan Demme (EUA-1980), com interpretações de Paul Le Mat, Jason Robards, Mary Steenburgen e Charles Napier, entre outros. Duração: 91 minutos. Inédito comercialmente em Portugal.
Trabalhador numa fábrica, Melvin Dunmar encontra um homem sozinho e perdido no deserto de Nevada, após um acidente com a sua moto, a quem dá boleia até Las Vegas. O homem diz ser Howard Hughes, mas isso não impressiona Melvin. Entre abandonos e conciliações com sua mulher, e profissões diversas pelo meio, Melvin é contemplado num testamento com uma considerável fortuna pelo multimilionário Hughes, a quem uma vez deu boleia. Mas o testamento é contestado e Melvin convence-se que não tem qualquer hipótese de ganhar a questão... acaba como condutor de um camião de cerveja no Utah.
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Bonanza»; bloco B: «Nas Asas do Vento»
16.55 - Os Campbells
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - O Homem na Terra
Quatro temas preenchem o programa de hoje: «Roma ou a agricultura imperial», «o nascimento das formas jurídicas da propriedade», «a transformação das paisagens» e «a escravatura do trabalhador rural».
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.20 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Jogo Final
22.30 - Século XX - a Revolução Genética
23.30 - Música n'América



«Jogo Final»: as inúmeras possibilidades dos computadores

QUINTA

RTP 1



«Justiça Cega»: dois advogados na defesa de causas que parecem perdidas

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
Uma menina rica tem um cão de que gosta muito, mas um dia o cão foge de casa. Este triste episódio é suficiente para que o Anjo dê uma mãozinha.
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimientos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Justiça Cega
De origem britânica, esta série, que se iniciou na passada semana, pretende contar os meandros da Justiça naquele país. No episódio de hoje, Frank Cartwright e Katherine Hughes criam um escritório de advogados para defenderem e investigarem casos difíceis. Um dos primeiros casos de Frank é a defesa da família Noia Marshall no tribunal. Nora era uma médica alcoólica que morreu quando estava sob custódia policial. Katherine, entretanto, vai representar um jovem que mais tarde vem a descobrir ser membro de uma organização de direita.
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Dick Powell»; bloco B: «Fiscais»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Os Henderson
Pedir a um cowboy que abandone o seu cavalo e passe a trabalhar numa moto, só pode ter um final: o seu despedimento.
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Primeiro Andamento
Sequeira Costa interpreta a «Sonata Op.31, nº2» de Beethoven
20.50 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - Hora da Verdade
23.05 - Quinta Dimensão
A descoberta de desenhos pré-históricos em cavernas aponta para a possibilidade de alguém ou alguma coisa ainda poder viver nessas grutas.

HOJE

RTP1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «A Idade da Razão» e «Fifteen»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Descobrir os Descobrimientos
20.25 - Vale Tudo
21.15 - Mobil nos Caminhos de Portugal
Um roteiro em torno de Aveiro e dos seus principais núcleos artísticos é o convite do programa de hoje. Um percurso pelo cromatismo peculiar da cidade: a ria, as manifestações artísticas dos desenhos dos passeios, aos barcos tradicionais e à arte nova, reflexo do período próspero do final do século. A gastronomia também não foi esquecida: ovos moles e enguias são os pratos mais servidos na zona. Uma paragem pela «Vista Alegre» e um olhar ao túmulo do Bispo D. Manuel Moura Manuel (arte barroca) fecham o programa.
21.30 - Missão Impossível
22.35 - Telemundo
23.05 - Chefe, mas Pouco
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate
00.45 - Pela Noite Dentro
«Dominique», de Michael Anderson (Grã-Bretanha-1978), com interpretações de Cliff Robertson, Jean Simmons, Jenny Moody, Judy Geeson. Duração: 100 minutos.
Dominique Ballard vive assombrada pela ideia de que o marido, David, está a tentar envenená-la para a loucura. A sua resistência é escassa e, um dia, Dominique é encontrada morta. Mas o seu fantasma regressa... e David é o seu alvo. Inspirado num romance de Harold Lawlor, «Dominique» é uma variação sobre um tema clássico do cinema de terror: a personagem morta que regressa do além-túmulo para assombrar aquele que mais contribuiu para a sua derrocada em vida. Título da produção britânica dos anos 70.
«Dominique» reflete, afinal, a permanência da tradição do género de terror no interior daquela tradição. Daí que o mais importante se jogue, aqui, entre o visível e o invisível, entre aquilo que cada um experimenta e tudo aquilo que a sua mente adivinha ou pode supor. Apoiado num «cast» notável, o filme resulta, assim, num espectáculo de emoção e «suspense».

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Famas»; bloco B: «Caminho das Estrelas»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - Haja Música
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - As Cidades e as Terras
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações



**Rui
Cartaxo**

PROGRAMA 2

HISTÓRIA DA MÚSICA... E OUTRAS — Sábado, às 10; programa de António Cartaxo.

Mais um programa dedicado ao Ciclo Mahler, intitulado «Regresso a Bach».

RFM

RIOS NEGROS — Aos sábados, das 20 às 22; apresentação e realização de Teresa Mesquita e Rui Neves.

A vanguarda do Jazz nova-iorquino, situada em e denominada **M-BASE** tem expressão na 1.ª hora, com três saxofonistas negros de que saliento **Steve Coleman**.

Na 2.ª hora teremos a divulgação integral de «Something More» do contrabaixista **Buster Williams**, disco que contém contribuições do pianista **Herbie Hancock** e do saxofonista **Wayne Shorter**.

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.ª a sábado, da 1 às 3; apresentação e realização de Amílcar Fidelis.

Vinte especialistas vieram à «Ilha» no final do ano para apresentar e discutir os melhores álbuns de 1989. O cruzamento dessas escolhas resultou mini «top» de preferências de 10 discos — os melhores do último ano para estes «críticos», estando a «Ilha» a passar 1 por dia (esta semana passarão os álbuns classificados de 5.º a 1.º).

Eis a lista completa:

- 1) «Three feet high and Rising» — De La Soul
- 2) «Words for the dying» — John Cale
- 3) «Stone Roses» — Stone Roses
- 4) «Rei Momo» — David Byrne
- 5) «Strange Angels» — Laurie Andersen
- 6) «De um tempo ausente» — Sétima Legião
- 7) «The sensual world» — Kate Busch
- 8) «The burning world» — Swans
- 9) «New York» — Lou Reed
- 10) «Espírito Invisível» — Mler lfe Dada.

CMR

ESPELHO D'ÁGUA — Aos sábados, das 13 às 15; apresentação e realização de Teresa Fernandes.

«The Innocence Mission, The Bible e Stars of Heaven» são nomes em destaque neste espaço de tranquilidade, com a companhia da voz doce e sensual de **Teresa Fernandes**.

BAILE DE FINALISTAS — Sábado, das 19 às 20; edição e apresentação de Luís Ferreira de Almeida.

B.B. King, «dinossauro» do «rythm and blues» vem ao «baile» e traz um jovem grupo (infelizmente) em processo de fossilização: os **U2**.

O desfile dos nomes da década, que são por problemas de implementação deste espaço do antigo «Cartax» na nova «MOSCA» saiu antes do balanço de rádio que se fez nestes anos, saiu com óbvias omissões.

Quando se escolhe as melhores da década, para além do subjectivismo inerente, esquece-se sempre alguém e comete-se injustiças. Mas eu prefiro fazer e errar, realçando profissionais que construíram a Rádio da década, a simplesmente silenciar.

Eis alguns «esquecimentos» óbvios — na política internacional. **João Soares**, da Antena 1, foi o mais informado e esteve sempre à altura da notícia, viesse de que quadrante fosse. Na política nacional, **Teresa de Sousa**, ex-jornalista da Rádio Comercial, onde

também se distinguiu, fechou a década com os melhores comentários.

No desporto, e quem diz desporto diz sobretudo futebol, **David Borges**, **Fernando Correia** e **Jorge Perestrelo** foram os melhores relatores. **Alves dos Santos**, **Neves de Sousa** e sobretudo **Pedro Gomes** foram os melhores comentadores. **José Manuel Mestre** foi o jovem repórter desportivo que mais se distinguiu, denotando aliás um grande talento para a reportagem em geral.

Ainda na reportagem, justo será lembrar as reportagens semanais de **Rafael Correia** sobre a vida no sul do país; **Jerónimo Pimental** fez as melhores reportagens do Parlamento, enquanto **Carlos Andrade** se revelou como um editor sóbrio, de grandes méritos.

tos.

Nas vozes, e convém dizer que **Mário Fernando** se revelou um profissional de gabarito, quer a animar quer a editar, **Teresa Fernandes** foi uma das melhores da década. As suas jovens colegas do CMR **Judite Menezes e Sousa e Fernanda de Oliveira Ribeiro**, revelaram-se como potenciais estrelas da Rádio na década de 90.

No lado masculino, **Fernando Luís e Miguel Quintão** são já animadores de qualidade, e **Rui Neves** foi o herói da divulgação do jazz.

E pronto, espero que não haja mais (grandes) omissões.

E só mais duas palavras — uma para a fabulosa peça de **Maria Flor Pedroso** sobre as reacções de **Álvaro Cunhal** à saída de uma qualquer reunião. Dessa peça consta, aliás, o enorme apertado que Maria Flor deu a Cunhal por este ter dito que também era um «crítico».

Maria Flor, embora com pouca tarimba política, «espremeu» Cunhal e quase o obrigou a reconhecer que a sua afirmação não passava de uma «boutade», atitude que não é (infelizmente) vulgar nos jornalistas portugueses. Uma outra palavra para **João Almeida**, que depois de regressado de 18 meses de tropa fez um belo trabalho sobre a Roménia libertada onde conseguiu «resistir» por mais de quinze dias.



Duas das revelações da década: Teresa Fernandes e Mário Fernando

